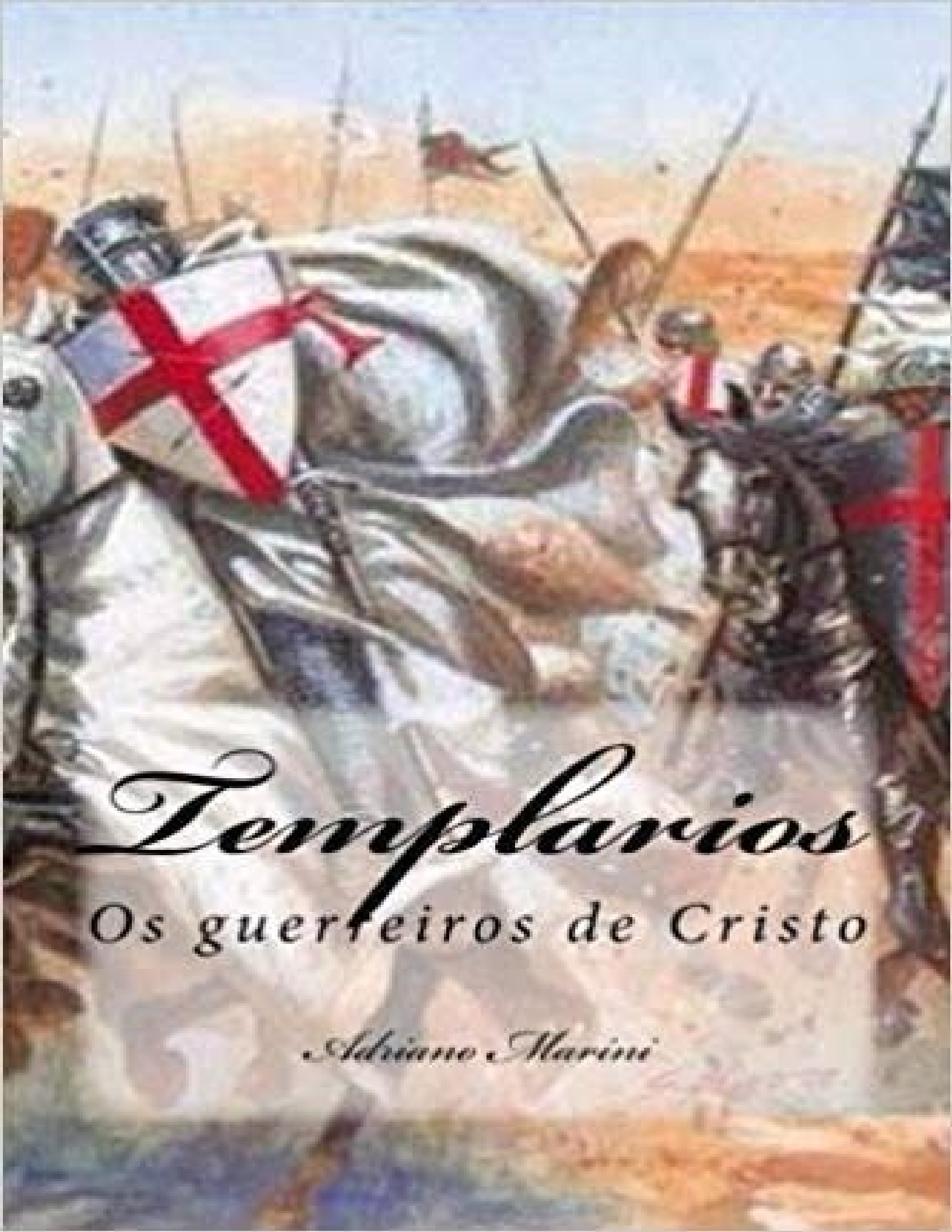




Templários

Os guerreiros de Cristo

Adriano Marini



TEMPLÁRIOS

Os guerreiros de Cristo

ADRIANO MARINI

Copyright © 2017 Adriano Marini

All rights reserved.

ISBN: 1976593816

ISBN-13: 978-1976593819

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que um dia pereceram lutando pelo bem.

CONTEUDO

Agradecimentos i

Tomo I: Os guerreiros de Cristo

1

1

Tomo II: A historia dos Templarios

2

Ficção e realidade se misturam na
construção da história da humanidade.

Tomo I

Os Guerreiros de Cristo

Os templários eram religiosos fanáticos, cavaleiros temidos e banqueiros poderosos, mas nada disso os livrou da morte trágica. Conheça a saga da mais misteriosa ordem católica medieval.

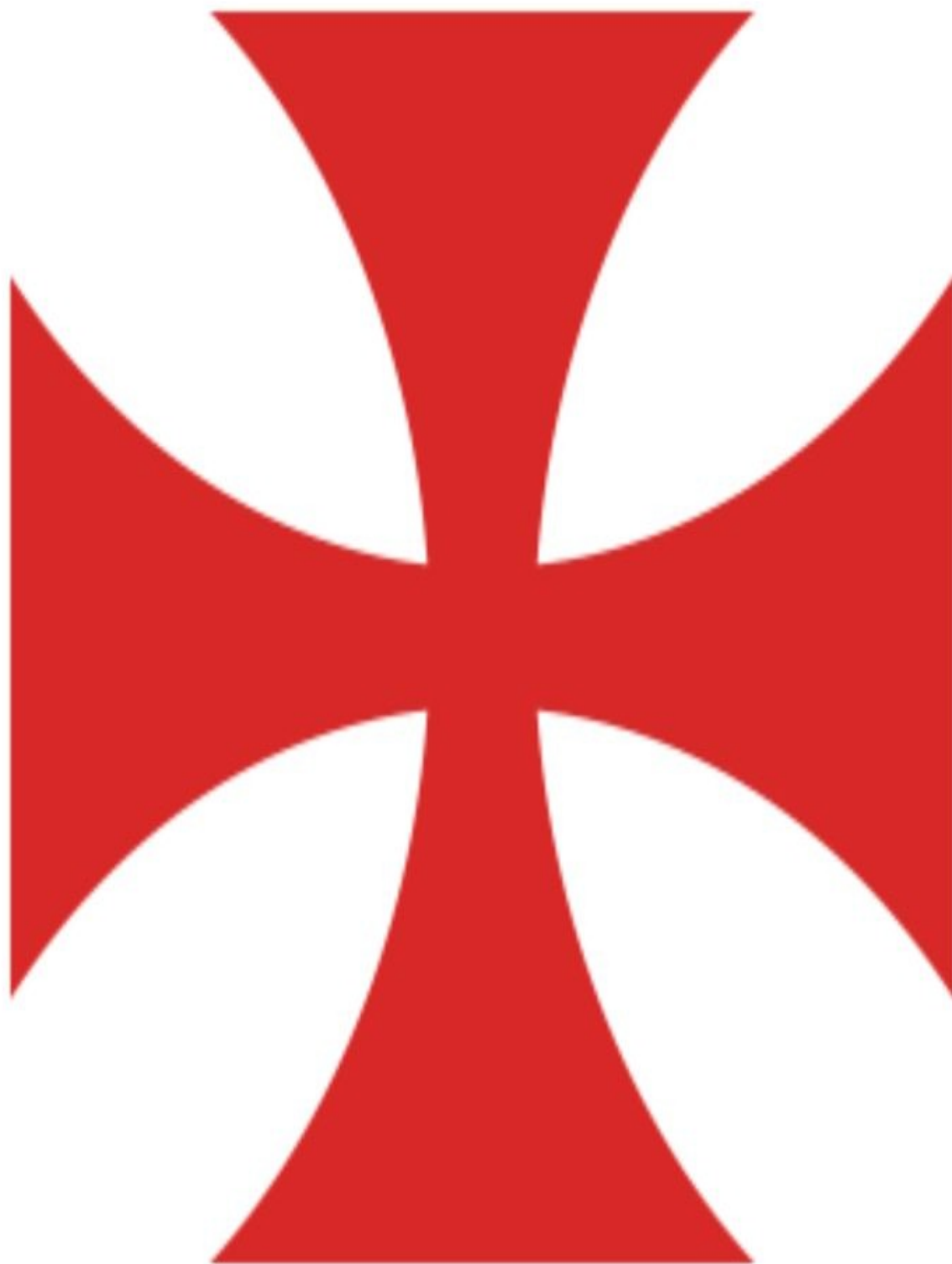
Parecia que, depois de meses de cerco debaixo do sol de rachar da Palestina, a vontade de Deus finalmente se revelava aos cruzados que em 1153 tentavam tomar a cidade de Ascalon. O fogo ateado pelos próprios muçulmanos que defendiam a cidade tinha se voltado contra eles e começava a rachar as pedras da muralha, abrindo uma enorme brecha.

Ordem dos Cavaleiros Templários: os Guerreiros de Cristo. Conheça a saga da mais misteriosa ordem católica medieval.

... Sem pestanejar, 40 cavaleiros da Ordem dos Templários seguiram o aparente sinal divino e avançaram para tomar a cidade, enquanto outros membros da ordem barravam a passagem do restante do exército cristão – a glória, pensaram, seria só deles. Em poucos minutos, porém, os islâmicos se deram conta de que lutavam contra apenas um punhado de cavaleiros, cercando e massacrando a todos. Os corpos dos templários foram pendurados sobre a brecha consertada da muralha e Ascalon só passou para as mãos dos cruzados meses depois, por meio de um acordo.

Há quem diga que a estupidez dos cavaleiros foi aumentada por cronistas que não iam muito com a cara dos templários, mas ela exemplifica com perfeição as características da mais lendária das ordens de cavalaria. Os templários, monges-guerreiros ferozmente fiéis à Igreja e donos de uma coragem que podia chegar às raias do suicídio, foram também os primeiros banqueiros da Europa, credores de nobres e papas e senhores de terras. Foram perseguidos, exterminados e

deixaram um rastro de lendas e mistério. Esta é a história deles.



A cruz templária que mais tarde estamparia as velas das caravelas portuguesas, então como símbolo da Ordem dos Cavaleiros de Cristo em Portugal.

As origens

Os templários – o nome completo é Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão – são fruto das Cruzadas, o movimento que levou dezenas de milhares de europeus para lutar na Palestina e recolocar sob domínio cristão a terra onde Jesus nasceu e morreu. Para os que embarcaram na empreitada, enfrentar a morte em batalha por Cristo significava uma passagem de primeira classe para o paraíso. Organização e planejamento nunca foram o forte desses guerreiros: desconheciam a Palestina e cometeram muitas burradas. Mesmo assim, em 1099, entraram vitoriosos em Jerusalém. Em teoria, a Terra Santa agora era segura para os muitos peregrinos que vinham da Europa. Na prática, o que os primeiros cruzados conseguiram foi um punhado de cidades que permaneceram cercadas por um mar de muçulmanos.

A segurança dos peregrinos e dos comerciantes era um problema crônico. O devoto escandinavo Saewulf, que viajou para Jerusalém em 1102, conta que “os sarracenos [muçulmanos] estão sempre armando ciladas para os cristãos (...), à espreita dos que podem atacar por estarem em grupo pequeno ou daqueles que por cansaço ficam para trás. Ah, o número de corpos humanos que jazem, despedaçados por bestas selvagens...”

O perigo fez alguns nobres dar uma forcinha à defesa da Cidade Santa mesmo depois de conquistada. Um desses sujeitos era um cavaleiro do norte da França chamado Hugo de Payns, até então um ilustre desconhecido. Não se sabe exatamente quando nem por que Hugo foi parar em Jerusalém. Alguns relatos dizem que era viúvo e decidira se dedicar a Deus depois da morte da esposa. Outros historiadores falam de um massacre especialmente sangrento de peregrinos, que aconteceu na Páscoa de 1119 e levou o rei de Jerusalém, Balduíno 2o, a estimular a formação de uma milícia que protegesse os fiéis – chefiada por Hugo.

Seja como for, o fato é que, naquele mesmo ano, ele e outros 8 companheiros (a lista dos nomes ainda existe, e todos parecem ter vindo da nobreza da França) fizeram um juramento sagrado. Os votos eram exatamente os mesmos de qualquer monge do século 12 ou de hoje: pobreza, obediência e castidade. Mas a missão deles era surpreendente: assegurar, de espada na mão, que os peregrinos tivessem acesso sem medo aos lugares sagrados.



A mesquita do Domo da Rocha (com sua cúpula de ouro) e em primeiro plano o Muro das Lamentações, o único vestígio que restou do segundo templo de Salomão destruído em 70 d.C. pelos legionários do general Tito Vespasiano.

O rei Balduíno lhes deu como residência parte do que ele julgava ser o Templo de Salomão – na verdade, era a mesquita do Domo da Rocha e a mesquita de Al-Aqsa, construídas pelos muçulmanos sobre o mesmo lugar onde o templo de Salomão havia existido na época de Jesus . Eis a origem do nome “templários” – o lugar ficou tão identificado com a ordem que muitos se referiam à ela como “o Templo”.

É aqui que a usina de lendas sobre os templários começa a funcionar a todo vapor. Pouco se ouve falar das atividades deles, coisa que, na verdade, atrapalha bastante quem tenta entender como a ordem evoluiu nesse momento crucial. “Os documentos sobre essa fase da história deles são escassos. De 1120 até 1140, tudo é especulativo”, diz Ellis “Skip” Knox, da Universidade Estadual de Boise, EUA.

Tanto é assim que os mais empolgados falam de uma escavação secreta no terreno do velho templo: Hugo e companhia teriam descoberto algum segredo dos primórdios da cristandade bem debaixo do seu quartel-sede. Só alguns nobres de alto escalão teriam sido informados do “achado” e o acobertaram, em conluio com a ordem. O duro é saber que diabos era o tal segredo, porque cada teórico da conspiração tem seu artefato favorito.

Alguns falam das relíquias sagradas do templo judaico; outros, do santo graal; há os que apostam na própria cabeça embalsamada de Jesus Cristo, provando que ele não tinha ressuscitado nem era divino. Os mais modestos sugerem que as ruínas do templo deram à ordem conhecimentos secretos sobre a natureza mística da arquitetura, como forma de criar espaços sagrados e de se comunicar com Deus. Essa sabedoria, depois, teria sido a origem da maçonaria quando os templários foram extintos, que originalmente era uma confraria de mestres construtores.

Para a maioria dos historiadores, porém, o motivo do silêncio sobre a ordem nesses primeiros anos é bem menos empolgante: ela ainda não tinha a menor importância (bom, o que você esperava de 9 cavaleiros querendo brigar com todos os salteadores da Palestina?). Porém, pouco a pouco, a combinação da ajuda de patronos poderosos e uma boa dose de coragem em batalha começou lentamente a aumentar o poder templário.

Em 1126, Hugo de Payns, então já conhecido pelo título de grãomestre (chefe supremo) dos templários, viajou para o Ocidente para procurar recrutas e buscar apoio oficial da Igreja. E conseguiu atrair para o seu lado o monge francês Bernardo, abade de Clairvaux (canonizado como são Bernardo). O monge era

provavelmente o intelectual mais influente da Europa, capaz de convencer papas e imperadores, e também **um místico apaixonado**. Em resumo: um trator. “O que Bernardo atacasse estava fadado ao fracasso; o que ele aprovasse florescia”, diz Edward Burman, da Universidade de Leeds, Reino Unido, em seu livro *Templários – Os Cavaleiros de Deus*. Bernardo conseguiu a bênção oficial do papa para a ordem.

Também elaborou para ela um conjunto de normas (a Regra da Ordem) de conduta diária, indispensável para qualquer comunidade religiosa da época. Ainda havia gente dentro da Igreja que não era exatamente fã da idéia de monges matando em nome da fé. O futuro santo escreveu então uma carta em que justificava, com toda a elegância teológica, a guerra em defesa de Jesus. “O soldado de Cristo (...) é o instrumento de Deus para a punição dos malfeitores e para a defesa dos justos. Na verdade, quando ele mata malfeitores, não se trata de homicídio, mas de malicídio”, afirmou Bernardo no *Livro para os Soldados do Templo – Do Louvor do Novo Exército*.

Completando o sucesso da missão de Hugo, nobres europeus de vários países fizeram doações de terras e rendas para os templários. A ordem virou uma instituição realmente internacional, e a única autoridade que realmente estava acima do grãomestre era o papa.



A cruz templária que mais tarde estamparia as velas das caravelas portuguesas, então como símbolo da Ordem dos Cavaleiros de Cristo em Portugal.

Apogeu e declínio

“A partir de 1150, o progresso deles é claro”, diz Knox. Para o historiador, a ordem tinha uma vantagem na bagunça que era a Terra Santa: ao contrário das grandes famílias de nobres, a morte individual de membros ou herdeiros era incapaz de destruí-la, e as batalhas vencidas não traziam reputação para um único membro, mas para toda a confraria. São vantagens, aliás, compartilhadas pelo outro grupo de monges-guerreiros da época, os hospitalários, com os quais os templários tinham de conviver na Palestina e no Ocidente. O grupo surgiu algumas décadas antes do Templo e seus propósitos iniciais eram, como o nome indica, dar assistência médica e espiritual aos peregrinos que chegavam a Jerusalém. Com o problema da insegurança, porém, ela passou a oferecer também outro serviço: escolta pelos caminhos da Palestina. De forma parecida com o Templo, foi ganhando controle de fortalezas e castelos. Não é à toa que as duas ordens tenham sido rivais e batido cabeça de vez em quando.

O dia-a-dia dos templários, a julgar pela regra da ordem, não era muito diferente do de qualquer outro monge. As normas eram duras. Havia dezenas de orações a serem pronunciadas diariamente, e datas semanais e anuais de abstinência de carne ou jejum total. Era proibido fazer a barba, caçar (leões eram permitidos), possuir mais de 3 cavalos (o grãomestre podia ter 4) e, principalmente, ter qualquer contato com mulheres. A paranóia em relação ao sexo feminino é típica da Idade Média, mas a regra templária pega pesado. Eis o que diz: “A companhia de mulheres é uma coisa perigosa, pois por causa dela o velho Diabo tem desviado muitos do reto caminho do paraíso”. E ainda especificava as mulheres que não se devia beijar: “Viúva, moça, mãe, irmã, tia ou outra qualquer”.

Os dormitórios tinham de ficar sempre iluminados de dia ou de noite e era preciso dormir de calças e botas – supostamente para que os cavaleiros estivessem sempre prontos para sair na porrada. Mas esse detalhe também servia para impedir que eles, digamos, resolvessem contornar a falta de mulheres com aquele barbudo da cela ao lado. Em batalha, os templários eram sempre os primeiros a avançar e os últimos a recuar, e a ordem normalmente não pagava resgates caso um de seus homens fosse capturado. Na prática, isso significava quase sempre uma sentença de morte para o cavaleiro aprisionado. As punições para quem pisasse na bola eram severas: ser açoitado, posto a ferros ou obrigado a comer comida do chão, feito cachorro. Os detalhes da ordem não podiam ser comentados fora do mosteiro: ela gostava de manter segredo sobre seus planos, o que deu munição, mais tarde, para que seus inimigos afirmassem que ela praticava rituais sinistros ou imorais.

A prosperidade da ordem fez os templários se afastar da missão inicial: proteger os peregrinos. Ao lado dos hospitalários, os cavaleiros do Templo se tornaram a espinha dorsal do Exército do Reino de Jerusalém. No Ocidente, a ordem virou o protótipo dos bancos atuais, emprestando seus consideráveis bens a juros. A nova situação da ordem atraiu críticas. Muita gente começou a achar estranho que sujeitos auto-apelidados de “pobres cavaleiros de Cristo” fossem donos de cerca de 9 mil propriedades na Europa e na Palestina. Já os soberanos de Jerusalém, depois de perceber que precisavam negociar com os muçulmanos se quisessem permanecer na região, reclamavam da desobediência e da cabeça-dura dos templários. “Intolerantes? Com certeza, embora até os templários estivessem dispostos a lutar ao lado de muçulmanos se um perigo maior estivesse presente. Teimosos? Sim, e eram famosos por isso. Temerários? Bem, sim, mas muitos outros cavaleiros também o eram. As pessoas da época, inclusive os muçulmanos, chamavam isso de bravura”, diz Knox.

O fato é que as supostas falhas de caráter dos templários não foram tão importantes enquanto o Reino de Jerusalém estava bem das pernas. A situação, porém, foi se alterando ao longo dos anos 1170, com a chegada ao poder do líder muçulmano Saladino. Ele conseguiu trazer para o seu controle tanto a Síria quanto o Egito, deixando as terras cruzadas, na prática, cercadas por um único império.

O estopim para a guerra total veio quando uma força liderada pelo filho de Saladino pediu permissão para atravessar pacificamente a Galiléia e o senhor da região, Raimundo de Trípoli, a concedeu. Mas o grãomestre de então, Gérard de Ridefort, ao saber do fato, resolveu emboscar os islâmicos. Tanto o chefe dos hospitalários quanto o vice de Ridefort, marechal Jacques de Mailly, tentaram fazer com que ele desistisse, porque o Exército muçulmano era grande. Ridefort acusou a dupla de covardia e ainda cutucou Mailly: “Vós amais em demasia vossa cabeça loura para querer perdê-la”. E partiu para o ataque com só 90 cavaleiros.

Se havia algum covarde ali, certamente não era Jacques de Mailly, que morreu lutando no mesmo dia. Já Ridefort tomou uma sova e fugiu, enquanto o furioso Saladino reunia sua força total para atacar o reino. A batalha decisiva varreu do mapa as forças cristãs. Saladino poupou o rei e o grãomestre dos templários, mas não os demais monges-cavaleiros. Ao amanhecer, 230 cavaleiros do Templo foram decapitados. Em 2 de outubro de 1187, Saladino entrou triunfalmente em Jerusalém.

Não era o fim – ainda. Os cristãos mantiveram algumas possessões no litoral da Palestina e foram reconquistando o território, chegando até a retomar Jerusalém por um tempo. Ao longo do século 13, porém, as forças se tornaram dependentes

da vinda constante de cruzados da Europa e da desorganização dos muçulmanos. O reino foi se tornando cada vez mais nanico e mudou sua capital para a cidade de Acre, onde recaiu o ataque decisivo muçulmano, em 1291. A bravura da ordem se revelou como nunca: o próprio grãomestre, Guilherme de Beaujeu, morreu em combate. Quando os cristãos evacuaram a Terra Santa, a última fortaleza a resistir, por cerca de 12 anos, era templária e ficava na ilha de Ruad. No fim, porém, a única saída foi abandoná-la.

A queda

Um desastre como a perda da Terra Santa costuma ser a deixa para buscar um bode expiatório, e boa parte dos dedos da Europa se puseram a apontar para templários e hospitalários. A falta de obediência, a rivalidade entre elas e até uma suposta falta de coragem foram duramente criticadas, e muitos intelectuais e religiosos propunham que elas fossem fundidas, ou então dissolvidas para que se criasse uma nova ordem. Os templários, liderados por um novo grãomestre, Jacques de Molay, resistiram a essas medidas. E, por algum tempo, o papado ficou do lado deles, ajudando mesmo a arrecadar novos fundos para combates no Oriente.

Na época, a França era o reino mais poderoso da Europa, e seu soberano, Filipe, o Belo, tinha seus próprios planos para o papado e os templários. Sua influência sobre a Igreja levou à eleição de um francês, Clemente V, como papa em 1305. Clemente nem chegou a ir para Roma, passando toda a sua carreira na França. Logo ficou claro que Filipe exercia pressão para garantir seus interesses.



O lema dos Templários: “*Non nobis Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam*” (Salmo. 115:1 – Vulgata Latina) que significa “*Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória*”

Um dos projetos do rei era unir as ordens, de preferência transformando a si mesmo em grãomestre, e assim liderar uma nova cruzada para retomar Jerusalém. O plano não foi em frente e Filipe decidiu tomar medidas drásticas: em 1307, ordenou secretamente a prisão de todos os 15 mil templários da França. As razões exatas para que resolvesse acabar com o Templo não são muito claras, mas tudo indica que ele desejava tomar posse das consideráveis propriedades dele e talvez visse as derrotas na Terra Santa como uma deixa propícia para atacar.

O próprio Jacques de Molay foi preso dias depois de ajudar a carregar o caixão da cunhada do rei. Para se ter uma idéia da ingenuidade do chefe templário, ele tinha pedido ao papa, no mesmo ano, que investigasse alguns boatos caluniosos contra os templários – pelo jeito, já era a campanha difamatória de Filipe em ação. A acusação oficial era previsível: heresia. Crimes “horríveis de contemplar, terríveis de ouvir, uma obra abominável, uma desgraça detestável, uma coisa quase inumana, na verdade desprezada por toda a humanidade”, diz a ordem de prisão.

A linguagem deixa claro que tudo não passava de perseguição política. Era uma receita prática para se livrar de gente incômoda. Tanto é assim que as acusações – renegar Cristo e cuspir em imagens dele, praticar sodomia ritual e adorar um misterioso ídolo de 3 cabeças ou com forma de gato ou bode chamado Baphomet – aparecem, com poucas mudanças, em todos os outros processos contra heréticos da época. Quase nenhum historiador vê traços de verdade nessas histórias. Há quem suponha que o tal Baphomet fosse, na verdade, a relíquia de algum santo, ou que a negação de Cristo fosse parte de técnicas templárias para escapar com vida das prisões muçulmanas fingindo ter se convertido, mas a história da ordem não parece apoiar essas especulações.

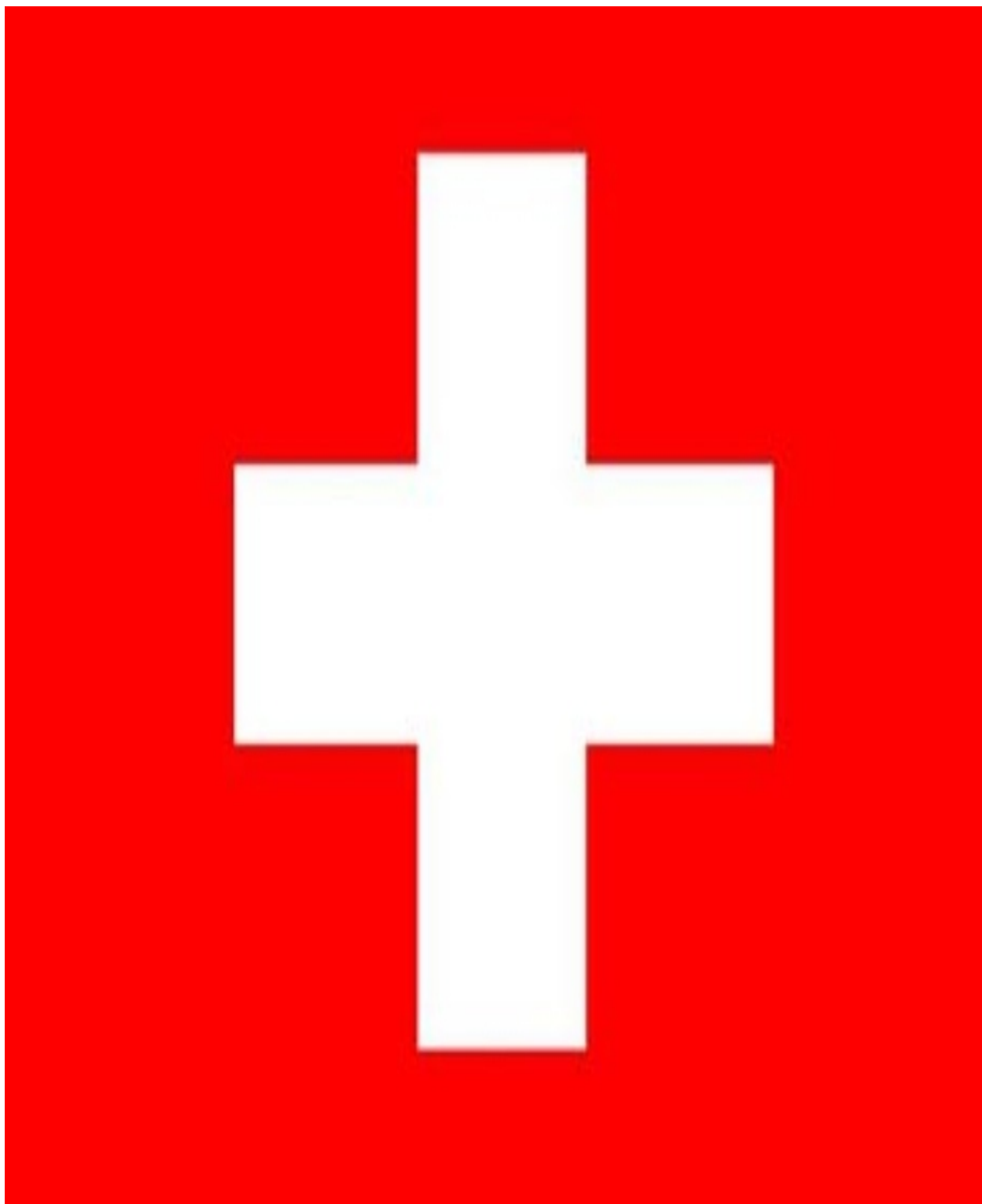
O fato é que até o papa Clemente V criticou as prisões arbitrárias. Um processo papal foi instalado para averiguar as acusações – muitos templários confessaram sua culpa induzidos por tortura e depois voltaram atrás diante dos enviados de Clemente. A idéia foi corajosa, mas resultou na morte de 54 membros da ordem: segundo as regras da Inquisição, hereges confessos que voltassem atrás deveriam ser imediatamente executados. **Jacques de Molay**, que era analfabeto e pelo visto não muito inteligente, disse que não tinha estudo suficiente para servir de advogado da ordem. Ficou à espera de que o papa o salvasse.

A investigação papal em toda a Europa achou pouquíssimas provas de heresia. Mas a pressão de Filipe continuava, e Clemente 5o acabou concordando com a dissolução da ordem em 1311. O rei conseguiu alguns bens dos templários, mas

de forma clandestina: a decisão do papa foi legá-los aos hospitalários, enquanto os ex-cavaleiros entravam para mosteiros de outras ordens ou se tornavam mercenários. Mesmo extintos, os templários ainda dariam origem a mais uma lenda: a de que a perseguição apenas fez os membros mais importantes sair de cena e continuar a promover seus interesses místicos em segredo.

Para isso, teriam se ligado ao Priorado de Sião, uma ordem que permaneceria até hoje e que teria tido, entre seus líderes, o pintor Leonardo Da Vinci e o físico Isaac Newton. O grupo guardaria os principais segredos da origem do cristianismo, como o graal e a linhagem de supostos descendentes de Jesus e Maria Madalena. A história, divulgada em livros como O Código Da Vinci, é uma das principais responsáveis pelo renascimento do interesse nos templários. O problema é que documentos que provem a existência do Priorado de Sião são raríssimos, e os que o ligam aos templários, inexistentes. Para os pesquisadores sérios, nada disso faz sentido.

O fim dos templários, no entanto, não foi desprovido de mistério. Na cadeia, Jacques de Molay e seu companheiro Geoffroy de Charney tiveram um último gesto de coragem: renegaram sua confissão de heresia. E, numa pequena ilha do rio Sena, os dois pereceram na fogueira em 1314. Reza a lenda que Jacques de Molay convocou o rei e o papa a comparecer diante do tribunal de Deus antes que o ano terminasse. Pelo visto, praga de templário pega: Filipe, o Belo, e Clemente 5o morreram antes que 1314 findasse.



A bandeira da Suíça, assim como o seu sistema bancário nos dá uma “pista” de quem criou este país e seu sistema bancário.

Os homens do dinheiro:

Nos primórdios dos bancos europeus – quando a expressão “fazer um depósito” significava literalmente depositar metais preciosos, cereais ou até escravos numa

instalação segura para que eles fossem guardados –, os templários desempenhavam papel fundamental para a economia do Ocidente e da Terra Santa. É difícil saber exatamente como eles acabaram abraçando esse negócio, embora a própria natureza da ordem favorecesse esse caminho, de certa forma.

“Assim como aconteceu em outras épocas em cidades como Veneza e Gênova, estar dividido entre dois centros econômicos parece levar de forma bastante natural à necessidade de desenvolver mecanismos para transferir grandes quantidades de dinheiro entre um lugar e outro”, diz Ellis “Skip” Knox, da Universidade de Boise, EUA.

Os serviços oferecidos pela ordem eram variados e, segundo a reputação deles na época, confiáveis. Um nobre que fizesse uma doação em dinheiro ou terra para os templários podia estipular, por exemplo, que a quantia ou o imóvel devia ser utilizado para prover o sustento de sua esposa e filhos quando ele morresse. Quem depositasse bens numa casa templária do Ocidente e rumasse para a Terra Santa tinha o direito de retirar quantias equivalentes quando chegasse lá. E, por quase sempre dispor de somas substanciais de dinheiro vivo, a ordem estava em posição privilegiada para realizar empréstimos, criando uma clientela fiel entre a alta nobreza e o clero. Um detalhe interessante é que os empréstimos, claro, eram feitos a juros – prática condenada oficialmente pela Igreja da época.

Fé e espada – Quem eram as pessoas que Combatiam em nome de Cristo:

Padre templário, Os membros combatentes da ordem, apesar de sua formação de monge, eram quase sempre analfabetos e com pouco conhecimento de teologia ou das escrituras. Por isso, as missas, confissões e outras cerimônias religiosas eram presididas por padres que viviam nos estabelecimentos templários.

Cavaleiro templário, Quase sempre de origem nobre, era o membro da ordem por excelência: tanto um guerreiro experiente, treinado para combater a cavalo com armadura pesada, quanto um monge ordenado, com votos de pobreza, obediência e castidade. Usava um manto branco com a cruz vermelha. Dificilmente correspondiam a mais de 10% dos membros.

Soldado templário, Os templários também recrutavam soldados leigos, que não eram monges e, na Terra Santa, podiam ser até cristãos de origem síria. Usavam mantos e seus oficiais eram chamados de sargentos. Nenhum deles era obrigado a seguir os votos dos cavaleiros e alguns eram até casados. Ha

via também irmãos leigos que realizavam tarefas domésticas.

A Arca da Aliança, o Graal e tudo mais

“Todo louco mais cedo ou mais tarde acaba vindo com essa dos templários. Há também loucos sem templários, mas os de templários são mais traiçoeiros”, diz um dos personagens do romance *O Pêndulo de Foucault*, de Umberto Eco. Tantas besteiras foram escritas sobre esses cavaleiros nos últimos 250 anos que quase se tem a impressão de que toda conspiração precisa de alguma forma envolver a ordem.

A maçonaria, por exemplo, teria se originado de mestres pedreiros que aprenderam com os templários as técnicas secretas que guiaram a construção do Templo de Salomão. (Parece que ninguém prestou atenção no fato de que o templo estava destruído fazia mais de 1 000 anos quando o primeiro templário pôs os pés na Terra Santa.) Os supostos rituais heréticos em torno de Baphomet seriam, na verdade, a adoração da cabeça embalsamada de Jesus Cristo. A lista não tem fim, mas até onde os historiadores puderam pesquisar, não há um só fiapo de evidência confiável nessas teorias.

Mas por que justamente os templários foram despertar tantas lendas? “Um dos fatores que deve ter estimulado é a paixão dos escritores românticos do século 19 por coisas medievais, pois os mitos, na verdade, se originaram nessa época. Outro é **a falta de fontes sobre os anos iniciais dos templários**. Isso dá aos criadores de lendas muito espaço para trabalhar”, afirma Knox. O fim da ordem também não ajudou: várias das acusações falsas feitas a eles por Filipe, o Belo, acabaram reforçando a idéia de que **os cavaleiros templários seguiam algum tipo de culto místico pré-cristão. E a lenda permanece até hoje.**



A primeira sede dos Cavaleiros Templários, a Mesquita de Al-Aqsa, em Jerusalém, o Monte do Templo. Os Cruzados chamaram-lhe de o Templo de Salomão, como ele foi construído em cima das ruínas do Templo original, e foi a partir desse local que os cavaleiros tomaram seu nome de Templários.

O sinete

Um dos símbolos da ordem é o emblema dos dois homens no mesmo cavalo, para mostrar que a pobreza não permitia uma montaria para cada um. Foi usado depois para acusar a ordem de homossexualismo.

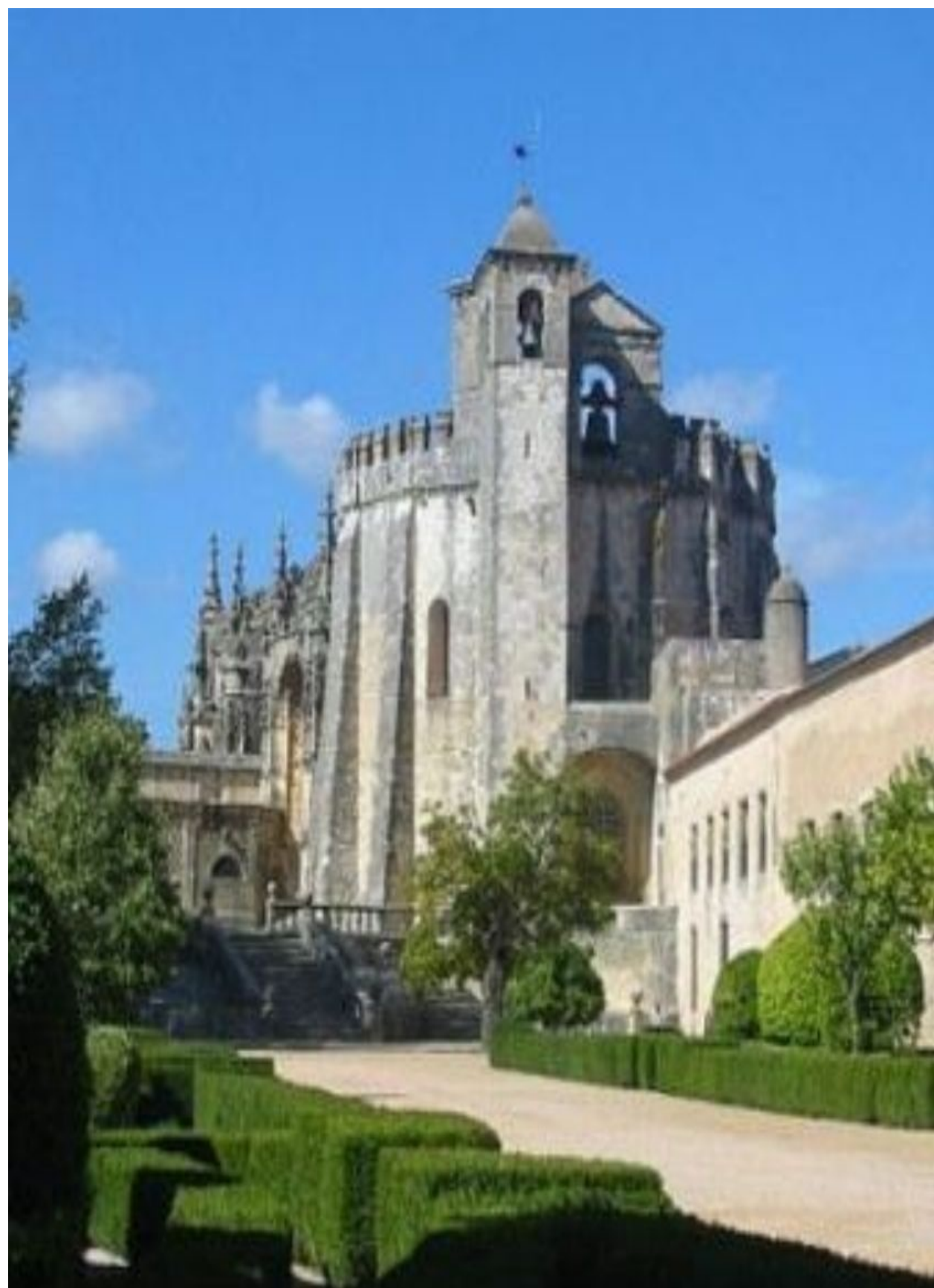
A moradia

A planta baixa da Cúpula da Rocha, parte da sede da Ordem, lembrava o sinal da cruz e inspirou várias igrejas templárias no Ocidente. Os cavaleiros acreditavam que ela refletia as linhas do templo de Salomão.

Para o além-mar

A perseguição não atingiu da mesma maneira os templários de toda a Europa. Fora da França, a tortura foi menos usada para extrair confissões dos cavaleiros. Por isso, pode-se supor que foi com a honra intacta que alguns deles ingressaram na nova ordem criada por dom Dinis, rei de Portugal, em 1318: a Ordem de Cristo.

Na verdade, não há consenso entre os historiadores sobre a composição da nova confraria: para alguns, os templários portugueses (presentes no país desde os tempos de Hugo de Payns) teriam trocado de nome. De qualquer maneira, a Ordem de Cristo herdou todas as propriedades e fortalezas de sua antecessora, assim como os votos de pobreza, castidade e obediência (ao rei de Portugal, que claramente não era bobo).



Igreja do Castelo dos Templários de Tomar. A sua planta circular evoca a Igreja dos Templários em Jerusalém.

Ao longo do século seguinte, os consideráveis recursos militares e econômicos da ordem, que passou a ser comandada pelo infante (príncipe) dom Henrique, foram direcionados para a expansão marítima portuguesa, que estava ganhando impulso. A Ordem de Cristo ganharia soberania sobre os territórios que conquistasse na África, bem como direito a 5% do valor das mercadorias vindas da região.

Novas mudanças liberaram os cavaleiros de seu voto de castidade e pobreza, permitindo que navegadores como Pedro Álvares Cabral e Vasco da Gama se tornassem membros da Ordem de Cristo. Os navios que aportaram no Brasil pela primeira vez traziam em suas velas o emblema da confraria, aparentemente uma versão modificada da antiga cruz templária.

Tomo II

A História dos Templários



OS TEMPLÁRIOS, ESSES GRANDES GUERREIROS DE MANTOS BRANCOS COM CRUZES VERMELHAS

Os seus costumes, os seus ritos, os seus segredos:

Digam o que disserem determinados historiadores encastelados em sua erudição acadêmica, a criação da Ordem dos Cavaleiros Templários continua envolta em inúmeros mistérios; e o mesmo acontece com a realidade profunda da sua missão, não a que se tornou pública, mas a missão oculta. Inúmeros locais ocupados e ou de propriedade dos cavaleiros Templários apresentam particularidades estranhas.

CAPÍTULO I

O NASCIMENTO DA ORDEM DO TEMPLO – UMA BREVE HISTÓRIA DA ORDEM DOS CAVALEIROS TEMPLÁRIOS

Atribuíram-se aos monges-soldados crenças heréticas, cultos curiosos e às suas construções, principalmente a **Catedral de Chartres**, significados e até poderes fantásticos. A seu respeito, fala-se de gigantescos tesouros escondidos (sendo o maior deles o **CONHECIMENTO**), de segredos ciosamente preservados e de muitas outras coisas.

Esta obra não tem a ambição de retomar toda a história da Ordem do Templo sob o ângulo dos acontecimentos fatuais, mas sim de esclarecer as suas zonas mais obscuras. No entanto, para compreender o que se passou, há que se ter presente no espírito que esta Ordem existiu por mais de dois séculos e evoluiu necessariamente. Quando chegou ao seu fim, não podia ser idêntica ao que era em seu nascimento. Mudou porque o seu ideal se viu confrontado com duras realidades.

Teve de se adaptar, uma e outra vez, tomar em mãos as questões temporais, perdendo sem dúvida, ao longo dos anos e das necessidades, uma parte da sua pureza original, tal como um adulto que por vezes tem dificuldade em encontrar em si a criança maravilhada, o minúsculo ser de olhos puros e inocentes que, no entanto, um dia foi.

A Ordem do Templo foi influenciada pelo seu tempo, mas este modificou-a, orientou-a, contribuindo para a História com as suas próprias correções. Para nos orientarmos nesta evolução, pareceu-nos útil apresentar, de forma muito breve, neste primeiro capítulo, uma história breve dos Templários e, sobretudo, da sua época.

Nos caminhos de peregrinação

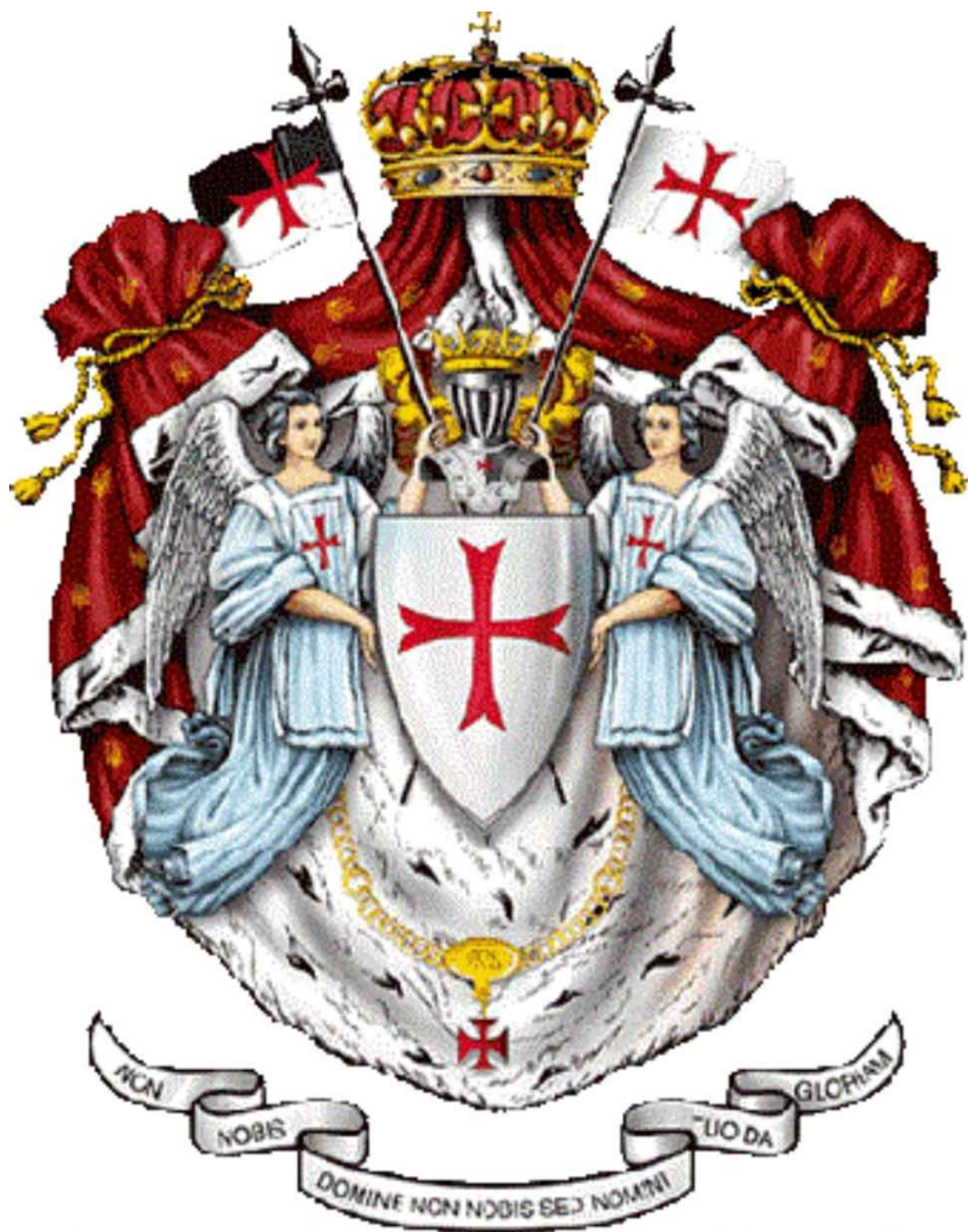
Recuemos no tempo até ao final do século X. Hoje em nossa época, temos dificuldade em imaginar o que foram os terrores da chegada do ano 1000. A interpretação (carregada de ignorância e fanatismo) das escrituras convenceram toda a cristandade de que o Apocalipse se produziria nesse ano fatídico. Revelação, no sentido etimológico do termo, mas também destruição, dor: regresso de Cristo à terra e julgamento dos homens, separação entre eles para mandar alguns para o paraíso, para junto dos santos, e os outros para o inferno, a fim de aí serem submetidos a tormentos eternos.

Os católicos viveram com angústia esse ano 1000 e a sua aproximação e passagem. E nada apocalíptico aconteceu, pelo menos nada pior do que nos anos precedentes. A Igreja enganara-se na sua interpretação das Escrituras? Deus teria esquecido os seus filhos na terra? Não, claro que não. Era algo diferente. A catástrofe fora evitada. Deus fora tocado pelas preces dos homens. Perdoara. Sim, mas por quanto tempo? E se apenas se tratasse de um adiamento? Era preciso rezar, cada vez mais, rezar sempre. No século anterior, os católicos tinham-se feito à estrada para irem em peregrinação a locais onde estavam enterrados os santos. Estes últimos haviam, sem dúvida, intercedido em favor dos homens e Deus deveria ter-se deixado convencer.

Um dos santos mais eficazes deveria ter sido Santiago (irmão de Jesus) que, de

Compostela, atraía milhares de homens e mulheres que deixavam a sua família, o seu trabalho, abandonando tudo para irem rezar àquele local da Galícia onde a terra terminava. Tinha-se passado perto da catástrofe final, as grandes fomes de 990 e 997 eram prova disso. Tinha-se evitado o pior, o método já era conhecido: era preciso cada vez mais que os homens se fizessem à estrada, que os monges rezassem, que todos fizessem penitência. Não seria conveniente ir mais longe, realizar a suprema peregrinação, a única que merecia verdadeiramente a viagem de uma vida: ir aos lugares onde o filho de Deus sofrera para resgatar os pecados dos homens, ir a Jerusalém?

Michelet escreveu: «Os próprios pés conheciam o caminho», e John Charpentier faz notar: Feliz aquele que regressava para a Europa! Mais feliz aquele que morria perto do túmulo de Cristo e que podia dizer-lhe, segundo a audaciosa expressão de um contemporâneo [Pierre d’Auvergne]: “*Senhor, morrestes por mim e eu morri por vós*”. Multidões cada vez mais numerosas puseram-se a caminho de Jerusalém. A cidade pertencia aos califas de Bagdá (Iraque) e do Cairo (Egito) que permitiam o livre acesso aos peregrinos. Mas tudo mudou quando os Turcos se apoderaram de Jerusalém, em 1090.



**"Non nobis Domine, non nobis, sed
nomini tuo ad gloriam"**

De início, contentaram-se com vexar os católicos e, por vezes, espoliá-los, infligindo-lhes humilhação atrás de humilhação, obrigando-os a executarem gestos contrários à sua religião. De escalada em escalada, a situação agravou-se: houve execuções, torturas. Falou-se de peregrinos mutilados, abandonados nus no deserto. De Constantinopla, o imperador Alexis Comnène lançara o sinal de alarme.

Libertar Jerusalém

O Ocidente emocionou-se. Não podia tolerar-se que os peregrinos fossem mortos. Não podiam deixar-se os lugares santos nas mãos dos infiéis muçulmanos. O ano 1000 passara, mas... Pedro, o Eremita, que assistira, em Jerusalém, a verdadeiros atos de barbárie, regressara muito decidido a erguer a Europa e pôr os cristãos no caminho de uma cruzada. Viram-no percorrer distâncias consideráveis, montado na sua mula, a que a multidão arrancava as crinas aos punhados, para com elas fazerem relíquias. Quando Pedro, o Eremita, passara por algum lugar, os espíritos encontravam-se inflamados; homens, mulheres, crianças, mostravam a impaciência de tudo deixarem para se dirigirem a um único destino: Jerusalém. E, uma vez lá, se veria o que se faria...

Do lado dos senhores feudais notava-se um pouco mais de prudência na atitude. Mais razão, sem dúvida, mas também muito mais a perder: as terras que já não seriam protegidas, os bens que poderiam atrair cobiças, *etc.* A 27 de Novembro de 1095, o papa Urbano II pregou num concílio provincial reunido em Clermont. E proclamou: «*Cada um deve renunciar a si mesmo e carregar a cruz.*» O sumo pontífice via aí também uma ocasião de meter na ordem esses leigos que se esgojavam na luxúria e brindavam aos arruaceiros. Ir libertar Jerusalém seria o caminho da salvação.

Aos milhares, os peregrinos haviam costurado sobre as suas vestes cruces de tecido vermelho, que viriam a valer-lhes o nome de cruzados. Inicialmente, foram os pobres e miseráveis, os mendigos, os famintos, que quiseram libertar Jerusalém, movendo-se ao caminho em bandos andrajosos que gritavam «Deus assim o quer!» E aqueles que não partiam faziam dádivas para que os outros tivessem com que sobreviver, durante a viagem. Alguns tomavam a decisão obedecendo a um impulso, a um sinal: uma mulher seguiu um ganso que deveria levá-la à Cidade Santa.* Foram também referidos pássaros, borboletas e rãs que se pensava mostrarem o caminho. [* Há que ver aí uma similitude com o jogo da glória ou do ganso e o jogo da semana, que conduzem ambos ao Paraíso ou à Jerusalém celeste (cf Michel Lamy, *Histoire secrète du Pays Basque*, Albin

Michel).]

Pedro, o Eremita, e o seu lugar-tenente, Gauthier-Sans-Avoir, arrastavam atrás de si uma multidão heterogênea de miseráveis de toda a Europa que começou a sua cruzada matando os judeus do vale do Rio do Reno e pilhando os bens dos camponeses húngaros. Chegaram a Constantinopla no sábado de Aleluia de 1096. Foi o início do fim. Na Ásia Menor, depois de Civitot, uma parte desses cruzados mal armados que não sabiam combater foi massacrada. Os sobreviventes pereceram quase todos de fome ou de peste, em frente a Antioquia.

Estes últimos viram chegar então – melhor seria dizermos, por fim – o exército dos cruzados, o dos homens de armas que tinham acabado por seguir o exemplo dos mendigos e miseráveis. Fortemente armados, determinados, esses guerreiros apoderaram-se de Antioquia. O objetivo final estava próximo: Jerusalém, terra prometida. Os cantos religiosos elevaram-se mal avistaram as muralhas da cidade. Deixou de haver mendigos e nobres, restando apenas católicos em êxtase, maravilhados com a sua façanha.

A 14 de Julho de 1099, a tropa pôs-se em movimento e atacou a cidade. Jerusalém foi conquistada, num fogoso ímpeto, logo na manhã do dia 15. No entanto, os cruzados não eram santos. De passagem, tinham pilhado e violado, a ponto de os cristãos orientais se terem visto forçados a refugiar-se junto dos Turcos: era inconcebível. Em Jerusalém, também não se comportaram com nenhuma caridade (cristã) digna de nota. Inúmeros muçulmanos (homens, mulheres, idosos e crianças) tinham-se refugiado na mesquita Al-Aqsa; os católicos desalojaram-nos e fizeram uma hecatombe ao passar a todos à fio de espada.

Um cronista anotava: «*Lá dentro, o sangue chegava-nos aos tornozelos*», e Guilherme de Tiro precisava: “*A cidade apresentava um espetáculo tal de carnificina de inimigos muçulmanos, uma tal efusão de sangue, que os próprios vencedores se sentiram chocados pelo horror e a repugnância*”. Durante uma semana, sucederam-se os massacres e combates de rua, até o odor do sangue provocar náuseas.

O reino latino de Jerusalém

No entanto, os cruzados tinham fincado pé na Terra Santa e tencionavam ficar por lá. Foi fundado o reino latino de Jerusalém. Godofredo de Bouillon foi nomeado rei, mas recusou-se a cingir a coroa naquele lugar onde Cristo apenas usara uma coroa de espinhos. Godofredo, o rei cavaleiro do cisne, morreria

pouco depois, em 1100. Para além do reino de Jerusalém, que se estendia desde o Líbano até o Sinai, formaram-se progressivamente três outros Estados: o condado de Edessa, a norte, meio franco meio armênio, fundado por Balduíno de Bolonha, irmão de Godofredo de Bouillon; o principado de Antioquia, que ocupava, grosso modo, a Síria do Norte, e, finalmente, o condado de Antioquia. Godofredo foi substituído por Balduíno I. A conquista fora realizada mas agora tratava-se de conservar e administrar os territórios obtidos. Era conveniente conservar as cidades e as praças fortes e velar pela segurança das estradas. O inimigo fora vencido, mas não eliminado. Fundaram-se ordens, a que foram atribuídas missões diversas. Houve, entre outras, a Ordem Hospitaleira de Jerusalém, em 1110, a Ordem dos Irmãos Hospitalários Teutônicos, em 1112, e a Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo (futuros Templários), em 1118, quando Balduíno II era rei de Jerusalém.

O nome de Ordem do Templo só aparece em 1128, por ocasião do Concílio de Troyes, que codificou a sua organização. Em 1130, São Bernardo escrevia o seu ***De laude Novae Militiae ad Milites Templi***, para assegurar a divulgação da Ordem. Dentro em pouco, as doações tinham-se tornado importantes, o recrutamento progredia e, quando o primeiro GrãoMestre, Hugues de Payns, morreu, em 1136, sucedendo-lhe Robert de Craon, a Ordem do Templo já era coesa. Três anos mais tarde, Inocêncio III reviu alguns aspectos da regra e concedeu ao Templo privilégios exorbitantes.

Em 1144, Edessa foi retomada pelos muçulmanos, o que levou à organização da segunda cruzada, pregada por São Bernardo em 1147, enquanto a Ordem dos Templários continuava a adaptar-se e desenvolver-se. A operação viria a tornar-se num malogro, mas, no terreno, os cruzados resistiam, ainda assim, bastante bem aos assaltos muçulmanos. Todavia, [**Saladino**](#) (***Ṣalāḥ ad-Dīn Yūsuf ibn Ayyūb***) conseguia, pouco a pouco, unificar o mundo do Islã no Oriente Médio. Em 1174, apoderava-se de Damasco (Síria) e, em 1183, de Alepo. Em seguida, após o desastre de Hattin, onde morreram inúmeros católicos, Saladino conseguiu retomar Jerusalém, em 1187 (conquista reproduzida no filme [**Cruzada \(Kingdom of Heaven\)**](#)), reduzindo assim o reino latino à região de Tiro.



Saladino e Guy de Lusignan. Em julho de 1187, Saladino capturou a maior parte do reino de Jerusalém. No dia 4 de julho de 1187 ele deparou-se, na Batalha de Hattin, com as forças combinadas de Guy de Lusignan, Rei Consorte de Jerusalém, e Raimundo III de Trípoli. Somente na batalha, o exército Cruzado foi em grande parte aniquilado pelo exército motivado de Saladino, naquilo que foi um desastre completo para os cruzados e uma virada na história das Cruzadas.

Uma terceira cruzada foi organizada em 1190, quando Robert de Sablé era GrãoMestre da Ordem do Templo. Viria a permitir reconquistar Chipre e Acre, em 1191. Reunia Filipe Augusto, Frederico Barba Ruiva e Ricardo Coração de Leão. Este último bateu Saladino em Jafa e, depois, tendo sido vencido, tentou regressar a Inglaterra disfarçado de templário. Reconhecido, foi feito prisioneiro, uma história que é bem conhecida de todos quantos, na infância, vibraram com as aventuras de Robin Hood dos Bosques de Sherwood em Nottingham. Infelizmente, ao contrário do que reza a lenda, Ricardo Coração de Leão não foi o rei nobre que é descrito com bonomia e esteve longe de se comportar sempre de forma cavaleiresca. Morreu em 1196, três anos depois de Saladino e de Robert de Sablé.

Em 1199, foi decidida a quarta cruzada que teve muitas dificuldades para se pôr a caminho. Quando os cruzados avistaram Constantinopla, em 1202, esqueceram o seu objetivo, conquistaram a cidade, pilharam aquele reino cristão ortodoxo e organizaram os Estados Latinos da Grécia. Esse evento levou à fundação do [Império Latino](#) e à consolidação do [Grande Cisma do Oriente](#) entre a Igreja Católica e a [Igreja Ortodoxa](#). No final desse século XIII, Wolfram von Eschenbach escrevia o seu Parzifal, onde os Templários apareciam como os guardiões do Santo Graal, dando início a lenda que perdura até os dias atuais.

Depois de se ter desviado do seu objetivo, a Palestina, para pilhar o reino bizantino, a cavalaria ocidental – nomeadamente a francesa – deve ter dito a si própria que não era necessário ir tão longe para enriquecer. Em 1208, foi pregada nova cruzada, mas esta consistia em ir sangrar o Sul de França, onde os Cátaros opunham a sua heresia gnóstica a um clero local pouco convincente, porque demasiado corrompido. Os barões do Norte preferiram ir matar os Albigenses a esbarrarem nas cimitarras dos muçulmanos.

Mesmo assim, foi organizada uma quinta cruzada, entre 1217 e 1221. Terminou com a tomada de Damietta, no Egito, e sem mais êxitos. Foi esta a época escolhida pelos Mongóis para lançarem uma operação de invasão, criando uma nova frente, muito difícil de manter. Sem muita dificuldade, apoderaram-se do Irã. Todavia, Frederico II de Hohenstaufen, imperador germânico excomungado pelo papa, devolvera Jerusalém aos cristãos. O que as armas não haviam conseguido, obtivera Frederico II mediante negociações diplomáticas. Infelizmente, em 1244, a Cidade Santa viria a cair nas mãos dos Turcos.

O fim de um reino e de uma ordem

Durante todo este tempo, os Templários estiveram praticamente em todas as frentes de batalha, alimentando, graças à gestão genial de um patrimônio ocidental colossal, o esforço de guerra no Oriente. Mas o povo, os nobres, começavam indubitavelmente a cansar-se. As vitórias e as derrotas sucediam-se, tornavam-se banais. Já não existia o entusiasmo inicial. Em contrapartida, o Oriente influenciara o Ocidente. O contato com outra civilização deixara marcas, principalmente entre os altos iniciados dos cavaleiros templários. Tinham aparecido produtos novos nos mercados da Europa; haviam-se desenvolvido técnicas e ciências graças a frutuosas relações estabelecidas entre sábios e letrados das duas civilizações. E muito conhecimento oculto e secreto foi descoberto pelos Cavaleiros do Templo em seu contato com judeus e muçulmanos.

O Ocidente abria-se ao fascínio do Levante.

Um homem ainda pensava ter o dever de levar o ferro da espada, em **“nome de Cristo”**, ao seio dos infieis muçulmanos: Luís de França (canonizado pela igreja mais tarde). Em 1248, iniciou a catastrófica sétima cruzada. Em nome de um ideal, desdenhava das realidades, recusando-se a ouvir aqueles que, como os Templários, conheciam bem os problemas locais. Acumulou erros e sofreu uma grave derrota em Mansurá (Al-Mansurah), enquanto os Mamelucos turcos consolidavam o seu poder no Egito. Em 1254, “São” Luís regressou a França. Quatro anos mais tarde, os Mongóis de Gengis Khan apoderaram-se de Bagdá, em 1258, pondo fim ao califado abássida. Em 1260, foram repelidos para a Síria pelos Turcos e, no ano seguinte, os Gregos retomavam Constantinopla.

Em 1270, “São” Luís, que nunca percebera nada e nem sempre retirara as lições da sua primeira campanha, participava na oitava cruzada. Encontrou a morte em frente a Túnis, nesse mesmo ano. Em 1282, foi concluída uma trégua de dez anos com o Egito, enquanto os Cavaleiros Teutônicos haviam decidido levar as suas espadas mais para norte e criar um reino na Prússia (semente do estado germânico). Em 1285, Filipe III, cognominado o Audaz, que sucedera a São Luís no trono de França, extinguia-se, deixando o lugar a **Filipe IV, o Belo**. Seis anos mais tarde, com a derrota de São João de Acre, no decurso da qual foi morto o GrãoMestre da Ordem do Templo, Guillaume de Beaujeu, a Terra Santa foi perdida e evacuada definitivamente. Os Cavaleiros Templários se retiraram para a ilha de Chipre.

Em 1298, [Jacques de Molay](#) tornou-se o GrãoMestre da Ordem: o último

GrãoMestre. Um ano mais tarde, organizou uma expedição ao Egito, mas o reino latino de Jerusalém acabara de vez. Filipe, o Belo, teve violentos confrontos com o papa Bonifácio VIII, que o excomungou, em 1303. O sumo pontífice morreu nesse mesmo ano. Em 1305, o seu sucessor, também ele em litígio com Filipe, o Belo, morreu envenenado e o rei de França tornou papa um homem com quem fizera acordos: **Bertrand de Got**, que reinou sob o nome de Clemente V.

Nesse mesmo ano, foram lançadas acusações (forjadas por Filipe o Belo) de extrema gravidade contra a Ordem do Templo, que assumiram a forma de denúncias feitas perante o rei de França. Acusações duvidosas mas que surgiam num bom momento: a Ordem inquietava a muitos e o rei francês, falido, queria por a mão em suas riquezas, agora que o seu poder já não tinha onde se exercer no Oriente. Em 1306, Filipe, o Belo, sempre sem dinheiro, baniu os judeus do reino de França, não sem antes os ter espoliado dos seus bens e de ter mandado torturar alguns deles. Em 1307, mandou prender todos os cavaleiros templários do reino da França e escolheu para tal fim a data de 13 de Outubro, uma sexta feira.



Em primeiro plano, Jacques de Molay, o último Grão mestre da Ordem dos Cavaleiros Templários
A 17 de Novembro, o papa aceitou a pedir a prisão dos cavaleiros da Ordem dos Templários por toda a Europa. Foram realizadas acusações estereotipadas e a instrução do processo fez-se com a ajuda da tortura. Mesmo assim, o papa tentou organizar a regularidade dos procedimentos mas não ousou atacar diretamente o rei de França. Pouco a pouco, os Templários tentaram formalizar a sua defesa mas, a partir de 1310, alguns deles foram condenados e conduzidos à fogueira. Em 1312, quando do segundo concílio de Viena, a Ordem do Templo foi extinta sem ser condenada. Os bens dos Templários foram, teoricamente, devolvidos aos Hospitalários de São João de Jerusalém.

No dia 18 de Março de 1314, o GrãoMestre, [Jacques de Molay](#), e vários outros dignitários cavaleiros da Ordem dos Templários foram queimados vivos. Um mês mais tarde, a 20 de Abril, morreu, por sua vez, o papa Clemente V. No dia 29 de Novembro ocorreu a morte de Filipe, o Belo. A Ordem do Templo extinguiu-se mas a sua história não terminara. Deixou vestígios que, tal como as catedrais que ajudara a construir, transpuseram o tempo. Vivera mais de dois séculos, período durante o qual a evolução da civilização ocidental fora muito importante, muito mais do que deixa entender a concepção estática que geralmente se tem em relação à Idade Média.

Foram dois séculos de evolução económica, de desenvolvimento do comércio e do artesanato, de progresso nas artes. Dois séculos que marcaram para sempre o mundo. A Ordem dos Cavaleiros Templários esteve intimamente ligada a essa evolução.

Os seus costumes, os seus ritos, os seus segredos: Digam o que disserem determinados historiadores encastelados em sua erudição académica, a criação da Ordem dos Cavaleiros Templários continua envolta em inúmeros mistérios; e o mesmo acontece com a realidade profunda da sua missão, não a que se tornou pública, mas a missão oculta. Inúmeros locais ocupados e ou de propriedade dos cavaleiros Templários apresentam particularidades estranhas.

Atribuíram-se aos monges-soldados crenças heréticas, cultos curiosos e às suas construções, principalmente a ***Catedral de Chartres***, significados e até poderes fantásticos. A seu respeito, fala-se de gigantescos tesouros escondidos (sendo o maior deles ***o CONHECIMENTO***), de segredos ciosamente preservados e de muitas outras coisas.

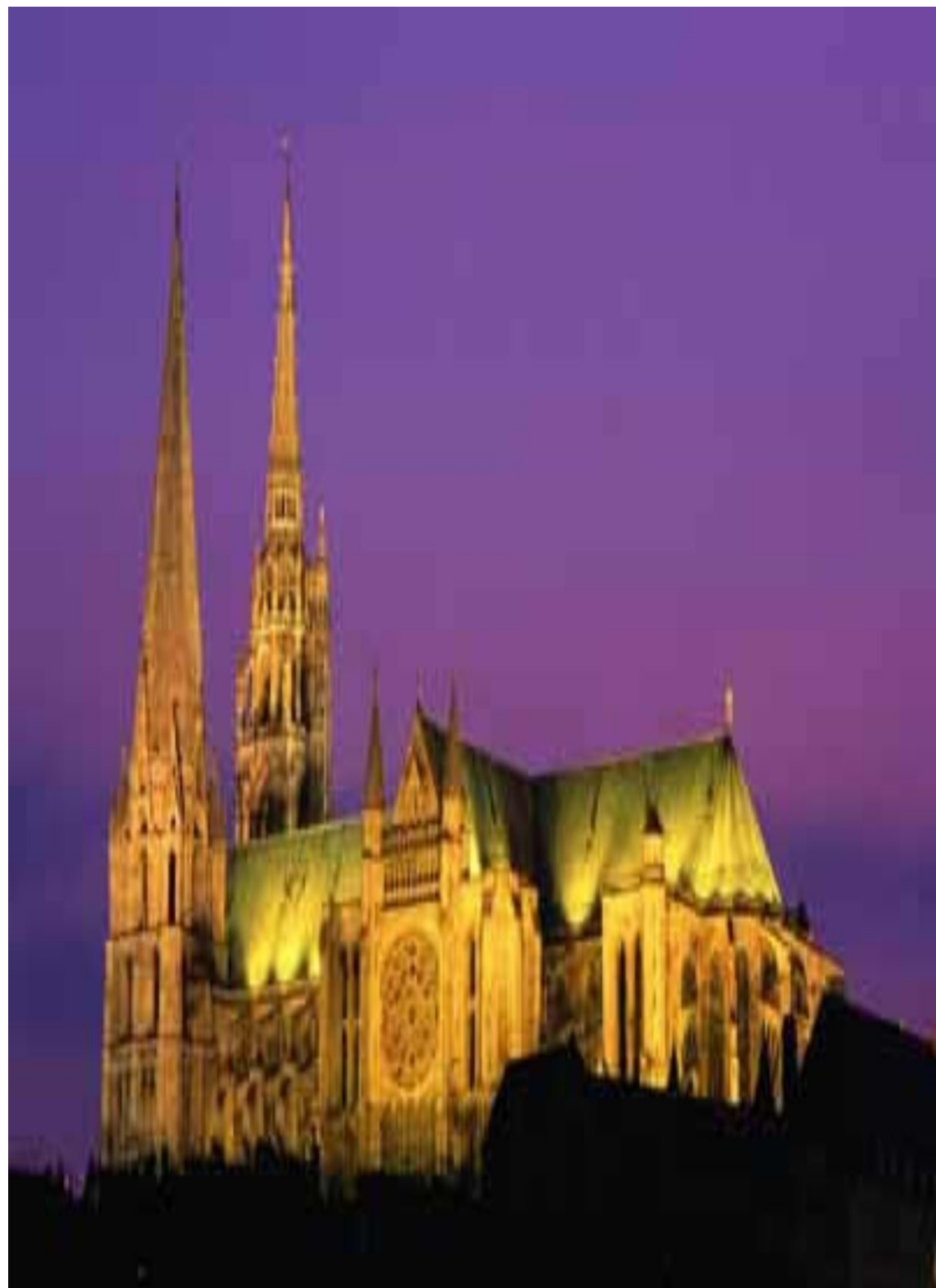
CAPÍTULO II

O MISTÉRIO DAS ORIGENS – JERUSALÉM, CENÁRIO DO NASCIMENTO DA ORDEM DOS CAVALEIROS TEMPLÁRIOS

Atribuíram-se aos monges-soldados crenças heréticas, cultos curiosos e às suas construções, principalmente a **Catedral de Chartres**, significados e até poderes fantásticos. A seu respeito, fala-se de gigantescos tesouros escondidos (sendo o maior deles o **CONHECIMENTO**), de segredos ciosamente preservados e de muitas outras coisas.

Antes das cruzadas, o Mediterrâneo era um lago muçulmano onde os islamitas quase faziam reinar a sua lei. De início, tinham tolerado os peregrinos antes de os destruírem, tanto em terra como no mar. A cruzada deveria pôr tudo em boa ordem, mas manter Jerusalém e mais algumas cidades ou praças fortes não era cobrir todo o território e a insegurança mantinha-se. Quanto à capital, parecia pacificada.

Godofredo de Bouillon mandara limpar rapidamente a cidade – e nomeadamente os lugares santos – dos cadáveres que o furor dos cruzados acumulara. No local determinado como o Santo Sepulcro, instalara um capítulo de vinte cônegos regulares, reunidos sob a denominação de Ordem do Santo Sepulcro. Envergavam um manto branco ornado com uma cruz vermelha.



Mandara também reparar as muralhas guarnecidas com torres que protegiam a Cidade Santa e fora dispensado um cuidado muito especial às igrejas: Santa Maria Latina, Santa Madalena, São João Baptista e, é claro, Santo Sepulcro, com a suarotunda ou anastasis, que albergava o pretense túmulo de Cristo. Também fora ampliado um hospital que devia ser entregue aos Hospitalários de São João de Jerusalém e reparara-se a mesquita de Omar, isto é, a cúpula do rochedo que exibia a pedra sobre a qual Jacob vira, em sonhos, a escada que conduzia ao céu. Quanto à mesquita de Al-Aqsa, viria a tornar-se, em 1104, residência do rei de Jerusalém, Balduíno I, antes de ser devolvida aos Templários, a partir de 1110.

Quem era Hugues de Payns?

Tudo é mistério nos primórdios da Ordem. O primeiro enigma, que não é o mais importante: a personalidade do seu fundador. Geralmente, dá-se-lhe o nome de Hugues de Payns. Segundo os registros e as crônicas dessa época, encontramos também sob os nomes de *Paganensis*, *Paenz*, *Paenciis*, *Paon*, etc. Guilherme de Tiro designa-o como «**Hues de Paiens delez Troies**», dando assim a sua origem geográfica. Com efeito, pensa-se geralmente que tenha nascido em Payns, a um quilômetro de **Troyes**, por volta de 1080, no seio de uma família nobre aparentada com os condes de Champagne.

Era o senhor de Montigny e teria mesmo sido oficial da Casa de Champagne, uma vez que a sua assinatura figura em dois registros importantes do condado de Troyes. Pela família de sua mãe, **era primo de São Bernardo de Clairvaux**, que lhe chamava amigavelmente «carissimus meus Hugo». O irmão de Hugues de Payns teria sido abade de Saint-Colombe de Sens. Casado, Hugues teria tido um filho que alguns autores transformam no abade de Sainte-Colombe, em lugar de seu irmão.

Esse filho, que encontramos nos textos sob o nome de Thibaut de Pahans, teve um dia alguns dissabores por haver empenhado uma cruz e uma coroa de ouro ornada de pedrarias que pertenciam à sua abadia. É verdade que foi por uma boa causa, dado que se tratava de conseguir cobrir as despesas da sua participação na segunda cruzada. Mas, mesmo assim...

Em resumo, sabemos muito pouco sobre o cavaleiro de Champagne chamado Hugues de Payns. De Champagne... nem disso se tem a certeza. Foram levantadas outras hipóteses quanto às origens da sua família. Entre outros, encontraram-se lhe antepassados italianos ligados a Mondovi e a Nápoles. Para alguns, o seu nome verdadeiro teria sido Hugo de Pinos e seria necessário procurar a sua origem na Espanha, em Baga, na província de Barcelona, o que

seria atestado por um manuscrito do século XVIII, conservado na Biblioteca Nacional de Madrid.



Sobretudo, afirma-se também que seria de Ardèche, saído de uma família que inicialmente vivera na Alta Provença e que, depois, se teria fixado em Forez. Segundo Gérard de Sède, os seus antepassados teriam sido companheiros de Tancredo, o Normando. Hugues teria nascido a 9 de Fevereiro de 1070, no castelo de Mahun, na comuna de Saint-Symphorien-de-Mahun, em Ardèche. Aliás, em 1897, foi encontrado o registo de nascimento, mas pode tratar-se de uma homonímia.

As suas armas teriam sido de ouro com três cabeças de mouros, lembrando o apodo de seu pai. Este, natural de Langogne, em Lozère, era conhecido, efetivamente, como «o Mouro da Gardille». Laurent Dailoliez precisa que: A biblioteca municipal de Carpentras conserva um manuscrito que registra uma doação, de 29 de Janeiro de 1130, de Laugier, bispo de Avignon.

Nessa ocasião, Hugues de Payns é referido como originário de Viviers, em Ardèche. Tudo isso pareceria dar alguma credibilidade às origens de Hugues de Payns em Ardèche. Ficaria, portanto, por averiguar que circunstâncias o teriam levado a tornar-se oficial do conde de Champagne. Por isso, e porque existe um Payns perto de Troyes e também em razão do parentesco com São Bernardo, optaremos antes por uma origem champanhesa do primeiro GrãoMestre da Ordem do Templo.

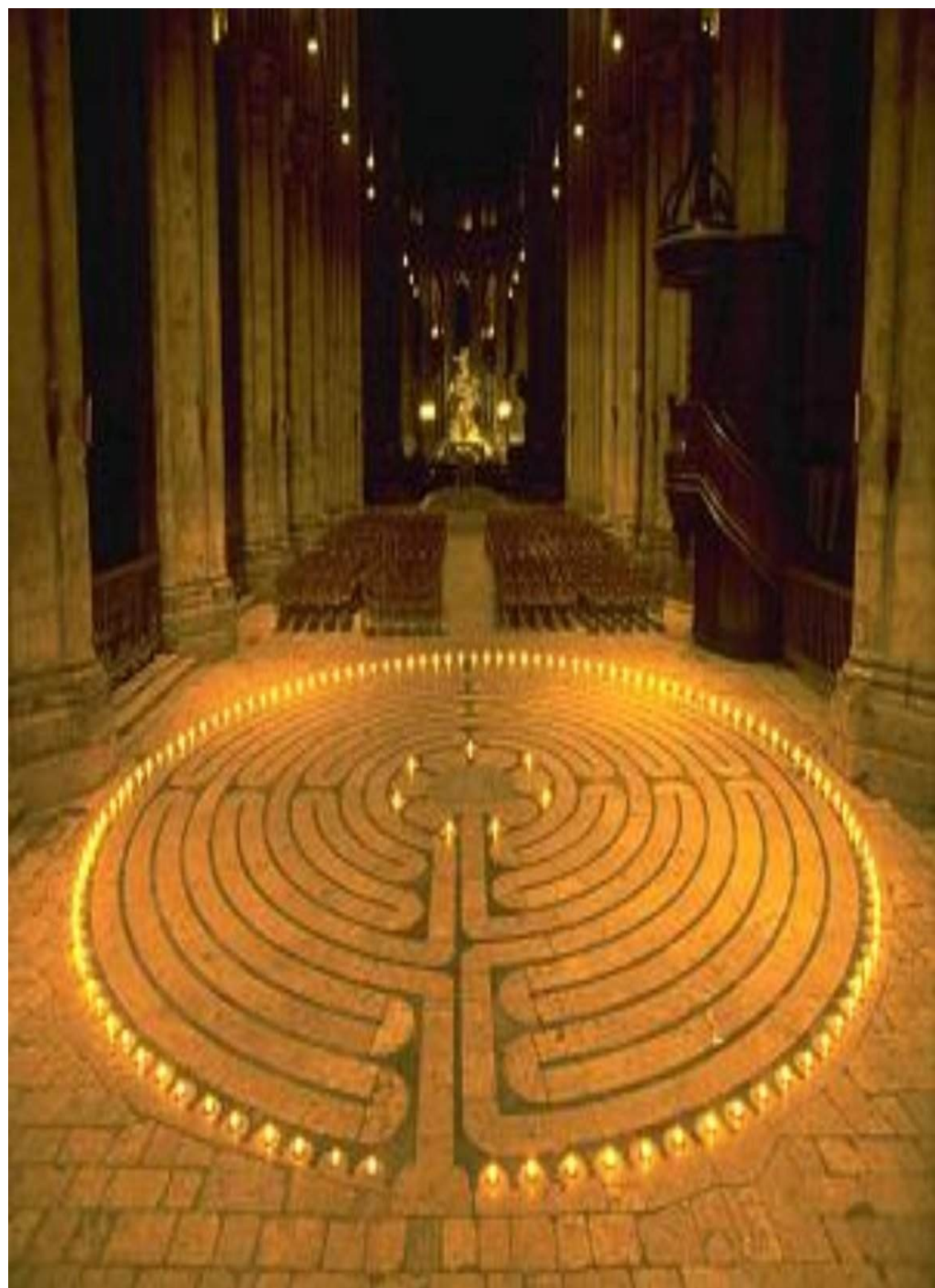
A criação da Ordem do Templo e o policiamento das estradas

Também a fundação da Ordem comporta muitas zonas obscuras. Analisemos, em primeiro lugar, a versão oficial tal como nos foi transmitida pelos cronistas da época. Guilherme de Tiro, nascido na Palestina em 1130, bispo de Tiro em 1175, não pôde assistir ao início da Ordem e, portanto, falava dele em função do que lhe fora contado. Jacques de Vitry era mais preciso, embora tenha escrito um século mais tarde. Devia estar de posse de alguns pormenores «oficiais» sobre os primórdios da Ordem, porque estava muito ligado aos Templários.

Poderemos, pois, pensar que o que se segue lhe foi contado diretamente por dignitários do Templo: Alguns cavaleiros, amados por Deus e ordenados para o seu serviço, renunciaram ao mundo e consagraram-se a Cristo. Mediante votos solenes pronunciados perante o patriarca de Jerusalém, dedicaram-se a defender os peregrinos dos arruaceiros e ladrões, a proteger os caminhos e a servir de cavaleiros ao soberano rei.

Observaram a pobreza, a castidade e a obediência, segundo a Regra dos Cônegos Regulares. Os seus chefes eram dois homens veneráveis, Hugues de Payns e Geoffroy de Saint-Omer. Inicialmente, só houve nove que tomaram uma decisão tão santa e, durante nove anos, serviram com vestes seculares e

cobriram-se com aquilo que os fiéis lhes deram como esmola. O rei, os seus cavaleiros e o senhor patriarca encheram-se de compaixão por esses nobres homens que tudo haviam abandonado por Cristo e deram-lhes algumas propriedades e benefícios para proverem às suas necessidades e pelas almas dos doadores. E porque não tinham igreja ou casa que lhes pertencesse, o rei instalou-os no seu palácio, perto do Templo do Senhor.



O misterioso Labirinto, enigmático e repleto de significados ocultos, existente dentro do interior da Catedral de Chartres, construída de acordo com a geometria sagrada pelos Templários.

O abade e os cônegos regulares do Templo deram-lhes, para as necessidades do seu serviço, um terreno que não ficava distante do palácio e, por essa razão, foram mais tarde chamados Templários. No ano da graça de 1128, depois de terem ficado nove anos no palácio, vivendo todos juntos em santa pobreza, de acordo com a sua profissão de fé, receberam uma Regra por intervenção do papa Honório e de Estêvão, patriarca de Jerusalém, e foi-lhes atribuído um hábito branco.

Isso foi feito no concílio realizado em Troyes, sob a presidência do senhor bispo de Albano, legado apostólico, e na presença dos arcebispos de Reims e de Sens, dos abades de Cister, cujo principal representante era Bernardo de Clairvaux e de muitos outros prelados. Mais tarde, no tempo do papa Eugênio (1145-1153), puseram a cruz vermelha nos seus hábitos, usando o branco como emblema de inocência e overmelho pelo martírio. [...] O seu número aumentou tão rapidamente que em breve havia mais de trezentos cavaleiros nas suas assembleias, todos envergando mantos brancos, sem contar os inúmeros servidores. Adquiriram também muitos bens deste e do outro lado do mar Mediterrâneo. Possuíam [...] cidades e palácios, de cujos rendimentos entregavam, todos os anos, uma determinada soma para a defesa da Terra Santa, nas mãos do seu soberano mestre, cuja residência principal era em Jerusalém.

Jacques de Vitry dava também algumas indicações sobre a disciplina que reinava no interior da Ordem. Poderíamos recorrer também a Guilherme de Nangis ou pedir alguma ajuda à versão latina da sua Regra, que afirma no preâmbulo: «pelas orações de mestre Hugues de Payns, sob cuja direção a referida cavalaria teve início pela graça do Espírito Santo». Que deveremos concluir? Que alguns cavaleiros renunciaram ao mundo sob o comando de Hugues de Payns para se colocarem ao serviço dos peregrinos e que assim nasceu a Ordem do Templo.

Podemos dizer também que os Templários foram apenas nove, durante nove anos, e esse número já foi muito glosado. Mas, quem eram esses paladinos. Para além de Hugues de Payns, encontramos Geoffroy de Saint-Omer, um flamenco; André de Montbard, nascido em 1095 e tio de São Bernardo pela sua meia-irmã, Aleth. Havia também Archambaud de Saint-Aignan e Payen de Montdidier (por vezes designado pelo nome de Nivard de Montdidier), ambos flamencos. E, depois, Geoffroy Bissol, sem dúvida originário do Languedoque e Gondomar, que talvez fosse português. Por fim, um tal Roral, ou Rossal, ou Roland, ou ainda Rossel, de quem nada mais sabemos, e um hipotético Hugues Rigaud, que teria sido originário do Languedoque.

Uma vez mais, as informações fiáveis são muito tênues. Por que razão se

juntaram estes homens? Jacques de Vitry já no-lo disse: para defenderem os peregrinos dos arruaceiros, protegerem os caminhos e servirem de cavalaria ao seu soberano-rei. Na verdade, os exércitos de cruzados que haviam permanecido no local não tinham meios para dominarem todo o território, tanto mais que muitos homens haviam regressado ao Ocidente. As cidades estavam bem controladas mas a maior parte do país continuava sob domínio muçulmano. Algumas pequenas cidades nem sequer tinham guarnição cristã.

Os Francos contentavam-se com vagos pactos de não agressão e obrigavam-nas a pagar um tributo. Alguns senhores árabes aproveitavam-se desta situação para efetuarem golpes e assaltarem as caravanas de peregrinos. Os camponeses muçulmanos, para resistirem ao invasor, não hesitavam em organizar o bloqueio econômico das cidades a fim de as reduzirem à fome ou capturavam cristãos isolados e vendiam-nos como escravos. Nas próprias cidades ocorriam atentados. Em resumo, a segurança pública era uma palavra vã.

Havia uma estrada que era especialmente considerada exposta e pouco segura. Ligava Jafa a Jerusalém, e os egípcios de Ascalon faziam amiúde incursões contra ela. Os peregrinos só podiam circular por ela agrupados em pequenas hostes, o melhor armados que fosse possível. Hugues de Payns teria decidido remediar essa situação constituindo uma equipe «para que guardassem os caminhos, lá por onde os peregrinos passavam, dos ladrões e salteadores que grandes males aí sóiam fazer», como dizia Guilherme de Tiro.

Hugues de Champagne e o nascimento da Ordem

A Ordem do Templo foi criada a 25 de Dezembro de 1118. Hugues de Payns e Geoffroy de Saint-Omer tinham prestado juramento de obediência entre as mãos do patriarca de Jerusalém no preciso dia em que Balduíno era coroado rei. Mas nove cavaleiros não seriam bem poucos para guardar as estradas da Terra Santa? É certo que poderemos supor que cada um deles deveria ter consigo alguns homens, sargentos de armas ou escudeiros. Isto era muito corrente, mesmo que tal não fosse referido.

Mesmo assim, os primórdios foram bastante modestos e não devem ter permitido que os primeiros Templários desempenhassem a missão que, aparentemente, se haviam atribuído. Diz-se que guardavam o desfiladeiro de Anthlit, entre Cesareia e Caifa, no preciso local onde, mais tarde, edificaram o famoso Castelo-Peregrino. Tal tarefa não deveria ser muito fácil, estando sediados em Jerusalém. Quase desprovidos de meios, não podiam fazer muito. A lógica exigia que procurassem recrutar pessoas para desempenharem melhor a sua missão. Era indispensável.

E, no entanto, nada fizeram. Evitaram, inclusive, com muito cuidado, durante os

primeiros anos, qualquer aumento da sua pequena hoste. Guilherme de Tiro e Mathieu de Paris são formais: recusaram toda e qualquer companhia, exceto, em 1125 ou 1126, a do conde Hugues de Champagne, filho de Thibaut de Blois, um senhor cujo condado era mais vasto do que o domínio real. Porquê esta recusa? Como é possível que aqueles nove cavaleiros não tenham participado em qualquer operação militar, embora o rei não tenha parado de combater, de Antioquia a Tiberíades, passando por Alepo?

Tudo isto não convence e o papel de polícia das estradas parece, nestas condições, uma simples cobertura que disfarça uma outra missão que deveria permanecer secreta. É talvez graças à chegada de Hugues de Champagne que vamos perceber um pouco melhor o que se passou. Em 1104, depois de ter reunido alguns grandes senhores, dos quais um se encontrava em relação muito estreita com o futuro templário André de Montbard, Hugues de Champagne partira para a Terra Santa. Tendo regressado rapidamente (em 1108), deveria voltar lá em 1114 para regressar à Europa em 1115, a tempo de doar a São Bernardo uma terra onde este construiu a Abadia de Clairvaux.

Em todo o caso, a partir de 1108, Hugues de Champagne tinha entabulado contatos importantes com o abade de Cister: Estêvão Harding. ***Ora, a partir dessa época, embora os cistercienses não fossem considerados habitualmente homens deestudos – ao contrário dos beneditinos -, eis que começaram a estudarminuciosamente textos sagrados hebraicos.*** Estêvão Harding pediu mesmo ajuda a sábios rabinos da Alta Borgonha. Que razão poderia ter originado um entusiasmotão repentino por textos hebraicos? Que revelação se pensava que esses textospoderiam trazer para que Estêvão Harding tenha posto, assim, os seus monges a trabalhar com o auxílio de eruditos judeus?

Neste quadro, a estada de Hugues de Champagne na Palestina pode parecer como uma viagem de verificação. Podemos imaginar que ***documentos importantes descobertos em Jerusalém ou nos seus arredores tenham sido trazidos para França.*** Foram traduzidos e interpretados, e Hugues de Champagne teria ido então procurar informações complementares ou então verificar, no local, a correção dasinterpretações e a validação dos textos. Sabemos, por outras fontes, o papel importante que São Bernardo, protegido de Hugues de Champagne, devia desempenhar na política do ocidente e no progresso da Ordem do Templo.

Escreveu a Hugues de Champagne, a propósito da sua vontade de ficar na Palestina: “Se, pela graça de Deus, te fizeste conde, cavaleiro, e de rico, pobre, felicitamo-nos pelo teu progresso, dado que é justo, e glorificamos a Deus em ti, sabendo que isto é uma mutação à mão direita do Senhor. Quanto ao resto, confesso que não suportamos com paciência sermos privados da tua alegre

presença por não sei qual justiça de Deus a menos que, de tempos a tempos, mereçamos ver-te, se tal for possível, o que desejamos mais do que todas as coisas.” Esta carta do santo cisterciense mostra-nos até que ponto os protagonistas desta história estão ligados entre si e são capazes, portanto, de guardar o segredo em que trabalhavam.

Aliás, o próprio São Bernardo interessou-se muito de perto por antigos textos sagrados judeus. Em todo o caso, parece que Hugues de Champagne considerou as revelações suficientemente importantes para legitimarem uma fixação na Palestina. Era casado e, para entrar na Ordem do Templo que acabara de se criar, era necessário que a sua mulher aceitasse entrar para um convento. A cara esposa não entendia assim as coisas. Hugues de Champagne hesitou durante algum tempo mas, como a sua mulher lhe era notoriamente infiel, repudiou-a. Aproveitou esse fato para deserdar o filho, em relação ao qual tinha fortes desconfianças de não ser seu, e abdicou de todos os seus direitos em favor de seu sobrinho, Thibaut.

Entrou para a Ordem do Templo e nunca mais deixou a Terra Santa, onde faleceu em 1130. Quem seria capaz de nos fazer crer que repudiou a mulher e abandonou tudo para guardar estradas com pessoas que não queriam a ajuda de ninguém, e isso sob as ordens de um dos seus próprios oficiais? [*É provável que Hugues de Payns tenha vindo para a Palestina ao mesmo tempo que Hugues de Champagne, isto é, em 1104. Com efeito, a primeira cruzada realizou-se em 1099 e, nessa época, Hugues de Payns ainda devia encontrar-se na Champagne, dado que aí encontramos a sua assinatura num documento de 21 de Outubro de 1100.]

Era preciso ser muito ingênuo, mesmo que tomemos em consideração que a fé é capaz de dar origem a muitos abandonos. Não se trataria antes de ajudar os Templários na verdadeira tarefa que lhes fora confiada e que Hugues de Champagne tinha boas razões para conhecer? Tudo iria acelerar-se. A Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo só fora criada oficialmente em 1118, isto é, vinte e três anos depois da primeira cruzada, mas foi apenas em 1128, a 17 de Janeiro, que recebeu o nome de Ordem do Templo e a sua aprovação definitiva e canônica, mediante a confirmação da regra.

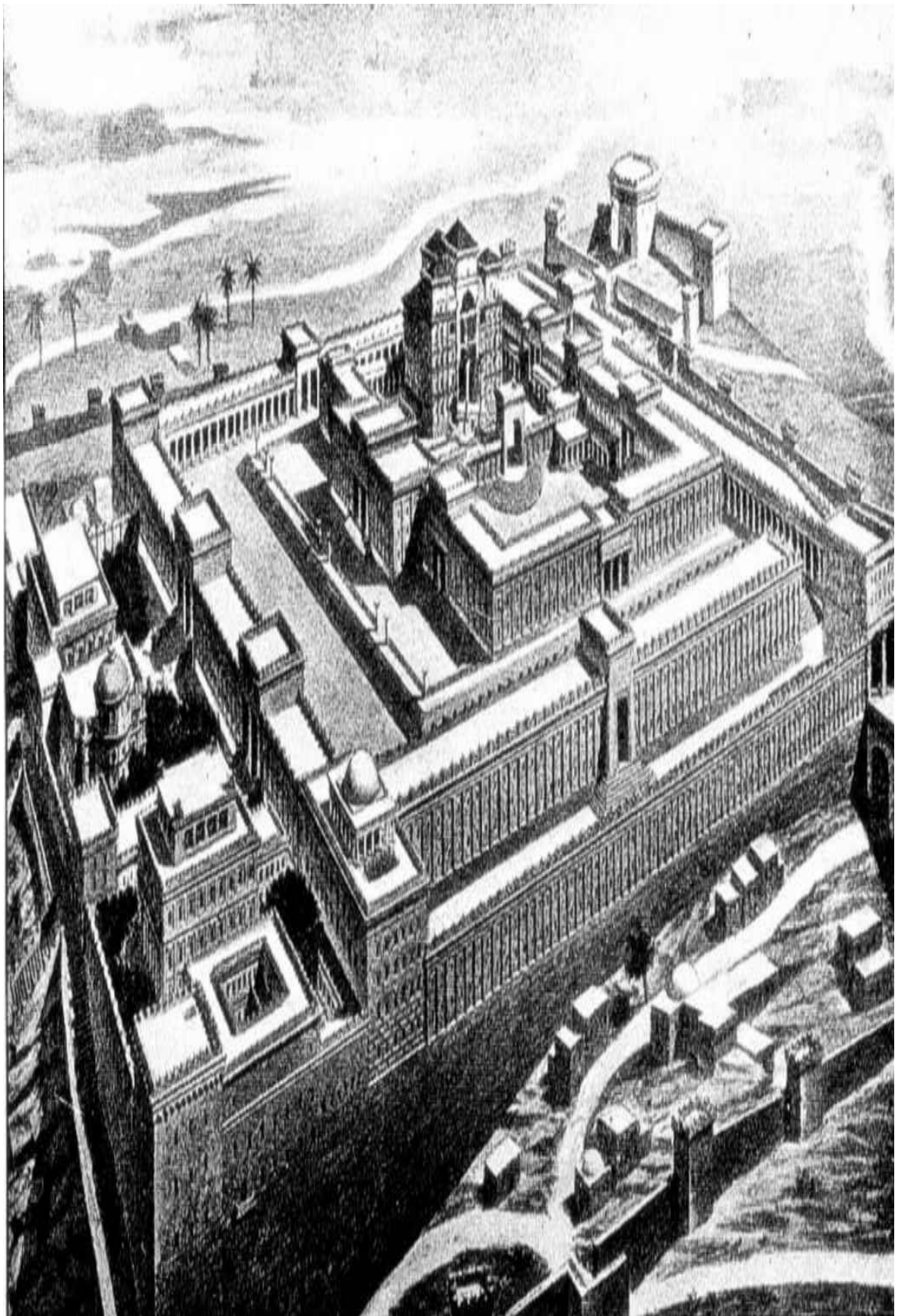
Até mesmo essas datas são contestadas por vezes e fala-se, respectivamente, de 1119 e de 13 de Janeiro de 1128. Podemos pensar que os documentos que tudo indica terem sido trazidos da Palestina por Hugues de Champagne (que sem dúvidas descobrira juntamente com Hugues de Payns) não deixariam de estar relacionados com o local que, em seguida, foi designado como o alojamento dos Templários.

O Templo de Salomão

O rei de Jerusalém, Balduíno, atribuiu-lhes como alojamento uns edifícios situados no local do Templo de Salomão. Chamaram ao local caserna de São João. Fora necessário mandar sair de lá os cônegos do Santo Sepulcro que Godofredo deBouillon lá instalara primitivamente. Por que razão não se procurara antes outra habitação para os Templários? Que necessidade imperiosa havia de lhes oferecer para toca aquele local em particular? De qualquer modo, a razão não tem nada que ver com o policiamento das estradas. As caves eram formadas por aquilo a que se chamavam as estrebarias de Salomão. O cruzado alemão João de Wurtzburg dizia que eram tão grandes e tão maravilhosas que podiam alojar-se lá mais de mil camelos e quinze centenas de cavalos.

No entanto, foram designadas na sua totalidade aos nove cavaleiros do Templo que, antes de mais nada, se recusavam a fazer recrutamento. Desentulharam-nas e utilizaram-nas a partir de 1124, quatro anos antes de receberem a sua regra e estimularem o seu desenvolvimento. Mas utilizaram-nas apenas como estrebarias ou realizaram nelas buscas discretas? E o que procuravam? Um dos manuscritos do mar Morto, encontrado em Qumran e decifrado em Manchester em 1955-1956, referia quantidades de ouro e de vasos sagrados que constituíam vinte e quatro conjuntos enterrados sob o Templo de Salomão. Mas, nessa época, esses manuscritos dormiam no fundo de uma gruta e, mesmo que possamos imaginar a existência de uma tradição oral a esse respeito, poderemos pensar que as pesquisas foram orientadas antes para textos sagrados ou objetos rituais e não para vulgares tesouros materiais.

Idealização do Templo de Salomão



Que poderiam ter encontrado no local e, antes de qualquer coisa, que sabemos sobre esse Templo de Salomão de que tanto se fala? Para além das lendas, muito pouco: nenhum vestígio identificável por arqueólogos; essencialmente, tradições veiculadas ao longo do tempo e algumas passagens na Bíblia (no Livro dos Reis e nas Crônicas). Sem dúvida que foi construído em torno de 960 a. C. – pelo menos na sua forma primitiva. Salomão, que desejava construir um templo à glória de Deus, fizera acordos com o rei fenício Hiram que se comprometera a fornecer-lhe madeira (de cedro e de cipreste). Enviar-lhe-ia também operários especializados: pedreiros, canteiros e carpinteiros recrutados em Guebal, onde os próprios egípcios costumavam contratar a sua mão-de-obra qualificada.

As obras duraram sete anos, abrangendo também um palácio suficientemente grande para albergar as setecentas princesas e trezentas concubinas do rei Salomão.

O Templo era retangular. Entrava-se no vestíbulo transpondo uma porta dupla de bronze e, então, encontravam-se duas colunas: Jachin e Boaz, também de bronze. Seguia-se uma porta dupla, em madeira de cipreste, que permitia o acesso ao *hékai*, ou local santo, uma sala com lambris de madeira de cedro e cheia de objetos preciosos e sagrados: o altar dos perfumes, em ouro maciço, a tábua dos pães de oração, em madeira de cedro forrada a ouro, dez candelabros e lâmpadas de prata, copos para libações finamente cinzelados, bacias sagradas e braseiros que serviam para a celebração de sacrifícios. Em seguida, entrava-se no *debir*, uma sala cúbica onde se encontrava a Arca da Aliança. O conjunto era feito de pedras talhadas, madeira e metais.

Em frente ao Templo, o «mar de bronze», grande reservatório que podia conter cinquenta mil litros de água, suportado por doze estátuas de touros, dominava a esplanada. Os elementos de decoração eram cobertos de folhas de ouro. Todo o empedrado tinha placas de ouro. A prata e o cobre também se encontravam em profusão. Os metais preciosos estavam verdadeiramente em todo o lado, incluindo o telhado, onde agulhas de ouro impediam que os pássaros pousassem. O Templo existiu sob esta forma até 586 a. C. Nessa data, Nabucodonosor cercou Jerusalém e apoderou-se dela. A cidade foi incendiada e o Templo de Salomão destruído.

Em torno do ano de 572 a. C., Ezequiel teve a visão do Templo reconstruído das suas ruínas. No entanto, teve que esperar até 538 a. C. para se ver Zorobabel iniciar a sua reconstrução. O novo santuário, muito mais modesto do que o precedente, foi arrasado pelo Selúcida Antíoco Epifânio. Herodes decidiu reconstruí-lo. Durante dez anos, mil operários trabalharam no estaleiro. O

resultado foi grandioso, mas durou pouco, dado que o edifício foi destruído no tempo de Nero, menos de sete anos depois de ter sido terminado. Em 70 d. C., uma vez mais, Jerusalém foi tomada e o Templo pilhado, por Tito.

Os objetos sagrados, como o candelabro dos sete braços e muitas outras riquezas, foram levados para Roma e apresentados ao povo, quando do «triunfo» de Tito'. Quando os Templários se instalaram no local onde se erguera a série de templos, apenas restava do edifício um pedaço do (do hoje) muro das lamentações e um magnífico empedrado quase intacto. Em sua substituição, erguiam-se duas mesquitas: a Al-Aqsa e a mesquita de Omar. Na primeira, a grande sala de oração foi dividida em quartos para servir de alojamento aos Templários. Juntaram-lhe novas construções: refeitórios, adegas, silos.

Os Templários e a Arca da Aliança

Parece que os Templários fizeram descobertas interessantes no local. Mas, de que se tratava? Se a maior parte dos objetos sagrados desaparecera por ocasião das diversas

destruições, e nomeadamente quando do saque de Jerusalém por Tito, havia um que se volatilizara, pura e simplesmente desaparecera, não parecia ter sido retirado de lá. Ora, fora para alojar esse objeto que Salomão construía o Templo: a **Arca da Aliança**, que continha as Tábuas da Lei. Uma tradição rabínica referida pelo Rabi Mannaseh ben Israel (1604-1657) explica que Salomão teria mandado fazer um esconderijo sob o próprio Templo, para se colocar lá a Arca, em caso de perigo. Essa Arca tinha a forma de uma caixa de madeira de acaju com dois côvados e meio (1,10 m) por um côvado e meio (66 cm), tendo tanto de altura como de largura.

Tanto no interior como no exterior, as paredes estavam cobertas com folhas de ouro. O cofre abria-se para cima, por meio de uma tampa de ouro maciço por cima da qualse viam dois querubins de ouro martelado, frente a frente, com as asas dobradas eviradas uma para a outra. Havia argolas fixadas, que permitiam a inserção de barras

– também elas cobertas de ouro – para transportar a Arca que, assim, teria um aspecto igual ao de certos móveis litúrgicos egípcios. Por fim, uma placa de ouro estava colocada sobre a tampa, entre os querubins. Este kapporet era considerado pelos Hebreus como o «trono de Iavé». Assim o afirma o Êxodo, onde Iavé diz a Moisés: É aí que me encontrarei contigo, de cima do propiciatório, do espaço compreendido entre os dois querubins colocados sobre a Arca do Testemunho, que **te comunicarei as ordens** destinadas aos filhos de Israel.

O que quer dizer isso? Para os amantes de OVNIS, a Arca poderia ser uma

espécie de receptor de rádio interdimensional que permitiria receber mensagens vindas do espaço ou de outro lugar. Para os outros, resta classificar isto na misteriosa rubrica dos objetos ditos de culto cujo destino não é conhecido. Os querubins alados parecem sugerir «homens voadores», «anjos» intermediários entre os homens e os deuses. Pelo nosso lado, vamos abster-nos de dar qualquer opinião quanto a esta questão, mas não poderíamos afastar a priori nenhuma hipótese enquanto não for fornecida uma explicação totalmente convincente, e sem dúvida que não será fácil explicar por que razão a Arca fora construída como um condensador elétrico.

Em todo o caso, a Arca encontrava-se bem protegida. Paul Poësson* lembra que era proibido tocar-lhe sem uma autorização expressa para tal (e, muito possivelmente, equipado com proteções especiais), sob pena de se ser fulminado de imediato. Um dia, quando a transportavam, e porque ia mal segura, a Arca deu a impressão de ir cair ao chão. Um homem precipitou-se para a segurar. Foi uma infelicidade, porque morreu imediatamente fulminado. Pode considerar-se que a Arca se protegia a si própria, querendo dizer com isso que seria difícil admitir que a cólera divina tenha fulminado alguém apenas porque pretendia impedir que a Arca caísse.

A Arca foi, pois, colocada no Templo de Salomão, no ano 960 a. C. No Livro dos Reis, Salomão dirige-se a Deus, através dela: “O Eterno declarou que habitaria na escuridão. Acabei de edificar uma casa que será a Tua residência, oh Deus, uma casa onde Tu habitarás eternamente.” Robert Laffont escreve: “Curioso, tratando-se de um ser da Luz. De notar que Salomão parece fazer uma distinção entre o deus a que se dirige e o Eterno.” Tal como já dissemos, não parece que a Arca tenha sido roubada quando das diferentes pilhagens ou pelo menos, quando tal aconteceu, foi recuperada, de acordo com os textos. O seu desaparecimento por roubo teria deixado inúmeros vestígios, tanto nos escritos como nas tradições orais. Apenas uma lenda sugere que ela teria sido roubada pelo próprio filho de Salomão. Esse filho, que teria tido da rainha de Sabá, tê-la-ia roubado para a levar para o reino de sua mãe. Mas esta lenda é pouco credível e não encontramos nada que a possa apoiar, na Bíblia.

Louis Charpentier lembra: “Quando Nabucodonosor tomou Jerusalém, não há qualquer referência à Arca, no saque do templo. Manda incendiar o Templo, em 586 a. C. E a Arca arde com ele.” Diz Wegener: “Ora, é certo que a Arca foi enterrada embaixo do templo. E Salomão não disse que ela ficaria na escuridão? O que não podia ser o caso do Santo dos Santos.” Charpentier vê a prova disso num texto que refere: “Quando a Arca da Aliança foi enterrada, levou-se para a ghenizah o recipiente que continha o maná, porque estivera em contato com as Tábuas da Lei.”

Para Charpentier, isso não tem a menor dúvida: a Arca ficou escondida no local, escondida sob o Templo, e os Templários descobriram-na. Esta afirmação deverá ser aceita com muita circunspeção, mas não deixa de ter interesse. Se admitirmos, por um instante, a sua validade como hipótese de investigação, torna-se lógico pensar que, entre 1104 e 1108, Hugues de Champagne e Hugues de Payns, uma espécie de aventureiros da Arca perdida, tenham conseguido descobrir documentos que permitiam localizá-la. O trabalho dos monges de Cister e dos sábios judeus que os ajudaram, teria consistido então na tradução e interpretação dos textos, eventualmente, fragmentários trazidos por Hugues de Champagne.

Mais tarde, munidos de informações adequadas, e depois de terem obtido como alojamento o local do Templo de Salomão, os primeiros cavaleiros do Templo teriam podido realizar escavações que conduziriam à descoberta da Arca. Quanto a isto, Charpentier cita em primeiro lugar, como memória, uma tradição oral que faria dos Templários os detentores das Tábuas da Lei. Lembra o regresso ao Ocidente dos primeiros templários, em 1128. Assim, abandonavam a sua missão. É claro que se tratava de obter a fundação de uma ordem militar dotada de uma regra especial, mas seria necessário, para tal, abandonar tudo no Oriente, durante um longo período? Não bastaria enviar um embaixador, tanto mais que os cavaleiros não tiveram a menor dificuldade em obter o que desejavam graças à força dos apoios de que beneficiavam?

Ora, o preliminar da regra que então lhes foi dada por São Bernardo começava assim: “Bem agiu Damedieu conosco e com o Nosso Salvador Jesus Cristo, o qual enviou os seus amigos da Santa Cidade de Jerusalém à Marca de França e da Borgonha [...]”. Charpentier comenta e sublinha: “A obra é realizada com a ajuda de Nous. E os cavaleiros foram mesmo mandados à Marca de França e da Borgonha, isto é, à Champagne, sob a proteção do conde de Champagne, onde podem ser tomadas todas as precauções contra qualquer ingerência dos poderes públicos ou eclesiásticos: naquele lugar onde, nessa época, se pode garantir melhor um segredo, uma vigilância, um esconderijo.”

E Charpentier pensa que os Cavaleiros do Templo, ao regressarem ao Ocidente, traziam, se assim o podemos dizer, nas suas bagagens, a Arca da Aliança. E precisa: “No portal norte de Chartres, o portal chamado «dos Iniciados», existem duas colunatas esculpidas em relevo e ostentando, uma, a imagem do transporte da Arca por uma junta de bois, com a legenda: *Archa cederis*; a outra, a Arca que um homem cobre com um véu, ou agarra com um véu, perto de um monte de cadáveres entre os quais se distingue um cavaleiro de cota de malha; a legenda é: «*Hic amittitur Archa cederis*»” (*amittitur* possivelmente em vez de *amittitur*). Terá de ver-se aí um indício suficiente para apoiar a tese de Charpentier?



No portão norte chamado “o Portão dos Iniciados”, existem duas colunas no relevo esculpido mantenha uma imagem do transporte da Arca em um carro de boi, com a legenda Archa cederis (obrarás a arca), e outra amostra um homem que parece cobrir com um véu a Arca, junto com uma pilha de cadáveres entre um cavaleiro está na cota de malha.

Podemos, temos inclusive o dever de sermos extremamente céticos. No entanto, é mesmo a Arca da Aliança que parece estar representada, em cima de um carro de quatro rodas, em Chartres. Com efeito, uma escultura idêntica, representando o transporte da Arca, encontra-se nas ruínas da sinagoga de Cafarnaum. Essa representação mostra que, em Chartres, se atribuía um interesse muito especial ao transporte da Arca e poderia significar que os escultores não ignoravam que ela fora deslocada. Isso não quer dizer, de modo algum, que tenha sido trazida para o Ocidente pelos Templários, nem sequer que estes tenham uma relação especial com essa deslocação. Precisamente, poderemos observar que a decoração da catedral de Chartres evoca mais de uma vez os cavaleiros do Templo.

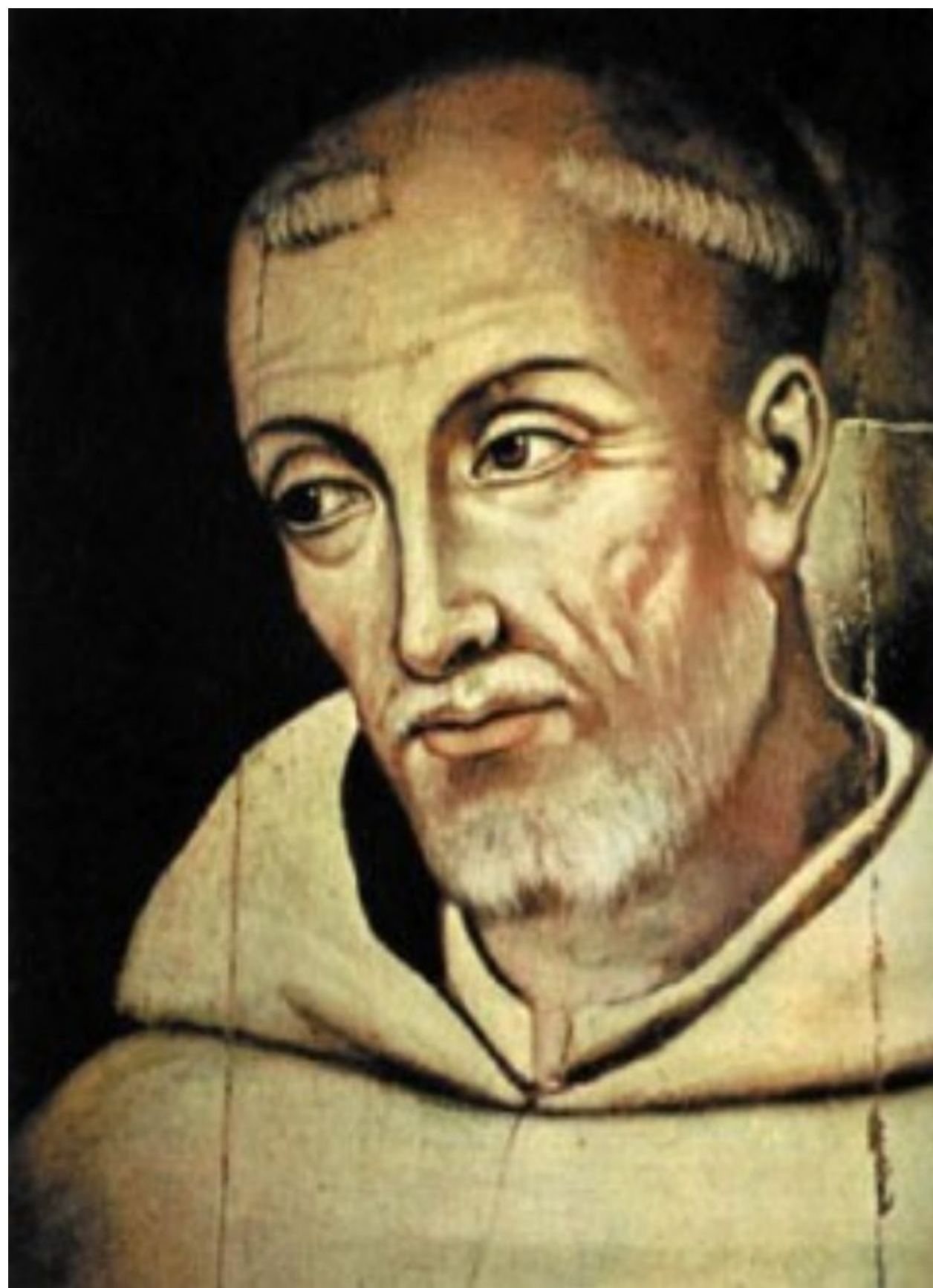
O outro segredo de Salomão

O segredo descoberto no local do Templo pelos Templários pode não ter qualquer relação com a Arca da Aliança, embora continue ligado a Salomão. De qualquer modo, é forçoso reconhecer que há muitos pontos comuns entre os Templários e este rei. Em primeiro lugar, temos de lembrar que, logo no início, Hugues de Payns e os seus amigos tinham tomado o nome de «Pobres Cavaleiros de Cristo» e isso até terem ocupado o local do Templo de Salomão – pelo menos é o que geralmente se diz. Ora, a partir do momento em que obtiveram a sua regra (logo, após as suas possíveis descobertas), lê-se no prólogo da versão francesa: «Aqui começa a regra da pobre cavalaria do Templo.»

Muito em breve encontramos nas doações que lhes foram feitas os títulos de cavaleiros do Templo de Salomão. A expressão não veio, pois, por hábito e foi decidida muito rapidamente. Notemos, por outro lado, que o menestrel alemão, Wolfram von Eschenbach, que se afirmava Templário, escrevia no seu Parzival que o Graal fora transmitido por Flégétanis, «da linhagem de Salomão», e que os Templários eram os seus guardiões. Voltaremos a este ponto.

Pensemos também na construção do Templo que Salomão confiara ao mestre Hiram. O arquiteto, segundo a lenda, foi morto por companheiros invejosos aos quais recusara a divulgação de determinados segredos. A seguir ao desaparecimento de Hiram, Salomão enviara nove mestres à sua procura, nove mestres como os nove primeiros Templários à procura do arquiteto dos segredos. E depois, Salomão, tal como os Templários, apostou muito no comércio, sobretudo dos cavalos. Quis ter uma frota comercial para facilitar o seu negócio

e os Templários, por sua vez, possuíram uma frota poderosa de navios. Que pensava disso São Bernardo que fez a propaganda dos Templários e escreveu sobre o Cântico dos Cânticos, atribuído ao rei Salomão?



(São) Bernardo de Clarivaux, patrono da Ordem dos Cavaleiros Templários e criador das regras da Ordem.

A própria personalidade de Salomão é interessante de estudar, neste quadro. É símbolo de justiça: o seu julgamento é célebre; símbolo de sabedoria, também. Rei dos poetas, é autor do Cântico dos Cânticos que alguns pensam ser um documento cifrado, uma espécie de testamento de adepto, de um iniciado em ocultismo. Não podemos falar de Salomão sem lembrarmos a rainha do Sabá. Esta chegou a Jerusalém acompanhada por uma magnífica caravana de camelos carregados de presentes fabulosos. Balkis, a magnífica, vinha pôr à prova Salomão, cuja reputação chegara até ela e tinha a intenção de lhe apresentar enigmas muito difíceis de resolver. O Corão contém, a propósito da visita de Balkis, reflexões bastante interessantes.

Assim: “Salomão herdou de David e disse: Homens! Ensinaram-nos a linguagem dos pássaros, e, de todas as coisas, fomos contemplados copiosamente. Na verdade, esse é por certo um favor evidente!” A alusão à linguagem dos pássaros deixa entender que Salomão tinha conhecimento dos segredos ocultos da natureza (e que talvez os comandasse). Esse tipo de denominação era bem conhecido dos trovadores e leva-nos de volta à escrita do Cântico dos Cânticos de Salomão, estudado de perto por São Bernardo.

Mas, regressemos ao Alcorão: As tropas de Salomão, formadas por Djins, Mortais e Pássaros foram reunidas à sua frente, divididas por grupos. Assim, Salomão tinha ao seu serviço homens mas também gênios (Djins) – isto é, ele conhecia e comandava os Seres elementais* – e pássaros, isto é, seres voadores. *[O Espírito dos elementos, segundo o ocultismo. (N. do E.)] Então, a Arca da Aliança, os segredos de arquitetura, a linguagem dos pássaros? Ou outra coisa encontrada na Palestina? Mas o quê? Segredos ligados a Jesus? À sua vida? A Maria Madalena? Ao Graal, talvez...

Satã prisioneiro

Consideremos mais uma possibilidade, por mais louca que seja. Segundo o Apocalipse de São João, depois de ter sido vencido e expulso do céu com os anjos que foram afastados da graça divina, Satã é acorrentado no abismo. Ora, a tradição afirma que esse abismo tem saídas e que estas se encontram obturadas. Uma delas encontrava-se, precisamente, selada pelo Templo de Jerusalém. O quartel dos Templários ficaria, pois, situado num local de comunicação entre diferentes reinos, característica comum à da Arca da Aliança. Ponto de contato tanto com o Céu como com os Infernos, um dos locais sagrados sempre ambivalentes, dedicados tanto ao bem como ao mal. Um local de comunicação ideal de que os Templários se teriam tornado guardiões.

Uma lenda referida pelo Senhor de Vogüé conta que, na época de Omar, um homem, ao debruçar-se, avistou uma porta no fundo do poço donde tirava água. Desceu ao poço e transpôs a porta. Apareceu-lhe um jardim magnífico. Arrancou uma folha de uma árvore e trouxe-a como prova da sua descoberta. Mal saiu, apressou-se a ir prevenir Omar. Correram para lá, mas a porta desaparecera e ninguém voltou a encontrá-la. Ao homem restou apenas a folha que nunca murchou. Isto passava-se no local do Templo de Salomão. Uma tradição mais para transformar o local numa passagem entre diversos níveis (de Consciência) e reinos.

Relata-se também que o Templo de Salomão fora precedido, no local, por um templo pagão dedicado a Poseidon. Ora, ignora-se demasiadas vezes que Poseidon só muito tardiamente se tornou deus do mar. Antes, tinha a posição de Deus supremo e foi apenas com a chegada à Grécia dos Indo-Europeus que Zeus assumiu a liderança das divindades. Poseidon fora, no tempo dos povos pelasgos, o Deus criador, demiurgo que tinha um lugar privilegiado nas águas-mães salgadas. Era o grande agitador das terras, senhor das forças telúricas e, em alguns aspectos, aproximava-se de Satã. Eugène Delacroix, iniciado da Sociedade Angélica, sabia-o bem quando

decorou o teto da capela dos Santos Anjos, na igreja de Saint-Sulpice, de Paris.

Pintou nela São Miguel a deitar ao chão o demônio. Ora, esse demônio das origens, representou-o sob a forma de Poseidon, perfeitamente reconhecível devido aos seus atributos. Muito bem! Os Templários encarregados de guardarem os locais por onde Satã poderia evadir-se da prisão que lhe fora atribuída na noite dos tempos, é algo que parecerá, sem dúvida, grotesco a muitos leitores modernos mas que seria conveniente reinserir nas crenças da época. E, depois, nunca se sabe... Tanto mais que Salomão também mandou construir santuários para «divindades estrangeiras».

Mandou dedicar, nomeadamente, templos à Astarté, «a abominação dos Sidonenses» e à Milkom, «o horror dos Amonitas». O «deus ciumento» de Israel deve ter ficado furioso. Nesse campo, Salomão não se limitaria a ceder às pressões das inúmeras concubinas estrangeiras? Se agiu desse modo, que não teria feito em recordação da rainha do Sabá, cujo reino podemos localizar, sem a menor dúvida, no lémen? Na sua maioria, os deuses do país de Baffis cheiravam muito a enxofre.



Os Templários e os segredos de Salomão

Em resumo, podemos considerar como uma quase certeza o fato de Hugues de Payns e Hugues de Champagne terem descoberto documentos importantes, na Palestina, entre 1104 e 1108. Esses achados estiveram, sem dúvida, na base da constituição dos nove primeiros Templários e devemos ligá-los à decisão de lhes atribuir, como residência, o local do Templo de Salomão. Aí, levaram a cabo escavações.

Nessa fase, estava fora de questão aumentarem os seus efetivos, por causa da manutenção do segredo. As suas pesquisas devem tê-los levado a encontrar algo realmente importante, pelo menos aos seus olhos. A partir desse momento da descoberta, a política da Ordem mudou. O QUE eles teriam encontrado?

- *A Arca da Aliança?*
- *Um modo de se comunicarem com poderes superiores ao homem: deuses, elementais, gênios (djins), extraterrestres ou outros ?*
- *Um segredo relativo à geometria sagrada e, por assim dizer, mágica da arquitetura?*
- *A chave de um mistério ligado à vida de Cristo ou à sua mensagem?*
- *O Santo Graal?*
- *A forma de reconhecer os locais onde a comunicação, tanto com o Céu como com os Infernos, é facilitada, com o risco de libertar Satã ou Lúcifer?*

Poderíamos pensar que nos encontramos numa novela de H. P. Lovecraft, é certo, mas estas perguntas, embora não sejam racionais, surgem imperativamente no contexto da época. Iremos procurar, ao longo dos próximos capítulos e dos indícios que nos irão ser fornecidos pela história da Ordem dos Cavaleiros Templários, separar o trigo do joio e restringir os nossos pressupostos, explicar por que razão, a partir de então, a política dos Cavaleiros Templários mudou brusca e radicalmente.

CAPÍTULO III

SÃO BERNARDO E OS MONGES-GUERREIROS

Em 1127, quando Hugues de Payns regressou ao Ocidente em missão especial, encontrava-se acompanhado por mais cinco Templários. Ora, ainda eram apenas nove, ou talvez dez. Logo, tinham ficado apenas três ou quatro no Oriente (Jerusalém) para assegurarem a prometida proteção dos peregrinos europeus em visita à terra santa. Mesmo que tivessem junto deles alguns sargentos de armas, a

hoste deveria ser bem magra no caso de um encontro com o inimigo muçulmano. Decididamente, essa missão era muito mal desempenhada.

Este prova insofismavelmente apenas que a “proteção” aos peregrinos se tratava de um «disfarce». Aliás, houve que esperar até 1129 para se ver os Templários enfrentarem pela primeira vez os infiéis muçulmanos em combate. Isso não impediu os modestos guardiões do desfiladeiro de Athlit de se verem chamados «ilustres pelas suas façanhas guerreiras» inspiradas diretamente por Deus, e isso ainda antes de se terem batido verdadeiramente.

A propaganda não é, por certo, uma invenção moderna, mas, este exemplo é especialmente interessante. Mostra que a publicidade que lhes foi feita não se baseava numa realidade e se integrava, deliberadamente, naquilo que podemos considerar uma segunda fase da Ordem: o seu desenvolvimento e a sua transformação numa ordem militar. Do pequeno número de afiliados discretamente ocupados com a descoberta de segredos importantes no local do antigo templo de Salomão, passava-se à procura do poder, o que indica que as pesquisas tinham, sem dúvida, dado os seus frutos e estavam concluídas. Convinha, desde logo, pôr em execução a política que elas tivessem sugerido e podemos perguntar-nos se, a partir desse momento, não existiu uma vontade de criar uma espécie de poder sinárquico que se sobreporia aos reinos.

Hugues de Payns parou em Roma, antes de seguir para Champagne. Ali, encontrou-se com o papa Honório II (1124-1130) que se interessava muito pela nascente Ordem do Templo. Em Janeiro de 1128, Hugues de Payns encontrava-se em Troyes para participar no concílio onde foi proposto se adotar uma regra especial para a Ordem do Templo. O texto, nas suas linhas gerais, fora elaborado em Jerusalém. Tratava-se também de dar a conhecer a Ordem, de começar a recrutar, recolher dádivas, estimular a fundação do poder futuro do Templo. Hugues de Payns tinha no bolso a carta de recomendação do rei de Jerusalém, Balduíno II; que sem dúvida financiara a viagem. Dirigia-se a São Bernardo e pedia-lhe que desse o maior apoio aos projetos de Hugues de Payns e dos seus companheiros. Pelo seu lado, o patriarca de Jerusalém pedia ao papa a concessão de uma regra especial a esses monges. A carta de Balduíno II a São Bernardo referia:

“Os irmãos Templários, que Deus inspirou para a defesa desta província e protegeu de uma forma notável, desejam obter a confirmação apostólica bem como uma regra de conduta. Devido a isso, enviamos André e Gondemar, ilustres devido às suas proezas guerreiras e pela nobreza do seu sangue, para que solicitem ao Soberano Pontífice a aprovação da sua ordem e se esforcem por obter dele subsídios e ajudas contra os inimigos da fé, coligados para nos suplantarem e derrubarem o nosso reino. Sabendo bem quanto peso poderá ter a

vossa intercessão, tanto junto de Deus como do seu vigário e dos outros príncipes ortodoxos da Europa, confiamos à vossa prudência esta dupla missão cujo êxito nos será muito agradável. Fundamentai as constituições dos Templários de tal forma que eles se não afastem dos ruídos e dos tumultos da guerra e continuem a ser os auxiliares úteis dos príncipes cristãos... Fazei de maneira que possamos, se Deus o permitir, ver em breve uma conclusão feliz desta questão. Dirigi por nós orações a Deus. Que Ele vos tenha na Sua Santa Guarda”.

São Bernardo

Bernardo de Clairvaux deveria, efetivamente, desempenhar um papel importante no progresso da Ordem. Convém nos deter um pouco nesta personagem sobre a qual Marie-Madeleine David escreve: “Bernardo é o homem mais representativo do renascimento do século XII.” Nascido no final do século XI, em 1090, e falecido em 1153, insere-se em plena época de fecundidade intelectual e de transformações econômicas e sociais. Nascido no castelo de Fontaine, a noroeste de Dijon, era o terceiro filho da Dwna Aleth. Antes do seu nascimento, a sua mãe tivera sonhos curiosos. Via o seu futuro filho sob a forma de um cãozinho que ladrava furiosamente. Inquieta, abriu-se com um religioso que a acalmara afirmando-lhe que, mais tarde, o seu filho apenas ladraria para defender a Igreja. O pai de Bernardo, Tescelin, era senhor do castelo de Fontaine e os seus compatriotas tinham-no apelidado de «o baio», porque era loiro-arruivado. Tinha a fama de ser um homem de honra, corajoso e fiel ao seu suserano, o duque da Borgonha.

Aleth, que era filha do duque de Montbard, velara para que o seu filho Bernardo recebesse uma boa educação. Confiara-o, pois, aos cônegos de Saint-Vorles, em Châtillon-sur-Seine. Eles haviam-lhe ensinado o trivium (gramática, retórica, dialética) e o quadrivium (aritmética, música, geometria, astronomia) e tinham-no obrigado a ler Cícero, Virgílio, Ovídio, Horácio. Também o tinham ajudado a vencer uma timidez quase doentia. Foi na igreja de Saint-Vorles que caiu em êxtase perante Maria, vendo aquela «imagem da Mãe de Deus, feita de uma madeira que a idade escureceu mais do que o sol». Fora essa **VIRGEM NEGRA** *de madeira que, miraculosamente, teria apertado o seu seio, de modo que teriam caído três gotas de leite nos lábios de Bernardo.*



Nossa Senhora do Pilar, a Virgem Negra, encontrada no interior da Catedral de Chartres, construída pelos Templários

Os seus contemporâneos descreviam o jovem Bernardo como belo, esbelto, com uma cabeleira revolta, um olhar que se impunha. Mas essa beleza não era para as mulheres, porque pretendia preservar a sua castidade. Um dia, pensando que olhara uma mulher com demasiada complacência, fora mergulhar num lago gelado para apagar o desejo que sentia crescer dentro de si. Do mesmo modo, tratara com desprezo uma outra mulher que viera meter-se, nua, na sua cama. Pelo menos, é o que conta a sua lenda dourada.

De qualquer modo, escolheu o claustro que comparava à escola de Deus. Robert Thomas lembra-nos como São Bernardo via os monges: “Tal como os anjos, vivem puros e castos; tal como os profetas, elevam os seus pensamentos acima das coisas da terra; tal como os apóstolos, deixam tudo e vão ouvir a palavra do Mestre, recordá-la nos seus corações, esforçar-se por a guardar, por a pôr em prática. Cada mosteiro será uma escola onde Jesus ensina.” São Bernardo escolheu a Abadia de Cister onde entrou, no tempo do abade Estêvão Harding, com cerca de trinta companheiros que mais ou menos arrastara consigo. Definia-se como alguém que procurava Deus e pensava que, neste caso, «quem procura, encontra». Era exigente com os outros mas, antes de mais nada, era exigente consigo mesmo.

Recusava-se a respeitar apenas o voto de obediência que lhe não parecia um compromisso suficiente. Era necessário ir além disso. Não podia compreender que um monge se fizesse pelo mínimo obrigatório. Escrevia: “A obediência perfeita ignora o que é apenas uma lei, não está encerrada em limites; a vontade ávida estende-se até aos limites da caridade, entrega-se por si mesma a tudo o que lhe é proposto e, com o fervor de uma alma ardente e generosa, vai sempre em frente, sem ter em conta limites ou medidas. Para ele «a medida de amar a Deus é amar sem medida».”

Bernardo não se contentava com meditar, adorar. Estudava também. Lia as escrituras, comentava-as, dissecava-as, até, procurando ir até à fonte em vez de se limitar aos comentadores precedentes. O que estava em jogo em tudo isto: conhecer-se a si mesmo e conhecer Deus. Mas conhecer-se consiste também em descobrir quão insignificante se é. No entanto, a sua atitude na vida desmentiu, amiúde, essa aparente humildade. São Bernardo, o admirado e o temido Bernardo de Clairvaux em breve se tornou notado e foi a ele que se confiou a fundação da abadia de Clairvaux, em 1115, num local que tinha o belo nome de **Vale de Absinto**. Afirmou-se lá e continuou a pregar a humildade, e nem por isso deixou de ser cada vez mais seguro de si, a tal ponto que é necessário ser um

hagiógrafo para negar o orgulho de São Bernardo. Afirmava: “Os assuntos de Deus são meus e nada do que lhe diz respeito é estranho para mim.”

O que é mais extraordinário é que, em seu redor, todos achavam isso normal de tal modo a sua personalidade era, ao mesmo tempo, forte e sedutora. Estava dotado de uma energia e de uma vontade sem titubeios, daquelas que fazem vergar as pessoas em seu redor. Para além da autoridade e da violência verbal, sabia manejar também a delicadeza e a persuasão. Bernardo foi um ser dúplice, dividido entre a meditação e a ação. Tão depressa arrastava os irmãos, repreendia os grandes, influenciava a política de todo o Ocidente, como se retirava para uma choupana e se entregava a mortificações até esgotar o seu corpo e o tornar doente, «semelhante a um arco que, depois de ter sido distendido, retesado de novo, recupera toda a sua força: como uma torrente retida por uma barragem que, liberta, retoma a impetuosidade do seu curso, regressa às suas práticas, como se tivesse pretendido castigar-se por esse repouso, e reparar as perdas da ascese interrompida».

Robert Thomas escreveu: “Uma saúde arruinada, um corpo extenuado, uma alma que, até ao fim, será senhora daquele corpo e lhe fará a vida dura, assim foi Bernardo.” Dedicou-se à Ordem de Cluny para a qual defendeu uma reforma monástica. Acusava os monges clunenses de terem costumes dissolutos. Compreenderemos facilmente, com base nisso, que São Bernardo não defendesse para os a Ordem dos Cavaleiros Templários uma regra especialmente suave e que se esforçasse para os tornar aguerridos através da própria dureza da vida que deveriam levar. Bernardo foi também quem lutou contra Abelardo, até o ter derrubado, aniquilado social e psicologicamente. Abelardo era um mestre com uma inteligência notável que ensinava uma juventude estudantil que o adulava.

Dialético brilhante, gostava das lides oratórias mais por elas mesmas do que pelo seu conteúdo. Tinha uma tendência nítida para o racionalismo e não admitia que, para um problema religioso, a única resposta avançada fosse: é um mistério. Crer e não discutir era inconcebível para ele. Bernardo considerava perigoso o seu ensino, tanto mais pernicioso quanto as suas teses eram, amiúde, sedutoras. Opôs-se-lhe violentamente e redigiu um tratado dos erros de Abelardo que dirigiu ao papa Inocêncio III. Não parou enquanto não conseguiu condena-lo. A esse respeito, Dom Jean Leclercq escreveu: “Esse excesso de injúrias, de acusações baseadas em denúncias sumárias, traía, em São Bernardo, uma paixão mal dominada.” Este episódio não é, certamente, o mais glorioso da vida de São Bernardo.

O culto da Dama Celeste

Bernardo teve também um amor louco por Maria, mãe de Jesus Cristo embora tenha escrito muito menos sobre esse tema do que acerca de outros. As poucas páginas que

deixou sobre a Virgem ressumam literalmente fervor e amor. Inventou uma oração a Maria, na qual ela aparece como a «Rainha» da *Salve Regina* (rainha em latim), que intercede em prol dos homens, junto de Cristo, a Virgem coroada que aceitou a provação desejada por Deus, triunfou sobre ela, é capaz de mostrar o caminho aos homens. A devoção de Bernardo à Virgem parece profunda, o que não é tão habitual na sua época. Daí, poderemos imaginar que não tenha sido alheio à veneração que os Templários sempre tiveram por Nossa Senhora. Todavia, tenhamos cautela porque talvez se tenha tendência para atribuir uma importância desmesurada a São Bernardo, a partir do momento em que se trata dos Templários.

Baseando-nos nos depoimentos prestados por estes últimos no seu processo – dois séculos mais tarde – poderíamos pensar que fora o próprio Bernardo quem redigira a sua regra. Na verdade, mesmo que seja quase certo que meteu a sua mão na tarefa, deve ter trabalhado a partir de um texto prévio redigido pelo patriarca de Jerusalém, Estêvão de La Ferté. O que é certo é que tornou mais fácil a sua aprovação e, nesse sentido pelo menos, os Templários deveram-lhe a sua regra. Assim, Bernardo enviou uma carta a Thibaut de Champagne, dizendo-lhe: “Dignai mostrar-vos cheio de solicitude e de submissão pelo legado, em reconhecimento por ter escolhido a vossa cidade de Troyes para a realização de um grande concílio, e dignai-vos dar o vosso apoio e a vossa assistência às medidas e resoluções que este julgar convenientes no interesse do bem.”

O pedido não está isento de uma certa firmeza. No entanto, por detrás de um São Bernardo aparentemente na primeira linha, esconde-se talvez uma outra personagem cuja importância, nos bastidores do Templo, nos parece considerável. Estêvão Harding e a tradição hebraica Podemos interrogar-nos quanto ao fato de saber quem foi, quanto ao fundo, a personagem mais importante para a constituição da Ordem do Templo: São Bernardo ou Estêvão Harding, abade de Cister, que congeminara tudo, desde o início, com Hugues de Champagne?

Inglês de origem, Estêvão Harding fora, inicialmente, monge no mosteiro de Sherbone. Depois, prosseguira estudos na Escócia e, em seguida, em Paris e em Roma. Marion Melville lembra o que dele dizia Guillaume de Malmes: “Sabia casar o conhecimento das letras com a devoção; era cortês nas suas palavras, risonho no rosto: o seu espírito rejubilava sempre no Senhor.” Depois de uma

passagem por Molesmes, fundara a Abadia de Cister. Alguns anos mais tarde, tornara-se o seu terceiro abade. Estêvão Harding acumulara quase todos os conhecimentos intelectuais que podiam adquirir-se nessa época. Reformou a liturgia e fez da sua abadia um centro cultural único. Empreendeu um trabalho gigantesco: a redação da Bíblia de Cister, com um espírito de correção crítica notável.

Para o ajudarem, recorreu a sábios judeus. De acordo com as suas observações, mandou efetuar duzentas e noventa correções e cinco versículos completos de Samuel foram completamente reescritos. Findo isso, Estêvão Harding proibiu que se tocasse numa só palavra daquela Bíblia. Daniel Réju refere que uma personagem curiosa vivia então em Troyes: o rabino Salomon Rachi (1040-1105). Foi considerado o maior exegeta dos textos hebraicos e o principal comentador e intérprete do Talmude. Analisava sempre os textos a três níveis: literal, moral e alegórico. É difícil saber se Estêvão Harding conheceu pessoalmente Rachi, dado que este morreu em Praga, em 1105. Em todo o caso, é bastante provável que os seus genros tenham vindo trabalhar para Cister, ao lado dos monges, para facilitar a tradução de documentos sagrados especialmente difíceis de interpretar. Por este meio indireto, os Templários beneficiaram de um apoio extremamente importante para a pesquisa que pareciam estar a levando a cabo no Ocidente.

São Bernardo partilhou, sem dúvida, o interesse de Estêvão Harding pelos textos hebraicos, embora as provas sejam escassas. Em todo o caso, ergueu-se muitas vezes contra as perseguições que os judeus tiveram de sofrer um pouco por toda a Europa. Fustigou os autores dos pogroms e manifestou bastante mais indulgência religiosa pelos judeus do que pelos cátaros.

O concílio de Troyes: para uma regra feita sob medida para a Ordem do Cavaleiros Templários é claro que Estêvão Harding participou no concílio de Troyes, mas teria sido por qualquer coisa relacionada com a redação da regra? Isso é mais difícil de dizer. Alguns quiseram ver nesse texto uma espécie de cópia das regras de vida observadas pelos essênios, no tempo de Cristo. Mas que se sabia, no século XII, sobre esses essênios que nos foram sobretudo revelados graças à descoberta dos manuscritos do mar Morto, em Qumran? Seriam veiculadas tradições a eles respeitantes nos meios judaizantes? Teriam os próprios Templários descoberto, por acaso, documentos essênios nas suas escavações em Jerusalém? Por certo temos de relegar isto para o campo das simples conjecturas.

Em todo o caso, o concílio de Troyes reuniu-se «no dia da festa do Senhor Santo Hilário, no ano da Encarnação de Jesus Cristo de 1128, ao nono ano do início da supramencionada ordem de cavalaria». A assembleia consular foi presidida pelo

legado do papa: Mathieu d'Albano. Assistiram a ela os bispos de Sens, Reims, Chartres, Soissons, Paris, Troyes, Orléans, Auxerre, Meaux, Châlons-sur-Marne, Laon, Beauvais. Encontravam-se também presentes vários abades, entre os quais Estêvão Harding, é claro, e leigos como Thibaud de Champagne e o conde de Nevers. Entre todas estas personagens, algumas eram amigas de São Bernardo. Logo no prólogo da regra, apercebemo-nos de que a publicidade da Ordem estava pronta para favorecer o seu progresso e que o conjunto se inseria num plano deliberado, a longo prazo.

Pode ler-se: “Falamos, em primeiro lugar, a todos quantos desprezam ir atrás das suas próprias vontades e desejam, com pura coragem, servir como cavalaria ao soberano-rei, e com um desvelo aplicado desejam vestir e vestem perpetuamente a muito nobre armadura da obediência. E, portanto, admoestamo-vos – a vós que haveis seguido, até agora, secular cavalaria na qual Jesus Cristo não tomou parte, mas que seguistes apenas por favor humano – a seguir aqueles que Deus escolheuda massa da perdição e ordenou, pela sua agradável piedade, para a defesa da Santa

Igreja, e a que vos apresseis a juntar-vos a eles perpetuamente [...]”

Hugues de Payns expôs, perante a douta assembleia, as necessidades da Ordem, tal como as concebia. Depois, o texto foi estudado e discutido, artigo após artigo. A regra latina que daí resultou compreendia **setenta e dois** artigos. Tudo, ou quase tudo, estava previsto nela: os deveres religiosos dos irmãos, os regulamentos que fixavam os atos quotidianos (refeições, distribuição de esmolas, vestes, armamento, etc.), as obrigações dos irmãos uns em relação aos outros, as relações hierárquicas... A preocupação com o pormenor foi levada muito longe, dado que se decidia nela como seriam feitos os sapatos, como se cortariam os bigodes, o número de orações a recitar nesta ou naquela ocasião, *etc.*

Tratava-se de adaptar uma regra monástica aos imperativos com que os guerreiros se deparavam. Aos Templários, por exemplo, não podiam ser impostos jejuns tão severos como nas outras ordens, senão como teriam forças para entrarem em combate? Pela mesma razão, um monge fatigado era dispensado de satisfazer todas as suas obrigações de oração: precisavam descansar para reconstituírem as suas forças de guerreiros. Mesmo assim, a obediência ao Mestre devia ser absoluta, militar. A regra foi rapidamente complementada por várias bulas pontificais, bem como pelos «Retrais» que desenvolveram, nomeadamente, tudo o que se relacionava com a disciplina e as sanções eventuais e que enumeraram o conjunto dos deveres aos quais cada um dos cavaleiros Templários estava submetido.

A regra foi traduzida para o francês, em 1140, e recebeu, nessa altura, algumas

modificações. Nomeadamente, o novo texto recomendava que se atraíssem os excomungados para a Ordem, para sua redenção. Com efeito, o artigo diz: “Lá onde souberdes que se reúnem cavaleiros EXCOMUNGADOS, é lá que vos ordenemos para que ides, e se houver entre eles quem queira ir juntar-se à cavalaria de Além-Mar, não deveis esperar o lucro temporal tanto quanto a salvação eterna da sua alma, quando o texto da regra latina afirmava: «Lá onde souberdes que se reúnem cavaleiros NÃO EXCOMUNGADOS...», isto é, precisamente o inverso...” Erro de copista? É o que pensa a maior parte dos comentadores, mas é impossível porque outras passagens da regra latina que proibiam o convívio com homens excomungados foram modificadas. Tratava-se, pois, de uma alteração voluntária – e importante – a que teremos ocasião de voltar.

Aliás, outras alterações tinham sido introduzidas sem sequer esperar pela redação da regra em francês. Quando Hugues de Payns regressou ao Ocidente, o patriarca de Jerusalém revira doze artigos e acrescentara vinte e quatro, entre os quais o fato de reservar o manto branco com a cruz vermelha da Ordem apenas aos cavaleiros. Na realidade, a versão latina e a versão francesa parecem corresponder a duas lógicas diferentes, em vários pontos. O concílio de Troyes dissera que deixava ao papa e ao patriarca de Jerusalém o cuidado de aperfeiçoarem a regra de acordo com as necessidades da Ordem no Oriente. Foi, aliás, essencialmente a partir de 1163, após a publicação da bula *Omne Datum Optimum*, que todos esses regulamentos foram fixados definitivamente. Esse texto reforçava ainda mais os poderes da Ordem e do seu GrãoMestre.

Ele autorizava os Templários a conservarem para si mesmos o saque tomado dos Sarracenos, colocava a Ordem sob a tutela exclusiva do papa, permitindo-lhe assim escapar a qualquer outra forma de poder da Igreja, incluindo o do patriarca de Jerusalém. Quando sabemos, por exemplo, que a nomeação dos bispos dependia em grande medida do rei e do poder político em geral, compreendemos a importância de uma tal medida, dado que protegia os Templários de qualquer ingerência a esse nível e dava-lhes, até certo ponto, um estatuto internacional. A bula confirmava, ademais, que os bens da Ordem estavam isentos de dízimo; em contrapartida, com a anuência do bispo local, os Templários tinham o direito de lançar o dízimo em proveito próprio. Por outro lado, o texto proibia que os Templários fossem submetidos a juramento e estipulava que apenas os irmãos da Ordem podiam participar na eleição do GrãoMestre.

A bula fixava e condensava os estatutos da Ordem e proibia a quem quer que fosse, eclesiástico ou não, de alterar alguma coisa neles. Permitia, por fim, que o Templo tivesse os seus próprios capelães, junto dos quais os irmãos podiam confessar-se sem terem de recorrer a uma pessoa exterior à Ordem, e

construíssem capelas e oratórios privados. Ademais, eram os únicos que podiam utilizar as igrejas e capelas das paróquias excomungadas. Assim, a Ordem do Templo encontrava-se perfeitamente autônoma, sem que ninguém, a não ser o papa – mas teria ele esse poder? -, pudesse imiscuir-se nos seus assuntos.

Esta independência era uma realidade, tanto no campo econômico como no da organização militar ou no campo espiritual e ritual. Tudo se passou como se se tivesse deixado aos Templários o cuidado de manter e preservarem segredos, evitando-lhes terem necessidade do que quer que fosse exterior à Ordem, mesmo que fosse para se confessarem. Não deveremos ver aí, se não a prova, pelo menos um indício importante que confirma a existência de um «monumental segredo» da Ordem, semdúvida relacionado com as descobertas com as escavações feitas em Jerusalém durante quase dez anos?

O monge e o guerreiro ou a teologia da guerra

O Templo não tinha nada que ver com uma ordem religiosa tradicional normal. Os seus privilégios eram exorbitantes, quer se tratasse do poder de decisão, de independência, organização, ou da criação de um potentado financeiro e econômico, em sentido amplo. Os cavaleiros cultivavam a pobreza pessoal, mas a Ordem via serem-lhe conferidas todas as possibilidades para se tornar extremamente rica e, de certa forma, rica a expensas do resto da Igreja, dado que estava isenta de dízimo. Isto era justificado pela necessidade, para a Ordem, de manter um verdadeiro exército na Terra Santa, mas, ao mesmo tempo, o fato de ser uma ordem militar, com o que isso representa em termos de poderio, poderia tornar esse um privilégio suplementar. Aliás, isso levantava um problema terrível: não deveria considerar-se que existia incompatibilidade entre as funções de monge e as de soldado?

Não deveria ver-se nas noções de procura da santidade e procura cavaleiresca duas éticas radicalmente opostas? Demurger escreve, a este propósito: “Para as conciliar, era necessária uma evolução espiritual considerável, a mesma, aliás, que permitiu a cruzada. A Igreja teve de modificar a sua concepção da teologia da guerra. Teve de aceitar a cavalaria e arranjar-lhe um lugar na sociedade cristã, na ordem do mundo desejada por Deus.” O cristianismo primitivo é representado amiúde como condenando toda a guerra e toda a violência. Preconizava, como única resposta, o amor e apenas o amor, mesmo em caso de agressão. Segundo Mateus, quando Pedro puxou da espada para cortar a orelha do criado do Grão-Sacerdote, não lhe disse Cristo: «Embainha a tua espada, porque aqueles que

matam com a espada morrerão pela espada»? Numa abordagem destas, não há lugar para a batalha, mesmo de modo defensivo. Mas as coisas não são assim tão simples. Em primeiro lugar, a censura feita a Pedro é relatada de uma forma muito diferente pelos outros evangelistas.

Marcos não relata esta frase e Lucas contenta-se com pôr Jesus a dizer: «Basta» e com fazê-lo curar a orelha ferida. Quanto a São João, atribui a Jesus esta reflexão: «Embainha a tua espada. Não beberei eu o cálice que o meu Pai me deu?», o que é o sinal da aceitação do seu destino, por Cristo, da sua submissão ao necessário sacrifício, e não de uma censura a São Pedro. Por outro lado, noutra ocasião, o próprio Mateus refere uma outra palavra de Cristo: “Não julgueis que vim trazer a paz à Terra; não vim trazer a paz, mas sim a espada.” Do mesmo modo, encontramos no evangelho apócrifo de São Tomás: “Por certo que os homens pensam que vim para lançar a paz sobre o Universo. Mas eles não sabem que vim para lançar, sobre a Terra, as discórdias, o fogo, a espada, a guerra.” Paul du Breuil vê aí uma alusão de Cristo à extrema subversão de toda a verdade.

Os teólogos não estavam, portanto, desprovidos de recursos para justificar atos guerreiros. No entanto, era necessário escorar, mediante uma verdadeira teologia da guerra, escolhas que teriam podido lançar a perturbação nos espíritos. Evitou-se, portanto, considerar o fenómeno em si mesmo, para, atribuindo apenas interesse às suas razões, se chegar a uma noção de guerra justa. Bater-se para se apoderar das riquezas de outrem ou por simples bravata não podia ser admitido, mas bater-se para se defender ou salvar os seus, para manter o direito e a ordem, tornou-se legítimo, desde que todos os outros métodos estivessem esgotados.

Santo Agostinho foi, sem dúvida, o primeiro a elaborar uma teologia da guerra justa:

“São chamadas justas todas as guerras que vingam as injustiças, quando um povo e um Estado, a quem a guerra deve ser feita, descuro de punir os delitos dos seus ou de restituir o que foi roubado por meio dessas injustiças.” Escrevia também: “O soldado que mata o inimigo, tal como o juiz ou o carrasco que executam o criminoso, em meu entender, não pecam, porque, ao agirem assim, obedecem à lei.” Santo Agostinho dizia também: «Devemos querer a paz e fazer apenas a guerra por necessidade, porque não procuramos a paz para preparar a guerra, mas fazemos a guerra para obter a paz. Sede, pois, pacíficos, mesmo ao combaterdes, a fim de trazerdes, pela vitória, aqueles que combateis à felicidade da paz.»

Demurger assinala que, no século VIII, Santo Isidoro de Sevilha acrescentou, a esta definição, uma precisão capital: “É justa a guerra que é feita após advertência para recuperar bens ou para repelir inimigos.” Isto irá permitir

justificar as cruzadas, enquanto recuperação dos lugares santos. Era preciso, a todo o preço, mesmo que fosse o de uma guerra, manter na terra a ordem desejada por Deus. Recusar a violência teria tido como consequência um recuo do cristianismo e teria feito o jogo do demônio, entregando-lhe populações cujas almas se teriam perdido. A partir de então, passou-se rapidamente da noção de guerra justa à de guerra santa. Tratava-se de defender o único Deus verdadeiro e a fé do seu povo. O guerreiro batia-se por Cristo, defendendo o cristão contra o infiel. Devia até permitir que os povos pudessem receber o ensinamento da «verdadeira fé» e converter-se, uma vez destruído o poder dos seus antigos amos.

A guerra santa

A noção de guerra santa era, aliás, bem conhecida no Oriente. No entanto, continuava, em teoria, muito ligada espiritualmente à purificação interior, e isso tanto nas doutrinas essênias ou zoroastrianas como na jihad islâmica. A espiritualidade do monge e o papel do guerreiro haviam sido conciliados, tanto quanto possível, no islamismo, antes de o serem no cristianismo. Assim, os muçulmanos rabitas da Espanha, que levavam uma vida muito austera e faziam voto de defender as fronteiras contra os cavaleiros cristãos, preferiam morrer a recuar. E não é a única aproximação que pode fazer-se entre as concepções guerreiras no Oriente e no Ocidente. Vemos bem quais os desvios que a noção de guerra santa podia trazer, dado que fazia desaparecer a de guerra justa, defensiva.

Doravante, podia-se, em nome de Deus, levar a cabo guerras de conquista sob a única condição de que os territórios envolvidos fossem povoados por heréticos, pagãos ou infiéis. Esta concepção serviu para justificar, um pouco mais tarde, a cruzada contra os Albigenses. Não passou de uma maneira de os barões do norte rapinarem o Languedoc, sob o pretexto de uma guerra santa contra os cátaros, declarados heréticos. Foram, aliás, os monges de Cister que pregaram esta pseudo-cruzada, com o apoio de São Bernardo. Nota: Na verdade, esta cruzada começou cerca de cinquenta anos **depois** da morte de São Bernardo. Bernardo foi para o Languedoc, esperando trazer os heréticos de volta ao caminho reto. Encontrou diferentes recepções, caracterizadas, na maior parte das vezes, pela indiferença, e até enervamento, da população.

Por vezes, foi mesmo recebido à pedrada, o que tinha o condão de o exasperar ao ponto de se dirigir a Deus a fim de que este fizesse secar a região. Acontece que, tendo perdido toda a esperança de converter esses hereges obstinados, Bernardo pensou que só restava reduzi-los por meio da espada e do fogo das fogueiras. E foi um cisterciense que, segundo se diz, exclamou em Béziers, quando foi

levantada a questão de saber como se distinguiriam, na população, os cátaros dos bons católicos: «Matem-nos a todos, Deus reconhecerá os seus.»

Tudo isto ilustra os desvios possíveis de uma teologia da guerra. Todavia, será forçoso reconhecer que a Igreja não podia opor-se à luta contra a insegurança. Eram, pois, necessários homens armados para policiarem, para se oporem aos bandos inimigos, vindos para pilhar. Ora, dado que esses homens de armas, esses defensores, eram muitas vezes tentados a tornarem-se, por sua vez, saqueadores, violadores, era indispensável «moralizar» a função de soldado. *Talvez tenha muito bem sido desta ideia que nasceu a Cavalaria, com o seu código de honra que se julgava impedir os exageros. Aquele que era armado cavaleiro jurava bater-se apenas por causas justas.* Não se trata de uma ideia muito original, dado que já era aplicada no IRÃ, muito antes das cruzadas. Segundo Paul du Breuil, «os Persas tinham constituído uma instituição, a fotowwat – substantivo que significa, em sentido próprio, liberdade, generosidade, abnegação – que caracterizava bem uma espécie de confraria cujo grau de fato era conferido pelos sheiks, senhores ou mestres de sociedades iniciáticas».

Completo o seu arsenal de luta contra a violência impondo períodos de sossego. A introdução do sistema cavaleiresco permitiu à Igreja atalhar o mal.: as «tréguas de Deus». Multiplicou, por ocasião das festas religiosas, os períodos durante os quais qualquer combate era proibido. Devia fazer também que o cavaleiro não se desviasse do papel que lhe era atribuído. Para tal, possuía uma arma temível: a excomunhão e, para as faltas menos graves, a peregrinação penitencial. Eis o princípio geral de coexistência de uma sociedade religiosa e de uma sociedade guerreira. Mas estamos longe desse equilíbrio precário devido ao fato de se misturarem completamente as funções de monge e de guerreiro. Quando o braço que abençoa é o mesmo que mata, há razões para surgirem alguns problemas de consciência.

São Bernardo, sargento recrutador dos monges-guerreiros

Na época, alguns insurgiram-se contra a criação de uma ordem militar. Assim o testemunha a carta enviada a Hugues de Payns pelo prior da Grande Cartuxa, Guigues: “Não saberíamos, na verdade, exortar-vos às guerras materiais e aos combates visíveis; também não somos mais aptos para vos inflamar para as lutas doespírito, a nossa ocupação de cada dia, mas desejamos, pelo menos, alertar-vos paraque penseis nisso. Com efeito, é vão atacar os inimigos externos, se não dominamos, antes de mais nada, os inimigos do nosso próprio interior...” Nota: É precisamente esse o sentido da Jihad islâmica:

“Façamos, antes de mais, a nossa primeira e própria conquista, amigos muito caros, e poderemos em seguida combater com segurança os nossos inimigos de

fora. Purifiquemos as nossas almas dos seus vícios, e poderemos depois purgar a terra dos bárbaros. Porque não é contra adversários de carne e sangue que temos de lutar, mas contra os principados, os poderes, contra os que governam este mundo de trevas, contra os espíritos do mal que habitam os espaços celestes, isto é, contra os vícios e os seus instigadores, os demônios”.

Estas críticas chegarão, por vezes, a fazer duvidar os próprios Templários, e Hugues de Payns teve de lembrar, numa carta dirigida aos primeiros dentre eles, que se tratava de uma necessidade. Tentando dissipar as suas dúvidas, escrevia:

“Vede, irmãos, como o inimigo, sob o pretexto da piedade, se esforça por vos conduzir à armadilha do erro. Oh trombeta inimiga, quando te calará? Como é que o anjo de Satã se transforma em anjo de luz? Se o diabo aconselhasse a desejar as pompas do mundo, reconhecê-lo-íamos facilmente. Mas ele diz aos soldados de Cristo que deponham as armas, que deixem de fazer a guerra, que fujam do tumulto, que façam um qualquer recuo de modo que, apresentando uma falsa aparência de humildade, dissipa a verdadeira humildade. Com efeito, que é ser orgulhoso senão não obedecer ao que nos é ordenado por Deus? Tendo abanado deste modo os superiores, Satã volta-se para os inferiores, para os derrotar.”

“Por que razão”, diz ele, “trabalhais inutilmente? Por que razão despender em vão um tal esforço? Esses homens que servis obrigam-vos a participar no seu labor, mas não querem admitir-vos na participação da fraternidade (confraria). Quando vêm até aos soldados do Templo as saudações dos fiéis, quando são feitas orações no mundo inteiro pelos soldados do Templo, não se faz qualquer menção a vós, nenhuma lembrança. E quando quase todo o trabalho corporal vos incumbe, todo o fruto espiritual se repercute neles. Retirai-vos pois dessa sociedade e oferecei o sacrifício do vosso trabalho noutra local onde o zelo do vosso fervor seja manifesto e frutuoso.”

O GrãoMestre da Ordem dos Cavaleiros Templários respondia assim também às tentativas de provocar a deserção dos homens que serviam o Templo sem serem cavaleiros. Hugues de Payns compreendia bem onde se encontravam os pontos fracos da Ordem. Era preciso não deixar desenvolver-se a crítica, convinha responder-lhe antes de se estender e tornava-se urgente que uma personalidade da Igreja, incontestável, viesse em socorro dos Templários. Por três vezes pediu ao seu amigo Bernardo que desempenhasse esse papel de autoridade espiritual e defendesse a missão particular dos Templários. O santo homem de Clairvaux respondeu-lhe: “Por três vezes, salvo erro da minha parte, me pediste, meu muito caro Hugues, que escrevesse um sermão de exortação para ti e para os teus companheiros [...]. Disseste-me que seria para vós um verdadeiro conforto encorajar-vos por meio das minhas cartas, dado que vos não posso ajudar pelas

armas. E garantistes-me que seria muito útil se animasse, com as minhas palavras, aqueles que não posso ajudar pelas armas.”



E então Bernardo de Clairvaux redigiu o *De laude Novae Militiae*, verdadeira ferramenta de propaganda, crítica aos guerreiros tradicionais e apologia desta nova milícia de Deus que constituía a Ordem do Templo. Começou por criticar vigorosamente os homens de armas do seu tempo:

“Qual é, cavaleiro, esse inconcebível erro, essa inadmissível loucura que fazque despendas para a guerra tanto esforço e dinheiro e apenas recolhas frutos de morte ou de crime? “Embiocais os vossos cavalos de sedas e tapais as vossas cotas de malha com não sei quantos panos. Pintais as vossas lanças, os vossos escudos e as vossas selas, incrustais os vossos freios e os vossos estribos com ouro, prata e pedras preciosas. Vestis-vos com pompa para a morte e correis para a vossa perdição com uma fúria sem vergonha e uma insolência impudente. Esses ouropéis serão os arneses de um cavaleiro ou os atavios de uma mulher?”

“Ou então julgais que as armas dos vossos inimigos se desviam do ouro, pouparão as gemas, não furarão a seda? Por outro lado, demonstraram-nos amiúde que são necessárias três coisas principais na batalha: que um cavaleiro esteja alerta para se defender, seja rápido na sela e esteja pronto para o ataque. Mas, pelo contrário, penteais-vos como mulheres, o que dificulta a vossa visão; embaraçais os pés em camisas longas e largas e escondeis as vossas mãos delicadas dentro de mangas largas e de amplas aberturas. E, assim ataviados, bateis-vos pelas coisas mais vãs, tais como a cólera irracional, a sede de glória ou a cobiça dos bens temporais. Matar ou morrer por tais objetos não põe a alma em segurança.”

Que requisito! A esta guerra de rendas, fútil, Bernardo contrapunha a dos monges-soldados da Ordem do Templo. Punha a tônica na simplicidade dos seus costumes, no seu desinteresse e na sua caridade e explicava por que razão aqueles monges tinham o direito e, até, o dever de matar, o que constituía a santidade da sua missão:

“O cavaleiro de Cristo mata em consciência e morre tranquilo: ao morrer, obtém a sua salvação; ao matar, trabalha para Cristo. Sofrer ou dar a morte por Cristo não tem, por um lado, nada de criminoso e, por outro, merece uma imensidade de glória.” Sem dúvida que não seria necessário matar os pagãos, tal como os outros homens, se tivéssemos outro meio de deter as suas invasões e de os impedir de oprimir os fiéis. Mas, nas circunstâncias presentes, é melhor massacrá-los do que deixar a vara dos pecadores suspensa sobre a cabeça dos justos e deixar os justos expostos a cometerem também a iniquidade. Pois então? Se nunca fosse permitido a um cristão bater com a espada, o precursor de Cristo teria apenas recomendado aos soldados que se contentassem com o seu soldo?

Não lhes teria antes proibido o ofício das armas? Mas não é assim, pelo contrário.”

“Empunhar as armas é permitido, àqueles, pelo menos, que receberam a sua missão do altíssimo e que não fizeram profissão de uma vida mais perfeita. Existe alguém mais qualificado, pergunto-vos, do que esses cristãos cuja poderosa mão sustém (o Monte) Sião, a nossa praça-forte, para a defesa de todos nós, e para que, depois de expulsos os transgressores da lei divina, a nação santa, guardiã da verdade, a ela tenha um acesso seguro? Sim, que eles dispersem, têm esse direito, esses gentios que querem a guerra; que suprimam aqueles que nos perturbam; que ponham fora da cidade do Senhor todos esses obreiros de iniquidades que sonham pilhar ao povo cristão as suas inestimáveis riquezas encerradas em Jerusalém, conspurcar os Lugares Santos e apoderar-se do santuário de Deus!”

Depois de ter justificado o papel dos Templários, Bernardo quis mostrar que eram um escol, os melhores entre os homens, e participar assim na excelência do seu recrutamento:

“Agora, para dar aos nossos cavaleiros, que militam não para Deus mas para o diabo, um modelo a imitar, ou antes, para os inspirar e fazer sair da confusão, contarei em breves palavras o tipo de vida dos Cavaleiros de Cristo, o seu modo de se comportarem tanto na guerra como em suas casas. Quero que se veja claramente a diferença que existe entre os soldados seculares e os soldados de Deus. E, antes de mais, a disciplina não falta entre estes. Não têm desprezo pela obediência. Sob a ordem do chefe, vão, vêm; veste-se o hábito que ele dá e não se espera de outrem nem a roupa nem a alimentação. Tanto na vida como nas vestimentas, evita-se o supérfluo; reserva-se a atenção para o necessário.”

“É a vida em comum, levada na alegria e na mesura, sem mulheres nem filhos. E para que a perfeição angélica seja realizada, todos habitam na mesma casa, sem nada possuírem em particular, prestando atenção para manterem entre eles um único espírito de que a paz é o laço. Dir-se-ia que essa multidão tem apenas um corpo e uma alma, dado que cada um, em vez de seguir a sua vontade pessoal, se apressa tanto a seguir a do chefe. Nunca estão ociosos; não vão nem vêm por simples curiosidade; mas quando não estão em campanha (o que acontece raramente), para não comerem o seu pão sem o terem ganho, cosem as suas roupas rasgadas, reparam as suas armas [...]. Entre eles, não há preferências de pessoas; julga-se segundo o mérito e não de acordo com a nobreza [...]. Nunca uma palavra insolente, uma tarefa inútil, uma gargalhada excessiva, um murmúrio, por mais fraco que seja, ficam impunes”.

“Detestam o xadrez, os jogos de azar, têm horror à caça com galgos e a cavalo e nem sequer se divertem com a caça de altanaria, com que tantos se deleitam. Os númos, os que leem a sina, os jograis, as canções jocosas, as peças de teatro, são, a seus olhos, tão cheias de vaidade e de loucura, que se afastam delas e as abominam. Têm os cabelos curtos, porque sabem que, segundo as palavras do apóstolo, é vergonhoso para um homem cuidar da cabeleira. Nunca se penteiam e raramente tomam banho. É assim que são vistos, descuidados, hirsutos, negros de poeira, com a pele queimada pelo sol e tão bronzeada como a sua armadura.”

Que retrato, que forma de justificar esses homens e de os mostrar tão diferentes dos outros guerreiros! Não podemos dizer que Bernardo tente atrair recrutas prometendo-lhes facilidades, mas os homens de que o Templo necessita devem ser capazes de dar provas da mais total abnegação e de suportar uma vida rude entremeada de sofrimento. Bernardo procurava levar cada um a empenhar-se mais e, ao pregar a

segunda cruzada, em Vézelay, exclamava:

“A terra treme, é abalada porque o Deus do céu está em vias de perder a sua terra, a que é dele desde que viveu entre os homens durante mais de trinta anos [...]. Agora, por causa dos nossos pecados, os inimigos da cruz erguem de novo a sua cabeças acrílega e a sua espada despoeira essa terra bendita, essa terra prometida. E se ninguém resiste, pobres de nós, eles vão lançar-se sobre a própria cidade do DeusVivo, para destruírem os lugares onde se consumou a salvação, para macularem os Lugares Santos que o sangue do Cordeiro Imaculado purpurou. Dareis vós aos cães o que há de mais santo, aos porcos as pérolas preciosas? Mas, digo-vos, o Senhor oferece-vos uma oportunidade. Contempla os filhos dos homens para ver se, entre eles, haverá alguns que o compreendam, que o procurem e que sofram por ele.

“Deus tem piedade do seu povo; àqueles que sucumbiram aos erros mais graves, propõe uma forma de salvação. Pecadores, pensai nesse abismo de bondade, enchei-vos de confiança. Ele não quer a vossa morte, mas sim a vossa conversão, a vossa vida: arranja-vos uma possibilidade não contra vós mas por vós. Ousa chamar a servir, como se estivessem prenhes de justiça, homicidas e ladrões, perjuros e adúlteros, homens acusados de todos os tipos de crimes. Não será isso, da sua parte, uma invenção excêntrica e que só Ele podia encontrar?”

De qualquer modo, não foi mal pensado, da parte de São Bernardo. Que homem político! Com uma só cajadada matava dois coelhos, recrutando homens rudes para se baterem no Oriente e aliviando o Ocidente de uma parte das más reses que nele habitavam. Em certa medida, inventava a Legião Estrangeira e dava realmente uma oportunidade a esses homens para se regenerarem. No entanto, pelo menos nos primeiros tempos, a Ordem do Templo foi, quanto a ela, muito

seletiva no recrutamento e não aceitou as pessoas sem eira nem beira que se lhe ofereceram e, de qualquer modo, não as transformou em cavaleiros. Doravante, os Templários já tinham meios para fazerem a guerra, já estavam fixados. Na sua esteira, também se havia transformado a Ordem dos Hospitalários de São João de Jerusalém em ordem militar? Por que razão não mandaram fundir os nove ou dez templários dos tempos iniciais com os Hospitalários?

No entanto, teria sido a solução mais lógica em vez de organizar duas estruturas diferentes com as suas logísticas próprias. Mas, não o esqueçamos, o Templo tinha uma missão especial a assumir, depois das descobertas feitas em Jerusalém. A partir de então, não era possível misturar as duas ordens, dado que não prosseguiram objetivos estritamente idênticos. E como escreve Louis Lallement em *La Vocation de l'Occident*, a propósito dos Templários: “A Ordem do Templo, cujo manto branco ornado com uma cruz vermelha era das cores vermelhas de Galahad, constituía, no século XII, como que a armadura da própria cristandade.” Uma armadura que muitos, a partir de então, apenas pensaram em destruir.

CAPITULO IV

OS TEMPLÁRIOS, ESSES GRANDES SENHORES DE MANTOS BRANCOS – OS SEUS COSTUMES, OS SEUS RITOS, OS SEUS SEGREDOS.

Uma vez aprovada a Ordem e permitindo-lhe a sua regra assumir o seu papel duplo, religioso e militar, poderíamos considerar que estava adquirido o enquadramento jurídico favorável ao seu desenvolvimento. Condição necessária mas não suficiente porque os Templários tinham necessidade de uma logística poderosa. Precisavam, não só, de realizar recrutamentos importantes para formarem batalhões de monges-soldados na Terra Santa, mas também garantir a manutenção desses exércitos em operações.

Era necessário fornecer-lhes alimentação, armas, vestuário, equipamentos, armas, cavalos, *etc.* As necessidades em breve iriam tornar-se colossais. Imaginamos mal, hoje em dia, como os Templários conseguiram fazer-lhes frente. Por vezes, houve que manter até quinze mil «lanças» na Palestina e uma lança significa um cavaleiro com o seu séquito completo: escudeiro, sargento de armas. Essas quinze mil lanças representam, na verdade, entre sessenta e cem mil homens. A isso há que acrescentar a intendência: todos os irmãos conversos encarregados dos abastecimentos, manutenção, reparações e alojamentos.

Pensemos que, a fim de ter sempre à disposição uma montada fresca, cada cavaleiro possuía três cavalos enquanto mais dois eram atribuídos a cada um dos seus sargentos. Em redor desta tropa gravitavam também os capelães do Templo e os operários encarregados das construções e da sua manutenção. Não esqueçamos que os Templários construíram e defenderam imensas fortalezas na Palestina e que asseguraram também a guarda de inúmeras praças-fortes em Espanha. Logo, era absolutamente necessário garantir as retaguardas da Ordem e financiar o esforço de guerra a partir do Ocidente.

Depender de uma corrente contínua de donativos teria sido muito arriscado e, de qualquer modo, insuficiente. Essas dádivas eram perfeitamente necessárias, mas, a utilização dos seus produtos devia ser racionalizada e maximizada. Convinha, é claro, provocar um verdadeiro ímpeto de simpatia e de generosidade para com o Templo e torná-lo o mais duradouro possível. Depois, seria necessário gerir por forma a multiplicar a eficácia do financiamento.

O PEDITÓRIO

No que se refere à primeira fase, a propaganda organizada por São Bernardo viria a revelar-se eficaz: os que se não alistassem nas fileiras da Ordem sentir-se-

iam amiúde obrigados a doar para participarem nesse ímpeto. A verdadeira «digressão» que Hugues de Payns e os seus companheiros fizeram depois do concílio de Troyes permitiu acionar o sistema. Tinha, é claro, o duplo objetivo do recrutamento e da coleta de dádivas. Hugues de Payns começou pelas regiões onde tinha a certeza de ser bem recebido: a Champagne, em primeiro lugar, como é lógico, e, em seguida, Anjou e o Maine. Conhecia bem Foulques V de Anjou, que participara na primeira cruzada e mantinha uma centena de homens de armas na Terra Santa. Já estava conquistado para a causa dos Templários.

O que é mais, Hugues de Payns fora encarregado, junto dele, de uma missão muito agradável, dado que era portador de uma carta de Balduino, rei de Jerusalém. Este, que não tinha herdeiro homem, desejava ver Foulques casar com a sua filha, Mélisande, e suceder-lhe no trono de Jerusalém. Foulques aceitou e ajudou a facilitar a digressão de Hugues de Payns junto dos seus vassalos. Hugues continuou o seu périplo passando pelo Poitou e pela Normandia.

Aí, encontrou o rei Henrique I de Inglaterra que o aconselhou a transpor o Canal da Mancha. O primeiro Mestre da Ordem, com a recomendação no bolso, dirigiu-se então à Grã-Bretanha e chegou, inclusive, à Escócia. Foi bem recebido em toda a parte e acumulou dádivas e presentes diversos. O ouro e prata recolhidos foram rapidamente expedidos para Jerusalém, enquanto Hugues continuava a sua digressão, passando pela região de Flandres, para a concluir no seu ponto de partida: a Champagne.

Nesse momento, uma pequena hoste já se formara em seu redor, ao longo das etapas, pronta para embarcar para o Oriente. Durante esse tempo, os seus companheiros da primeira hora não tinham ficado inativos. Também eles haviam recrutado, tendo-se cada um deslocado ao local onde tinha a certeza de ser melhor recebido: Godefroy de Saint-Omer, em Flandres, Payen de Montdidier, no Beauvaisis e na Picardia, Hugues Rigaud, no Delfinado, na Provença e no Languedoque, outro fora a Espanha.



Assim, em 1129, os habitantes dos vales do Ródano puderam ver passar uma tropa comandada por Hugues de Payns e Foulques de Anjou, com destino à Terra Santa. Em muito pouco tempo, o Mestre do Templo conseguira recrutar trezentos cavaleiros, sem contar os escudeiros e os sargentos que os

acompanhavam. A digressão de propaganda fora um verdadeiro êxito e as dádivas começavam a afluir de todos os lados. Durante décadas, o movimento em prol do Templo não iria deixar de crescer. No Ocidente, já se criavam casas da Ordem, que tinham como dever não só assegurar a intendência, mas também, continuar a propaganda com o fito de atraírem novos recrutas e doações. Se olharmos bem, o progresso da Ordem do Templo parece fantástico, quase inexplicável na sua magnitude.

TUDO SE DOA

As primeiras doações foram, é claro, as dos primeiros Templários, dado que a sua regra os proibia de terem propriedade privada. Foi, portanto, o caso dos bens de Hugues de Payns, de Godefroy de Saint-Omer, em Ypres, na Flandres, dos de Payen de Montdidier, em Fontaines, *etc.* Mas houve também bens e direitos oferecidos por particulares: casas, terras, armas, objetos diversos, dinheiro, roupas, «taxas»... Havia até quem doasse a sua própria pessoa à Ordem do Templo em troca de uma vantagem espiritual. Bernard Sesmon de Bézu foi um curioso exemplo disso.

Ele doou a sua própria pessoa a fim de que os Templários o ajudassem a salvar a sua alma e o acolhessem na sua Ordem quando a sua morte estivesse próxima, fazendo-o assim participar in extremis no seu empenho e nos benefícios celestes que daí pudessem resultar. Precisava: “E se a morte viesse surpreender-me enquanto estou ocupado no século, que os irmãos me recebam e que, num local oportuno, inumem o meu corpo e me façam participar das suas graças e benefícios.” Em contrapartida, fazia dos Templários seus herdeiros. Além destes aspectos testamentários, viu-se também pessoas venderem os seus bens à Ordem em renda vitalícia.

Outros cediam direitos diversos ou locais particulares, como a levada de um riacho para que os Templários pudessem construir lá um moinho. Quanto a Roger de Béziers, foi muito generoso. Doou: “[...] o seu domínio chamado Champagne, situado no condado de Razès, nas margens do rio Aude, que o divide ao meio [...] com todos os seus habitantes, homens, mulheres e crianças, as suas casas, foros, usufrutos, as suas terras isentas de foros e terras aráveis, os seus prados, pastagens, terrenos baldios, as suas culturas e terrenos incultos, as suas águas e aquedutos, com todos os moinhos e direitos de moinho, as pescarias com entradas e saídas.”

Isto sem contrapartida alguma, visto que afirmava: “Os irmãos do Templo não me deverão, sobre o seu domínio, nem rendimentos, nem vínculos pessoais, nem direito de portagem e de passagem.” Algumas dádivas foram nitidamente mais modestas, como a daquele camponês que se compromete a fornecer, todos os

anos pela Páscoa, dez ovos à casa do Templo próxima do local onde habita. Os que doavam eram amiúde desinteressados ou esperavam do seu ato um benefício quanto à remissão dos seus pecados. Mas outros tratavam isto como negócios. As suas doações eram realizadas então contra determinadas liberalidades por parte da Ordem e, muitas vezes, a garantia de esta os proteger, a eles e aos seus interesses, garantia muito apreciável naqueles tempos de insegurança.

De qualquer modo, foi tudo muito depressa. Os bens multiplicaram-se rapidamente. Assim, a casa dos Templários de Douzens, no Aude, não recebeu menos de dezesseis doações importantes, em cinco anos. Na Flandres, o entusiasmo foi fulgurante: em alguns dias, foram instaladas quatro comendas, em Ypres, Cassel, Saint-Omer e Bas-Wameton. A partir daí, toda a região foi percorrida de imediato, o conde Guillaume Clito concedeu-lhes as sisas (impostos) das Flandres, isto é, os foros devidos por cada herdeiro quando entrava na posse do seu feudo. No Languedoque, fora organizada uma reunião pública na catedral de Toulouse para dar a conhecer a Ordem. O efeito imediato foi, é claro, um peditório substancial, mas seguiram-se-lhe inúmeras doações, tanto no Languedoque como no Roussillon.



Esta região deu, aliás, um bom exemplo da extensão contínua da Ordem. Em 1130, os Templários receberam um imóvel em Perpignan. Transformaram o local em fortaleza, com uma igreja fortificada. Em 1136 e 1137, foram-lhes doadas casas, campinas, terras cultiváveis, vinhas e os homens que nelas trabalhavam. Aconteceu o mesmo em 1138 e 1140. Sabemos menos bem o que se passou nos anos seguintes mas, em 1149, Gaufred, conde de Roussillon, doou o Mas da Garrigue du Pont-Couvert-sur-Réart que foi transformado em recebedoria. Em 1157, os Templários viram transferidos para si diversos direitos. Em 1170, o conde Guinard doou-lhes o castelo do Mas-Pal, junto do qual criaram a aldeia de Bompas.

Em 1176, outras terras vieram juntar-se a todas estas propriedades. Em 1180, começaram a secar um conjunto de pântanos que haviam acabado de lhes serem doados. Dez anos mais tarde, os Templários tornaram-se proprietários de todos os terrenos planos situados a oeste de Perpignan. Em 1207, o rei de Aragão concedeu-lhes terras que tinha no Roussillon e, em 1208, o bispo de Elne atribuiu-lhes a igreja da cidade com os seus rendimentos. Ocorreram novas doações de terras e de direitos em 1214, 1215 e 1217. Em 1237, na sequência de novas doações, a comendadoria geral do Roussillon foi instalada no Mas-Deu, entre Trouillas e Villemolagne. Isto mostra a regularidade das doações durante um século.

Na verdade, neste lapso de tempo, o Templo recebeu, nesta região, muitas outras terras mas não as citamos, dado que nem sempre conhecemos as datas precisas. O movimento de generosidade que se exerceu em prol da Ordem do Templo adquiriu proporções especialmente importantes na França. No entanto, outros países participaram nesta construção. Para esquematizar, poderíamos dizer toda a Europa. Mesmo assim, alguns foram mais longe do que outros. Isso foi especialmente verdade nos reinos da Península Ibérica. Logo em Maio de 1128, a Rainha D. Teresa, de Portugal, dera aos Templários o castelo de Soure, ponto de resistência aos sarracenos. Não esqueçamos que os árabes da dinastia dos Almorávidas ainda ocupavam, nessa época, metade da Península Ibérica.

Em 1130, a entrada de Raimundo III de Barcelona para a Ordem, trazendo com ele o castelo de Oranera, foi o ponto de partida de uma vaga de recrutamento, de doações de fortalezas e dinheiro. Quanto ao rei Afonso de Castela e Aragão, quis inclusive doar, por testamento, um terço do seu reino aos Templários. Elevaram-se protestos e o testamento acabou por ser anulado, mas a Ordem foi indenizada, apesar de tudo, com a atribuição das fortalezas de Curbin, Montjoye, Calamera, Monzon e Remolina. Por vezes, algumas praças-fortes só lhes foram atribuídas

em troca de alguns esforços. Foi assim que D. Afonso de Portugal lhes concedeu a de Ceira e toda a região que a rodeava, com a condição de expulsarem os sarracenos que a ocupavam.

Eles fizeram-no e aproveitaram para fundar as cidades de Coimbra, Ega e Ródão. Perante o seu poderio crescente, as pequenas ordens militares que haviam sido fundadas em Castela e em Aragão, como a Ordem de Montreal, fundiram-se com a do Templo, trazendo consigo os seus bens. Assim, com bastante rapidez, a Ordem do Templo encontrou-se solidamente implantada na França, Espanha, Portugal, Inglaterra, Alemanha, Bélgica e, depois, na Armênia, Itália e em Chipre, sem esquecer a Terra Santa.

A ORGANIZAÇÃO DAS COMENDAS

Todas estas doações provocaram muitas invejas. Vimos que o testamento do rei de Aragão foi contestado; aqui e ali, alguns particulares consideraram-se lesados, inclusive algumas ordens religiosas protestaram porque, à medida que aumentava o entusiasmo em relação ao Templo, viam rarefazer-se as dádivas de que eram alvo. Por uma espécie de equilíbrio misterioso inerente à natureza humana, quantos mais amigos tinham os Templários mais suscitavam invejas e inimizades. Inúmeras vezes, os bispos e até a Santa Sé tiveram de intervir para dirimir litígios. Assim, no caso da capela de Obstal, os Templários tinham obtido que as esmolas dadas nesse local, durante os três dias das Rogações e os cinco seguintes, pertencessem à Ordem, beneficiando delas, durante o resto do ano, os cônegos de Saint-Martin d'Ypres.

Foi necessária a intervenção do arcebispo de Reims e dos bispos de Chartres, Soissons, Laon, Arras, Mons e Châlons e até mesmo uma confirmação pontifícia para tornar possível essa disposição. Fosse como fosse, a quantidade e diversidade destas ofertas em breve exigiu, dos Templários, uma aptidão muito especial para a gestão e a organização. Escolheram para célula de base do seu desenvolvimento as comendas. Na verdade, se a sua criação dependeu, na maior parte das vezes, do acaso e se realizou em função das oportunidades, o seu desenvolvimento correspondeu a critérios racionais. A organização dessas comendas ocidentais foi, em todos os aspectos, notável. Elas reuniram, segundo as regiões, culturas, prados, vinhas, fontes, ribeiros, lagos, construções diversas, rendas, direitos.

Sempre que lhes foi possível, os Templários procuraram realizar uma cobertura eficaz das regiões onde estavam bem implantados. Procuraram também colocar a mão em determinados locais famosos por terem albergado cultos antigos e que se julgava possuírem poderes especiais. Tão frequentemente quanto podiam, dado que tinham os pés perfeitamente assentes em terra, tentaram também

garantir rendimentos regulares, em substituição dos aleatórios. Sempre que lhes foi possível, converteram os direitos e percentagens que haviam recebido em taxas fixas. É verdade que, cada dia, a manutenção do seu exército do Oriente lhes custava extremamente caro e devia ser assegurada, a qualquer preço.

Foi também por isso que criaram, um pouco por todo o lado, silos de armazenamento, comprando e armazenando cereais nos anos de grande produção e revendendo-os, mais caro, certamente, mas a um preço que continuava a ser bastante razoável, quando a colheita era má. Resultado: benefícios confortáveis para a Ordem, mas também uma **ausência total de fome nas regiões em que estava implantada** – e isso durante os dois séculos da sua existência. Para racionalizar a exploração das suas terras e direitos e maximizar o rendimento deles, o Templo não podia satisfazer-se com as doações que lhe eram feitas. Gerir terras dispersas não teria sido muito prático nem muito econômico. A Ordem inventou, portanto, a reconstrução.

Completo as suas propriedades mediante uma política de compras e permutas, procurando formar conjuntos coerentes para a exploração. Se havia direitos detidos por terceiros sobre as terras ou os bens que lhes haviam sido concedidos, tentava sempre comprar esses direitos, de modo a possuir um máximo de bens livres de quaisquer encargos. Quanto às terras mais isoladas ou menos interessantes que não se integravam no seio de uma exploração racional, não hesitava em livrar-se delas, quer trocando-as, quer cedendo a sua gestão. O objetivo era sempre, numa primeira fase, permitir à comendadoria viver em auto-subsistência e, em seguida, libertar o máximo de excedentes possível de modo a financiar o esforço de guerra no Oriente.

O poderio da Ordem inquietava várias personalidades e não era raro tentarem dissuadir as pessoas de doarem os seus bens ao Templo. Os monges-soldados não hesitavam, para atingirem os seus fins, em recorrer à artimanha. Utilizavam intermediários, verdadeiros testas de ferro, para comprarem os bens que cobiçavam que, em seguida, lhes eram revendidos. Na verdade, os Templários não eram os únicos que praticavam uma verdadeira política fundiária. Os seus amigos cistercienses eram um bocado parecidos com eles nessa matéria, mas procediam de forma menos sistemática. Desde o início que os Templários haviam tido consciência da importância das trocas comerciais para o desenvolvimento econômico.

A utilização destes termos pode parecer curiosa porque pertencem a um vocabulário moderno. No entanto, apesar das diferenças de épocas, são adequados, na medida em que a Ordem do Templo se comportou exatamente do mesmo modo que **as multinacionais atuais**. O recrutamento fora rápido, mas todos quantos se desejavam alistar nem sempre eram talhados para se

converterem em soldados de elite. Havia, entre eles, burgueses e camponeses que raramente eram feitos cavaleiros e, depois, havia também que «reciclar» os feridos que já não mais podiam combater. Na maior parte das vezes, eram adstritos às comendas ocidentais onde se utilizavam, da melhor forma, os conhecimentos e competências de cada um deles. Encarregaram-se das plantações, da preparação dos solos férteis, do comércio. Havia poucos homens de armas nessas comendas, na maior parte das vezes, dois ou três cavaleiros e alguns sargentos, encarregados sobretudo do policiamento, isto é, da proteção das casas do Templo e das rotas utilizadas para o seu comércio.

Para além do Mestre e de alguns cavaleiros, a comendadoria abrigava geralmente um esmoler, um enfermeiro, um ecônomo, um recebedor dos direitos devidos ao Templo, alguns artesãos «irmãos de mestres», dirigidos por um «alveitar», um irmão responsável pela venda dos produtos, um capelão e um clérigo mais especialmente encarregado do correio e do equivalente aos atos notariais atuais. Juntavam-se lhes criados e artesãos laicos que constituíam a «mesnada», a «gens» do Templo. Esta criadagem era bastante numerosa. Assim, em Baugy, no Calvados, compreendia um pastor, um vaqueiro, um porqueiro, um guardador dos frangos, um encarregado das florestas, dois porteiros e seis operários. É claro que a composição destes grupos dependia das explorações e da importância das terras possuídas porque, muitas vezes, os Templários tinham para gerir superfícies tão grandes como meia província, com quintas disseminadas, vilas fortificadas, múltiplas capelas para guarnecer, *etc.*

Na administração dos bens da Ordem, o ecônomo ou recebedor podia ser secundado por um tenente ou por um celeireiro. Os Templários sabiam empregar métodos racionais, mas isso não os impedia de se mostrarem pragmáticos e de se adaptarem aos hábitos locais. Isso era tanto mais necessário quanto empregavam uma mão-de-obra radicada no local: vilões ou servos. Estes últimos pertenciam-lhes muitas vezes, em consequência de doações ou heranças. Se alguns desses servos foram alforriados pelos Templários, tal não se deveu a razões humanitárias. Com efeito, os irmãos da Ordem possuíram inclusive escravos sem terem problemas de consciência. Acontecia comprarem-nos e venderem-nos. Tratava-se, geralmente, de prisioneiros mouros.

Em Aragão, cada comendadoria utilizava, em média, duas dezenas de escravos. Com efeito, os Templários submetiam-se às regras da região, sabendo muito bem que uma política demasiado liberal de alforria, por exemplo, poderia afastar deles uma nobreza que não teria desejado segui-los nesse campo e teria receado a expansão dessas medidas. Só utilizavam, portanto, os vilões naqueles locais onde isso não levantava qualquer problema mas, quando as condições se prestavam a tal, não hesitavam em alforriar os seus servos, porque se tinham

dado conta de que os homens livres produziam nitidamente mais do que os outros. Amiúde, ensinavam aos seus camponeses novos métodos de exploração e, não querendo perder esse investimento em formação, como diriam os economistas modernos, obrigavam-nos por vezes a assinar contratos que os obrigavam a investir na exploração mediante obras de benfeitoria.

A partir de então, o vilão não se sentia tentado a ir-se embora, dado que pretendia recuperar os frutos dos seus esforços. Por este meio, o Templo estabilizava o seu pessoal e, ao mesmo tempo, organizava um sistema de investimento permanente que foi uma fonte importante de progresso para a agricultura europeia da época. Aos camponeses menos afortunados confiavam terras por arrendamento ou locação. Por vezes, nas regiões insuficientemente povoadas, deparavam-se-lhes dificuldades para assegurar a exploração das propriedades. Então, tinham de atrair cultivadores oferecendo-lhes vantagens especiais. Isso foi particularmente verdade na Península Ibérica, em relação às terras tomadas aos árabes. Chegaram mesmo a recorrer a muçulmanos para cultivarem e valorizarem as suas propriedades, mediante determinadas condições de submissão.

Assim, em Villastar, na fronteira do reino de Valência, pediram aos sarracenos expulsos pela reconquista cristã que regressassem. Para tal, em 1267, concederam-lhes um foral em que lhes garantiam o direito de praticarem o seu culto, os isentavam de rendas e foros (impostos) durante um determinado período de tempo, exigiam deles uma estrita neutralidade militar e pediam-lhes que jurassem fidelidade à Ordem do Templo. Que exemplo de política realista numa época que julgamos, por vezes, integralmente submetida a um ideal religioso! As comendas foram, realmente, centros de produção importantes e exemplos recolhidos no Sul e no Norte de França mostram-no bem.

Em Richerenches, na Provence, a generosidade de numerosas famílias da região permitira aos Templários possuírem um imenso domínio. Várias centenas de pessoas foram contratadas para desmatar o solo, secar as zonas pantanosas. Depois, criaram-se, nessas terras, milhares de cavalos e carneiros que viviam quase livres em imensas superfícies rodeadas por muros de pedras. A lã dos carneiros permitia a confecção de roupas que, depois, eram exportadas. As peles serviam para fabricar sacos, proteções, arreios. A carne dos carneiros era salgada ou defumada para ser conservada e enviada, nomeadamente, para a Terra Santa. A própria comendadoria estava instalada num quadrilátero com 74 m a norte, 81 m a sul, 58 m a leste e 55 m a oeste, rodeada por muralhas e torres. No interior, para além da comendadoria propriamente dita, encontravam-se uma capela e as oficinas onde se desenvolvia um artesanato que não tinha como única finalidade a satisfação das necessidades locais.

Os Templários de Richerenches tinham arranjado também os ribeiros e lagos próximos, o que lhes havia permitido ampliar as suas pastagens e entregarem-se à piscicultura. Apreciadores de peixes e, muitas vezes, também da boa mesa, estes monges-soldados deixaram-nos até receitas de cozinha. É o caso desta, conservada numa crônica: “Uma bela solha de cinco a seis libras, esvaziada das entranhas, abundantemente lavada em água envinagrada, é recheada com tomilho, salva, louro, trufas e azeite. Cozinhada em forno muito quente durante uma hora, arrefecida no parapeito da janela e envolvida em gelatina, é cortada em fatias, como um patê...”

A COMENDA, POTÊNCIA ECONÔMICA E COMERCIAL

Já vimos que, para além da exploração agrícola, os Templários se faziam pagar pelos serviços, como os moinhos que afetavam e cuja utilização estava sujeita a foros. Era, aliás, um dos pecadilhos dos seus amigos cistercienses cujos mosteiros borguinhões, no século XIII, possuíam cada um, em média, uma dezena de moinhos. Azenhas (moinhos movidos pela força da água de um riacho), na maior parte dos casos, mas também moinhos de vento, serviam, é claro, para a moagem de cereais, o esmagamento das azeitonas e do miolo das nozes para a extração de óleo, mas também para tarefas artesanais e semi-industriais como o pisoar dos tecidos de lã. Por vezes, os Templários associavam tanarias aos seus moinhos ou aproveitavam-nos para criarem verdadeiras redes de irrigação.

Os outros agricultores podiam beneficiar-se delas, a troco de foros. Os Templários possuíam também fornos, mas é preciso notar que os direitos que obrigavam a pagar pela sua utilização eram geralmente menos elevados do que os dos outros proprietários, o que atraía para eles uma clientela fiel e lhes valia algumas inimizades entre os concorrentes. Os Templários recebiam ainda outros direitos. Para além dos dízimos, que já referimos, retiravam rendimentos das casas que arrendavam, bem como de lojas. Detinham, por vezes, os direitos sobre o conjunto das vendas nas feiras, nomeadamente em Provins, como lembra Bruno Lafille: “Não se vende, em Provins, nenhum novelo de lã, nenhuma meada de fio, nenhum colchão de penas, almofada, veículo ou roda sem que os Templários recolham um imposto sobre o preço de venda.”

Com efeito, o conde Henrique cedera-lhes, contra dez marcos e meio de prata, o imposto de lugar recebido quando das feiras. Em 1214, adquiriram também o imposto de lugar sobre os animais destinados ao matadouro. Recebiam, por fim, um direito sobre a pesagem das leis. A pedra de peso que servia de padrão de pesagem na cidade de Provins foi-lhes confiada e montaram dois estabelecimentos de pesagem: um, em Sainte-Croix, na cidade baixa, e outro em

La Madeleine, na cidade alta. É difícil imaginar a riqueza que tudo isso representava na época. Em 1307, quando foi feito o inventário da casa dos Templários de Baugy, que era apenas um estabelecimento muito secundário e modesto, encontraram-se nada menos que: 14 vacas, 5 vacas leiteiras, 1 bezerro, 7 vitelas, 200 bois adultos, 100 carneiros, 180 ovelhas e cordeiros, 98 porcos e marrãs, 8 jumentos, 8 potros de mais de um ano, 4 potros de leite, 6 cavalos, tonéis de vinho e cerveja, silos cheios de trigo, frumento, aveia, celeiros cheios de feno e erva, três belas charruas e inúmeras alfaias para arar.

A riqueza agrícola das comendas devia-se, em grande parte, às extraordinárias qualidades de gestores dos Templários. Punha-os à frente daquilo a que poderíamos chamar um verdadeiro império financeiro, tanto mais que souberam também ser banqueiros, como veremos mais à frente. Mas utilizaram também a sua experiência para fazer progredir as técnicas da época. Nomeadamente, melhoraram as técnicas de armazenamento de grãos em silos, o que permitiu evitar, durante a existência da Ordem, todas as fomes. Estas reapareceram depois da extinção do Templo.

Em todo o caso, esta riqueza, legítima aos olhos de alguns, gerou todas as lendas escritas e faladas de tesouros escondidos nos locais das antigas comendas do Templo. É certo que só se empresta aos ricos, mas não esqueçamos que uma grande parte dessa riqueza era investida e que os excedentes serviam essencialmente para financiar o esforço de guerra no Oriente. Mesmo assim, todos têm o direito de sonhar ao descobrir esses subterrâneos de que as comendas eram, amiúde, dotadas. Louis Charpentier pensa que a sua entrada pode ser detectada em lugares, que, geralmente, têm nomes como Épine, Épinay, Pinay, Épinac, Belle-Épine, Courbe, Épine, *etc.*

Esses subterrâneos são, muitas vezes, difíceis de se encontrar, hoje em dia. Em parte soterrados ou inundados, o solo revolto nem sempre permite encontrar os seus vestígios. Mesmo assim, conseguiu-se desenterrar alguns, como em Dormelle, no Seine-et-Marne. Encontrou-se lá uma bela galeria com abóbada de berço, suficientemente grande para que três cavaleiros pudessem cavalgar nela, lado a lado. Dirigia-se para a comenda de Paley, situada a nove quilômetros. E por certo haverá outras mais sob o solo de França. Mas veremos um pouco mais à frente que, se os túneis subterrâneos existem mesmo e estão por vezes ligados a mistérios, não é apenas através das «épines» que podemos descobri-los, mas antes através de outras chaves, que são as de São Pedro.

Tomo III

A Maçonaria Continental Ocultista



Investigar a expansão da maçonaria, desde as ilhas Britânicas ao continente, e o seu progresso na Europa é um processo complicado, que é dificultado tanto pelo desejo da moderna maçonaria «oficial» de se dissociar das suas origens esotéricas (de fato, da sua origem TEMPLÁRIA) como pela relutância dos historiadores em encarar o assunto a sério.

As primeiras lojas maçônicas francesas oficialmente reconhecidas foram fundadas a partir de 1720, sob o controle da Grande Loja da Inglaterra. Contudo, nessa altura, já existiam lojas na França, que deviam as suas origens aos apoiantes (predominantemente escoceses) de Carlos I, que fugira para França em 1650.

A história da maçonaria francesa tem duas correntes distintas, a que descende de lojas inglesas (que fundou a sua Grande Loja de Paris em 1735) e a que descende das lojas escocesas, com períodos de mútua hostilidade, alternando com tentativas de conciliação. A fundação da Grande Loja da França, em 1735, representou uma ruptura com a Grande Loja Inglesa, sendo a fonte de atrito precisamente as objeções de Londres às «suas» lojas que mantinham boas relações com as lojas escocesas.

A maçonaria escocesa parecia ter estado mais próxima do caráter original da maçonaria como sociedade secreta ocultista, ao passo que, na Inglaterra, ela se transformara numa associação de solidariedade e progresso ou, na melhor das hipóteses, numa sociedade filosófica. Certamente, a maçonaria escocesa sempre teve um caráter **acentuadamente ocultista**.

A criação da Estrita Observância Templária, pelo barão Von Hund, nos meados do século XVIII, representou um progresso no seio da maçonaria escocesa. Von Hund afirmava que a sua autoridade advinha de membros dos apoiantes de Stuart exilados em Paris, um círculo centrado em Charles Edward Stuart (1720-1788), o Jovem Pretendente. Se é verdade – e a recente pesquisa tende a apoiar as suas reivindicações –, o seu sistema derivava dos mesmos círculos que o sistema escocês já existente.

Embora Von Hund fosse iniciado em Paris e começasse a promover o seu sistema na França, a Estrita Observância teve o seu maior sucesso inicial na sua Alemanha natal, onde, de início, foi conhecida por Irmãos de S. João Batista. (O título «Estrita Observância Templária» só foi adotado em 1764, sendo o sistema anterior chamado simplesmente «Maçonaria Retificada».) Von Hund criou a

primeira loja alemã, a «Loja dos Três Pilares», em Kittlitz, a 24 de Junho (dia de João Batista) de 1751. As lojas alemãs tinham estreitas ligações com as sociedades rosacruzes, particularmente a Ordem da Cruz Ouro e Rosa.

Na França, uma autoridade rival da Grande Loja, o Grande Oriente, foi criada em 1773. O principal ponto de discórdia entre os dois sistemas era o envolvimento de mulheres na maçonaria – o Grande Oriente incluía lojas exclusivamente femininas. Contudo, o Grande Oriente estava mergulhado em grande agitação devido ao que foi tomado como uma tentativa da Estrita Observância Templária para o dominar. A resistência foi, em parte, devido ao nacionalismo, porque ele era considerado um sistema estrangeiro, alemão.

Em consequência, um novo sistema «escocês», o Antigo e Reconhecido Rito Escocês (que, subsequentemente se iria tornar muito popular nos EUA), foi criado em 1804. (Para tornar o caso ainda mais confuso, existe hoje uma Grande Loja Nacional francesa – distinta da Grande Loja de França – a qual, embora represente uma minoria de lojas, está aliada à Grande Loja Inglesa.) Martinès de Pasqually (1727-1779) fundou outra forma de maçonaria ocultista, a Ordem dos Eleitos Cohens, em 1761. Muito pouco se conhece sobre os antecedentes de Pasqually, embora, provavelmente, ele fosse espanhol.

Alguns investigadores pensam que Pasqually estava ligado à ordem dominicana da igreja romana – a antiga Inquisição – e que podia consultar o material herético e mágico dos arquivos da ordem. Também conseguiu apresentar, para a Grande Loja da França, uma licença concedida a seu pai por Charles Edward Stuart, a qual o liga à maçonaria escocesa que apoiou o barão Von Hund.

O secretário de Pasqually era Louis-Claude de Saint-Martin, um importante e influente filósofo ocultista, que era conhecido como o «Filósofo Desconhecido». Saint-Martin formou um novo sistema de maçonaria escocesa, o Rito Escocês Reformado, que se uniu ao ramo francês da Estrita Observância Templária na Convenção de Lyons de 1778, uma reunião de maçônicos do Rito Escocês, que também incluía representantes da maçonaria suíça.

A principal força impulsionadora do encontro de Lyons foi Jean Batiste Willermoz (1730-1824), que foi também membro dos Eleitos Cohens. Na reunião, a Estrita Observância Templária de Von Hund e o Rito Escocês Reformado de Saint-Martin uniram-se, sob o nome de Rito Escocês Retificado. (A filosofia de Saint-Martin – martinismo – foi uma influência importante no renascimento ocultista francês do final do século XIX, especialmente nos grupos «rosacruzes», discutidos no Capítulo VII, e as ligações entre as ordens

martinistas e o Rito Escocês Retificado mantêm-se estreitas até hoje.)

A Estrita Observância Templária foi abolida na Convenção de Wilhelmsbad de 1782, embora o sistema do Rito Escocês Retificado (que era essencialmente a Estrita Observância sob um novo nome, com a adição de certas crenças martinistas) fosse declarado legítimo.

A Estrita Observância Templária continuou a exercer a sua influência sobre outra forma de maçonaria «ocultista», os ritos egípcios, que foram criados pelo Conde Cagliostro (consultar o Capítulo VII). Depois da sua admissão numa loja (Esperance 369) da Estrita Observância Templária de Londres, em 1777, Cagliostro criou o seu próprio sistema que incluía ideias alquímicas e outras que aprendera com os grupos ocultistas alemães. Criou a «loja-mãe» do Rito Egípcio em Lyons, em 1782. A característica distintiva deste sistema – além do seu uso de antigo simbolismo egípcio – era **a igualdade** do papel **das mulheres**.

A data da fundação deste sistema é também importante. Os céticos atribuem a fundação da maçonaria do Rito Egípcio à voga europeia de todas as coisas egípcias, que se seguiu à campanha de Napoleão no Egito (durante a qual foi descoberta a famosa Pedra da Roseta que decifrou os hieróglifos). Contudo, esta voga ocorreu nos anos 1789-1799, por instigação do sistema maçônico.

O Rito de Misraïm foi criado em Veneza, em 1788, ao abrigo de uma licença concedida por Cagliostro. Este rito foi introduzido na França em 1810, por três irmãos da Provença – Michael, Joseph e Marcus Bedarride. Estes fundaram um grande capítulo em Paris e negociaram a adesão ao Grande Oriente. Também estabeleceram ligações com o Rito Escocês Retificado – o reconhecimento das origens comuns dos dois sistemas na Estrita Observância Templária. Os quatro graus mais elevados do Rito de Misraïm eram chamados os Arcana Arcanorum.

Outro importante rito egípcio era o de Mênfis, criado em Montauban, em 1838, por Jacques-Étienne Marconis de Nègre (1795-1865), antigo membro do Rito de Misraïm. Este sistema tinha também estreitas ligações com o Rito Escocês Retificado. Em 1899, os Ritos de Mênfis e de Misraïm foram associados por Gérard Encausse (Papus), que já tinha fundado e dirigido a ordem martinista (consultar o Capítulo VII).

Assim, o Rito Escocês Retificado, os ritos egípcios e as ordens martinistas formam um grupo interligado de sociedades, todas devendo a sua origem à Estrita Observância Templária do barão Von Hund – a qual, por sua vez, deriva dos **Cavaleiros Templários Escoceses** – e às lojas rosacruzes da Alemanha.

TOMO IV

A Revelação Templária



Capítulo I

O Código Secreto de Leonardo Da Vinci

O CÓDIGO SECRETO DE LEONARDO DA VINCI

*É uma das mais famosas – e resistentes – obras de arte do mundo. O fresco de Leonardo da Vinci, **A Última Ceia**, é a única peça que resta da primitiva igreja de Santa Maria delle Grazie, próximo de Milão, encontrando-se na única parede original que permaneceu de pé depois de o bombardeamento aliado ter reduzido a escombros o resto do edifício, durante a segunda guerra mundial.*

*Embora muitos outros artistas consagrados, como Ghirlandaio e **Nicolas Poussin** – mesmo um pintor idiossincrático como Salvador Dali – também tenham oferecido ao mundo a sua versão desta relevante cena bíblica, é a cena de Leonardo que, por alguma razão, mais tem prendido a imaginação de todos.*

Por toda a parte se veem versões desta cena, tocando os dois extremos do espectro do gosto, desde o sublime até o ridículo. Algumas imagens podem ser tão familiares que nunca são verdadeiramente examinadas e, embora estejam patentes ao olhar do observador e convidem a um exame mais minucioso, ao seu nível mais profundo e significativo elas permanecem, de fato, como livros totalmente fechados. É o que sucede com a **A Última Ceia** de Leonardo – e, **estranhamente**, com todas as suas outras obras.



Santa Maria delle Grazie (“Santa Maria da Graça”, em italiano) é uma igreja e convento dominicano em Milão, norte da Itália, incluído na lista dos Patrimônios Mundiais pela UNESCO. A igreja é famosa pela pintura da A Última Ceia de Leonardo da Vinci, que foi pintada na parede do refeitório do convento.

Seria a obra de Leonardo (1452-1519) – esse atormentado gênio da Itália renascentista – que nos arrastaria (os autores) para um caminho que conduziu a descobertas tão assombrosas nas suas implicações que, a princípio, parecia impossível: impossível de que gerações de **“acadêmicos eruditos”** não tivessem observado o que saltava ao nosso olhar surpreendido – e impossível que uma informação tão explosiva tivesse permanecido pacientemente, durante todo este tempo, à espera de ser descoberta por escritores como nós, à margem da corrente dominante da investigação histórica ou religiosa.

Assim, para começar a nossa história propriamente dita, temos de regressar à A Última Ceia de Leonardo e examiná-la com novo olhar. Este não é o momento para a considerar no contexto das familiares hipóteses histórico-artísticas. É o momento adequado para a examinar como um recém-chegado à mais familiar das cenas a olharia, para afastar dos olhos as vendas do preconceito e, talvez pela primeira vez, olhá-la verdadeiramente.

A figura central é, claro, a de Jesus Cristo, que Leonardo, nas suas notas para a obra, refere como «o Redentor». (No entanto, avisa-se o leitor para não fazer aqui suposições óbvias.) Contemplativo, Jesus olha para baixo e ligeiramente para a esquerda, com as mãos estendidas sobre a mesa, como se apresentasse uma dádiva ao observador. Como esta é a última Ceia, na qual, segundo o Novo Testamento, Jesus iniciou o sacramento do pão e do vinho, exortando os seus discípulos a partilhar deles como a sua «carne» e o seu «sangue», seria razoável esperar que um cálice ou uma taça de vinho estivesse colocada em frente de Jesus, para ser abrangido por aquele gesto.

Afinal, para os cristãos, esta refeição teve lugar imediatamente antes da «Paixão» de Jesus, no jardim de Getsêmani, quando Ele pediu fervorosamente que «este cálice se afaste de mim [...]» outra alusão à imagem vinho/sangue – também antes da sua morte por crucificação, quando o seu sangue foi derramado em nome de toda a Humanidade (n.t. isto segundo o dogma da igreja romana). Contudo, não há vinho em frente de Jesus (e apenas uma quantidade simbólica, em toda a mesa). Pode acontecer que aquelas mãos estendidas estejam a fazer o que, segundo os artistas, é essencialmente um gesto sem significado?

À luz da ausência de vinho, talvez não seja por acaso que, de todo o pão que está sobre a mesa, muito pouco esteja realmente partido. Como Jesus identificou o pão com o seu próprio corpo, que ia ser despedaçado no sacrifício supremo, estará a ser transmitida alguma mensagem sutil acerca da verdadeira natureza do

sofrimento de Jesus?

Contudo, isto é apenas a ponta do iceberg da não-ortodoxia representada nesta pintura. No relato bíblico, é o jovem São João – conhecido pela alcunha «O discípulo Amado» – que está tão próximo de Jesus que se reclina «no seu peito». Contudo, na representação de Leonardo, este jovem não se reclina tanto, como exigia o «cenário» bíblico, mas inclina-se, afastando-se exageradamente do Redentor, com a cabeça quase provocantemente inclinada para a direita. Mas, no que diz respeito a esta personagem, isso não é tudo, porque devíamos perdoar aos que vêm a pintura pela primeira vez por alimentarem estranhas incertezas quanto ao chamado São João. Porque, embora seja verdade que as predileções pessoais do artista tendiam a representar a epítome da beleza masculina como um tanto efeminada, certamente é para uma mulher que estamos olhando.



Tudo «nele» é surpreendentemente feminino. Embora o fresco possa estar envelhecido e desbotado, ainda se pode distinguir as mãos pequenas e graciosas, as feições bonitas e delicadas, o peito distintamente feminino e o colar de ouro. Esta mulher, porque seguramente é uma mulher, também usa roupas que a distinguem como sendo especial. Elas refletem a imagem das roupas do Redentor: enquanto um veste uma túnica azul e um manto vermelho, o outro veste uma túnica vermelha e um manto azul, de estilo idêntico (n.t. talvez no original seja azul, nesta reprodução esta verde). Mais nenhum dos presentes à mesa usa um traje que, desta maneira, reflita o de Jesus. Mas também mais nenhum dos presentes à mesa é uma mulher.

Central à composição global é a forma que Jesus e esta mulher constituem em conjunto – um M enorme e aberto, quase como se estivessem literalmente unidos na anca e se tivessem zangado ou se tivessem afastado. Tanto quanto sabemos, nenhum acadêmico se referiu a esta personagem feminina como não sendo **São (apóstolo) João**, e a forma de um ultrapassou-os. Como descobrimos durante a nossa investigação, Leonardo era um excelente psicólogo que se divertia apresentando aos seus patronos, que o encarregavam de pintar cenas religiosas clássicas, imagens muito heterodoxas, sabendo que as pessoas encarariam com equanimidade as mais surpreendentes heresias porque, geralmente, elas só viam o que esperavam ver.

Se formos encarregados de pintar uma cena cristã clássica e apresentarmos ao público algo que superficialmente pareça sê-lo, o seu simbolismo dúbio nunca será questionado. Contudo, Leonardo devia ter esperado que talvez outros, que partilhavam a sua **invulgar interpretação do Novo Testamento**, reconhecessem a sua versão ou que, um dia, alguém, algures, um observador objetivo, captasse **a imagem desta misteriosa mulher ligada à letra M** e fizesse as perguntas óbvias. Quem era este M e por que razão era tão importante? Por que arriscaria Leonardo a sua reputação – mesmo a sua vida, naqueles tempos da pira funerária flamejante da Inquisição – para a incluir nesta crucial cena cristã?

Fosse ela quem fosse, o seu próprio destino não parece estar seguro porque uma mão se atravessa em frente do seu pescoço, graciosamente inclinado, no que parece ser um gesto ameaçador. Também o Redentor é ameaçado por um dedo indicador estendido, positivamente apontado ao seu rosto com óbvia veemência. Tanto Jesus como «M» parecem totalmente alheios a estas ameaças, aparentemente perdidos no mundo dos seus pensamentos, cada um, à sua maneira, sereno e calmo.

Mas é como se símbolos secretos estivessem sendo usados, não apenas para avisar Jesus e a sua companheira dos seus destinos separados mas também para

transmitir (ou talvez recordar) ao observador uma informação que, de outro modo, poderia ser perigoso tomar pública no século de Da Vinci. Estaria Leonardo usando esta pintura para transmitir alguma crença particular (ou Oculta), que teria sido quase loucura compartilhar com uma audiência mais vasta, de qualquer forma mais óbvia? E podia acontecer que essa crença tivesse uma mensagem para muito mais pessoas além do seu círculo imediato, talvez mesmo para nós, nos dias de hoje, agora?

Continuemos a examinar esta obra espantosa. À direita do observador do fresco, um homem alto, de barba, inclina-se exageradamente para falar com o último discípulo sentado à mesa. Ao inclinar-se, ele voltou completamente as costas ao Redentor. É este discípulo – São Tadeu ou São Judas – que se admite ter por modelo **o próprio Leonardo Da Vinci**. Nada do que os pintores renascentistas representassem era acidental ou incluído simplesmente por razão estética, e este exemplar específico da sua época e da sua profissão era famoso por ser adepto do double entendre visual. (A sua preocupação de usar o modelo adequado a cada um dos vários discípulos pode detectar-se na sua perversa sugestão de que o irritante prior de Santa Maria posasse para a personagem de Judas!) Então, por que se representaria o próprio Leonardo a desviar o olhar de Jesus de forma tão óbvia?



Leonardo pintou A Última Ceia, um incrível trabalho, o mais sereno e distante do mundo temporal, durante anos caracterizado por conflitos armados, intrigas, preocupações e emergências. Ele a declarou como concluída, embora eternamente insatisfeito, e continuou trabalhando nela. Foi exposta a vista de todos e contemplada por muitos. Desde então ele foi considerado sem discussão como um dos primeiros mestres da Itália, senão o primeiro. Os artistas vinham de muito longe, para, no refeitório do convento de Santa Maria delle Grazie, analisar cuidadosamente a pintura, copiando-a e discutindo-a. O rei da França, ao chegar em Milão, acariciou a ideia impossível de remover o afresco da parede para levar para o seu país. Durante a sua realização muitas lendas foram tecidas em torno do mestre e seu trabalho. Os relatos de Bandello e Giralaldi, dedicados a temas radicalmente diferentes, incluíram também a gênese de A Última Ceia

Há mais. Uma mão anômala aponta uma adaga ao estômago de um discípulo que é uma pessoa separada de «M». Por nenhum esforço de imaginação essa mão podia pertencer a alguém sentado àquela mesa, porque é fisicamente impossível aos que estão próximos terem-se voltado para colocar a adaga naquela posição. Contudo, o que é verdadeiramente espantoso nesta mão sem corpo não é tanto o fato de ela existir mas que em todas as nossas leituras sobre Leonardo apenas tivéssemos encontrado duas referências a essa mão, e que revelam uma estranha relutância em encontrar nela algo de anormal. Como o São João, que é realmente uma mulher, nada podia ser mais óbvio – e mais bizarro – logo que foi detectado, contudo ele é completamente ignorado pelo olhar e pela mente do observador, por ser tão extraordinário e tão chocante.

Ouvimos dizer, muitas vezes, que Leonardo era um cristão piedoso cujas pinturas religiosas refletiam a profundidade da sua fé. Como vimos até agora, pelo menos uma delas contém imagens altamente dúbias, em termos de ortodoxia cristã, e a nossa investigação, como veremos mais tarde, revela que nada podia estar mais longe da verdade do que a ideia de que Leonardo era um verdadeiro crente – isto é, um crente em qualquer forma aceite ou aceitável do catolicismo romano. Nesta altura, as estranhas e anômalas características de uma única das suas obras parecem indicar que ele tentava revelar-nos outro estrato do significado daquela familiar cena bíblica, de outro mundo de fé, para além do desenho reconhecido da imagem fixada naquele mural do século XV próximo de Milão.

Seja qual for o significado dessas inclusões heterodoxas, elas estão, e não é de mais acentuá-lo, em total desacordo com o catolicismo ortodoxo. Este fato não é novidade para os atuais materialistas/racionalistas porque, para eles, Leonardo foi o primeiro verdadeiro cientista, um homem que não tinha tempo para qualquer forma de superstições ou de religião, que era a verdadeira antítese do místico ou do ocultista. Mas também eles foram incapazes de ver o que estava claramente exposto aos seus olhos. Pintar **A Última Ceia** sem uma quantidade significativa de vinho é o mesmo que pintar o momento crítico de uma coroação sem a coroa: ou não atinge o objetivo ou atinge outro diferente, a ponto de o

identificar como abertamente herético, alguém que possuía crenças religiosas, mas crenças que estavam em desacordo, talvez mesmo em guerra, com as da ortodoxia católica.

E descobrimos que outras obras de Leonardo sublinham as suas obsessões heréticas específicas, através de imagens cuidadosamente aplicadas e consistentes, o que não aconteceria se o artista fosse um ateu, simplesmente interessado em ganhar a vida. Estas inclusões e símbolos desnecessários são mais, muito mais, do que a resposta satírica do cético a este tipo de incumbências – não são o mesmo que pintar um nariz vermelho a São Pedro, por exemplo. O que estamos observando na A Última Ceia, e noutras das suas obras, **é o código secreto de Leonardo da Vinci, que julgamos ter uma importância espantosa para o nosso mundo atual.**

Pode discutir-se que tudo em que Leonardo acreditou ou não acreditou era apenas o ponto fraco de um homem, para mais um homem notavelmente excêntrico, cuja história estava cheia de paradoxos. Podia ter sido um solitário, mas era também o animador de um grupo; desprezava os cartomantes, mas as suas contas registam dinheiro pago a astrólogos; era vegetariano e afetuoso amigo dos animais, mas o seu afeto raramente se estendia à Humanidade; dissecava obsessivamente cadáveres e assistia às execuções com um olhar de anatomista; era um profundo pensador e um mestre de enigmas, de artes mágicas e de mistificação. Dado este complexo panorama, não seria de estranhar que as suas ideias pessoais sobre religião e filosofia fossem invulgares, mesmo sutis.

Apenas por esta razão, podia ser tentador considerar as suas crenças heréticas como irrelevantes para o mundo atual. Enquanto, de modo geral, se admite que Leonardo tinha um enorme talento, a moderna tendência para um «historicismo» arrogante procura desvalorizar as suas realizações. Afinal, quando ele estava no apogeu, até a técnica de impressão era uma novidade. O que poderia ter um inventor isolado desses tempos remotos, tão primitivos, para oferecer ao mundo atual que é continuamente informado, navegando na Internet, e que pode, numa questão de segundos, se comunicar por telefone, celular, e-mail, Facebook, etc, com pessoas de continentes que ainda não tinham sido sequer “oficialmente” descobertos na sua época? Há duas respostas para esta pergunta. A primeira é que Leonardo não era, para usar um paradoxo, um gênio vulgar.

Dado que muitas pessoas sabem que ele desenhou máquinas voadoras e primitivos tanques militares, algumas das suas invenções eram tão inverossímeis para a sua época que algumas pessoas mais excêntricas sugeriram mesmo que **ele devia ter tido visões do futuro.** Os seus desenhos de uma bicicleta, por exemplo, só se tornaram conhecidos depois de 1960. Ao contrário das penosamente prolongadas fases de ensaio do aperfeiçoamento da primeira

bicicleta vitoriana, a bicicleta de Da Vinci tinha duas rodas do mesmo tamanho, uma corrente e um mecanismo de engrenagem. Mas, ainda mais fascinante que o verdadeiro desenho, é saber, em primeiro lugar, o que o teria levado a inventar uma bicicleta. O homem sempre desejou voar como as aves, mas ter uma motivação para pedalar ao longo das estradas imperfeitas é completamente mistificador (e, ao contrário de voar, não figura em qualquer fábula clássica). Leonardo também previu o telefone, entre muitas outras futuristas pretensões à fama.

Se Leonardo foi um gênio ainda maior do que os livros de história admitem, resta saber que possível conhecimento podia ter possuído, e que causaria impacto, de forma significativa e prolongada, cinco séculos após a sua morte. Embora se possa discutir que os ensinamentos de um rabino (Jesus Cristo) do século I teriam menos relevância para o nosso tempo e lugar, também é verdade que algumas idéias são universais e eternas e que a verdade, se puder ser encontrada ou definida, nunca é essencialmente enfraquecida pela passagem dos séculos.

Não foi, contudo, nem a filosofia de Leonardo (quer evidente quer dissimulada) nem a sua arte que primeiro nos atraíram para ele. Foi a sua obra muito paradoxal, uma obra que é incrivelmente famosa e, ao mesmo tempo, muito pouco conhecida, que nos arrastou para a nossa intensa investigação de Leonardo. Como já descrevemos pormenorizadamente no nosso último livro, descobrimos que ***ele foi o maestro que forjara o Sudário de Turim***, que há muito se julgava ter sido miraculosamente impresso com a imagem de Jesus no momento da Sua morte. Em 1998, os testes de carbono provaram a todos, exceto a um punhado de fanáticos crentes desesperados, que o (tecido do) Sudário era um artefato do final da época medieval ou do princípio da época da Renascença, mas, para nós, ele permanecia uma imagem verdadeiramente notável – para não exagerar. Na nossa opinião, o primordial era a questão da identidade do mistificador. Quem quer que tivesse criado esta espantosa “reliquia”, tinha de ser um gênio.

O Sudário de Turim, como toda a literatura – tanto a favor como contra a sua autenticidade – reconhece, comporta-se como uma fotografia. Ele exhibe um curioso «efeito negativo», o que parece uma vaga queimadura, a olho nu, mas que pode ser vista em nítido pormenor em negativo fotográfico. Porque nenhuma pintura conhecida se comporta deste modo, o efeito negativo tem sido considerado pelos «sudaristas» (crentes de que é verdadeiramente o Sudário de Jesus) como prova das qualidades milagrosas da imagem. Contudo, descobrimos que a imagem do Sudário de Turim se comporta como uma fotografia porque é isso exatamente que ele é.

Por incrível que possa parecer, a princípio, o Sudário de Turim é uma fotografia. Nós, juntamente com Keith Prince, reconstituímos o que julgamos ser a técnica original e, ao fazê-lo, tornamo-nos as primeiras pessoas a reproduzir as características do Sudário de Turim, inexplicáveis até então. E, apesar de os sudaristas alegarem que isso era impossível, fizemo-lo usando equipamento extremamente básico. Usamos uma câmara escura (uma câmara com um pequeno orifício), pano com revestimento químico, tratado com materiais facilmente disponíveis no século XV, e grandes doses de luz. Contudo, o objeto da nossa experiência fotográfica foi o busto em estuque de uma rapariga, o qual, infelizmente, estava a anos-luz do estado do modelo original. Porque, embora o rosto do Sudário não fosse, como foi cabalmente demonstrado, o rosto de Jesus, ele era, de fato, o rosto do próprio mistificador, de Leonardo. Em resumo, o Sudário de Turim é, entre muitas outras coisas, uma fotografia, com quinhentos anos, do próprio Leonardo da Vinci, impressa em tecido da mesma época.



Apesar de algumas curiosas alegações em contrário, isto não pode ter sido obra de um piedoso crente católico. O Sudário de Turim, visto em negativo fotográfico, mostra o corpo despedaçado e sangrento de um homem. Devemos lembrar que este não é um sangue comum, porque para os cristãos ele não seria apenas literalmente divino: é também o veículo através do qual o mundo pode ser redimido. Na nossa opinião, não se pode forjar aquele sangue e ser considerado crente – nem se pode ter o mínimo respeito pela pessoa de Jesus e substituir a Sua imagem pela de si próprio. Leonardo Da Vinci fez ambas as coisas, com cuidado meticuloso e mesmo, suspeita-se, com certo prazer. É claro que ele sabia que, como suposta imagem de Jesus – porque ninguém perceberia que era a imagem do próprio florentino –, o Sudário seria venerado por apreciável número de peregrinos, mesmo durante a sua vida.

Pelo que sabemos, ele manteve-se na sombra, observando a veneração dos peregrinos – o que estava de acordo com o que conhecemos do seu caráter. Mas calcularia Leonardo o número de peregrinos que, ao longo dos séculos, fariam o sinal da cruz em frente da sua imagem? Imaginou que, algum dia, “*peessoas inteligentes*” se converteriam ao catolicismo simplesmente por olhar para aquele rosto belo e torturado? E poderia ele ter previsto que a imagem cultural que o Ocidente faz do aspecto de Jesus teria origem na imagem do Sudário de Turim? Teria percebido que, um dia, milhões de pessoas de todo o mundo adorariam a imagem de um herético homossexual do século XV em vez do seu amado Deus, que, literalmente, Leonardo da Vinci ia tornar-se a imagem de Jesus Cristo?

Pensamos que o Sudário esteve muito perto de ser a mais chocante – e bem sucedida – peça pregada à história (e à massa dos ignorantes). Mas, embora tenha enganado milhões, ele é mais do que um hino à mistificação de mau gosto. Pensamos que Leonardo aproveitou a oportunidade para criar a suprema relíquia católica como veículo de duas coisas: uma técnica inovadora e uma fé (e conhecimento oculto) herética codificada. Era muito perigoso – como os acontecimentos iriam mostrar – tornar pública a técnica da primitiva fotografia, naquela era paranoica e supersticiosa. Mas, sem dúvida, Leonardo divertiu-se ao assegurar que este protótipo estava ao cuidado dos sacerdotes que ele próprio desprezava. É claro que era possível que esta irônica curadoria sacerdotal fosse pura coincidência, apenas um acidente fatal numa história já extraordinária, mas, para nós, ela sugere a paixão de Leonardo pelo controle total que, como vemos aqui, se estendia para além da sepultura.

O Sudário de Turim, embora seja uma mistificação e uma obra de gênio, também contém certos símbolos que sublinham as obsessões pessoais de Leonardo, como em outras das suas obras, de modo geral, mais aprovadas. Por exemplo, na base

do pescoço do homem do Sudário existe uma distinta linha de demarcação. Quando a imagem no seu todo, se transforma num «mapa de contornos», usando a mais sofisticada tecnologia computadorizada, vemos que a linha marca a extremidade inferior da imagem frontal da cabeça e existe como um mar de escuridão uniforme, sem imagem, imediatamente abaixo da linha, até que a imagem começa novamente na parte superior do tórax.

Acreditamos que há duas razões para este fato. Uma é puramente prática, porque a imagem frontal impressa é uma composição; o corpo é o de um homem verdadeiramente crucificado, e o rosto é o de Leonardo, assim, essa linha, talvez necessária, indica a «junção» das duas imagens. Contudo, o mistificador não era um simples artífice, e ter-lhe-ia sido fácil obscurecer ou remediar aquela linha de demarcação denunciadora. E se Leonardo não desejasse, de fato, eliminá-la? E se a deixasse ali, deliberadamente, para a consideração ***“dos que tivessem olhos para ver”***?

Que possível heresia pode conter o Sudário de Turim, mesmo em código? Certamente há um limite para os símbolos que se podem ocultar numa imagem simples e rígida de um homem nu crucificado – e uma imagem que já foi analisada pelos cientistas, usando o equipamento adequado? Embora na altura devida regressemos a este tema, digamos, por agora, que se pode responder a estas perguntas olhando, de novo, para dois aspectos fundamentais da imagem. O primeiro diz respeito à abundância de sangue vivo que parece correr livremente pelos braços da pseudo imagem de Jesus – e que pode parecer, superficialmente, contradizer a falta de vinho sobre a mesa da Última Ceia, mas que, de fato, reforça este ponto particular.



*Quadro “O Batismo de Cristo”, trabalho dos artistas Andrea del Verrocchio e Leonardo da Vinci
que mostra São João Batista batizando Jesus Cristo.*

O segundo diz respeito à óbvia linha de demarcação entre a cabeça e o corpo, como se Leonardo estivesse a chamar a nossa atenção para uma **decapitação**... Tanto quanto sabemos, Jesus não foi decapitado e a imagem é uma composição, portanto, somos chamados a considerar as imagens de duas pessoas distintas que, no entanto, estavam intimamente ligadas, de alguma maneira. Mas, no entanto, por que deveria alguém que foi decapitado ser colocado «acima» de alguém que foi crucificado?

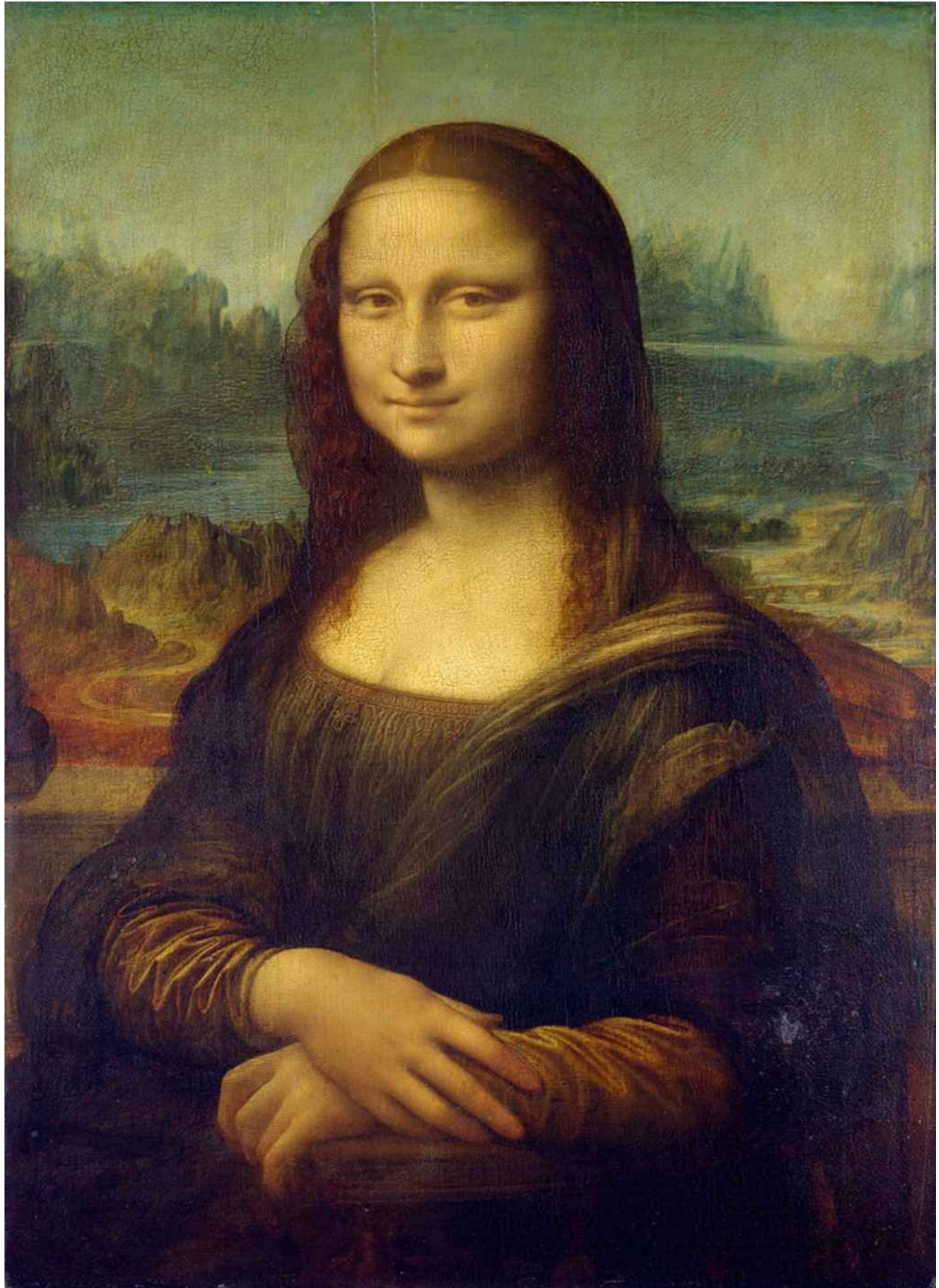
Como veremos, esta indicação da cabeça decapitada, no Sudário de Turim, é apenas um reforço dos símbolos de muitas outras obras de Leonardo. Já vimos como a anômala mulher jovem «M», na A Última Ceia, está aparentemente ameaçada por uma mão que se atravessa sobre o seu delicado pescoço, e como o próprio Jesus está a ser ameaçado por um dedo indicador estendido, apontado ao seu rosto, aparentemente como um aviso – ou, talvez, uma advertência, ou ambos. Nas obras de Leonardo, este indicador estendido é sempre, em todos os casos, uma referência direta a João Batista.

Este santo, o alegado precursor de Cristo, que exortou o mundo a «contemplar o Cordeiro de Deus», cujas sandálias ele não era digno de desatar, foi de suprema importância para Leonardo, se julgarmos pela sua onipresença nas obras de Leonardo que ainda subsistem. Esta obsessão, em si mesma, é curiosa em alguém que os modernos racionalistas consideram não ter tido tempo para a religião. Um homem, para quem todas as personagens e tradições do catolicismo romano nada valiam, dificilmente teria dedicado tanto tempo e energia a um santo específico como ele dedicou a João Batista. Continuamente, é este João que domina a vida de Leonardo, tanto a nível consciente, nas suas obras, como a nível sincrônico, nas circunstâncias que o rodeavam.

Por exemplo, a sua amada cidade de Florença é dedicada a este santo, tal como a catedral de Turim, em que o forjado Santo Sudário se conserva com grande aparato. A sua última pintura, que, com a Mona Lisa, se encontrava no quarto em que Leonardo morreu, sem ser reclamada, era de João Baptista, e a sua única peça de escultura que subsiste (executada em conjunto com Goivas Francesco Rustici, **um famoso ocultista**) também representava Batista. Encontra-se agora na entrada para o batistério de Florença, muito acima das cabeças dos turistas e, infelizmente, danificada pelos irreverentes bandos de pombos.

O dedo indicador estendido – o que chamamos o «gesto de João» – foi realçado em A Escola de Atenas (1509) de Rafael. Aqui, vemos a venerável figura de Platão fazendo este sinal, mas em circunstâncias que não são uma alusão tão misteriosa como se podia suspeitar. De fato, o modelo de Platão foi o próprio

Leonardo, obviamente fazendo um gesto que, de certo modo, não só lhe era característico como também profundamente significativo para ele (e, presumivelmente, também para Rafael e outros do seu círculo). Caso se pense que estamos exagerando o que designamos por «o gesto de João», examinemos outros exemplos dele na obra de Leonardo.



Mona Lisa também conhecida como A Gioconda é a mais notável e conhecida obra de Leonardo da Vinci, um dos mais eminentes homens do Renascimento italiano.

Este gesto figura em várias das suas pinturas e, como dissemos, tem sempre o mesmo significado. Na sua inacabada Adoração dos Magos (começada em 1481), um figurante anônimo faz este gesto junto de um monte de terra onde cresce uma alfarrobeira. A maioria dos observadores não repara nele, porque os seus olhos são inevitavelmente atraídos para o que julgam ser o objetivo do quadro – como o título sugere, a veneração da Sagrada Família pelos «homens sábios» ou magos. A bela e sonhadora Virgem, com Jesus ao colo, é pintada como uma figura insípida e descolorida. Os magos se ajoelham, apresentando à Virgem os seus presentes para a criança, enquanto, ao fundo, um grupo se movimenta, aparentemente para também adorar a mãe e a criança. Mas, como na A Última Ceia, esta também só superficialmente é uma pintura cristã e merece um exame mais minucioso.

No primeiro plano, os devotos dificilmente são exemplos de saúde e beleza. Magos até ao ponto de parecerem cadáveres, as suas mãos estendidas parecem estar levantadas, não tanto em assombro, mas mais como se estivessem a despedaçar o par duma forma assustadora. Os magos apresentam a suas dádivas – mas apenas dois dos lendários três magos. Oferecem incenso e mirra, mas não ouro. Para as pessoas do tempo de Leonardo, o ouro não só significava riqueza imediata como era também um símbolo de realeza – e, aqui, ela estaria sendo negada a Jesus.

Se olharmos para detrás da Virgem e dos Magos, parece haver um segundo grupo de devotos. Estes são muito mais saudáveis e têm um aspecto mais normal – mas, se seguirmos a linha do seu olhar, é óbvio que eles não estão olhando para a Virgem nem para a criança, mas parece que estão a venerar as raízes da alfarrobeira, para a qual um homem está fazendo o «gesto de João». E a alfarrobeira é tradicionalmente associada a João Batista...

No canto inferior direito da pintura, um homem jovem afasta-se deliberadamente da Sagrada Família. Admite-se que este homem seja o próprio Leonardo, mas o argumento um tanto fraco usado para explicar esta aversão – que o artista se sentia indigno de os enfrentar – dificilmente convencerá, porque Leonardo é muito famoso por não ter sido apreciador da Igreja romana e dos seus “ensinamentos”. Além disso, a personagem de São Tadeu ou São Judas da A Última Ceia também se afasta ostensivamente do Redentor, sublinhando, assim, uma resposta emocional extrema às figuras centrais da história católica. E, como Leonardo dificilmente era a epítome da piedade ou da humildade, não é provável que esta reação tenha sido inspirada por um sentimento de inferioridade ou de espírito de adulação.

Voltando ao belo e obsidiante cartão de Leonardo para a Virgem e Jesus com Santa Ana (1501), que embeleza a National Gallery de Londres, novamente se encontram elementos que deviam perturbar – mas raramente perturbam – o observador, devido às suas implicações subversivas. O desenho mostra a Virgem e o menino, com Santa Ana (mãe de Maria) e João Batista, em criança. O menino Jesus, aparentemente, está a abençoar o seu primo João, que olha para cima. pensativo, enquanto Santa Ana lança, de muito perto, um olhar perscrutador ao rosto alheado da filha – e está fazendo o «gesto de João» com uma mão, curiosamente grande e masculina.

Contudo, este dedo indicador estendido eleva-se imediatamente acima da pequena mão com que Jesus está abençoando, como se a ensombrasse literal e metaforicamente. E, embora a Virgem pareça estar sentada numa posição extremamente desconfortável – de fato, quase como numa sela de amazona – é a posição do menino Jesus que é particularmente estranha. A Virgem segura-o como se o impelisse para a frente para dar a bênção como se o introduzisse no quadro apenas para abençoar, mas apenas o mantém ali com dificuldade. Entretanto, João, indiferente encosta-se no joelho de Santa Ana, desinteressado da honra que lhe está a ser concedida. Poderia ser possível que a própria mãe da Virgem estivesse recordando à filha algum segredo relacionado com João Baptista?



A Virgem dos Rochedos (Louvre)

Segundo a respectiva nota da National Gallery, alguns críticos de arte, intrigados com a juventude de Santa Ana e com a presença anômala de João Batista, levantaram a hipótese de a pintura representar Maria e a sua prima Isabel – a mãe de João. Parece uma hipótese plausível, e, se for correta reforça o ponto essencial. Esta aparente inversão dos habituais papéis de Jesus e de João Batista também se verifica numa das duas versões da Virgem dos Rochedos de Leonardo. Os historiadores de arte nunca explicaram satisfatoriamente a razão de existirem duas versões, mas uma delas é atualmente exibida na National Gallery de Londres, e a outra – para nós, a mais interessante – encontra-se no Louvre, em Paris.

A encomenda original partiu de uma organização conhecida por Confraria da Imaculada Conceição, e era de uma única pintura, destinada a ser a peça central de um tríptico para o altar da capela da Confraria na Igreja de San Francisco Grand, em Milão. (As outras duas pinturas do tríptico foram encomendadas a outros artistas.) O contrato, datado de 25 de Abril de 1483, ainda existe e lança alguma luz interessante sobre o quadro esperado – e sobre o que os membros da Confraria realmente receberam. Especifica cuidadosamente a forma e a dimensão da pintura que desejavam – uma necessidade, porque a moldura para o tríptico já existia. Estranhamente, ambas as versões acabadas de Leonardo correspondem a estas especificações, embora se desconheça por que razão Leonardo fez duas versões. Podemos, no entanto, arriscar uma suposição acerca destas interpretações divergentes e que tem pouco a ver com perfeccionismo e mais com um conhecimento do seu potencial explosivo.

O contrato também especifica o tema da pintura. Devia representar um acontecimento, que não se encontra nos Evangelhos, há muito presente na lenda cristã. Era a história relativa à fuga para o Egito, quando José, Maria e o menino Jesus se tinham abrigado numa caverna do deserto, onde encontraram o pequeno João Batista, que estava protegido pelo arcanjo Uriel. A particularidade desta lenda era o fato de ela permitir uma fuga a uma das mais óbvias e embaraçosas questões levantada pela história do Evangelho acerca do batismo de Jesus. Por que devia Jesus, **supostamente JÁ NASCIDO SEM pecado**, precisar ser batizado, dado que o ritual do batismo efetuado por João é um gesto simbólico do arrependimento, da remoção dos pecados e do compromisso de religiosidade futura para quem está sendo batizado? Por que devia o próprio Filho de Deus (presumidamente SEM PECADO) ter-se submetido ao que era, manifestamente, um ato de autoridade da parte de Batista?

Esta lenda revela como, neste encontro curiosamente fortuito das duas crianças sagradas, Jesus conferiu a seu primo João a autoridade para o batizar quando

ambos fossem adultos. Por várias razões, parece-nos muito irônico que a Confraria fizesse esta encomenda a Leonardo, mas também podíamos suspeitar de que Leonardo teria ficado encantado ao recebê-la – e ao fazer a sua interpretação muito particular, pelo menos, numa das versões.

Ao gosto da época, os membros da Confraria tinham especificado uma pintura suntuosa e muito ornamentada, com grande quantidade de dourados (a cor simbólica do Cristo), muitos querubins e velhos profetas do Antigo Testamento para preencher o espaço. O que acabaram por receber foi muito diferente, a ponto de as relações entre eles e o artista se tornarem acrimoniosas, culminando num processo judicial que se arrastou durante mais de vinte anos. Leonardo preferiu representar esta cena o mais realisticamente possível, sem figuras estranhas – para ele, não deviam existir gordos querubins nem sombrios profetas da desgraça. De fato, as *dramatis personae* foram, talvez, excessivamente reduzidas, porque, embora esta cena supostamente descreva a fuga para o Egito, José sequer figura nela.

A versão do Louvre, que foi a primeira, apresenta uma Virgem vestida de azul, com um braço protetor à volta de uma das crianças; a outra faz grupo com Uriel. Curiosamente, as duas crianças são idênticas, mas o mais curioso ainda é a criança que está junto de Uriel, que está abençoando a outra, e a criança de Maria é que está ajoelhada, em subserviência. Este fato levou os historiadores de arte a presumir que, por qualquer razão, decidiu colocar João junto de Maria. Afinal, não existem rótulos para identificação individual na pintura, e a criança que tem autoridade para abençoar tem de ser Jesus.



Existem, no entanto, outras maneiras de interpretar este quadro, que não só sugerem insistentes ***mensagens subliminares ocultas*** e muito heterodoxas como também reforçam os códigos usados noutras obras de Leonardo. Talvez esta semelhança das duas crianças sugira que Leonardo estava deliberada e intencionalmente a mistificar a identidade das duas crianças. E, enquanto Maria estende um braço protetor em torno da criança geralmente reconhecida como Jesus, a sua mão direita está estendida acima da cabeça de «Jesus», no que parece ser um gesto de manifesta hostilidade. E o que Serge Bramly, na sua recente biografia de Leonardo, descreve como «fazendo lembrar as garras de uma águia». Uriel está apontando para o filho de Maria mas também, de forma significativa, olha enigmaticamente para o observador – isto é, afasta deliberadamente o olhar da Virgem e da criança. Embora seja mais fácil e mais aceitável interpretar este gesto como indicação de qual das crianças irá ser o futuro Messias, há outros significados possíveis.

E se a criança de Maria, na versão do Louvre de A Virgem dos Rochedos, for Jesus – como é lógico esperar – e o jovem, que está junto de Uriel, for João? Não esquecer que, neste caso, é João que está a abençoar Jesus, estando este a submeter-se à autoridade do primeiro. Uriel, como especial protetor de João, evita mesmo olhar para Jesus. E Maria, protegendo o filho, estende uma mão ameaçadora, muito acima da cabeça do pequeno João. Algumas polegadas diretamente abaixo da palma da mão estendida de Maria, atravessa-se a mão indicadora de Uriel, como se os dois gestos estivessem a circunscrever uma indicação oculta.

É como se Leonardo estivesse a indicar que um objeto, uma coisa importante – mas invisível – devia preencher o espaço entre os dois gestos. Neste contexto, não é, de modo nenhum, fantasista compreender que se pretende que os dedos estendidos de Maria pareçam estar colocados sobre uma cabeça invisível enquanto o dedo indicador de Uriel atravessa o espaço, exatamente onde se encontraria o pescoço. Esta cabeça fantasma flutua precisamente acima da criança que está junto de Uriel... Assim, esta criança está, afinal, efetivamente rotulada, por que qual das duas crianças iria morrer decapitada? E, se for realmente João Baptista, ele é apresentado a abençoar, detentor do estatuto superior.

Contudo, quando voltamos à versão da National Gallery, muito mais tardia, verificamos que desapareceram todos os elementos necessários para fazer estas deduções heréticas – mas apenas esses elementos. As duas crianças são muito diferentes na aparência, e a que está com Maria carrega a cruz de haste longa, tradicional de João (embora seja verdade que ela possa ter sido acrescentada,

mais tarde, por outro artista). Nesta versão, a mão direita de Maria também está estendida acima da outra criança, mas agora sem sugestão de ameaça. Uriel já não está a apontar nem desvia o olhar da cena.

É como se Leonardo nos convidasse a «descobrir as diferenças» – desafiando-nos a tirar conclusões dos pormenores anômalos. Este tipo de exame à obra de Leonardo revela um excesso de **correntes ocultas, herméticas, provocadoras e perturbantes**. Parece haver uma repetição do tema de João Batista, usando vários símbolos e sinais habilmente subliminares. Continuamente, João e as imagens que o indicam se elevam acima da figura de Jesus – mesmo, se tivermos razão, nos símbolos tão astuciosamente colocados no próprio Sudário de Turim. Há uma motivação nesta insistência, não apenas na complexidade das imagens que Leonardo usava mas, de fato, no risco que ele correu ao apresentar ao mundo esta heresia inteligente e subliminar em uma época de pleno vigor da Inquisição. Talvez, como já sugerimos, a razão por que ele não acabou a maior parte da sua obra não fosse tanto o fato de ser um perfeccionista mas antes por estar demasiado consciente do que lhe poderia acontecer se alguém importante compreendesse, sob a fina camada de ortodoxia, a completa «blasfêmia» que se encontrava quase à superfície da maioria de suas obras. Talvez mesmo o gigante intelectual e físico que era Leonardo tivesse algum cuidado para não criar complicações com as autoridades – para ele, uma vez fora suficiente.

Contudo, ele não tinha necessidade de arriscar a cabeça por introduzir estas mensagens heréticas nas suas pinturas, a não ser que tivesse nelas uma fé arrebatada. Como já vimos, longe de ser o materialista ateu tão querido de alguns modernistas, Leonardo estava profunda e seriamente comprometido com um sistema de crenças que fluía em sentido totalmente inverso ao que era na época, e ainda é, a corrente oficial do cristianismo. É aquilo a que muitas pessoas preferem chamar «oculto».

Atualmente, para a maioria das pessoas, esse é um mundo que tem conotações imediatas e não totalmente positivas. Supõe-se que significa magia negra ou as artimanhas de charlatões depravados – ou ambas. De fato, a palavra «oculto» significa simplesmente «escondido» (dos ignorantes) e é vulgarmente usada em astronomia, tal como na descrição de um corpo celeste «ocultando» ou eclipsando outro. No que diz respeito a Leonardo, podíamos concordar que, embora existissem elementos na sua vida e nas suas crenças que sugerem ritos sinistros e práticas mágicas, também é verdade que o que ele procurou estava acima e além de tudo o mais, **o conhecimento**. Contudo, grande parte do que ele procurava tinha sido efetivamente «ocultado» pela sociedade – em particular, por uma poderosa e onipresente organização. Nessa época, por toda a Europa, a Igreja desaprovava qualquer experiência científica e tomava medidas drásticas

para silenciar os que tornavam públicas as suas opiniões heterodoxas ou particularmente pessoais.

No entanto, Florença – onde Leonardo nasceu e cresceu e em cuja corte começou a sua carreira – era um centro florescente de uma nova vaga de conhecimento. Isto, com bastante surpresa, devia-se inteiramente ao fato de esta cidade ser um refúgio para numerosos ocultistas, alquímicos e mágicos influentes. Os primeiros patronos de Leonardo, a família De Medici, que governava Florença, encorajavam ativamente o estudo do oculto e patrocinavam mesmo investigadores para procurar, e traduzir, tratados específicos perdidos.

Este fascínio pelo arcano não era o equivalente renascentista dos atuais horóscopos dos jornais. Embora existissem inevitáveis áreas de investigação que nos pareceriam ingênuas ou claramente supersticiosas, existiam também muitas mais que representavam uma séria tentativa de ir um pouco mais longe e descobrir o modo de controlar as forças da Natureza. Sob esta perspectiva, talvez não seja tão extraordinário que o próprio Leonardo fosse, como julgamos, um participante ativo na cultura ocultista da sua época e lugar. E a notável historiadora Dame Frances Yates sugeriu que toda a chave do gênio de grande alcance de Leonardo podia residir nas ideias de magia contemporâneas.

Os pormenores das verdadeiras filosofias, tão dominantes neste movimento ocultista florentino, encontram-se no nosso livro anterior 13, mas, resumidamente, o fator de condenação de todos os outros grupos da época era o hermetismo, cujo nome deriva de Hermes (Thoth no Egito) Trismegisto, o Três Vezes grande, embora lendário, mago egípcio cujos livros apresentam um sistema coerente de magia. Indiscutivelmente, a parte mais importante do pensamento hermético era a ideia de que o homem, de algum modo, É literalmente divino – uma ideia que, em si, era tão ameaçadora para o domínio da Igreja sobre os corações e as mentes do seu rebanho (ignorante) que era (e ainda é) considerado anátema.

Os princípios herméticos estavam certamente representados na vida e na obra de Leonardo, mas, ao primeiro olhar, pareceria haver uma notória discrepância entre estas sofisticadas idéias filosóficas e cosmológicas e os conceitos heréticos que, todavia, aprovavam as figuras bíblicas. (Devemos frisar que as crenças heterodoxas de Leonardo e do seu círculo não resultavam apenas da reação a uma Igreja dogmática, corrupta e crédula. Como a história mostrou, existia, de fato, uma forte, e certamente não disfarçada, reação à Igreja de Roma – o movimento Protestante. Mas, se Leonardo vivesse hoje, também não o encontraríamos a participar no culto religioso daquele gênero de Igreja protestante.)

Contudo, há muitas provas de que os herméticos também podiam ser completos

heréticos. Giordano Bruno (1548-1600), o fanático pregador do Hermetismo, declarou que as suas crenças provinham de uma antiga religião egípcia que precedera o catolicismo romano – ***e que o eclipsava em importância.***

Parte deste florescente mundo oculto – mas ainda demasiado receoso da desaprovação da Igreja para ser algo mais do que um movimento secreto – eram os alquimistas. É um outro grupo que é vítima de um preconceito moderno. Atualmente, são ridicularizados como loucos, que passaram as suas vidas a tentar, em vão, transformar o vil metal em ouro; de fato, esta imagem era uma útil cortina de fumaça para os verdadeiros alquimistas que estavam mais interessados na experiência científica correta – mas também na transformação pessoal e no implícito controle total do seu próprio destino.

E não é difícil compreender que alguém tão ávido de conhecimento como Leonardo fizesse parte desse movimento, talvez fosse mesmo seu inspirador. Embora não existam provas diretas do seu envolvimento, sabe-se que ele estava ligado a conhecidos ocultistas de todos os matizes, e a nossa investigação da sua mistificação do Sudário de Turim sugere fortemente que a imagem foi o resultado direto das suas experiências «alquímicas». (De fato, a fotografia foi, outrora, um dos grandes segredos alquímicos.

Em palavras simples: é muito improvável que Leonardo não estivesse familiarizado com qualquer sistema de conhecimento disponível na sua época, mas, ao mesmo tempo, também é igualmente improvável que ele confiasse ao papel qualquer prova desse fato. Mas, como vimos, os símbolos e as imagens que repetidamente usava nas suas chamadas pinturas católicas dificilmente eram os que teriam sido aprovados pelas autoridades da Igreja, se elas tivessem compreendido a sua verdadeira natureza.

Mesmo assim, um fascínio pelo hermetismo podia parecer, pelo menos superficialmente, encontrar-se quase na extremidade oposta da escala, relativamente a João Baptista – e ao reputado significado da mulher «M». De fato, foi esta discrepância que nos intrigou a tal ponto que continuamos a investigar. É claro que se podia alegar que o significado deste interminável levantar de dedos indicadores significava que um gênio da Renascença estava obcecado com João Batista. Mas era possível que um significado mais profundo estivesse por detrás da crença pessoal de Leonardo? A mensagem que se podia deduzir das suas pinturas era, de fato, verdadeira?

Certamente que o Mestre há muito fora reconhecido nos círculos ocultistas como sendo possuidor de conhecimento secreto. Quando começamos a investigar o seu papel no Sudário de Turim, verificamos que constava entre os ocultistas que, realmente, ele não só participara na sua criação como era também um conhecido mago de algum renome. Existe mesmo um cartaz parisiense que anuncia o Salão

da **Rosacruz** – um lugar de encontro de ocultistas com tendências artísticas – que descreve Leonardo como Guardiã do Santo Graal (o que, nestes círculos, pode ser tomado como símbolo de Guardiã dos Mistérios). Novamente, boatos e liberdade artística, em si, não têm grande significado, mas, associados a todas as indicações já enumeradas, estimularam o nosso desejo de saber mais acerca do Leonardo desconhecido.

Até então, tínhamos isolado o elemento principal do que parecia ser a obsessão de Leonardo: João Batista. Apesar de ser natural que ele fosse encarregado de pintar ou esculpir o santo enquanto vivia em Florença – uma cidade dedicada a João -, é um fato que, quando entregue a si próprio, Leonardo preferiu fazê-lo. Afinal, a última pintura em que trabalhava antes da sua morte, em 1519 – que não fora encomendada mas pintada por razões pessoais -, era a de João Batista. Talvez ele quisesse que a imagem o contemplasse quando jazia moribundo. E, mesmo quando era pago para pintar uma cena católica ortodoxa, sempre, se o podia fazer, realçava o papel de Batista nessa cena.

Como vimos, as suas imagens de João são elaboradamente planejadas para transmitir uma mensagem, mesmo que esta seja imperfeita e subliminarmente captada. Certamente João é apresentado como importante – neste caso, ele era o precursor, o arauto e o familiar de Jesus, por isso, era natural que o seu papel fosse reconhecido deste modo. Mas Leonardo não nos está a dizer que Batista era, como qualquer outra pessoa, inferior a Jesus. Na sua Virgem dos Rochedos, o anjo está, indiscutivelmente, apontando para João, o qual está abençoando Jesus, e não vice-versa. Na Adoração dos Magos, as pessoas saudáveis e de aspecto normal estão a venerar os ramos da alfarrobeira – a árvore de João – e não a descorada Virgem e o menino.

E novamente o «gesto de João», o dedo indicador direito levantado, está apontado ao rosto de Jesus, na A Última Ceia, no que não é, manifestamente, um gesto afetuosamente ou de apoio; no mínimo, parece estar dizendo, de modo rudemente ameaçador: «Lembra-te de João.» E a menos conhecida das obras de Leonardo, o Sudário de Turim, mostra o mesmo tipo de simbolismo, com a imagem de uma cabeça, aparentemente decapitada, sendo colocada «sobre» um corpo, classicamente crucificado. A esmagadora evidência é que, pelo menos para Leonardo, João Baptista era realmente superior a Jesus.



Thoth (Egito), Hermes Trismegistus (Grécia), Mercúrio (Roma), muda a cultura, o tempo e as eras, mas o conhecedor resiste contra a ignorância...

Tudo isto podia ter feito Leonardo parecer uma voz que clamava no deserto. Afinal, muitos gênios têm sido excêntricos, para dizer o mínimo. Talvez esta fosse uma outra área da sua vida em que ele se situou à margem das convenções da sua época, rejeitado e isolado. Mas também estávamos conscientes, logo no princípio da nossa investigação, no fim da década de 80, de que tinham surgido provas – embora de natureza muito polêmica – em anos recentes que o ligavam a uma sinistra e poderosa sociedade secreta.

Este grupo, que alegadamente já existia muitos séculos antes de Leonardo, envolvia alguns dos mais poderosos indivíduos e famílias da história europeia e – de acordo com algumas fontes – **grupo que existiria ainda hoje**. Não só, diz-se, os inspiradores desta organização eram membros da aristocracia como também algumas das atuais figuras da vida econômica e política a mantêm viva, com objetivos particulares. Se no princípio da nossa investigação, ingenuamente, tivéssemos pensado que íamos passar o tempo nas galerias de arte, a decodificar as pinturas da Renascença, dificilmente poderíamos estar mais longe da verdade.

CAPÍTULO 2

NO MUNDO SECRETO

A nossa investigação do «Leonardo Da Vinci (secreto) desconhecido» iria tornar-se uma longa busca, incrivelmente complicada – dir-se-ia mais uma iniciação do que uma simples deslocação de A para B.

*Ao longo do caminho, encontramos-nos em muitos becos sem saída e enredamo-nos no submundo dos que estão ligados às **SOCIEDADES SECRETAS** e que têm prazer não só em se entregar a jogos sinistros mas também em ser agentes de desinformação e de confusão. Muitas vezes, ficamos estupefatos, perguntando a nós mesmos como uma simples investigação da vida e da obra de Leonardo da Vinci nos podia ter introduzido num mundo que não acreditávamos que existisse fora dos filmes impenetráveis do grande surrealista francês **Jean Cocteau**, como o seu Orfeu, com a descrição de um submundo em que se penetra através de espelhos mágicos ...*

... De fato, foi este verdadeiro expoente do bizarro – Jean Cocteau – que nos iria fornecer mais indicações, não só acerca das crenças de Leonardo mas também da

existência de uma continuada tradição secreta que tinha as mesmas preocupações. Iríamos descobrir que Cocteau (1889-1963), ele próprio, parece ter estado implicado nesta sociedade – a prova da sua implicação será adiante discutida. Mas, em primeiro lugar, analisemos o gênero mais imediato de prova testemunhal – a dos nossos olhos e descobertas.

Espantosamente próxima das luzes brilhantes e do ruído de Leicester Square, em Londres, encontra-se a Igreja de Notre Dame de Paris. Situada em Leicester Square, virtualmente contígua a uma elegante sorveteria, é muito difícil encontrá-la, porque a sua fachada não se anuncia com a arquitetura flamejante que nos habituamos a associar às grandes igrejas católicas. Podemos passar sem reparar nela e, certamente, sem fazer ideia de que a sua decoração é significativamente diferente da decoração da maioria das outras igrejas católicas.



P. L. KESSLER

Fachada da Igreja de Notre Dame de France, situada em Leicester Square, em Londres

Originalmente construída em 1865, num local com associações aos Cavaleiros Templários, Notre Dame de France foi quase totalmente destruída durante os ataques aéreos nazistas a Londres durante a II Guerra Mundial e reconstruída no final da década de 50. Transposto o seu modesto exterior, o visitante encontra-se num vasto átrio, arejado e de grande altura, que, a princípio, pode parecer típico do moderno traçado católico.

Quase desprovida da aparatosa estatuária que adorna excessivamente muitos edifícios mais antigos, ela contém, todavia, pequenas placas decorativas que representam a Via Sacra, um altar-mor, abaixo de uma grande tapeçaria de uma jovem virgem loira, rodeada por animais que a veneram – a qual, embora um tanto sugestiva de uma das mais graciosas cenas de Disney, ainda está dentro dos limites do que constitui uma representação aceitável da jovem Maria – e algumas imagens de santos, presidindo às capelas laterais.

Mas, à esquerda do visitante, quando está voltado para o altar-mor, há uma pequena capela que não tem nenhuma estátua de culto mas, no entanto, ***tem o seu grupo de fiéis muito particulares***. Os visitantes vêm admirar e fotografar o seu invulgar mural, obra de Jean Cocteau, que o terminou em 1960, e a igreja orgulha-se de vender postais ilustrados da sua obra de arte, muito particular e justamente famosa. Mas, tal como no caso das chamadas pinturas «cristãs» de Leonardo, este afresco, quando meticulosamente examinado, revela simbolismo muito pouco ortodoxo. E a comparação com a obra de Leonardo não é acidental. Mesmo dada a distância de cerca de quinhentos anos, poderia dizer-se, no entanto, que Leonardo e Cocteau estavam, de algum modo, a colaborar, ao longo dos séculos?

Antes de voltarmos a nossa atenção para o curioso mural de Cocteau, examinemos a igreja, de modo geral. Embora não seja única, é invulgar que uma igreja católica seja ***redonda***, e esta forma é aqui acentuada em vários pormenores. Por exemplo, há uma surpreendente clarabóia, em forma de cúpula, decorada com um desenho de anéis concêntricos que não é demasiado fantasista interpretar como um gênero de teia de aranha. E as paredes, tanto no interior como no exterior, ostentam o repetido motivo de cruzes de braços iguais, alternadas – e ainda mais círculos.

Esta igreja do pós-guerra, embora seja nova, ergueu-se orgulhosamente, incorporando uma placa de pedra que fora retirada da Catedral de Chartres, essa jóia da coroa da arquitetura gótica – e, como iríamos descobrir, ***o ponto de convergência (a Catedral de Chartres) destes grupos***, cujas crenças religiosas não são, de modo nenhum, tão ortodoxas como os livros de História nos levavam a pensar.

Pode objectar-se que não há nada de particularmente profundo ou sinistro na inclusão desta pedra – afinal, durante a guerra, esta igreja foi um ponto de encontro das forças de Libertação Francesas e uma peça de Chartres era, seguramente, um símbolo vivo do que a pátria francesa sempre representou. Contudo, a nossa investigação ia mostrar que era, de fato, muito mais importante do que isso.

Dia após dia, muitas pessoas – tanto londrinos como visitantes – passam por Notre Dame de France para rezar e participar nos serviços religiosos. A igreja parece ser uma das mais frequentadas de Londres e também representa um refúgio conveniente para os sem-abrigo, que são tratados com grande bondade (como os próprios Templários costumavam tratar os desafortunados). Mas é o mural de Cocteau que atua como um ímã para a maioria dos que visitam a igreja, como parte do seu passeio a Londres, embora também se possam deter para aproveitar um oásis de calma, no meio do grande movimento da capital.

De início, o mural pode decepcionar, porque – como grande parte da obra de Cocteau – parece, ao primeiro olhar, ser pouco mais do que um esboço pintado, uma cena apenas esboçada nalgumas cores, sobre o simples estuque. Representa a Crucificação: a vítima está rodeada de aterradores soldados romanos, de mulheres e discípulos pesarosos. Certamente que contém, podia pensar-se, todos os ingredientes de uma cena da Crucificação tradicional, mas, como A Última Ceia de Leonardo, ela merece um exame mais minucioso, mais crítico – e mesmo mais sensato.

A figura central, a vítima da mais horrível das mortes por tortura, pode bem ser Jesus. Mas também é verdade que não temos a certeza da sua identidade, porque apenas o vemos dos joelhos para baixo. A parte superior do corpo não é mostrada. E, aos pés da cruz, **está uma enorme rosa vermelho-azulada.**



Em primeiro plano, há uma figura que não é romana nem discípulo, que está afastada da cruz e parece estar fortemente perturbada pela cena que se desenrola atrás de si. Na verdade, é um acontecimento profundamente perturbador – assistir à morte de qualquer pessoa, nestas circunstâncias, é, seguramente, pungente, mas estar presente quando Deus encarnado está derramando o seu sangue seria indescritivelmente traumático. Todavia, a expressão desta personagem não é a do humanitarismo horrorizado, nem a do venerador consternado. Se formos sinceros, a testa franzida e o olhar de soslaio são os de uma testemunha decepcionada, mesmo desagradada. Não é a reação de alguém que esteja remotamente disposto a dobrar o joelho, em sinal de respeito, mas de alguém que expressa a sua opinião de igual para igual.

Então, quem é esta presença desaprovadora no acontecimento mais sagrado da Cristandade? É nada menos do que o próprio **Jean (João) Cocteau**. Se nos lembrarmos de que o próprio Leonardo se auto-retratou, desviando o olhar da Sagrada Família, na Adoração dos Magos, e de Jesus, em A Última Ceia, há, no mínimo, poderíamos dizer, uma semelhança secreta entre estas duas pinturas. ***E, quando se afirma que os dois artistas pertenciam à alta hierarquia da mesma sociedade secreta e herética***, continuar a investigação torna-se irresistível.

Iluminando a cena, um **SOL NEGRO** lança os seus raios sinistros no céu circundante. Frente ao sol, encontra-se uma pessoa – provavelmente um homem – cujos olhos levantados e protuberantes, perfilados contra o horizonte, são notavelmente semelhantes a seios atrevidos. Quatro soldados romanos assumem uma atitude épica, em volta da cruz, mantendo as lanças em ângulos estranhos e, aparentemente, significativos – um deles agarra um escudo que ostenta o desenho de um falcão (n.t. ***símbolo de Hórus, filho de ÍSIS...***) estilizado. E, aos pés de dois soldados, vê-se um pano, sobre o qual estão espalhados dados. A soma total dos números que os dados apresentam é **cinquenta e oito – 58**.

Um homem jovem e insípido aperta as mãos em torno da base da cruz, e o seu olhar, um tanto inexpressivo, fixa-se vagamente numa das duas mulheres desta cena. Estas, por sua vez, parecem estar ligadas pela forma de um grande «M», exatamente abaixo do homem com olhos semelhantes a seios. A mulher mais velha, cheia de dor, olha para baixo e parece estar a chorar sangue; a mais nova está literalmente mais distante, apesar de estar de pé, junto da cruz, todo o seu corpo está afastado dela. A forma do «M» aberto repete-se na frente do altar, imediatamente abaixo do mural.



Jean Cocteau pintou a si mesmo no mural (Direita) ao lado do Falcão e dos dados que aparecem à esquerda.

A última figura desta cena, no extremo direito da pintura, é um homem de idade indefinida, cujo único olho visível tem a forma distinta de um peixe.

Alguns comentadores chamam a atenção para o fato de os ângulos das lanças dos soldados formarem um pentagrama – em si, uma característica pouco ortodoxa de uma cena tradicional cristã. Esta característica, apesar de intrigante, não faz parte da nossa presente investigação. Como vimos, parecem existir elos superficiais entre as mensagens subliminares das obras religiosas de Leonardo e de Cocteau, e foi esta utilização comum de determinados símbolos que chamou a nossa atenção.

Os nomes de Leonardo da Vinci e de Jean Cocteau figuram na lista dos grãomestres daquela que alega ser uma das mais antigas e mais influentes sociedades secretas da Europa – o Prieuré de Sion, o Priorado de Sião. Altamente polêmica, a sua própria existência tem sido posta em questão e, portanto, quaisquer das suas alegadas atividades são, geralmente, ridicularizadas e as suas implicações ignoradas. De princípio, compreendemos este tipo de reação, mas as nossas investigações posteriores revelaram que a questão não era assim tão simples.

A sociedade secreta **Priorado de Sião** chamou a atenção do mundo de língua inglesa apenas em 1982, através do best-seller “**The Holy Blood and the Holy Grail**”, de Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln, embora, em França, a sua pátria, se tivesse tornado público, de forma gradual, a partir de 1960. É uma ordem secreta quase maçônica ou de cavalaria, com determinadas ambições políticas e, parece, considerável poder oculto. Dito isto, é muito difícil classificar o Priorado, talvez porque exista algo de essencialmente quimérico em informação de todos os movimentos que foram dados pelo representante do Priorado, informação que conhecemos no princípio de 1991 – o encontro foi o resultado de uma série de cartas bizarras, que nos foram enviadas após uma discussão radiofônica acerca do Sudário de Turim.

O que conduziu a este encontro, ligeiramente surrealista, está pormenorizado no nosso livro anterior, mas, de momento, será suficiente dizer que um certo «Giovanni» (**João** em italiano)- que sempre conhecemos sob este pseudônimo – um italiano que alegava ser um dos membros da alta hierarquia do Priorado de Sião, nos observara, cuidadosamente, durante as primeiras fases da nossa investigação sobre Leonardo e o Sudário de Turim. Por qualquer razão, ele decidira, por fim, informar-nos de certos interesses daquela organização, e talvez mesmo implicar-nos nos seus planos. Grande parte daquela informação iria conduzir eventualmente – depois de a termos verificado, de forma algo tortuosa

– na confecção do nosso livro sobre o Sudário de Turim, mas essa informação de modo algum foi importante para aquela obra e, por conseguinte, foi omitida.

Apesar das implicações da informação de Giovanni, muitas vezes espantosas, ou mesmo chocantes, fomos obrigados a tomar a sério pelo menos a maior parte dela, apenas porque a nossa investigação independente a confirmava. Por exemplo, a imagem do Sudário de Turim comporta-se como uma fotografia, porque é exatamente isso que ela é, como já demonstramos. E se, como ele afirmava, a informação de Giovanni tivesse origem nos arquivos do Priorado, então, havia razão para abordar a ideia da sua existência – talvez com algum ceticismo saudável, mas de modo algum com a completa negação de muitos dos seus detratores.

Quando começamos a envolver-nos no mundo secreto de Leonardo, depressa compreendemos que, se esta sociedade pouco definida fizera realmente parte integrante da sua vida, então, ela podia contribuir muito para explicar a força motivadora de Leonardo. Se, de fato, ele fizera parte de qualquer tipo de rede, poderosa e clandestina, os seus influentes patronos – como Lorenzo de Medici e Francisco I, de França – também podiam estar implicados. Parecia haver uma organização misteriosa por detrás das obsessões (n.t. e daquilo que ele sabia) de Leonardo: mas era essa organização, de fato, como alguns afirmam, o Priorado de Sião?

Se as reivindicações do Priorado são verdadeiras, então ele era já uma venerável organização quando Leonardo foi recrutado para as suas fileiras. Mas, qualquer que fosse a sua antiguidade, o Priorado devia ter exercido uma atração poderosa, talvez única, sobre o jovem artista e sobre vários dos seus colegas renascentistas, igualmente incrédulos. Talvez, como os maçônicos modernos, ela oferecesse progresso material e social, facilitando a carreira do jovem artista nas mais influentes cortes europeias, mas isso não explicaria a profundidade evidente das estranhas crenças de Leonardo. Fosse qual fosse a organização a que pertenceu, ela apelava ao seu espírito tanto como aos seus interesses materiais.

O poder subjacente ao Priorado de Sião é, no mínimo, parcialmente devido à sugestão de que os seus membros são, e sempre foram, guardiões de um grande segredo – **um segredo que, se fosse tornado público, abalaria os verdadeiros alicerces tanto da igreja como do Estado.** O Priorado de Sião, por vezes conhecido por Ordem de Sião ou Ordem da Nossa Senhora de Sião, assim como por outros títulos subsidiários, **alega ter sido fundado em 1099, durante a Primeira Cruzada** – e, mesmo então, foi apenas uma questão de formalizar um grupo cuja custódia deste conhecimento explosivo já datava de há muito tempo atrás.

Inverno, Solstício, Ariel
Escudo, Terra, Meia Noite,
Lua Nova, NORTE



Verão, Solstício, Miguel,
Cajado, Fogo, Meio dia,
Lua Cheia, SUL

*As correlações existentes
 no interior da Igreja de
 Notre Dame de France, em
 Londres: zodíaco, alquimia,
 arcanjos, círculo, pontos
 cardeais, fases da lua, etc*

O Priorado alega estar nos bastidores da criação dos Cavaleiros Templários – essa curiosa organização de monges-soldados medievais de sinistra reputação. O Priorado e os Templários tornaram-se, consoante se alega, virtualmente a mesma organização, presidida pelo mesmo grãomestre, até sofrerem um cisma, em 1188, e seguirem caminhos distintos. O Priorado continuou sob a custódia de uma série de grãomestres, incluindo alguns dos nomes mais ilustres da história, como Sir Isaac Newton, Sandro Felipé (conhecido como Botticelli), Robert Fludd, o filósofo ocultista inglês – e, claro, Leonardo da Vinci, que, alegadamente, presidiu ao Priorado durante os últimos nove anos da sua vida.

Entre os seus líderes mais recentes, contam-se Vítor Hugo, Claude Debussy – e o artista, escritor, dramaturgo e realizador cinematográfico Jean Cocteau. E, embora não fossem grãomestres, alegadamente, o Priorado tem atraído outros luminares, ao longo dos séculos, como Joana d’Arc, Nostradamus (Michel de Notre Dame) e mesmo o papa **João XXIII**.

Além destas celebridades, a história do Priorado de Sião, alegadamente, envolveu as mais importantes famílias reais e aristocráticas da Europa, geração após geração. Estas famílias incluíam os D’Anjou, os Habsburgo, os Sinclair e os Montgomery. O objetivo declarado pelo Priorado é proteger os descendentes da antiga dinastia merovíngia, reis do que hoje é a França – que reinaram desde o século V até ao assassinato de Dagoberto II, no final do século VII, e com ele a dinastia merovíngia. No entanto, os críticos afirmam que o Priorado de Sião existe apenas a partir de 1950 e é formado por um pequeno grupo de mitomaniacos sem poder efetivo – monárquicos com ilimitadas ilusões de grandeza.

Assim, por um lado, temos as reivindicações do Priorado à sua genealogia e *raison d’être* e, por outro lado, os argumentos dos seus detratores. Fomos confrontados com este abismo, aparentemente intransponível, e – para ser honesto – tivemos dúvidas em continuar com esta linha particular de investigação. Contudo, compreendemos que, embora uma avaliação do Priorado se dividisse logicamente em duas partes – as questões da sua existência, em tempos recentes, e das suas pretensões históricas -, o problema era complexo, e nada ligado a esta organização era transparente.

Uma ligação dúbia ou uma contradição aparente, relativas às atividades do Priorado, levava, inevitavelmente, os céticos a considerarem toda a situação como um disparate completo, do princípio ao fim. **Mas devemos lembrar que estamos lidando com criadores de mitos que, muitas vezes, estão mais preocupados em transmitir IDEIAS PODEROSAS, e mesmo chocantes,**

através de imagens de arquétipo do que em comunicar a verdade literal.

Não tínhamos dúvidas da existência moderna do Priorado. Os nossos contatos com Giovanni convenceram-nos de que ele, pelo menos, não era um impostor casual e que a sua informação era digna de confiança. Não apenas nos revelou fatos preciosos acerca do Sudário de Turim como nos forneceu pormenores acerca de vários indivíduos que, atualmente, estão implicados no Priorado e noutras organizações esotéricas, talvez aliadas, tanto no Reino Unido como na Europa continental. Por exemplo, ele mencionou, como membro, um consultor editorial com o qual um de nós trabalhara nos anos 70. À primeira vista, a afirmação de Giovanni referente a este homem parecia uma fantasia maliciosa da sua parte, mas, alguns meses depois, aconteceu uma coisa muito estranha.

Pelo que foi certamente uma ***coincidência espantosa***, esse mesmo editor assistiu a uma festa organizada por uma das nossas amigas, em Novembro de 1991, num restaurante de que ela gostava particularmente – que não era, de modo nenhum, a sua casa num dos condados junto a Londres, mas que ficava muito próximo da casa de um de nós. Assim, foi verdadeiramente surpreendente encontrar entre os convidados, tão perto da nossa casa, alguém que fora mencionado por Giovanni. Depois mantivemo-nos em contato com ele e fomos convidados para a sua casa, no Surrey. Sendo boa companhia, não foi difícil passar algum tempo com ele e com a sua mulher, mas, gradualmente, um fato tornou-se evidente. Ele era membro do Priorado de Sião.

O nosso contato com ele, durante este período, culminou com um convite para uma festa, após o Natal, na sua casa de campo. A festa foi uma fascinante reunião de amigos, e os outros convidados eram cosmopolitas encantadores, que estavam todos notavelmente – e, talvez, por percepção tardia, excessivamente – interessados no nosso trabalho sobre Leonardo e o Sudário. Foi muito lisonjeador, mas um pouco inquietante, sobretudo porque ***eram todos membros do cenário bancário internacional.***

Já sabíamos que o nosso anfitrião era membro de um gênero de organização maçônica, mas, apesar do seu espírito vivo e, por vezes, exuberante, era também um praticante do ocultismo. Sabíamos que isso era verdade, em parte, porque ele próprio nos informara, no que foi claramente uma atitude deliberada. Obviamente, ele queria que conhecêssemos alguma coisa acerca das tendências ocultistas dele próprio e do seu círculo – mas o quê exatamente? Fosse qual fosse a natureza da agenda oculta do nosso anfitrião, ficamos sabendo que o Priorado existia entre homens e mulheres, cultos e influentes, que falavam inglês. Giovanni também mencionou um certo diretor de uma empresa de publicidade de Londres, também nosso conhecido, como membro do Priorado. Embora não conseguíssemos confirmar a sua qualidade de membro daquela

organização, descobrimos que o seu interesse no ocultismo ultrapassava os artigos e os livros ocasionais que escrevia sobre o assunto usando pseudônimos. Também desempenhara um papel importante na publicidade de *The Holy Blood and The Holy Grail* quando foi publicado, em 1982. (E, certamente, não é coincidência que ele tenha uma segunda casa muito próximo de uma certa aldeia francesa que tem, como veremos, um papel importante a desempenhar no drama que rodeia o Priorado de Sião.)

O fato importante que emergiu dos nossos contatos com estes homens é que o moderno Priorado de Sião não é, como alegam os críticos, uma simples invenção de um pequeno grupo de franceses com fantasias monárquicas. Devido aos nossos recentes contatos e experiência, não duvidamos de que o Priorado existe ainda agora, hoje.

A sua alegada genealogia histórica, no entanto, é uma outra questão. Temos de admitir que os críticos do Priorado têm razão quanto à sua primeira referência documentada, que data apenas de 25 de Junho de 1956. Segundo a lei francesa, todas as associações têm de se registrar, por paradoxal que isso possa parecer, no caso das chamadas sociedades «secretas». No momento do registo, o Priorado declarou que o seu objetivo era oferecer «estudos e auxílio mútuo aos membros» – uma declaração que, embora pickwickiana no seu malicioso altruísmo, é também um caso de cuidadosa neutralidade.

O Priorado declarou apenas uma atividade, a publicação de um jornal chamado *Circuit* que se destinava, nas palavras do Priorado, «à defesa e informação dos direitos e liberdades da habitação-de-renda-reduzida» (foyers HLM – literalmente o equivalente à habitação social inglesa). Esta declaração referia quatro funcionários da associação, o mais interessante – e o mais conhecido – dos quais era um certo Pierre Plantard, que era também o editor do *Circuit*.

Desde aquela obscura declaração, o Priorado de Sião tornou-se conhecido de uma audiência mais vasta. Não apenas os seus estatutos surgiram na imprensa, completados pela assinatura do seu alegado anterior grãomestre, Jean Cocteau (embora, evidentemente, ela possa ser uma falsificação), mas também o Priorado surgiu em vários livros. A sua estréia ocorreu em 1962, em *Les Templiers sont parmis nous* (*Os Templários Estão entre Nós*), de Gérard de Sède, que incluía uma entrevista com Pierre Plantard.

O Priorado, no entanto, teve de esperar vinte anos para ter impacto no mundo de língua inglesa. Em 1982, o fenomenal best-seller *The Holy Blood and The Holy Grail*, de Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln chegou às livrarias, e a controvérsia subsequente tornou o Priorado de Sião um tema de debate em voga entre um público muito mais vasto. O que esse livro reivindicava para a organização, e o que extrapolava dos seus alegados objetivos, será, no entanto,

tratado mais tarde.

Pierre Plantard emerge dos elementos tornados públicos como uma figura plausível, que aperfeiçoou a arte dos políticos: olhar de frente para o entrevistador, enquanto, habilmente, consideram a verdadeira pergunta de modo muito diferente. Nascido em 1920, tornou-se conhecido do público, pela primeira vez, na França ocupada de 1942, como editor de um jornal, chamado *Vaincre pour une jeune chevalerie* (A Conquista de Uma Jovem Cavalaria) – que era nitidamente tolerante com os opressores nazistas e que foi, de fato, publicado com a sua autorização.

Oficialmente, este jornal era o órgão da Ordem Alpha-Galates, uma sociedade quase maçônica e cavaleiresca, sediada em Paris, da qual Plantard se tornou grão-mestre, aos 22 anos. De princípio, os seus editoriais surgiram sob o nome de «Pierre de France», depois «Pierre de France-Plantard» e, finalmente, simplesmente «Pierre Plantard». A obsessão com que considerava ser a versão correcta do seu nome verificou-se novamente quando adotou o título mais grandioso de «Pierre Plantard de Saint-Clair», o nome sob o qual surgiu em *The Holy Blood and The Holy Grail* – e que usou quando foi grão-mestre do Priorado de São, entre 1981 e 1984. (Vaincre passou agora para o título do boletim interno do Priorado, que foi editado por Pierre Plantard de Saint-Clair e por seu filho Thomas.

Este antigo desenhador de uma firma de acessórios para fogões, que, alegadamente, tinha dificuldade, por vezes, em pagar às próprias contas, exerceu, todavia, uma considerável influência na história europeia. Foi Pierre Plantard de Saint-Clair – sob o pseudónimo de «Capitão Way» – que esteve por detrás da organização dos Comitês de Salvação Pública que promoveram o regresso ao poder na França pós guerra do general Charles de Gaulle, em 1958.

Consideremos, agora, a natureza essencialmente paradoxal do Priorado de São. Primeiro, donde vem, de fato, a informação pública acerca desta organização e até que ponto ela é digna de confiança? Como foi citado em *The Holy Blood and The Holy Grail*, a fonte primordial é uma coleção de apenas sete enigmáticos documentos, conservados na Biblioteca Nacional de Paris, conhecidos como *Dossiers secrets* (arquivos secretos). À primeira vista, parecem uma miscelânea de textos e de genealogias históricas e de obras alegóricas, mais modernas, atribuídas a autores anónimos ou a autores com pseudónimos banais ou ostentam nomes de pessoas que nada têm a ver com eles.

A maioria destes registros diz respeito à suposta obsessão merovíngia da sociedade e centra-se no famoso mistério do pequeno vilarejo francês de **Rennes-le-Château**, a remota aldeia do **Languedoc**, que foi o ponto de partida da investigação de Baigent, Leigh e Lincoln. Contudo, emergem outros temas

que, para nós, são muito mais importantes e que trataremos resumidamente. O primeiro artigo dos arquivos secretos foi depositado em 1964, embora esteja datado de 1956. O último artigo foi depositado em 1967.

Sensatamente, podíamos considerar grande parte do conteúdo dos arquivos como sendo qualquer tipo de brincadeira. Contudo, abstinemo-nos desta reação imediata porque sabíamos, pela nossa experiência do Priorado de Sião e do seu *modus operandi*, que ele se vangloria de desinformação deliberada e pormenorizada. Por detrás desta cortina de fumaça de total disparate, prevaricação e ofuscação, existe um propósito muito sério e muito deliberado.

Contudo, o que nunca poderia ter fascinado e motivado nomes ilustres, como Leonardo ou Isaac Newton, durante tanto tempo era esta suposta obsessão de reconduzir a descendência merovíngia, há muito desaparecida, a uma posição de poder na França moderna. Face às provas apresentadas nos arquivos secretos, a causa da sobrevivência da dinastia, para além de Dagoberto II, para não mencionar a continuação de uma clara linha de descendência até ao fim do século XX, é, na melhor das hipóteses, frágil, e, na pior das hipóteses, claramente fictícia.

A Dinastia Merovíngia dos primeiros reis da França teria origem na descendência de Jesus e Maria Madalena....

Afinal, qualquer pessoa que tenha estado a investigar a sua própria árvore genealógica para além das duas ou três gerações anteriores, em breve descobre que todo o processo é complexo e problemático. Assim, mantém-se a pergunta: esta causa podia ter inspirado homens e mulheres de grande inteligência, geração após geração? É difícil imaginar que pessoas como Isaac Newton e Leonardo tivessem sido muito influenciadas, por exemplo, por uma sociedade britânica cujos objetivos fossem reconduzir ao poder os descendentes do rei Haroldo II (morto pelas tropas de Guilherme, o Conquistador, em 1066).

Para o moderno Priorado de Sião, existem grandes dificuldades na realização do seu objetivo de restaurar a descendência merovíngia. Não existe apenas o problema de transformar a França republicana na monarquia que ela rejeitou, há mais de dois séculos, mas, mesmo assim (supondo que a sucessão merovíngia pudesse ser provada), aquela mesma dinastia não tem qualquer direito ao trono porque a nação francesa não existia durante a era merovíngia. Como o escritor francês Jean Robin expôs a questão, de forma sucinta: «Dagoberto era... um rei em França, mas, de modo algum, rei da França.»

Os arquivos secretos podem parecer um completo disparate, mas a simples dimensão do esforço e dos recursos investidos neles e na manutenção das suas

pretensões faz-nos hesitar. Mesmo o escritor francês Gérard de Sède, que dedica muitas páginas, minuciosamente argumentadas, à destruição das alegadas provas de defesa da causa merovíngia, apresentadas nos arquivos, admitiu que a investigação e os recursos eruditos e acadêmicos que estes implicaram eram desproporcionadamente impressionantes. Apesar de criticar severamente «este mito delirante», ele conclui, todavia, que existe um verdadeiro mistério por detrás de tudo isto. Uma característica curiosa dos arquivos é a implicação constante e subjacente de que os autores tinham acesso aos arquivos oficiais do Governo e da Polícia.

Citando apenas dois exemplos, entre muitos: em 1967, um folheto, chamado *Le serpent rouge* (***A Serpente Vermelha***), foi anexado aos arquivos e atribuído a três autores – Pierre Feugère, Louis Saint-Maxent e Gaston de Koker – datado de 17 de Janeiro de 1967, embora o talão de depósito na Biblioteca Nacional esteja datado de 15 de Fevereiro. Este extraordinário texto de **treze** páginas, geralmente muito apreciado como exemplo de talento poético, também engloba simbolismo astrológico, alegórico, esotérico e alquímico. Mas o que isto tem de sinistro é que os três autores foram todos encontrados enforcados, com intervalo de vinte e quatro horas, a 6/7 de Março desse mesmo ano. A implicação sugere que as suas mortes foram consequência da sua colaboração na composição de *Le serpent rouge*.

Contudo, a investigação subsequente revelou que a obra fora anexada aos arquivos a 20 de Março – depois de todos terem sido encontrados mortos e que o talão de depósito fora deliberadamente falsificado para indicar a data de Fevereiro. Mas, indiscutivelmente, a coisa mais espantosa em todo este estranho caso é que os três alegados autores não tinham, de fato, qualquer ligação com este panfleto ou com o Priorado de Sião... Presumivelmente, alguém aproveitara o fato destas três mortes, bizarramente sincronizadas, e usara-as para estranhos objetivos pessoais.

Mas porquê? E, como indica De Sède, decorreram apenas **treze** dias entre as três mortes e o depósito do panfleto na Biblioteca Nacional – o que foi um trabalho tão rápido que levantou fortes suspeitas de que o(s) verdadeiro(s) autor(es) tinha(m) conhecimento interno das investigações confidenciais da Polícia. E Franck Marie, escritor e detetive particular, provou, de forma concludente, que a mesma máquina de escrever fora usada para compor *Le serpent rouge* e alguns dos documentos posteriores dos arquivos secretos.

Depois verificou-se o caso da falsificação dos documentos do Lloyds Bank. ***Pergaminhos, alegamente do século XVII, encontrados por um sacerdote francês, no fim do século passado***, e que, supostamente, provavam a continuidade da linha de descendência merovíngia, foram comprados por um

cavalheiro inglês, em 1955, e depositados numa caixa-forte de uma agência do Lloyds Bank em Londres. Embora ninguém tivesse visto estes documentos, conhecia-se a existência de cartas que confirmavam o fato de estes terem sido depositados e que estavam assinados por três importantes homens de negócio ingleses, todos eles com ligações anteriores aos Serviços Secretos Ingleses.

481



Os merovíngios foram uma dinastia franca saliana que governou os francos numa região correspondente, grosso modo, à antiga Gália da metade do século V à metade do século VIII. Eles eram citados às vezes por seus contemporâneos como os “reis de cabelos longos” (em latim *reges criniti*), por não cortarem simbolicamente os cabelos (tradicionalmente, os líderes tribais dos francos exibiam seus longos cabelos como distinção dos cabelos curtos dos romanos e do clero). O termo “merovíngio” deriva do latim medieval *Merovingi* ou *Merohingi* (“filhos de Meroveu”). O domínio merovíngio foi encerrado por um golpe de Estado **em 751 quando Pepino o Breve** formalmente depôs ***Childeric III***, dando início à dinastia carolíngia.

Mas durante as investigações para *The Messianic Legacy*. (a sequencia de *The Holy Blood and The Holy Grail*), Baigent, Leigh e Lincoln conseguiram provar que as cartas eram uma falsificação – embora incorporassem partes de documentos genuínos, com assinaturas verdadeiras, e cópias dos certificados de nascimento dos três homens de negócios. No entanto, a questão mais importante e de maior alcance é que quem quer que os forjasse parece ter obtido as partes genuínas dos documentos nos arquivos do Governo francês, de um modo que implica fortemente os Serviços Secretos Franceses.

Mais uma vez, somos confrontados com uma sensação de grande estranheza. Um enorme montante de tempo, esforço e talvez mesmo riscos e perigo pessoal deve ter estado envolvido na montagem deste cenário. Mas, ao mesmo tempo, em última análise, ele parece ser completa e absolutamente desprovido de significado. Nesse aspecto, todo o caso se limita a seguir a velha tradição dos Serviços (e sociedades) Secretos, em que poucas coisas são o que parecem ser e os fatos aparentemente de mais fácil compreensão podem bem ser exercícios de completa desinformação.

Capítulo 3

No Mundo Secreto 2

*Há razões, no entanto, **para tirar partido de paradoxos – mesmo dos absurdos gritantes**. Temos tendência a lembrar o absurdo, e, mais, as incongruências, que são deliberadamente apresentadas como fatos escrupulosamente muito bem argumentados e têm um efeito estranhamente poderoso sobre a nossa mente inconsciente. Afinal, é esta parte de nós que cria os sonhos que funcionam com o seu tipo próprio de paradoxo e de não-lógica. E é **a mente inconsciente** que é o motivador, o criador que, uma vez «em movimento», continuará a trabalhar, mesmo sobre a mensagem mais subliminar, durante anos, extraíndo o último pedaço de significado simbólico de uma pequena migalha de aparente engodo.*

Os céticos, ***que se orgulham, em geral, do seu discernimento material, são, por vezes, de fato, estranhamente ingênuos*** – porque eles vêem todas as coisas como sendo completamente brancas ou pretas, verdadeiras ou falsas, que é exatamente o modo como **certos grupos querem que eles as vejam e aceitem. (n.t. e muitos, a maioria aceita como realidade aquilo que o paradigma DIZ QUE É REALIDADE)**. Por exemplo, qual é o melhor meio de atrair a atenção, por um lado, mas afastar os intrusos indesejados ou os curiosos fortuitos, por outro lado, do que apresentar ao público informação, aparentemente, intrigante mas também virtualmente absurda?

E como se a própria aproximação aos verdadeiros objetivos do Priorado constituísse, de fato, uma iniciação: se eles não nos são destinados, a cortina de fumaça impedir-nos-á efetivamente de fazer uma investigação mais profunda. Mas se, de algum modo, nos estiverem destinados, em breve receberemos esse material extra ou descobriremos por nós próprios, de uma maneira suspeitosamente sincrônica, esse conhecimento extra da organização que, subitamente, fará com que tudo se encaixe no seu lugar.

Na nossa opinião, é um grande erro ignorar os Arquivos Secretos apenas porque a sua mensagem explícita é manifestamente implausível. O simples volume do trabalho que implicam argumenta em favor de terem alguma coisa a oferecer. Manifestamente, muitos obsessivos desequilibrados gastaram todo o seu tempo num trabalho vasto e (aparentemente) inútil e o total homem/horas implicado nele, por si mesmo, não torna os resultados mais dignos da nossa admiração ou respeito. Mas aqui estamos lidando com um grupo que está claramente preparando um plano intrincado e, considerado em conjunto com todas as outras indicações e pistas disponíveis (que, a seu devido tempo, se tornarão evidentes), é claro que alguma coisa se passa, algo está acontecendo. Ou eles estão tentando dizer-nos alguma coisa ou estão tentando esconder alguma coisa – enquanto continuam a dar a entender a importância do seu significado.

Assim, como devemos interpretar as reivindicações históricas do Priorado de Sião? Remonta realmente ao século XI e as suas fileiras incluíram, de fato, todos os nomes ilustres revelados nos arquivos secretos? Em primeiro lugar, pode dizer-se que há sempre um problema na comprovação da existência, atual ou histórica, de uma sociedade secreta. Afinal, quanto mais secreta ela tenha conseguido manter-se mais difícil é de comprovar a sua existência. Contudo, onde se possa provar terem existido repetidos interesses, temas e objetivos, entre os que se supõe terem pertencido a este grupo, ao longo dos anos, é seguro e mesmo sensato admitir que este grupo possa, de fato, ter existido.

Por inverosímil que possa parecer a relação dos grãomestres do Priorado (indicada nos arquivos secretos), a investigação de Baigent, Leigh e Lincoln provou que esta não é uma lista feita ao acaso. Na verdade, existem ligações convincentes entre os sucessivos grãomestres. Além de se conhecerem uns aos outros – e, em muitos casos, terem relações de parentesco –, estes luminares partilhavam certos interesses e preocupações. Sabe-se que muitos deles estavam associados a movimentos esotéricos e a outras “sociedades secretas”, como os (não tão secretos...) maçônicos, os rosacrucianos e a Companhia do Santo-Sacramento, e todos eles partilhavam alguns objetivos comuns. Por exemplo, há um tema, caracteristicamente hermético e ocultista, que percorre toda a literatura conhecida destas sociedades – um sentimento de verdadeiro entusiasmo pela perspectiva de o homem se tornar quase divino, no incessante alargamento dos limites do seu conhecimento que lhe proporcionará a EVOLUÇÃO.

Além disso, a nossa investigação independente, que foi apresentada no nosso último livro, confirmou que estes indivíduos e famílias, alegadamente implicados no caso do Priorado, **ao longo dos séculos**, foram também os mesmos inspiradores que apoiaram o que podia ser designado como a **Grande Mistificação do Santo Sudário**.

Como já vimos, tanto Leonardo como Cocteau empregaram simbolismo heterodoxo nas suas pinturas, supostamente católicas. Separadas por quinhentos anos, as suas imagens revelam considerável consistência – e, na verdade, outros escritores e artistas, que também estavam ligados ao Priorado, também introduziram estes motivos nas suas produções. Em si, isto sugere insistentemente que eles, de fato, faziam parte de um gênero de movimento secreto organizado que já estava bem implantado mesmo na época de Leonardo. Como ambos, ele e Cocteau, têm sido apontados como seus grãomestres, e se considerarmos as suas preocupações comuns, parece razoável concluir que eles foram realmente membros da alta hierarquia de algum grupo, no mínimo, muito semelhante ao Priorado de Sião.

Quando alguém quer acreditar em algo, é impossível convencê-lo da verdade...

O conjunto de argumentos reunidos por Baigent, Leigh e Lincoln, em *The Holy Blood and The Holy Grail*, em defesa da existência histórica do Priorado, é irrefutável. E mais provas – que foram reunidas por outros investigadores – foram publicadas na edição revista e atualizada de 1996 do livro destes três autores. (Este livro é uma leitura essencial para quem se interesse por este tipo de mistério).

Todos estes argumentos mostram que havia uma sociedade secreta que atuava desde o século XII – mas é o atual e moderno Priorado de Sião o seu verdadeiro descendente? Apesar de os dois grupos poderem não estar necessariamente ligados. como se alega, certamente, o moderno Priorado tem conhecimento interno da sociedade histórica. Afinal, foi apenas por intermédio dos atuais membros que, pela primeira vez, ouvimos falar do passado do Priorado.

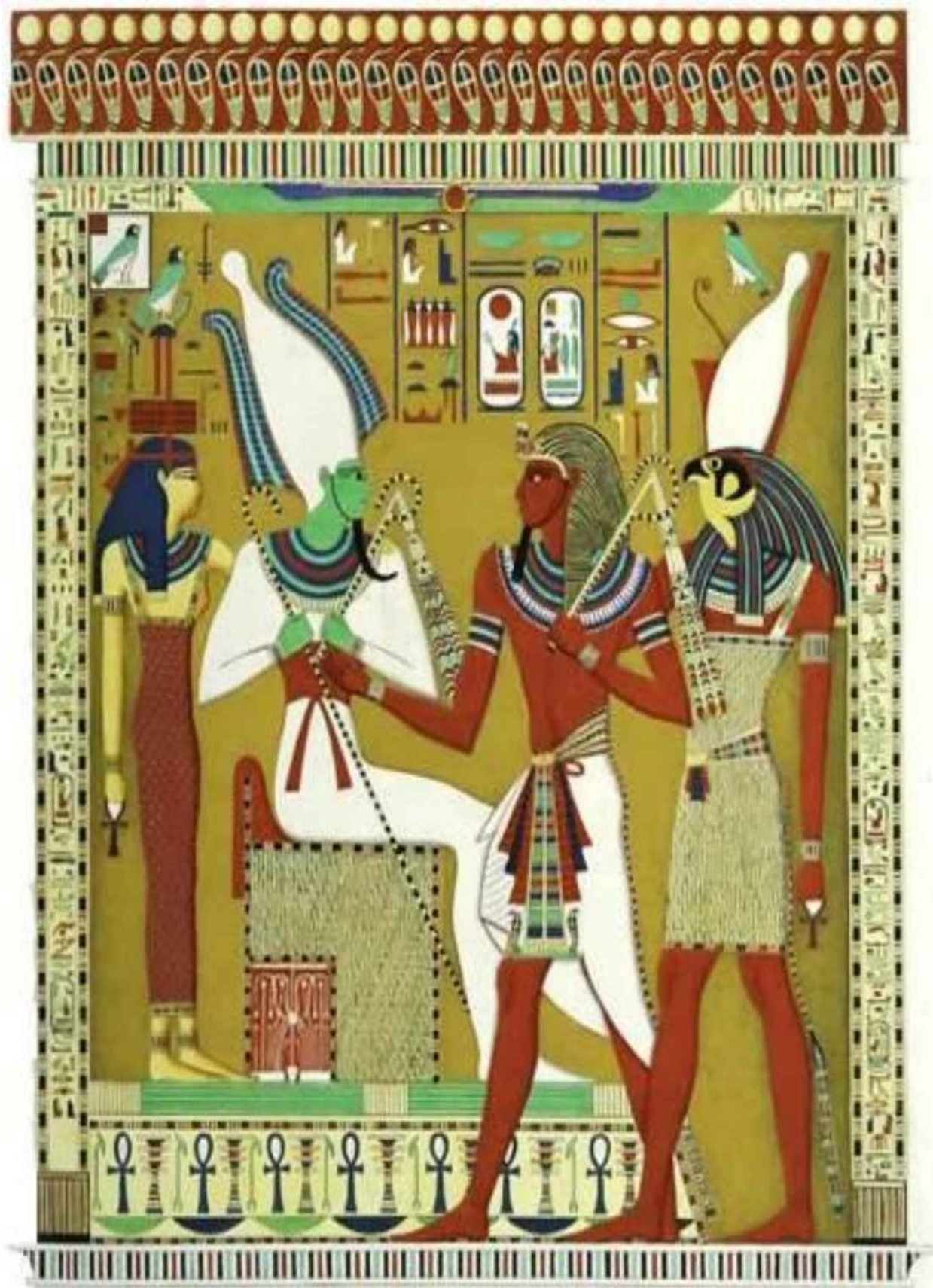
Mas mesmo o acesso aos arquivos do velho Priorado não implica necessariamente uma genuína continuação. Numa conversa recente com o artista francês Alain Féral – que, como protegido de Cocteau, trabalhou com ele e o conhecia muito bem -, ele afirmou-nos peremptoriamente que o seu mentor não fora grãomestre do Priorado de Sião. Pelo menos, assegurou-nos Féral, Cocteau não estivera implicado na mesma organização que, há muito, reclamava Pierre Plantard de Saint-Claire como seu grãomestre. Contudo, Féral levou a cabo a sua própria investigação de certos aspectos da história do Priorado de Sião, especialmente os aspectos relativos à aldeia de ***Rennes-le-Château***, no Languedoc, e, na sua opinião, os que figuram nos Arquivos Secretos como grãomestres, até, e incluindo, Cocteau, **estavam ligados por uma genuína tradição secreta.**

Nesta fase da nossa pesquisa, decidimos ignorar as supostas ambições políticas do moderno Priorado e concentrarmo-nos nos seus aspectos históricos, que podiam, evidentemente, lançar alguma luz sobre as primeiras. Os arquivos secretos – à parte a sua mitomania merovíngia – ***dão grande ênfase ao Santo Graal, à tribo de Benjamim e à personagem do novo Testamento, Maria Madalena.*** Por exemplo, em *Le serpent rouge* surge esta declaração:

*“Daquela que desejo libertar, chegam até mim os aromas do perfume que impregna o sepulcro. Antigamente alguns invocavam-na, **ÍSIS**, rainha das fontes benéficas. **VINDE A MIM TODOS OS QUE SOFREM E ESTÃO OPRIMIDOS E EU VOS CONFORTAREI**”. Outros: MADALENA, do famoso vaso de unguento balsâmico. Os iniciados sabem o seu verdadeiro nome: **NOTRE DAME DES CROSS.***

Esta curta passagem é confusa, não apenas porque a última frase – Notre Dame des Cross – não faz qualquer sentido (a não ser que «Cross» seja um nome de família e, nesse caso, ela tornar-se-ia apenas um pouco mais inteligível). «Des» é a forma plural de «de», mas cross nem existe em francês e está no singular, em inglês. Há também a confusão peculiar (n.t. para os neófitos) de **ÍSIS com Maria Madalena** – afinal, uma era uma deusa e a outra «uma mulher perdida» e são figuras de culturas diferentes, sem qualquer ligação aparente.

Podíamos pensar, evidentemente, que há um problema imediato em ligar temas, **aparentemente** tão diferentes, como Madalena, o Santo Graal e a tribo de Benjamim – para não falar de ÍSIS, a deusa-mãe egípcia – com o da descendência merovíngia. Os Arquivos Secretos explicam que os francos sicambros, a tribo da qual descendiam os merovíngios, eram de origem hebraica, eram descendentes da tribo perdida de Benjamim, que emigrou para a Grécia e, depois, para a Alemanha, onde se transformou nos sicambros.



Ísis, segurando o ANHK (CROSS Ansata), o símbolo da vida, ATRÁS DO TRONO de Osíris, ELA é a FONTE do poder de quem se assenta no trono... CUJA BASE ESTA MANTIDA PELO ANHK...

Contudo, os autores de *The Holy Blood and The Holy Grail* complicaram ainda mais o cenário. Segundo eles, a importância da geração merovíngia não era apenas um sonho fantástico de um pequeno grupo de realistas excêntricos. As suas pretensões transpuseram toda a questão para uma esfera muito diferente – a esfera que prendeu a imaginação de milhares de leitores entusiásticos do livro. ***Eles alegaram que Jesus fora casado com Maria Madalena e que havia descendência dessa união.*** Jesus (o Cristo) sobreviveu à cruz, mas a sua mulher partiu sem ele, quando levou os filhos para uma colônia judaica, fundada no que é o atual (e antigamente) Sul da França. Foram os seus descendentes que se tornaram a família reinante dos sicambros, fundando, assim, a dinastia real merovíngia.

Esta hipótese pode parecer explicar os principais temas do Priorado, mas levanta as suas próprias interrogações. Como vimos, é impossível que qualquer linhagem sobreviva na forma «pura» necessária para apoiar semelhante campanha, independentemente de quem os sicambros descendiam.

É inegável que há bons argumentos a favor de Jesus ter sido casado com Maria Madalena – ou, pelo menos, de algum tipo de relação íntima com ela – que, mais tarde, discutiremos em pormenor, e mesmo de ele ter sobrevivido à Crucificação. De fato, apesar da crença popular em contrário, nenhuma destas alegações depende da obra de Baigent, Leigh e de Lincoln, tendo sido minuciosamente discutidas por vários académicos, muitos anos antes da publicação de *The Holy Blood and The Holy Grail*.

Há, contudo, um grande problema nas hipóteses que sustentam os seus argumentos – um problema de que eles estão manifestamente conscientes, embora evitem chamar a atenção para ele. Para eles, os merovíngios são importantes porque são os descendentes de Jesus O CRISTO. Mas, se ele sobreviveu à cruz, não podia ter morrido. Pelos nossos pecados, não podia ter ressuscitado – e, por conseguinte, não era divino, não era o Filho de Deus. Então, podíamos perguntar, por que eram os seus alegados descendentes considerados tão importantes.

Uma pessoa que faz parte deste santo grupo de descendentes julgava-se ser o próprio Pierre Plantard de Saint-Clair. Apesar da linguagem empolada usada pelos comentadores em torno desta hipótese, o próprio Plantard nunca alegou ser descendente de Jesus. Nunca é de mais insistir que não é a ideia cristã de que Jesus era Deus encarnado – e, por conseguinte, os seus descendentes eram, de algum modo, também divinos – que dá à ideia da sucessão merovíngia a sua alegada importância. A base de toda esta crença é que, como Jesus era da

descendência de David e, por conseguinte, o legítimo rei de Jerusalém, este título recai automaticamente, mesmo que só em teoria, sobre a sua futura família. Assim, **é político**, mais do que divino, o poder que se reclama para a ligação merovíngia.

Baigent, Leigh e Lincoln, manifestamente, construíram a sua teoria sobre as reivindicações apresentadas nos Arquivos Secretos, mas, na nossa opinião, eles foram um tanto seletivos ao decidirem qual destas reivindicações deviam citar como prova. Por exemplo, os Arquivos Secretos afirmam que os reis merovíngios, desde o seu fundador, Meroveus, até Clóvis (que se converteu ao cristianismo em 496 logo após salvar a igreja de Roma da extinção) eram «reis pagãos do culto de Diana». Certamente que é difícil conciliar esta afirmação com a ideia de que eles descendiam de Jesus ou de uma tribo judaica.

Outro exemplo desta curiosa seletividade, por parte de Baigent, Leigh e Lincoln, é o «documento Montgomery». Segundo estes autores, este documento é «uma narrativa que emergira» entre os arquivos pessoais da família Montgomery e que um membro desta família partilhara com eles. A data da sua origem é incerta, mas a versão que lhes foi apresentada é do século XIX. Para eles, o valor deste documento residia no fato de que, em essência, ele apoiava as teorias avançadas em *The Holy Blood and The Holy Grail*, embora, claro, não pudesse ser considerado prova delas. Provou, pelo menos, que esta ideia – que Jesus era casado com Maria Madalena – já era conhecida, pelo menos, um século antes de eles começarem a sua investigação.

O documento Montgomery narra a história de Yeshua ben Joseph (Jesus, filho de José), que era casado com Maria de Betânia (a figura bíblica que muitas pessoas consideram ser a mesma que Maria Madalena). Como consequência direta de uma revolta contra os romanos, Maria é presa e só é libertada porque está grávida. Depois, foge da Palestina e acaba por chegar à Gália (que é hoje a França), onde dá à luz uma filha (Sarah).

Embora seja fácil compreender o motivo por que o documento Montgomery foi aproveitado por Baigent, Leigh e Lincoln como suporte para a sua hipótese, é estranho que não tenham atribuído maior importância a certos aspectos da história. Nesta narrativa, Maria de Betânia é descrita como **«uma alta sacerdotisa de um culto feminino»**; **tal como a veneração dos merovíngios à deusa Diana**, isto acrescenta à história uma feição distintamente pagã que é difícil conciliar com o conceito de que o Priorado está principalmente preocupado com a continuação da descendência do rei judaico David – a qual inclui Jesus.

Curiosamente, o moderno Priorado não confirmou nem desmentiu a hipótese de *The Holy Blood and The Holy Grail* – e mais uma vez se levantam suspeitas. Pode o Priorado estar se divertindo conosco?

Uma coisa se tornou muito clara para nós: a ambição motivadora do Priorado não é puramente o poder político que Baigent, Leigh e Lincoln lhe atribuem. Continuamente, os arquivos mencionam pessoas – quer entre os verdadeiros grãomestres quer entre os associados do Priorado – que não são essencialmente políticos, mas ocultistas. Por exemplo, Nicolas Flamel, grãomestre entre 1398 e 1418, era um mestre alquimista. Robert Fludd (1595-1637) era rosacruz e, mais próximo do nosso tempo, Charles Nodier (grãomestre entre 1081-1844) foi uma grande influência, que inspirou o renascimento do ocultismo moderno.

Mesmo Sir Isaac Newton (grãomestre entre 1691-1727), atualmente mais conhecido como cientista e matemático, era um alquimista e um hermético e ocultista devotado e, certamente, possuiu cópias, profusamente anotadas, dos manifestos rosacruzes. Há também, evidentemente, Leonardo da Vinci, outro gênio que os modernos interpretam mal, considerando a sua viva inteligência apenas como fruto do pensamento materialista. De fato, como vimos, as suas obsessões provieram de outras fontes e tomaram-no um candidato ideal à lista dos grãomestres do Priorado.

Curiosamente, apesar de reconhecerem os interesses esotéricos de muitas destas pessoas, Baigent, Leigh e Lincoln parecem não avaliar o total significado das suas obsessões. Afinal, em muitos destes casos, o ocultismo não era um simples passatempo ocasional, mas era, de fato, o principal centro de interesse das suas vidas. E a nossa experiência provou que os indivíduos relacionados com o moderno Priorado também praticam o ocultismo e o hermetismo.



Ísis é o poder que CRIA e mantém todos os SÓIS, seus “filhos”, que criam os planetas ...

Assim, qual o possível segredo (CONHECIMENTO SECRETO) podia ter atraído tantas das mais brilhantes mentes esotéricas mundiais, durante tanto tempo, admitindo que é improvável que tivesse sido a inverosímil e ilusória história merovíngia? Por mais convincente e pioneiro que The Holy Blood and The Holy Grail possa ter sido, a sua explicação dos objetivos e razões do Priorado é basicamente insatisfatória.

É evidente que alguma coisa se passou e se passa, a qual, dado o enorme montante de tempo, pessoas e de energia que parece ter sido consumido, ao longo dos séculos, dificilmente pode ser relativa apenas à legitimidade da monarquia francesa. E, seja ela qual for, deve ser tão ameaçadora para o status (*n.t. para o FALSO sistema de crenças, o paradigma atual*) quo que, mesmo depois do Século das Luzes, “**ELA**” teve de continuar a ser mantida secreta, a ser cautelosamente guardada por uma rede oculta de iniciados.

No princípio da nossa investigação sobre Leonardo e o Sudário de Turim, vimo-nos confrontados, repetidas vezes, com a inevitável sensação de que **existe um verdadeiro segredo**, que tem sido cuidadosamente guardado pelos poucos iniciados neste conhecimento. A medida que as nossas investigações prosseguiam, não podíamos afastar a suspeita de que os temas, que tínhamos detectado na vida e na obra de Leonardo, eram muito semelhantes aos temas que tínhamos discernido no material divulgado pelo Priorado. E, seguramente, valia a pena comprovar as suspeitas de que estes mesmos temas também estavam entrelaçados na obra de Jean Cocteau.

Já descrevemos o mural daquele artista, que se encontra na igreja de **Notre-Dame de France**, em Londres. Mas que relevância têm as suas imagens, notavelmente peculiares, para a obra de Leonardo, muito anterior, e para algum suposto movimento esotérico, oculto e hermético – e mesmo herético?

A ligação mais óbvia com a obra de Da Vinci é o fato de o artista se ter auto-retratado, afastando o olhar da cruz. Leonardo, como já referimos, representou-se a si próprio, deste modo, duas vezes, pelo menos – na Adoração dos Magos e na **Última Ceia**. Considerando a expressão do rosto de Cocteau, que sugere um profundo constrangimento perante toda a cena, não é uma concessão demasiado exagerada encontrar a mesma indiferença na violência com que Leonardo se afastou da Sagrada Família na Adoração.

No mural de Cocteau, vemos o homem crucificado apenas das coxas para baixo, o que implica alguma suspeita quanto à sua verdadeira identidade. Como vimos, na Última Ceia de Leonardo, a estranha ausência total de vinho parece implicar uma séria dúvida acerca da natureza do sacrifício de Jesus: aqui, o artista vai mais longe, ao não representar Jesus. Muito semelhante, também, é o uso da

forma de um M enorme – na obra de Cocteau, ele liga as duas mulheres pesarosas, presumivelmente a Virgem Maria e Maria Madalena. E, de novo, podemos supor que é esta última que vemos afastada da figura de Jesus. Enquanto a Virgem Maria olha para baixo, chorando, é a mulher mais nova que está voltada de costas para Jesus.

Na Última Ceia de Leonardo, o M liga Jesus ao suspeitosamente feminino «S. João» – e esta «Senhora M» (de Cocteau) também está o mais possível afastada dele, enquanto, ao mesmo tempo, parece estar próxima.

O mural de Cocteau também contém simbolismo que, uma vez conhecidas as preocupações do Priorado de Sião, está explicitamente ligado a elas. Por exemplo, os dados que os soldados estão a lançar mostram **cinquenta e oito pintas(58)** – e este é o número esotérico do Priorado. Aos pés da cruz, a rosa vermelho-azulada, extraordinariamente grande, é uma clara alusão ao movimento Rosacruz que, como veremos, tem ligações estreitas com o Priorado e, certamente, com Leonardo (*n.t. e com o conhecimento da verdade oculta*).

Como já vimos, os membros do Priorado acreditam que Jesus não morreu na cruz, e algumas das suas facções defendem que uma vítima substituta sofreu o que lhe estava destinado. A julgar apenas pelas imagens deste mural, podíamos ser tentados a pensar que estas eram as opiniões pessoais de Cocteau. Por exemplo, não só não vemos o rosto da vítima como há a inclusão de uma figura – que não é usual associar à cena da Crucificação. É o homem que se encontra à extrema-direita, cujo único olho visível tem a forma inconfundível de um peixe – é, certamente, uma alusão ao primitivo código cristão de «Cristo». Assim, quem se espera que seja este homem com os olhos em forma de peixe? À luz do conceito do Priorado, de que Cristo nunca foi morto na cruz, não podia ser que esta figura extra fosse o próprio Jesus? Foi o suposto Messias, de fato, testemunha da tortura e da morte de um substituto? Se isto fosse verdade, podíamos imaginar as suas emoções.

Também nos murais de Leonardo e de Cocteau vemos a Senhora M – em ambos os casos, certamente, Maria Madalena. Assim, aquilo que conhecemos das crenças do Priorado – que ela era casada com Jesus – explicaria o motivo por que ela assistiu à última Ceia, sentada à direita do marido e por que – como **sua «outra metade»** – ela usava vestes que eram a imagem **inversa** das de Jesus ($13/31=44=8$).

Embora nos tempos medievais e do primitivo Renascimento existisse uma tradição, pouco conhecida, **a de representar Madalena na última Ceia**, Leonardo fez saber que, na sua versão, a personagem sentada à direita de Jesus era S. João. Por que decidiu ele iludir desta maneira? Era este, talvez, um modo sutil de dar às suas imagens **um poder subliminar** acrescentado? Afinal, se o

artista diz que é um homem e a nossa mente nos diz que é uma mulher, é provável que a confusão nos obrigue a continuar a refletir sobre a imagem, a um nível inconsciente, durante muito tempo.

Tanto no mural de Leonardo como no de Cocteau, Madalena parece estar a exprimir, em silêncio, as suas dúvidas sobre o suposto papel de Jesus, através da sua linguagem corporal. Era ela, de fato, tão íntima de Jesus que conhecesse a verdadeira história? Era Madalena, de fato, a esposa de Jesus e, portanto, parte interessada na informação interna sobre o verdadeiro resultado da Crucificação? É por isso que ela se está se afastando?

O papel de Madalena está astuciosamente – mesmo que subliminarmente – realçado na Última Ceia, mas a maior obsessão de Leonardo parece ter sido com essa personagem trágica do Novo Testamento, S. **João** Batista. Se ele foi, de fato, membro do Priorado de Sião – e dado o interesse pela descendência de Jesus que lhes é atribuído -, esta obsessão com Batista parece um tanto complicada. Está ela em conformidade com os interesses do Priorado de Sião?

Giovanni (**João** em italiano), o nosso misterioso informador, deixou-nos com esta intrigante e exasperante pergunta: «Por que os grãomestres desta sociedade **são sempre chamados de João** (ou Joana, se mulher)?» Nessa altura, consideramos esta pergunta como uma espécie de alusão semivelada à escolha do seu próprio pseudônimo e concluímos que ele não ocupava uma posição secundária. Mas, de fato, ele estava a chamar-nos a atenção para uma outra questão, muito mais significativa.

Apesar de os grãomestres do Priorado serem conhecidos na organização como «Nautonnier» (timoneiro), eles também adotam o nome «Jean» (João) ou Jeanne (Joana), se são mulheres. Leonardo, por exemplo, figura nas suas listas como Jean IX. Vale a pena frisar que, por estranho que possa parecer numa antiga ordem cavaleiresca, o Priorado sempre reclamou ser uma sociedade secreta com igualdade de oportunidades (entre os sexos, ***diferentemente da maçonaria...***), ***e quatro dos seus grãomestres foram mulheres***. (Hoje, uma das seções francesas do Priorado está sob o controle de uma mulher.) No entanto, esta política (A igualdade entre HOMEM e MULHER) é totalmente consistente com a verdadeira natureza e objetivos do Priorado – tal como os viemos a entender.

As preocupações do Priorado são indicadas pelos títulos usados na sua hierarquia organizativa. Segundo os seus estatutos, abaixo do Nautonnier há um grau formado por três iniciados, chamado «Prince Noachite de Notre Dame», e a este segue-se um grau, formado por nove membros, chamado «crisé de Saint Jean», ou «**Cruzado de São João**» (este último surge simplesmente como «Condestável» nas últimas versões dos estatutos).



M, símbolo da Constelação de VIRGEM: No vale do Eufrates, onde foram criadas as constelações, a Virgem simbolizava a deusa Ishtar, filha do céu e a rainha das estrelas/sóis. Representada com uma espiga na mão, constituía o símbolo da fertilidade. Eratóstenes (+ 194 a.C.) identificou a

Virgem com **ÍISIS, a deusa de mil-nomes**, com a espiga de trigo em sua mão e que foi mais tarde deixada cair de maneira a formar a Via Láctea (OU OS SÓIS QUE A FORMAM), ou segurando em seus braços seu filho HÓRUS, o deus do sol, o último dos reis divinos. Este simbolismo antigo reapareceu na Idade Média como a Virgem Maria com seu filho Jesus e através das palavras eternas de Shakespeare (Francis Bacon-Saint Germain): Good Boy in Virgo's lap (O Bom Menino no Colo da Virgem). Na Índia, Virgo era Kanya, e representada como deusa sentada diante do fogo. No Zodíaco Cingalês, era a Mulher no Navio e segurando um ramo de trigo em sua mão. Possivelmente, o navio era nomeado a partir das estrelas Beta, Eta, Gamma, Delta e Epsilon da constelação, representando a quilha do navio. Na Pérsia, Virgo era Khosha, o ramo de trigo, bem como nomeada como a Virgem inteiramente Pura. Os turcomanos conheciam esta constelação como a Pura Virgem, Dufhiza Pakhiza. Os chineses a conheciam como She Sang Neu, a Donzela Frígida. No país dos Judeus, a Virgem era Bethulah e sempre associada com a idéia de abundância na colheita. Virgem tem sempre sido a figura dos céus mais nomeada e mais simbolizada! Virgem representa a mais antiga e puramente alegórica representação de inocência, de virtude e DO PODER FEMININO DA DIVINDADE, a BASE DO MUNDO MATERIAL UNIVERSAL.

Existem mais seis graus, mas os três primeiros, que compreendem os treze membros da mais alta hierarquia, formam o corpo dirigente. Coletivamente, este corpo dirigente é conhecido como Arch Kyria – a última palavra, KYRIA em grego, é uma designação respeitosa de mulher, o equivalente ao português «senhora». **Especificamente, no mundo helenístico dos primeiros anos antes da era cristã, era um epíteto da deusa ÍISIS.**

O primeiro grãomestre da sociedade era, devemos dizê-lo, um verdadeiro João – Jean de Gisors, um fidalgo francês do século XII. Mas o verdadeiro enigma reside no fato curioso de que o seu título do Priorado foi, na verdade, «Jean II». Como divagam os autores de The Holy Blood and The Holy Grail:

Uma questão importante, evidentemente, era saber qual João. João Batista? João Evangelista – «o Discípulo Amado» do Quarto Evangelho? Ou João, o Divino, autor do livro da Revelação-Apocalipse? Parecia que tinha de ser um destes três... Quem foi, então, Jean I?

Outra ligação a «João» que desperta reflexão é a mencionada em **Rennes-le-Château**: capitale secrète de l'histoire de France (1982) de Jean Pierre Deloux e Jacques Brétigny. Os dois autores são conhecidos por estarem intimamente ligados a Pierre Plantard de Saint-Clair – por exemplo, faziam parte da sua entourage quando Baigent, Leigh e Lincoln o conheceram, nos anos 80 – e ele,

certamente, deu uma enorme contribuição para o livro. Uma clara propaganda do Priorado, o livro explica como a sociedade secreta se formou. (Deloux e Brétigny também escreveram artigos relativos ao Priorado de Sião, na revista L'Inexpliqué – a versão francesa de The Unexplained (O Inexplicável) – que, segundo algumas pessoas, foi lançada e financiada pelo Priorado.

A ideia primordial era, segundo se afirma, formar um «governo secreto,» tendo Godefroi de Bouillon – um dos líderes da Primeira Cruzada – como seu inspirador. Na Terra Santa, Godefroi se deparou com uma organização (n.t. secreta) chamada a**IGREJA DE JOÃO** e, como resultado, «formou um grande desígnio». *«Pôs a sua espada ao serviço da Igreja de João, essa Igreja esotérica e iniciadora que representava a Tradição. A Igreja que baseava a sua primazia no Espírito.»* Foi a partir deste grande desígnio que se formaram tanto o Priorado de Sião – a organização que chama sempre «João» aos seus grãomestres – como a ordem dos **CAVALEIROS TEMPLÁRIOS**.

E, como diz Pierre Plantard de Saint-Clair, por intermédio de Deloux e Brétigny: Assim, no princípio do século XII, estavam reunidos os meios, temporais e espirituais, que vieram a permitir a realização do sonho sublime de Godefroi de Bouillon; a Ordem do Templo seria o braço armado da Igreja de João e o porta-estandarte da primeira dinastia, as armas que obedeciam ao espírito de Sião.

A consequência deste fervoroso «joanismo» deveria ser um «renascimento espiritual» que «voltasse a Cristandade às suas origens».

Apesar da sua óbvia importância para o Priorado, a ênfase em «João» permaneceu extremamente obscura – no princípio desta investigação, **nem sabíamos qual João era tão venerado e, muito menos, o POR QUÊ ?**. Mas qual é a razão desta obsessão? Por que não nos indicam a QUAL JOÃO estão se referindo? E por que deveria a veneração (mesmo que extrema) de qualquer dos santos de nome João começar por ameaçar precisamente as raízes do catolicismo romano (n.t. este sim, uma heresia completa)?

É possível, pelo menos, supor a que João o Priorado se reteria, se a obsessão de Leonardo com Batista puder servir de orientação. Contudo, como vimos, a ideia do Priorado sobre o papel de Jesus dificilmente era ortodoxa, e parece absurdo que dispensasse esta veneração ao homem que, alegadamente, apenas era importante como **precursor** de Jesus. Será possível que o Priorado, tal como Leonardo, venere secretamente João Batista acima do próprio Jesus?



Godefroy de Bouillon em francês (Bolonha-sobre-o-Mar, 1058 – Jerusalém, 18 de Julho de 1100), foi um nobre e militar franco, duque da Baixa Lorena (1087-1100), Protetor do Santo Sepulcro – Advocatus Sancti Sepulchri, senhor de Bouillon (1076-1096), um dos líderes da **Primeira Cruzada** e o primeiro soberano do Reino Latino de Jerusalém, após a sua conquista, apesar de recusar o título de rei.

É um conceito muito extravagante. Se existissem quaisquer razões para acreditar que Batista foi superior a Jesus, então as repercussões seriam inconcebivelmente traumáticas para a Igreja. Mesmo que o conceito «joanino» se baseasse num equívoco, não se pode duvidar dos efeitos que esta crença teria se fosse mais amplamente conhecida (caso fosse aceita). Seria quase a heresia final – e os Arquivos Secretos acentuam, repetidamente, o caráter anti-clerical dos descendentes merovíngios e do seu possível encorajamento da heresia. O Priorado está interessado em transmitir a ideia de que a heresia é uma coisa boa, por alguma razão específica própria.

Compreendemos que a suposta heresia baptista tinha espantosas implicações e que, se continuássemos a investigar o Priorado, teríamos de nos confrontar, em primeiro lugar, com a questão de João Batista, embora, no início, não estivéssemos convencidos de que encontraríamos qualquer prova que apoiasse a heresia. Naquele momento, tudo o que tínhamos como prova das ideias do Priorado acerca de Batista era a manifesta obsessão de Leonardo com ele e o fato de o Priorado chamar (n.t. apenas de) «João» aos seus grãomestres. Sinceramente, não tínhamos, então, qualquer esperança verdadeira de encontrar algo mais concreto que isso, mas, à medida que o tempo passava, iríamos descobrir provas muito mais sólidas de que o Priorado, de fato, fazia parte dessa tradição «joanina».

Com ou sem provas a apoiá-la, esta heresia conseguiu, mesmo assim, ser «acreditada» por gerações de membros do Priorado. Mas fazia ela parte, pelo menos, do grande segredo que se julga que eles possuem e guardam tão tenazmente?

A outra figura do Novo Testamento que tem enorme significado para o Priorado é, como vimos repetidamente, Maria Madalena. Os autores de *The Holy Blood and The Holy Grail* explicaram que a sua particular importância reside unicamente no (alegado) fato de ter casado com Jesus e ser a mãe dos seus filhos. Mas, considerando a admiração, menos que total, do Priorado por Jesus, esta explicação parece fraca.

Para aquela organização, ***Madalena parece ter alguma importância, por direito próprio***, e o próprio Jesus é quase irrelevante – na história do «documento Montgomery», por exemplo, o seu papel limita-se a ser o pai do filho de Madalena e não desempenha qualquer outro papel no resto da narrativa. Poder-se-ia ir ao ponto de dizer que, mesmo sem Jesus, havia algo nesta mulher que a

tornava de suprema importância.

Na continuação das nossas investigações, conseguimos contatar com Pierre Plantard de Saint-Clair e fazer-lhe algumas perguntas acerca do interesse do Priorado em Maria Madalena. Recebemos uma resposta do secretário de Plantard, Gino Sandri – um italiano que vive em Paris –, a qual, embora curta e concisa, era, todavia, sugestiva do famoso sentido malicioso do Priorado. Nela, Sandri dizia que podia ser possível ajudar, mas «talvez vocês já tenham informação sobre este assunto?» – era, claramente, uma «piada» maliciosa sobre alguma coisa que ele sabia a nosso respeito, mas o elogio indireto deu-nos ânimo.

Parecia estar sugerindo que já tínhamos toda a informação que precisávamos conhecer – mas que competia a nós **compreendê-la**. Mas a carta de Sandri escondia ainda outra nota de malícia: embora trazendo o carimbo de 28 de Julho, a carta estava datada de 24 de Junho – o Dia de **S. João** Batista.

Para um leigo, qualquer ligação particularmente esotérica entre Maria Madalena e João Batista é uma questão de fantasia, porque os textos evangélicos conhecidos não registram que eles se tivessem conhecido. Contudo, aqui, temos um segredo aparentemente antigo que implica – e venera – ambos, e não de uma maneira vaga. Que havia nestas figuras do século I que assegurou esta tradição duradoura, embora «herética»? Que poderiam eles ter representado que fosse tão perturbador para a Igreja?

Como se pode imaginar, era muito difícil saber por onde começar. Mas, onde quer que investigássemos a história de Madalena, uma área, que ficava consideravelmente mais próxima de nós do que Israel, continuava a surgir como sendo importante. O Priorado sublinhava particularmente a lenda que a trouxe para o Sul da França, após a ressurreição de CRISTO, portanto, era ali que tínhamos de ir, para descobrir por nós próprios se esta história era apenas uma invenção medieval que, como o Sudário de Turim, se destinava a atrair um lucrativo comércio de peregrinações.

Mas havia, desde o princípio, alguma coisa especialmente fascinante na ligação desta enigmática figura do Novo Testamento com aquela determinada área, algo que ultrapassava estas considerações mercenárias. Decidimos investigar o segredo de Madalena no seu próprio terreno.

Capítulo 4

A Pátria da Heresia

As lendas de Maria Madalena ultrapassaram a Provença, embora os lugares associados à sua vida em terras de França só se encontrem ali. Todo o sul do país gaulês está cheio das suas lendas, embora elas se concentrem particularmente junto dos Pirenéus, a sudoeste, e na região de Ariège.

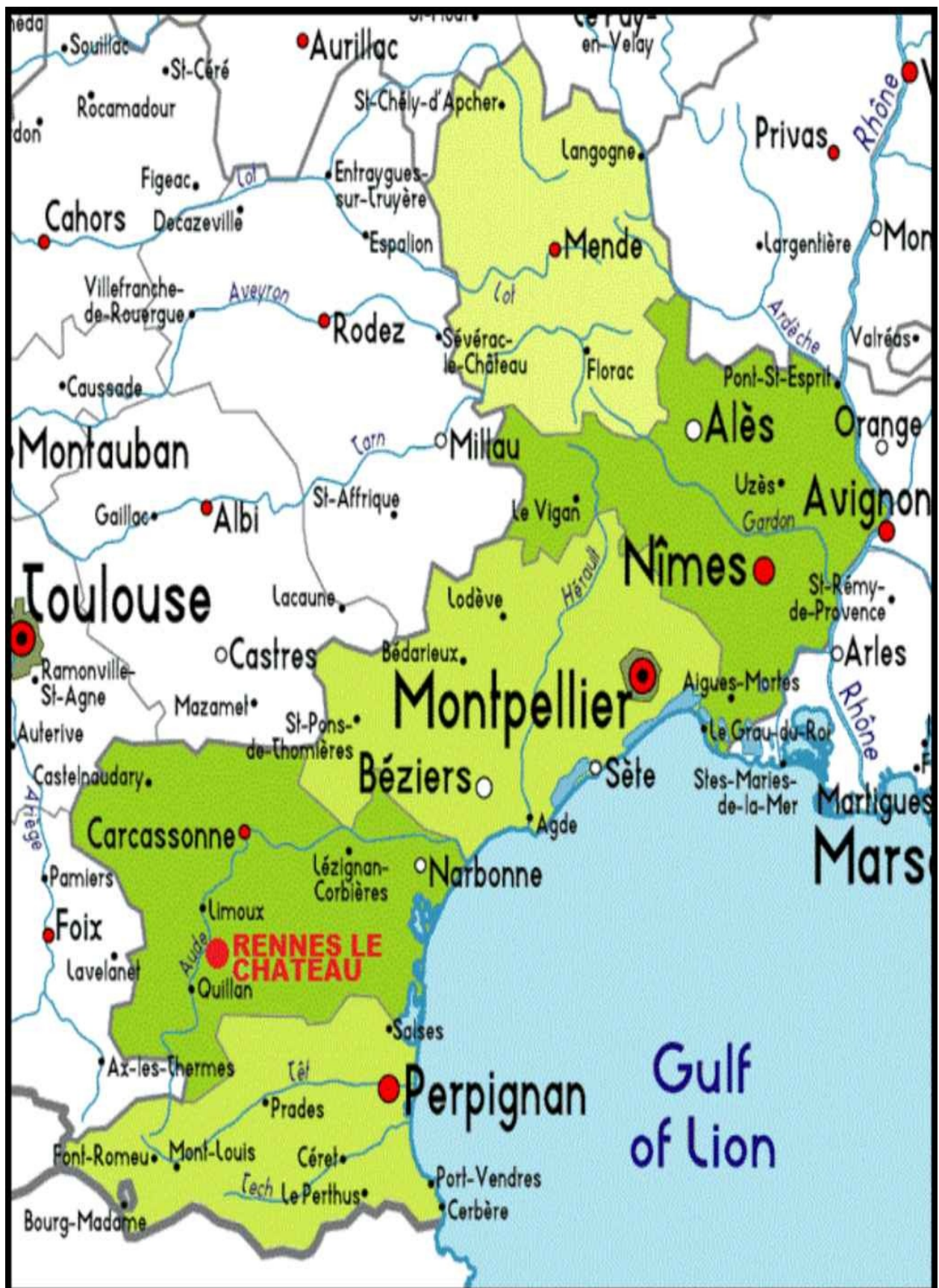
*Foi para estas terras, diz-se, que Maria Madalena trouxe o **Santo Graal**. Como era de se prever, elas também albergam numerosas estátuas das virgens **Madonas Negras**, especialmente na região dos Pireneus orientais, na fronteira com a Espanha.*

Partindo de Marselha, em direção a oeste, aproximamo-nos da região de **Languedoc-Roussillon**, outrora a mais rica região da França e agora uma das mais pobres. Nesta região despovoada, a terra parece fazer eco dos nossos pensamentos e pouco mais, milha após milha, apesar do crescente número de turistas que vêm apreciar a sua história encharcada de sangue – para não mencionar o vinho local. Mas, apesar de nós, como bons europeus, termos dado a nossa contribuição para a economia local, estávamos ali, antes de mais nada, para estudar os mistérios do passado dos Templários e de Maria Madalena.

Testemunhos da turbulenta história da região vêm-se por toda a parte. Castelos arruinados e antigas cidadelas, destruídos por ordem de reis e papas, enchem a paisagem e revelam brutalidades que ultrapassam mesmo a habitual tendência medieval para governar pela atrocidade. Porque, se algum lugar da Europa podia ser considerado a pátria da heresia, esse lugar é o Languedoc-Roussillon. E é este

simples fato histórico que foi responsável pelo empobrecimento sistemático da região. Excetuando regiões como a Bósnia e a Irlanda do Norte, raramente o dogmatismo da religião católica de Roma deixou as suas marcas nos destinos de um país de uma maneira tão óbvia.

Antigamente o Languedoc – de Langue d’Oc, a língua local – estendia-se da Provença para a área entre Toulouse e os Pirenéus orientais. Até ao século XIII, não fazia propriamente parte da França, mas era governado pelos condes de Toulouse, que, embora nominalmente devessem fidelidade aos reis de França, na prática eram até mais ricos e poderosos do que aqueles.



Nos séculos XII e XIII, esta área era a inveja da Europa, pela sua civilização e cultura. A sua arte, literatura e ciência eram, de longe, as mais avançadas da época – mas, no século XIII, esta brilhante cultura foi destroçada por uma invasão dos bárbaros do norte, provocando um sentimento de indignação latente, que dura até hoje. Muitos habitantes ainda preferem considerar a região como Occitânia, o seu antigo nome. E, como iríamos verificar, uma região com uma memória particularmente longa.

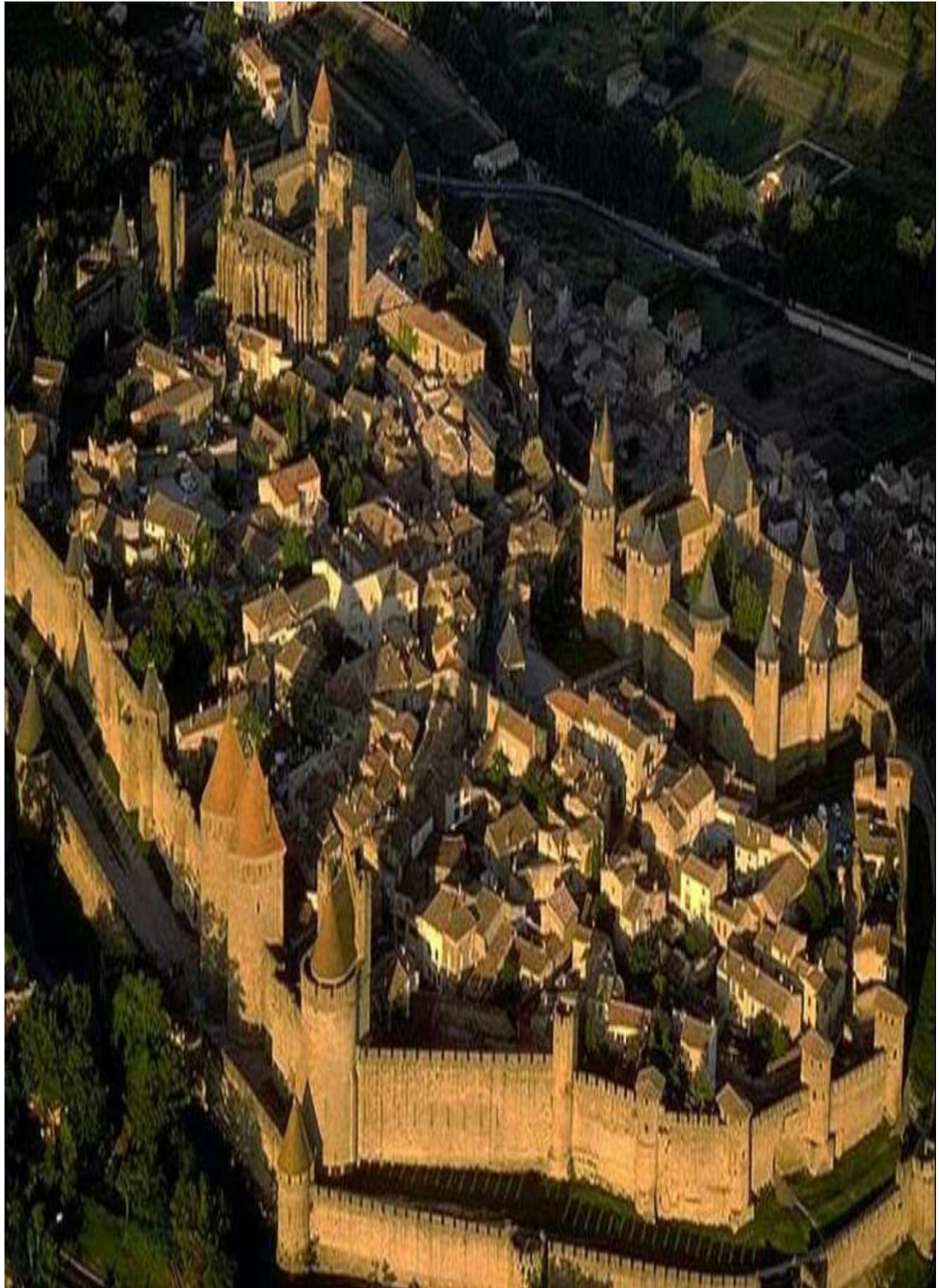
O velho Languedoc foi sempre um lugar de refúgio para ideias heréticas e heterodoxas, provavelmente porque uma cultura que encoraja e incentiva a busca de conhecimento ([Gnosis](#)) tem tendência para tolerar um novo pensamento radical.

Uma parte central deste ambiente social eram os trovadores – os menestrelis itinerantes cujas canções de amor eram essencialmente hinos ao Princípio Feminino Divino na criação. Esta tradição do amor cortês concentrava-se na mulher idealizada e na mulher ideal, a deusa. Podem ter sido românticas, mas as canções dos trovadores também continham verdadeiro erotismo. A influência do movimento estendeu-se para lá do Languedoc e teve particular êxito na Alemanha e nos Países Baixos, onde os trovadores eram conhecidos como minnesingers – literalmente, «cantores das damas», embora aqui a palavra tenha o significado de mulher arquétipo ou idealizada (O Poder Feminino, como complemento do Masculino).

O Languedoc assistiu ao primeiro ato de genocídio europeu, quando mais de 100.000 membros da heresia gnóstica cátara foram massacrados por ordem do papa de Roma durante a [Cruzada dos Albigenses](#) (derivado do nome da cidade de Albi, uma fortaleza cátara). Foi especificamente para o interrogatório e extermínio dos cátaros que a **Inquisição** foi criada. Talvez porque a Cruzada dos Albigenses remonta ao século XIII, o seu impacto nunca igualou o dos holocaustos mais modernos. Muitos habitantes locais ainda ardem com paixões antigas e alguns sugerem mesmo que houve um encobrimento oficial, ao longo dos séculos, uma conspiração para ***impedir que a história dos cátaros fosse mais largamente conhecida.***

Além dos cátaros, a região era, e sempre foi, um centro de alquimia, e várias aldeias atestam as preocupações alquímicas dos seus anteriores habitantes, especialmente Alet-les-Bains, próximo de Limoux, onde as casas ainda estão decoradas com símbolos esotéricos. Foi também em **Toulouse** e [Carcassonne](#) que surgiram as primeiras acusações de participação no chamado Sabat das Bruxas, nos anos 30 e 40 do século XIV. Em 1335, sessenta e três pessoas foram acusadas de bruxaria em Toulouse, e as confissões foram-lhes arrancadas pelos

habituais métodos garantidos pela inquisição da “*santa*” igreja romana.



A cidade Cátara de [Carcassonne](#), a mais bem preservada cidade medieval de toda a Europa. Entre elas, havia uma rapariga, Anne-Marie de Georgel, que se julga ter sido a porta-voz das outras quando descreviam as suas crenças. Disse que todas elas viam o mundo como um campo de batalha entre o Senhor do Céu e o Senhor Deste Mundo; ela e as restantes apoiavam o último, porque pensavam que ele seria o vencedor. Esta afirmação podia ter sido «bruxaria» para os juízes eclesiásticos, mas era gnosticismo puro e simples. Outra mulher, igualmente acusada, declarou que assistira ao «Sabat» para «servir o jantar aos cátaros».

Muitos elementos pagãos sobrevivem nesta área e encontram-se nos lugares mais surpreendentes. Embora esculturas do «Homem-Verde» – o Deus da vegetação, que foi venerado na maioria das regiões rurais da Europa – se encontrem em igrejas, sob outros aspectos, católicas, como a Catedral de Norwich, ele não é geralmente representado como filho de uma deusa do Antigo Testamento. Como escreveram A. T. Mann e Jane Lyle:

Na catedral pirenaica de St Bertrand-de-Comminges, [Lilith](#) arranhou uma maneira de entrar numa igreja: ali, uma escultura representa uma mulher alada e com pés de pássaro dando à luz uma figura dionisíaca, um Homem Verde.

A mesma pequena cidade alega ter sido o local do túmulo de uma personagem tão importante como Herodes Antipas, o governador da Palestina que mandou executar João Batista. Segundo Josefo, o cronista judaico do primeiro século, o triunvirato perverso, Herodes, sua mulher e a sua astuciosa enteada, Salomé – a da chamada «Dança dos Sete Véus» -, foram exilados para a cidade romana de Lugdunum Convenarum, na Gália, que é agora St Bertrand-de-Comminges. Herodes desapareceu, sem deixar rasto, mas Salomé morreu num rio de montanha, e Herodíades continuou a viver na lenda local, transformando-se na líder do pacto de «bruxas que cavalgam de noite pelo ar».

Outra pitoresca lenda languedociana diz respeito à «Rainha do Sul» (Reine du Midi), um título da condessa de Toulouse. No folclore, a protetora de Toulouse é La Reine Pedauque (a Rainha com Pés de Ganso). Isto pode ser uma referência ao Pays d'Oc, na «língua dos pássaros», esotérica e cheia de trocadilhos, mas investigadores franceses identificaram esta figura com a deusa síria Anat, que, por sua vez, está intimamente associada a ÍSIS. E há ainda a óbvia associação a Lilith, a mulher com pés de pássaro.

Uma outra figura lendária da região é Meridiana. O seu nome parece ligá-la a meio-dia e ao sul (ambos midi em francês). A sua mais famosa aparição ocorreu quando Gilbert d'Aurillac (c. 940-1003). que, mais tarde, foi o papa Silvestre XI viajou para Espanha para aprender os segredos de alquimia. Silvestre, que possuía uma cabeça que falava como um oráculo, recebeu a sua sabedoria desta Meridiana, que lhe ofereceu «o corpo, riquezas e a sua sabedoria mágica» –

claramente uma forma de conhecimento alquímico e esotérico que era comunicado através da iniciação sexual. A escritora-investigadora americana Barbara G. Walker deriva o nome Meridiana de «Maria-Diana» ligando, assim, esta deusa pagã compósita às lendas de Madalena no Sul de França.

O Languedoc também acolheu a maior concentração de Cavaleiros Templários da Europa, até à sua supressão no princípio do século XIV, e ainda está juncada de evocativas ruínas dos seus castelos e fortes militares.

Se, como suspeitamos, existissem muitas mais ramificações «heréticas» do culto de Madalena, além das que encontramos na Provença, então seria aqui, seguramente no Languedoc, que as encontraríamos. Uma das primeiras cidades importantes porque passamos, na auto-estrada de Marselha, conhecera incríveis paixões despertadas em seu nome – e milhares de pessoas foram mortas devido ao significado que Madalena tinha para elas.

Atualmente, [*Béziers*](#) (durante o império romano era chamada de *Baeterrae Septimanorum*) situa-se no departamento de Hérault, no Languedoc-Roussillon, uma cidade populosa, aproximadamente a dez quilômetros de distância do golfo de Lion, no Mediterrâneo. Mas, em 1209, todos os habitantes da cidade foram impiedosamente perseguidos e chacinados pelos cruzados albigenses. Mesmo para os anais desta longa campanha sangrenta – e, por vezes, francamente bizarra – esta é uma história particularmente estranha.

A história foi relatada por vários comentadores contemporâneos, mas vamos limitar-nos ao relato de Pierre des Vaux-de-Cernat, um monge cisterciense que o escreveu em 1213. Ele não assistiu pessoalmente aos acontecimentos, mas baseou o seu relato no dos cruzados que os testemunharam. Béziers tornara-se um centro de heréticos e, por esse motivo, quando os cruzados atacaram a cidade, existia um enclave de 222 cátaros que viviam ali sem serem molestados pela população em geral. Embora não se saiba se o conde de Béziers era, ou não era, ele próprio, um cátaro, ou um mero simpatizante, o que é certo é que, então, ele não fez nada para os perseguir ou eliminar, e foi isso que particularmente irritou a igreja de Roma e os seus cruzados.

Exigiram que os habitantes da cidade – católicos comuns – entregassem os cátaros ou abandonassem a cidade para que os restantes cátaros pudessem ser mais facilmente eliminados. Embora esta ordem fosse dada sob pena de excomunhão – que não era uma questão irrelevante naqueles tempos em que o inferno era uma grande realidade – e a opção alternativa parecesse bastante generosa, no sentido em que aos católicos era dada uma oportunidade de fugir ao massacre iminente, sucedeu uma coisa espantosa. Os habitantes da cidade recusaram-se a acatar qualquer das ordens. Como escreve Des Vaux-de-Cernat, preferiram morrer como heréticos a viver como católicos. E, segundo o relato

enviado ao papa pelos seus representantes, os habitantes da cidade fizeram juramento de defender os heréticos.

Dadas as circunstâncias, em Julho de 1209, os cruzados entraram em Béziers e, sem dificuldade, tomaram a cidade e mataram todos os seus habitantes – homens, mulheres, crianças e sacerdotes – e o lugar foi incendiado. Entre 15.000 e 20.000 pessoas foram chacinadas; destas, pouco mais de 200 eram heréticas. «Nada os pôde salvar, nem a cruz, nem o altar, nem o crucifixo.» Foi ali que os cruzados perguntaram aos legados do papa como podiam distinguir os heréticos do resto da população e receberam a famosa resposta: «Matem-nos todos. Deus reconhecerá os seus.»

Embora seja fácil compreender que a população podia ter pretendido defender a sua cidade dos saques característicos de um exército, não se deve esquecer que lhe foi dada oportunidade de partir, e se a segurança dos seus bens era a sua principal preocupação, então eles podiam simplesmente ter entregue os heréticos e voltado aos seus afazeres quotidianos sem olhar para trás. No entanto, eles ficaram e assinaram efetivamente a sua sentença de morte duas vezes seguidas, ao fazer um juramento de apoio aos cátaros. Mas o que se passou realmente em Béziers?

Em primeiro lugar, deve ser tomada em conta a data precisa do massacre. ***Foi a 22 de Julho – o dia da festa de Maria Madalena***, o que é apontado por todos os escritores contemporâneos como sendo de singular importância. E fora na igreja de Maria Madalena, em Béziers, que, quarenta anos antes, o senhor local, Raymond Trencavel I, fora assassinado – embora as razões da sua morte continuem obscuras. Mas em Béziers, pelo menos, o elo entre Madalena e a heresia não era accidental e permite prescrutar os antecedentes da Cruzada dos Albigenses no seu conjunto. Como escreve Pierre des Vaux-de-Cernat:

“Béziers foi conquistada no dia de Santa Maria Madalena. Oh! Suprema justiça da Providência!... Os heréticos alegavam que Maria Madalena era a concubina de Jesus Cristo... e foi, por conseguinte, com justa causa que aqueles cães repugnantes foram capturados e massacrados durante a festa daquela que eles tinham insultado...”

Por mais chocante que esta ideia possa ter sido para o bom monge e para os cruzados, obviamente ela não o era para a grande maioria do povo da cidade, que ativamente apoiara os heréticos até à morte. É claro que esta crença era uma tradição local, de poder quase único sobre o coração e a mente do povo. Como vimos, os Evangelhos gnósticos e outros textos primitivos não hesitam em descrever a relação entre Maria Madalena e Jesus como sendo notoriamente sexual. Mas como é que estes cidadãos franceses medievais ouviriam falar disso? Os Evangelhos gnósticos ainda não tinham sido descobertos (e, mesmo

que tivessem sido, é improvável que chegassem ao seu conhecimento). ***Então, de onde veio esta tradição?***

Este episódio representou o levantar da cortina para toda a Cruzada Albigense, que iria devastar o Languedoc durante mais de quarenta anos, deixando cicatrizes tão profundas na psique coletiva do povo, que não é, de modo nenhum, bizarro detectá-las ainda (n.t. assim como um profundo ressentimento contra a “santa” igreja de Roma). Mas quem eram estes cátaros – cujas crenças deram origem a que uma cruzada fosse montada contra eles? Que aterrorizava tanto a Instituição da igreja romana, que esta criou a Inquisição especificamente como uma letal arma contra eles (e os demais dissidentes do catolicismo romano)?

Ninguém pode, com alguma exatidão, identificar a gênese da fé cátara, mas ela tornou-se rapidamente um poder a ser considerado no Languedoc do século XI. Para os habitantes do Languedoc, os cátaros não eram tratados com o desdém e o ridículo com que a nossa cultura tende a considerar os cultos religiosos minoritários; eles eram a religião dominante da região e tratados, localmente, com o maior respeito. Todas as famílias nobres da área eram, elas próprias, cátaras ou simpatizantes dos cátaros, que lhes deram ativo apoio. O Catarismo era virtualmente a religião de Estado do Languedoc.

Conhecidos como Les Bonhommes ou Les Bons Chrétiens – os «homens bons» ou «bons cristãos» -, os cátaros pareciam não ter ofendido ninguém. Os modernos comentadores, especialmente os que têm uma perspectiva da New Age, afirmam que eles representavam ***um irrepreensível movimento de regresso aos princípios fundamentais da Cristandade (nada a ver com o CATOLICISMO de Roma)***. Embora, como veremos, tivessem absorvido muitas outras idéias e tivessem a sua própria ideologia algo confusa, é verdade que a sua maneira de viver era uma tentativa de obediência aos ensinamentos de Jesus. Acusavam a Igreja Católica de se ter afastado demasiado do conceito original do movimento de Jesus. Consideravam anátema a riqueza e a pompa da Igreja, as quais eles julgavam ser o oposto do que Jesus destinara aos seus discípulos. Superficialmente, portanto, parecem ter sido os precursores do movimento protestante, mas, apesar de certas similaridades, não foi esse o caso.

Os cátaros viviam suas vidas muito simples. Preferiam reunir-se ao ar livre ou em casas vulgares, mais do que em igrejas e, embora tivessem uma hierarquia administrativa que incluía bispos, todos os membros batizados eram espiritualmente iguais e considerados sacerdotes. Talvez o mais surpreendente para aquela época fosse ***a sua ênfase na igualdade dos sexos***, embora o civilizado Languedoc já tivesse uma atitude em relação às mulheres mais esclarecida do que era o habitual. Os cátaros eram vegetarianos e pacifistas e acreditavam numa forma de reencarnação. Eram também pregadores itinerantes,

viajando aos pares, vivendo na mais completa pobreza e simplicidade, detendo-se para ajudar e curar sempre que podiam. Em muitos aspectos, os Homens Bons não pareciam constituir ameaça para ninguém – exceto para a própria Igreja.

Esta organização, a igreja de Roma, encontrou muitas razões para perseguir os cátaros. Eles eram clamorosos inimigos da cruz, considerando-a uma sinistra e doentia lembrança do instrumento que torturara Jesus até à morte. Também odiavam todo o culto dos mortos e o comércio de relíquias que lhe estava associado – um meio essencial para recheiar os cofres de Roma na época dos cátaros. Mas a razão primordial que levou os cátaros a terem dificuldades com a Igreja **foi a sua recusa em reconhecer a “autoridade” do papa.**

Durante o século XII, vários concílios da Igreja condenaram os cátaros, mas, por fim, em 1179, eles e os seus protetores foram declarados «malditos». Até esse momento, a Igreja enviara missionários – os oradores de talento da época – para tentar recuperar os habitantes do Languedoc para a «verdadeira fé»; mas estes missionários eram recebidos com apatia. Até o grande S. Bernardo de Clairvaux (1060-1153) foi enviado para aquela zona, mas regressou exasperado com a intransigência dos languedocianos.

Curiosamente, no entanto, no seu relato para o papa, teve o cuidado de explicar que, apesar de os cátaros estarem doutrinariamente em erro, se «examinarmos a sua maneira de viver, ***não encontraremos nada mais irrepreensível***». Esta iria ser a característica comum a toda a cruzada: mesmo os inimigos dos cátaros tiveram de admitir que a sua maneira de viver era exemplar.

A pompa e circunstância na Roma de todos os tempos...



A tática imediata da Igreja foi tentar usar as mesmas armas dos cátaros, enviando-lhes a sua versão de pregadores itinerantes. Entre os primeiros destes pregadores, em 1205, estava o famoso Dominicano Gusmão, um monge espanhol que viria a fundar a Ordem dos Frades Pregadores (mais tarde, a Ordem (Dominicana) de S. Domingos, cujos membros, ainda mais tarde, criaram e dirigiram a “**Santa**”*Inquisição*).

As duas facções encontraram-se numa série de discussões abertas. uma espécie de debate público, muito aceso, que não resolveu nada. Finalmente, em 1207, o papa Inocêncio III perdeu a paciência e excomungou o conde de Toulouse, Raimundo VI, por não ter agido contra os heréticos. Esta atitude foi obviamente impopular, porque o legado papal, que transmitiu a notícia, foi morto por um dos cavaleiros de Raymond. Foi a última gota: o papa declarou uma cruzada total contra os cátaros, os seus apoiantes e simpatizantes. A cruzada foi convocada a 24 de Junho de 1209 – o dia da festa de S. João Batista.

Até àquela altura, todos os cruzados tinham sido convocados contra os muçulmanos – contra «selvagens» estrangeiros, que viviam em terras tão distantes que eram literalmente inimagináveis. Mas esta cruzada ia ser travada por católicos contra cristãos, quase na vizinhança do papa. Havia todas as possibilidades de alguns cruzados conhecerem pessoalmente os heréticos que tinham jurado exterminar.

A Cruzada dos Albigenses, que começou em Béziers em 1209, prosseguiu com a maior brutalidade, à medida que cidade após cidade caíam em poder dos soldados, sob o comando de Simon de Montfort. A campanha prolongou-se até 1244 – um período de tempo considerável para que os soldados fizessem o seu pior. Há lugares no Languedoc onde ainda hoje o nome Simon de Monfort suscita uma reação de medo misturada com aversão, o mesmo sentimento em relação a igreja de Roma.

Na época, os motivos, manifestamente religiosos, da campanha em breve se misturaram com razões políticas mais cínicas. A maioria dos cruzados veio do norte de França e a riqueza e o poder do Languedoc eram demasiado atrativos para serem ignorados. No princípio da cruzada, esta região podia ter desfrutado de considerável independência; no final, ela fazia definitivamente parte de França.



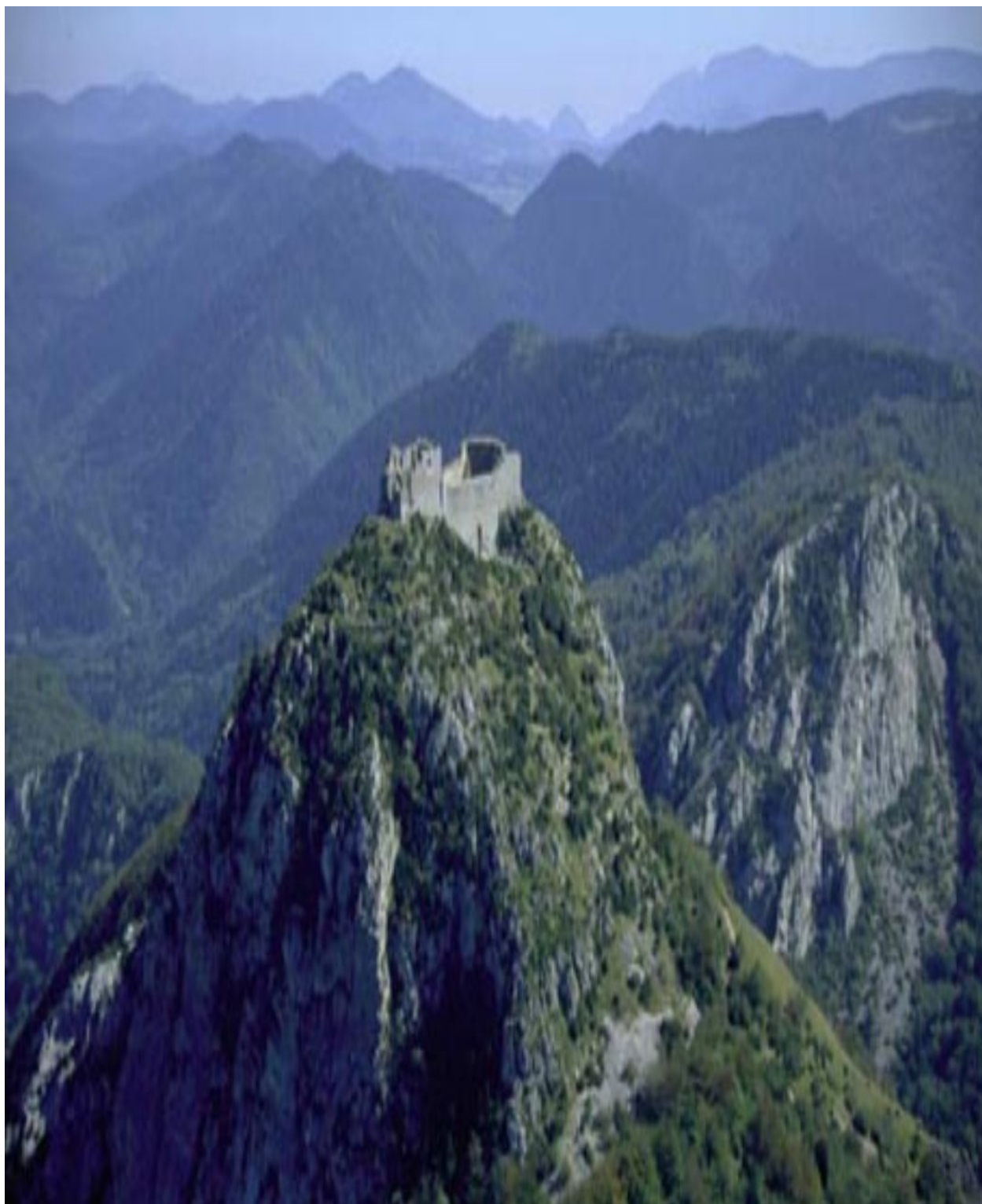
Palácio de Berbie e Catedral de Santa Cecília, na cidade de ALBI, onde nasceu o movimento dos Cátaros.

Este episódio da história europeia foi, pelos padrões de qualquer pessoa, enormemente importante. Não foi apenas o primeiro genocídio europeu, mas foi também um passo crucial na unificação da França – e deu o impulso direto à criação da Inquisição pela igreja de Roma. Mas, na nossa opinião, a Cruzada dos Albigenses representa muito mais que uma campanha de atrocidades curiosamente esquecida.

Os cátaros eram pacifistas e desprezavam tanto «o imundo invólucro da carne» que estavam ansiosos por se libertar dele, mesmo que o meio de libertação significasse o martírio de serem queimados vivos. Durante a campanha, inúmeros milhares de cátaros morreram na fogueira, e muitos destes não demonstraram o menor horror ou medo quando confrontados com ela. Aparentemente, alguns foram mais longe e não evidenciaram qualquer dor. Isto foi particularmente notável no final do cerco do seu último refúgio, a fortaleza de **Montségur**.

Paragem essencial para o turista moderno, Montségur tornou-se quase num lugar mítico, muito semelhante a Glastonbury Tor. Mas, embora os que estão destreinados fisicamente possam considerar este último uma subida íngreme, não é nada, comparado com a estrada que leva ao topo do château de Montségur. Uma cidadela de pedra, ele ergue-se de modo quase impossível nas alturas vertiginosas de uma montanha escarpada, com a forma aproximada de um antigo pão-de-açúcar, que domina a aldeia e um vale que se tomou perigoso devido à queda regular de pedras dos rochedos.

Indicações em várias línguas advertem aqueles, cujo vigor esteja em dúvida, contra tentativas suicidas de subir ao château; mesmo os bronzeados carregadores acham a subida muito dura. É difícil imaginar como os cátaros e os seus abastecimentos conseguiram chegar ao topo. No entanto, uma vez lá chegados, era relativamente fácil aguentar até ao fim do cerco, porque os cruzados – com todas as suas armaduras e cavalos – nem podiam tentar a subida. Mas, a partir de 1240, quando os cruzados tinham obrigado os restantes cátaros a recuar cada vez mais para os contrafortes dos Pireneus, Montségur tornou-se o seu quartel-general. Como refúgio de cerca de 300 cátaros, mas, mais particularmente, dos seus líderes, Montségur era a presa cobiçada pelos homens do papa. A então rainha da França, Branca de Castela, reforçou a importância de Montségur quando escreveu sobre a sua captura: «[devemos] cortar a cabeça do dragão».



A fortaleza cátara de Montségur, nos Pirineus franceses.

Durante os dez meses que durou o cerco de Montségur, aconteceu um fenômeno curioso. Vários dos soldados sitiados desertaram e juntaram-se aos cátaros rebeldes, apesar de conhecerem bem o fim que os esperava. O que os poderia ter

incitado a esta bizarra deserção? Algumas pessoas sugeriram que eles estavam tão impressionados pelo comportamento exemplar dos cátaros que sofreram uma profunda **conversão (despertar) interior**.

Como vimos, os cátaros encararam a sua morte certa pela tortura não apenas com estoicismo mas com total calma – mesmo, diz-se, quando as chamas começaram a envolvê-los. Para aqueles que se recordam dos anos 70 deste século, isto faz lembrar imediatamente a imagem obcecante daquele solitário monge budista imolando-se como protesto contra a guerra do Vietnã. Estava sentado, completamente imóvel, num transe nascido de uma longa preparação e de **inimaginável disciplina**, enquanto o fogo o consumia.

E os cátaros, conscientemente, prepararam-se para a morte, fazendo mesmo um juramento, que prometia especificamente fidelidade à sua fé, face a todos os tipos de tortura. Usaram eles também uma técnica de transe semelhante, que lhes permitisse vencer a mais extrema das agonias? Certamente, este segredo era algo que os soldados, desde tempos imemoriais, sempre desejaram conhecer.

Seja como for, a queda de Montségur deu origem a muitos e persistentes mistérios, que exerceram um fascínio durante gerações, incluindo os caçadores de tesouros **nazistas** e os que procuram o Santo Graal. O mistério mais persistente diz respeito ao chamado tesouro dos cátaros, que quatro deles conseguiram levar para fora da cidadela na noite anterior ao massacre dos restantes cátaros. Estes intrépidos heréticos conseguiram fugir, descendo por cordas, pelo lado mais íngreme da montanha, no meio da noite.

Embora se tivessem rendido formalmente a 2 de Março de 1244, por razões que nunca foram explicadas, os cátaros foram autorizados a permanecer na cidadela durante mais quinze dias – passado esse tempo, entregaram-se para serem queimados. Alguns relatos vão mais longe e descrevem-nos como tendo descido a correr a encosta da montanha e saltado para as fogueiras, que os aguardavam em baixo, no sopé da montanha. Tem sido especulado que eles pediram este tempo extra para proceder a algum ritual, mas nunca ninguém saberá a verdade do fato.

A natureza exata do tesouro dos cátaros é uma questão de viva especulação. A julgar pelo percurso arriscado seguido pelos quatro fugitivos, o tesouro dificilmente podia ter consistido em pesados sacos com barras de ouro. Tem-se especulado que era o próprio Santo Graal – ou qualquer objeto ritual com grande significado – enquanto outras pessoas alegam que ele se constituía na forma de manuscritos, sendo um tesouro do conhecimento, ou mesmo que os quatro cátaros eram eles próprios, de algum modo, importantes. Podiam ter representado uma hierarquia de autoridade, talvez mesmo personificarem literalmente a lendária descendência de Jesus e Maria Madalena.

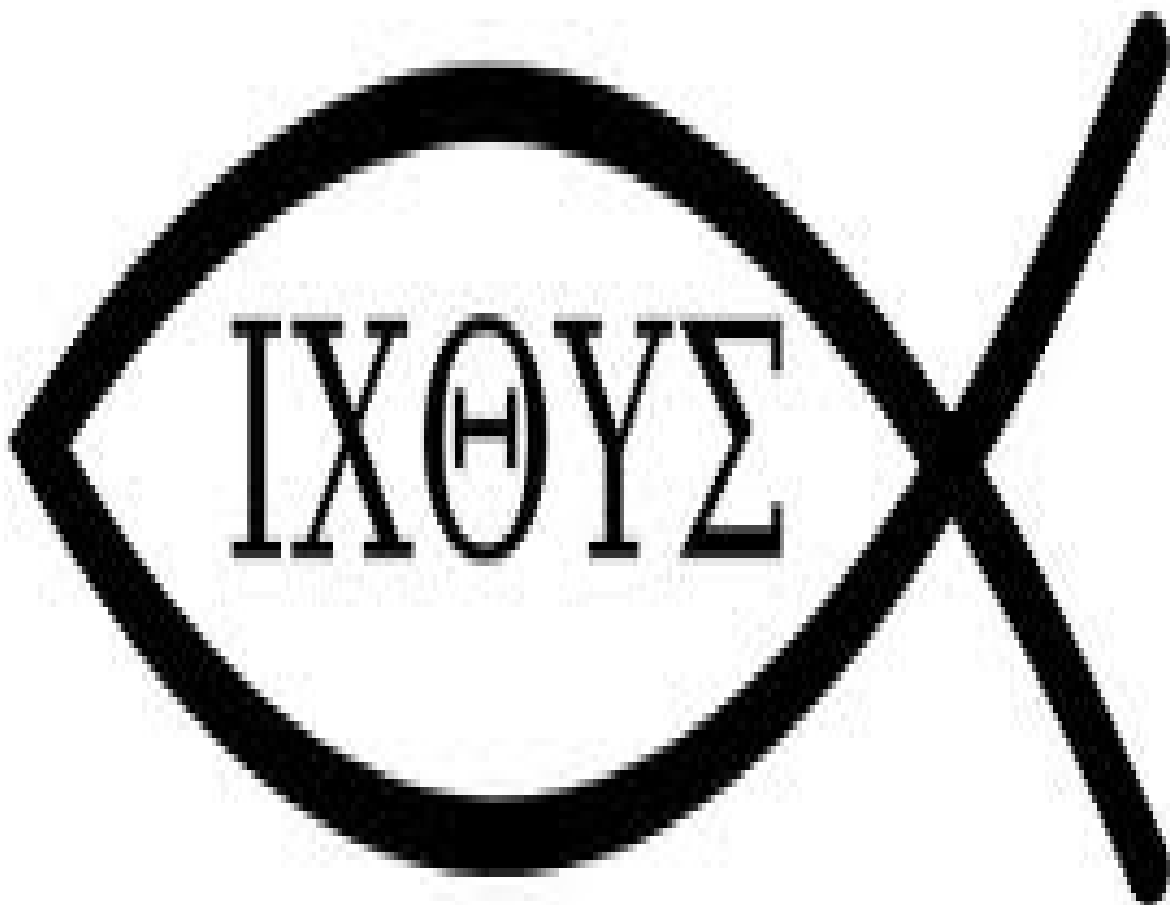
Mas se o tesouro cátaro fosse realmente conhecimento secreto, de que forma se teria revestido? Em que acreditavam, de fato, os cátaros? É difícil avaliar as suas crenças com alguma exatidão, porque eles deixaram poucos registros escritos **e muito do que se diz que eles acreditavam proveio dos escritos dos seus inimigos – a Inquisição da igreja romana.** E como sagazmente observam Walter Birks e R. A. Gilbert. em *The Treasure of Moniségur* (1987), deu-se demasiada ênfase à sua suposta teologia quando, com todas as probabilidades, foi o seu modo de viver que constituiu a atração. Contudo, a religião foi consequência de uma visão do mundo específica, e as suas origens exatas continuam discutíveis.

Os cátaros eram uma ramificação dos bogomilos, um movimento herético que floresceu nos Balcãs, no meado do século X, mas que manteve a sua influência na zona até os cátaros encontrarem a morte. O bogomilismo teve larga divulgação – pelo menos, até Constantinopla – e foi considerado uma séria ameaça à ortodoxia religiosa romana.

Os bogomilos da Bulgária eram, eles próprios, herdeiros de uma longa geração de «heresia» e tinham adquirido uma pitoresca reputação entre os seus opositores. Por exemplo, a palavra inglesa hugger, que significa «sodomita», deriva do nome «búlgaro» e emprega-se tanto literalmente – todos os heréticos são acusados de desvio sexual, quer a acusação seja, ou não, justificada – como em sentido pejorativo.

Confrontados com o gênero de literatura sobre o tema do **catarismo (*)**, que se encontra nas lojas turísticas do Languedoc, é desculpável pensarmos que era uma espécie de visão rudimentar da New Age. com uma teologia bem definida e simplista, existem literalmente dúzias de livros e panfletos que glorificam o humanitarismo dos cátaros e as suas crenças em princípios tão «modernos» hoje como a reencarnação e o vegetarianismo. De modo geral, isso é um absurdo sentimental.

(*) O catarismo (do grego *καθαρός-katharós*, “puro, imaculado” de onde também deriva o nome feminino Catharina) foi um movimento cristão de ascetismo extremo no sul da França, centralizado na região do Languedoc entre os anos de 1100 e 1200, estreitamente ligado aos [bogomilos](#) da [Trácia](#). O movimento foi tão forte no sul da França e na Europa Ocidental que a igreja Católica Romana passou a considerá-lo uma séria ameaça à religião ortodoxa de Roma. As principais manifestações do catarismo centralizavam-se na cidade de Albi, motivo pelo qual seus adeptos também receberam o nome de “albigenses”. A nova crença também arregimentou adeptos na Catalunha, na Alemanha, na Inglaterra e na Itália.



ΙΧΘΥΣ (ICHTIUS): Ιησους Χριστος Θεου Υιος Σωτηρ, Iesus Christus Theos Uios Soter=Jesus Cristo Salvador Filho de Deus. As Iniciais em grego desta frase ΙΧΘΥΣ (ICHTIUS) significa Peixe. Os primeiros cristãos usavam o símbolo do peixe (o símbolo da era astronômica iniciada em torno de 148 a.C., a era de Peixes que terminou em 21 de dezembro de 2.012 a.D., quando então começou a Era Astronômica de Aquário) para se identificarem mantendo a discrição, buscando evitar sua delação para as tropas romanas durante a perseguição do império romano aos cristãos dos primeiros séculos.

Os cátaros praticavam o vegetarianismo, não somente pelo seu amor aos animais mas devido à sua aversão pela procriação, e apenas comiam peixe, na convicção de que os peixes se reproduziam assexuadamente. A sua ideia de reencarnação baseava-se no conceito do «bom fim» (morte), que significava geralmente ser martirizado pela sua fé. Se sofriam esse fim, não se punha a questão de voltar a reencarnar neste miserável vale de lágrimas, aqui na Terra, caso contrário, teriam de regressar até o conseguirem.

Tem-se tentado argumentar que o catarismo era inteiramente um produto local

do Languedoc; isso é manifestamente falso, mas ele englobou elementos regionais na sua teologia. Curiosamente, uma coisa que era única dos cátaros era a crença de que Maria Madalena era mulher de Jesus Cristo, ou talvez sua concubina que com ele teve filhos. Esta crença, no entanto, não era considerada conhecimento apropriado para todos os cátaros, mas era reservada apenas para os principais iniciados – o círculo mais fechado e secreto.

Os cátaros eram exageradamente anti-sexuais e mesmo anti-casamento, por isso era improvável que eles tivessem inventado esta ideia; talvez ficassem tão horrorizados com ela que a reservaram para aqueles que já tinham provado ser fiéis.

Por vezes, os cátaros encontraram-se numa posição teológica embaraçosa; por um lado, encorajavam ativamente os seus fiéis a ler a Bíblia (ao contrário do catolicismo ortodoxo, que se opunha energicamente ao acesso popular às Escrituras, qualquer uma, para o catolicismo romano quanto mais ignorância melhor), mas, por outro, tiveram de reinterpretar radicalmente os acontecimentos bíblicos para os harmonizar com as suas crenças. O exemplo principal da sua reinvenção do Novo Testamento é o da sua visão da crucificação, em que eles colocam um Jesus, feito de puro espírito, a ser pregado na cruz. Embora não exista qualquer fundamento bíblico para este conceito, eles tiveram de inventar este «outro» Jesus, devido à sua aversão pelo corpo físico – ter um Cristo corpóreo, para eles, era impensável.

Assim, a sua ideia de Jesus e Maria Madalena serem parceiros sexuais dificilmente pode ter sido o resultado de uma suposição desejada por eles. De fato, eles debateram-se com diferentes justificações teológicas para explicar o casamento, algo que não os teria preocupado tanto se sentissem que podiam considerar a história um completo absurdo. Isto parece apontar para a preponderância da ideia da relação de Jesus e Maria Madalena, no Languedoc da época – não era apenas uma parte integrante do que as pessoas vulgares acreditavam, sem qualquer dúvida, mas também tão central para todo o mundo cristão daquela região que tinha de ser resolvida, de preferência a ser ignorada. Como escreve Yuri Stoyanov:

Apresentar Maria Madalena como «esposa» ou «concubina» de Cristo parece ser, além do mais, uma tradição original cátara que não tem qualquer contrapartida nas doutrinas dos bogomilos. Embora Maria Madalena fosse, e ainda seja, uma mulher muito popular na Provença, onde se supõe que ela viveu, foi no Languedoc que ela se tornou o centro de crenças abertamente heréticas e – como iríamos descobrir – é também nesta região que essas crenças

originam paixões espantosas, boatos insensatos e segredos misteriosos.

Como vimos, a idéia de Jesus e Maria Madalena serem amantes também se encontra nos Evangelhos de Nag Hammadi, que ficaram escondidos no Egito desde o século IV da era cristã. Seria possível que as crenças semelhantes do Languedoc tivessem origem neles ou numa fonte comum? Alguns estudiosos, especialmente Marjorie Malvern, especularam que o culto de Madalena, no Sul de França, preservou estas primitivas idéias gnósticas. E há algumas provas de que, de fato, foi este o caso.

Na terceira década do século XIV, um notável opúsculo, denominado Schwester Katrei (Irmã **Catarina**) foi publicado em Estrasburgo, alegadamente escrito pelo místico alemão mestre Eckhart – mas os estudiosos são de opinião de que o verdadeiro autor foi uma das suas discípulas. Apresenta uma série de diálogos entre a «irmã Catarina» e o seu confessor, relativos à experiência religiosa de uma mulher e, embora contenha muitas idéias ortodoxas, também expõe muitas outras que, decididamente, não são tão ortodoxas. Por exemplo, faz esta afirmação: «Deus é a Mãe (o feminino) Universal [...]» e revela claramente uma forte inspiração cátara, além da influência da tradição dos trovadores/Minnesingers.

Este invulgar e claro opúsculo liga Madalena com Minne (o princípio feminino) – a Mulher amada dos Minnesingers, e o mais interessante é que constituiu motivo de reflexão para os estudiosos porque contém ideias sobre Maria Madalena que, de outro modo, só se encontravam nos Evangelhos de Nag Hammadi: ela é retratada como sendo superior a Pedro, devido à sua maior compreensão dos ensinamentos de Jesus Cristo, e existe a mesma tensão entre Pedro e Maria. Além disso, acidentes factuais que são descritos nos textos de Nag Hammadi também são referidos no opúsculo da Irmã Catarina.

A professora Barbara Newman, da Universidade da Pensilvânia, foca esta dificuldade académica nestas palavras: «O fato de a irmã Catarina usar estes temas levanta um problema espinhoso de transmissão histórica», e confessa que é «um fenómeno real, embora desconcertante. ***Como é que o autor do texto da Irmã Catarina, no século XIV, obteve o conteúdo de textos que só foram descobertos no século XX?***»

Não pode ser por coincidência que o opúsculo revela a influência dos cátaros e dos trovadores do Languedoc, e a conclusão óbvia é que foi através deles que foi transmitido o conhecimento dos Evangelhos gnósticos relativos a Maria Madalena; os seus segredos podem residir não só no que conhecemos como textos de Nag Hammadi mas também em documentos semelhantes, que ainda não foram redescobertos.

É interessante que exista no Sul de França, uma crença permanente na relação

humana completa entre o casal Madalena e Jesus Cristo (o feminino e o masculino divinos, como Krishna e sua consorte Radharani). A investigação inédita de John Saul desenterrou muitas referências a esta união, na literatura do Sul de França, até ao século XVII – especificamente em obras de autores associados ao Priorado de Sião, como César, filho de Nostradamus (a obra de César foi publicada em Toulouse, um centro do catarismo).

Víramos na Provença que onde existem centros de Madalena se encontram habitualmente lugares associados a João Batista. Como os cátaros pareciam ter grande consideração por ela, talvez também prestassem a mesma veneração a Batista. Mas, pelo contrário, parecia que os cátaros tinham uma forte antipatia por Batista, a ponto de o descreverem como «um demônio». Este sentimento vem diretamente dos bogomilos, alguns dos quais o referiram (de modo um tanto confuso) como «precursor do Anticristo».

Um dos poucos textos sagrados dos cátaros ainda existente é o Livro de João (também conhecido por Liber Secretum), que é uma versão gnóstica do Evangelho de um outro João (o evangelista, o discípulo amado por Cristo): grande parte dele é exatamente igual ao Evangelho canônico, mas contém algumas «revelações» extras, supostamente feitas por Cristo, em segredo, **a João, o «discípulo amado»**. Estas revelações são ideias gnóstico-dualistas, que se harmonizavam com a teologia geral dos cátaros.

Neste livro, Jesus diz aos discípulos que João Batista era, de fato, um emissário de Satanás (o senhor deste mundo material), enviado para tentar sabotar a sua missão de salvação. Era um texto originariamente bogomilo e não foi completamente aceito por todos os bogomilos ou por todos os cátaros. Muitas seitas cátaras alimentavam ideias mais ortodoxas ainda em relação a João Batista, e existem mesmo sinais de que os bogomilos dos Balcãs celebravam ritos a 24 de Junho, o dia da sua festa.

O que é certo é que os cátaros tinham um especial respeito pelo Evangelho de João, o qual é geralmente considerado pelos estudiosos como sendo o evangelho gnóstico do Novo Testamento. (Nos círculos ocultistas há um antigo rumor de que os cátaros tinham uma outra versão, agora perdida, do Evangelho de João, e muitos ocultistas têm pesquisado a área em redor de Montségur, na esperança de o encontrar – mas sem sucesso.)

É evidente que os cátaros tinham ideias não ortodoxas, embora talvez confusas, sobre João Batista. Mas teria algum significado o seu conceito de um João perverso e de um Jesus bom? Talvez não houvesse, mas – como sugeriram alguns comentadores modernos – a relação entre dois homens talvez não tivesse sido tão bem definida como a maioria dos cristãos é levada a acreditar. A ideia cátara pode ter representado a sua filosofia dualista no seu máximo simplista: do

par, João e Jesus, um é mau e outro é bom.

Mas, se é assim, então a conclusão lógica é que eles os consideravam como sendo opostos mas iguais. Isto implica que os cátaros os consideravam rivais, o que dificilmente é a visão católica tradicional – e revela que dúvidas desconcertantes acerca do apoio de João à missão de Jesus há muito tempo tinham sido reconhecidas nesta região. Como a revelação de Madalena e Jesus, também a de João e Jesus parece ter sido entendida como sendo radicalmente diferente da versão ensinada pela Igreja romana.

Superficialmente, é decepcionante contar com os cátaros para a confirmação da importância de João para os movimentos heréticos. Mas existe uma importante organização histórica que faz mais do que repor o equilíbrio. São, evidentemente, os Cavaleiros da Ordem do Templo, os Templários, para quem João Batista sempre foi – inexplicavelmente – objeto de grande devoção. E tal como a cruzada dos cátaros deixou uma visível herança dos seus traumas na paisagem do Languedoc, também os castelos destes enigmáticos cavaleiros ainda se erguem das brumas nas partes mais remotas desta região.

Os Templários são, nesta altura, uma espécie de lugar-comum esotérico, como saberá qualquer pessoa que esteja familiarizada com a ficção de Umberto Eco, e a maioria dos historiadores, os ditos “eruditos”, não sente qualquer constrangimento em afastar, com o maior desdém, qualquer coisa que pretenda ser inspirada nos seus «segredos». No entanto, qualquer mistério ligado ao Priorado de Sião também envolve estes guerreiros-monges, e, portanto, eles são parte intrínseca desta investigação.



O Significado do nome Jesus Cristo em grego: X e P letras gregas X=chi e P=rho (com Alpha (α, o princípio) e Ômega (ω o fim) incluídos no símbolo), iniciais em grego do nome Cristo. In Hoc Signo Vinces em latim significa: Sob este sinal Vencerás. Em Grego, Jesus Cristo (Cristo significa Ungido, Messias) escreve-se como Ιησους Χριστος, ou de um modo mais completo, o nome que as primeiras comunidades cristãs lhe atribuíam em Grego: Ιησους Χριστος Θεου Υιος Σωτηρ, Iesus Christus Theos Uios Soter=Jesus Cristo Salvador Filho de Deus. As Iniciais em grego desta frase ΙΧΘΥΣ (ICHTIUS) significam Peixe em grego.

Um terço de todas as propriedades européias dos Templários encontrava-se, outrora, no Languedoc, e as suas ruínas apenas aumentam a beleza selvagem da região. Segundo uma das mais pitorescas lendas locais, sempre que o dia 13 de Outubro cai a uma sexta-feira (o dia e a data da súbita e brutal supressão da ordem) estranhas luzes aparecem nas ruínas e vêem-se figuras misteriosas a deambular entre elas. Infelizmente, nas sextas-feiras que passamos naquela região, não vimos nem ouvimos nada, exceto os roncoss alarmantes dos javalis selvagens; mas a história mostra como os Templários se tornaram parte da lenda local.

Os Templários continuam a viver nas lembranças dos habitantes locais, e essas lembranças não são, de modo algum, negativas. Mesmo neste século, a famosa cantora de ópera Emma Calvé, que veio de Aveyron para o norte do Languedoc, registrou nas suas memórias que os habitantes locais, a respeito de um rapaz ser especialmente bonito ou inteligente, dizem: «É um verdadeiro filho dos Templários.»

Os fatos principais relativamente aos Templários são simples. Oficialmente conhecidos por Ordem dos Cavaleiros Mendicantes do Templo de Salomão, foram organizados em 1118 pelo fidalgo francês Hugues de Payens, como escolta cavaleiresca dos peregrinos da Terra Santa. Inicialmente, eram apenas nove, durante os primeiros nove anos, depois a ordem expandiu-se e, em breve, estabeleceu-se como uma força a se considerar, não apenas no Médio Oriente mas também em toda a Europa.

Após o reconhecimento da ordem, Hugues de Payens iniciou uma viagem européia, solicitando terras e dinheiro à realeza e à nobreza da Europa. Em 1129, visitou a Inglaterra e fundou o primeiro centro templário daquele país, no lugar que é agora a Estação do Metropolitano de Holborn, em Londres.

Como todos os outros monges, os cavaleiros faziam votos de pobreza, castidade e obediência, mas viviam no mundo e do mundo e comprometiam-se a usar a espada, se necessário, contra os inimigos de Cristo – e a imagem dos Templários tornou-se inseparavelmente associada às cruzadas que foram empreendidas para expulsar os infiéis de Jerusalém e conservá-la cristã.

Foi em 1128 que o Concílio de Troyes reconheceu oficialmente os Templários como uma ordem religiosa e militar. O principal protagonista que esteve por

detrás deste movimento foi **Bernardo de Clairvaux**, o dirigente da Ordem de Cister, que, mais tarde, foi canonizado. Mas como escreve também Gascoigne: Ele era agressivo, era injurioso... era um político desleal, pouco escrupuloso nos métodos que usava para abater os seus inimigos.

Bernardo foi, de fato, o autor da Regra dos Templários – que foi baseada na de Cister – e foi um dos seus protegidos quem, como papa Inocêncio II, declarou, em 1139, que os Cavaleiros apenas seriam responsáveis perante o papado a partir daquela data. Como a Ordem dos Templários e a de Cister evoluíram em paralelo, pode discernir-se alguma coordenação deliberada entre elas – por exemplo, o suserano de Hugues de Payens, o conde de Champagne, doou a S. Bernardo as terras de Clairvaux, em que ele construiu o seu «império» monástico. E, de modo significativo, André de Montbard, um dos nove Cavaleiros fundadores, era tio de Bernardo. Tem sido sugerido que os Templários e os cistercienses atuavam em conjunto, segundo um plano pré-estabelecido, para dominar a Europa, mas esse plano nunca teve êxito.

É difícil exagerar o prestígio e o poder financeiro dos Templários quando estavam no auge da sua influência na Europa. Dificilmente existia um centro importante de civilização onde eles não tivessem um preceptorado – como, por exemplo, a proliferação de topônimos, como Temple Fortune e Temple Bar (Londres) e Temple Meads (Bristol) em Inglaterra ainda mostra. Mas, à medida que o seu império se expandia, a sua arrogância aumentou e começou a envenenar as suas relações com os chefes de Estado temporais e também seculares ou a cobiça e a inveja destes mesmos como Felipe o Belo, rei da França, em relação ao poder e à riqueza possuída pelos Templários, despertou a ira na nobreza europeia contra a Ordem.

A riqueza dos Templários, em parte, era resultante da sua regra: todos os novos membros tinham de entregar os seus bens à ordem, a qual também acumulou uma considerável fortuna através de enormes doações de terras e de dinheiro feitas por reis e nobres. Os cofres da ordem em breve transbordavam de dinheiro, não menos devido a terem adquirido uma impressionante organização financeira, cuja consequência foi transformá-los nos primeiros banqueiros internacionais, de cujo critério dependiam as taxas de crédito das outras instituições. Foi uma maneira segura de se instituírem como um poder importante. Num curto espaço de tempo, o seu título de «Cavaleiros Mendicantes» tomou-se uma profunda hipocrisia, apesar de os soldados rasos (a maioria) poderem ter continuado pobres.

Além da sua espantosa riqueza, os Cavaleiros Templários eram famosos pela sua destreza, bravura e coragem em combate – por vezes, até ao ponto da entrega ao sacrifício em campo de batalha, um cavaleiro Templários jamais recuava, ou

vencia ou percia no campo de combate. Tinham regras específicas que regulamentavam a sua conduta como guerreiros, por exemplo, era proibido renderem-se, a não ser que as probabilidades em seu desfavor fossem superiores a três contra uma, e mesmo assim tinham de obter a aprovação do seu comandante. Eram os serviços militares especiais da sua época – uma força de elite, com cavalaria, armaduras, pesado armamento, com muito poder econômico e Deus do seu lado. Um exército convencional não era páreo para enfrentá-los.

Apesar dos seus melhores esforços, a Terra Santa caiu em poder dos sarracenos, pouco a pouco, até que, em 1291, o último território católico, a cidade de Acre, passou para as mãos inimigas. Não havia nada que os Templários pudessem fazer para além de regressar à Europa e planejar de lá a sua eventual reconquista, mas, infelizmente, nessa altura a motivação para tal campanha já desaparecera entre os vários reis que a podiam ter financiado. A sua principal razão de existir reduzira-se – aparentemente – a nada (n.t. isso para os neófitos que ainda hoje acreditam que a ordem foi fundada para defender peregrinos em passeio na (maldita) “terra santa”. Sem ocupação aparente, mais ainda ricos e arrogantes, eram a maior força militar da Europa e foram alvo de ressentimento generalizado porque estavam isentos de pagamento de impostos e apenas deviam obediência ao papa e a mais ninguém .

Assim, em 1307, inevitavelmente, caíram em desgraça. O paupérrimo e falido rei francês Filipe, o Belo, que inclusive teve sua própria vida salva pela Ordem, começou a orquestrar a queda dos Templários com a conivência do papa francês, o qual, em todo o caso, o rei elegera e dominava. Foram emitidas ordens secretas aos representantes aristocráticos do rei e os Templários foram capturados a 13 de Outubro de 1307, sexta-feira, presos, torturados e condenados à morte pelo fogo. Pelo menos, esta é a história contada na maioria das obras “clássicas eruditas” sobre este tema. Fica-se com a ideia de que toda a ordem encontrou o seu horrível fim naquele dia longínquo e que os Templários foram efetivamente varridos da face da Terra para sempre. ***Contudo, nada pode estar mais longe da verdade.***

Para começar, relativamente poucos Templários foram, de fato, presos e executados, embora a maioria dos que foram presos fosse «sujeita a interrogatório» – um velho eufemismo para o sofrimento de torturas atrozes. Relativamente poucos Templários foram condenados à fogueira, embora o seu grãomestre Jacques de Molay, já com setenta anos, fosse queimado lentamente, até à morte, na Île de La Cité, à sombra da Catedral de Notre Dame em Paris. Dos milhares de outros Templários, apenas os que se recusaram a confessar ou

se retrataram da sua confissão foram mortos. Mas que validade tinham as confissões arrancadas com ferros em brasa ou com instrumentos para esmagar os polegares? E que se esperava, exatamente, que eles confessassem?

Os relatos das confissões dos Templários são, no mínimo, coloridos e absurdos. Ficamos a conhecer que veneravam um gato ou que se entregavam a orgias homossexuais como parte dos seus deveres de cavaleiros ou veneravam um demônio conhecido por Baphomet e/ou uma cabeça decepada. Também foram acusados de terem pisado e cuspidos na cruz num rito de iniciação. Tudo isto, evidentemente, parecia tornar absurda a idéia de que eles eram dedicados cavaleiros de Cristo e defensores do ideal cristão, e quanto mais eram torturados mais aparente se tornava esta divergência.

Mas isto não é surpreendente: não são muitas as vítimas de tortura que conseguem ranger os dentes e recusar concordar com as palavras que são postas na sua boca pelos carrascos. Mas, neste caso, há mais nesta história do que aquilo que é visível. Por um lado, tem havido sugestões de que todas as acusações apresentadas contra os Templários foram forjadas pelos que invejavam e queriam tomar posse da sua imensa riqueza, como o rei Filipe, e se sentiam exasperados pelo seu poder, e que essas acusações deram ao rei francês um bom pretexto para se libertar das suas conhecidas dificuldades econômicas, apoderando-se da riqueza dos Templários. Por outro lado, embora as acusações possam não ser estritamente verdadeiras, há provas de que os Templários encontraram algo misterioso, durante as suas escavações de quase dez anos no local do Templo de Salomão, em Jerusalém, logo no início da ordem, algo que se manteve «secreto», no sentido ocultista. É evidente que estas duas ideias alternativas não se excluem mutuamente.

Muita tinta tem corrido sobre o debate das acusações feitas aos Templários e às suas confissões. Cometeram eles, de fato, os atos que confessaram ou os inquisidores inventaram, antecipadamente, as acusações e simplesmente torturaram os cavaleiros até que eles concordassem com elas? (Alguns cavaleiros declararam que lhes tinham dito que Jesus era um «falso profeta», por exemplo.) É impossível afirmar uma coisa ou outra de forma conclusiva.

Há, contudo, uma determinada confissão que constitui motivo de reflexão. É a de um certo Fulk de Troyes, que disse que lhe tinham mostrado um crucifixo dizendo: «Não acredites nisto, porque é demasiado novo.» Dado o conceito rudimentar da história nessa época, parece improvável que um inquisidor tivesse inventado esta enigmática afirmação.

É certo que o Priorado de Sião alega ter sido o poder (uma ideia absurda) quem estava por detrás da criação dos Cavaleiros do Templo; se foi assim, então este é um dos segredos mais bem guardados da história. Diz-se, contudo, que as duas

ordens foram virtualmente indistinguíveis até ao seu cisma, em 1188 – após o qual seguiram caminhos separados. Contudo, parece ter havido uma espécie de conspiração relativamente ao momento da criação da Ordem dos Cavaleiros Templários. O senso comum sugere que seriam necessários mais do que apenas os nove cavaleiros originais para proteger e oferecer refúgio a todos os peregrinos que visitavam a Terra Santa, especialmente durante nove anos; além disso, há poucas provas de que alguma vez eles tivessem feito uma tentativa séria nesse sentido.

Em breve os Templários verificaram que eram os meninos mimados da Europa, sendo-lhes concedidos privilégios e honras muito desproporcionados em relação àqueles que, de fato, mereciam. Por exemplo, foi-lhes concedida toda uma ala do palácio real de Jerusalém – o lugar que, anteriormente, era uma mesquita, e antes ainda foi o maior templo dos hebreus. Esta, por sua vez, julgava-se, ter sido construída sobre os alicerces do Templo de Salomão, do qual os Templários tomaram o seu nome completo.

Outro mistério ligado aos seus primeiros tempos centra-se no fato de que há provas de que a ordem já existia há bastante tempo, antes ainda de 1118, embora permaneça obscuro o motivo por que a data foi falsificada. Muitos comentadores sugeriram que o primeiro relato da sua criação – da autoria de William of Tyre e escrito cinquenta anos depois do acontecimento – foi simplesmente uma história de fachada. (Embora William fosse profundamente hostil aos Templários, ele estava, presumivelmente, a recontar a história tal como a conhecia). Mas, mais uma vez, o que o relato estava a encobrir é uma questão para especulação.

Hugues de Payens e os seus nove companheiros eram todos originários de Champagne e do Languedoc, incluindo o conde da Provença, o local de veneração de Madalena e das Virgens Negras, e é evidente que partiram para a Terra Santa, tendo em mente uma missão específica. Talvez, como foi sugerido, estivessem à procura da Arca da Aliança ou de outro tesouro ou documentos antigos que os conduzissem até ela ou de algum tipo de conhecimento secreto que lhes concedesse o domínio sobre as pessoas e as suas riquezas.

Recentemente, Christopher Knight e Robert Lomas, em seu livro *The Hiram Key*, afirmaram que os Templários procuravam **e encontraram um esconderijo de documentos da mesma fonte dos manuscritos do Mar Morto**. No entanto, por intrigante que esta sugestão possa ser, os autores não apresentam provas convincentes – e, como veremos, toda a questão da proveniência dos manuscritos está cheia de equívocos e mitos. Mas há provas de que os Templários, de fato, encontraram novo conhecimento junto dos árabes e de outros povos, em consequência das suas viagens.

Para nós, uma das coisas mais fascinantes relativamente aos Templários era a sua

invulgarmente profunda veneração de João Batista, que parece ser bastante mais importante para eles do que o típico santo patrono. O Priorado de Sião – outrora, diz-se, inseparável dos Templários – dá o nome de «João» aos seus grãomestres, talvez por deferência para com ele. Contudo, é virtualmente impossível descobrir as razões da fidelidade dos Templários em qualquer história clássica; a explicação habitual é que João era especial para eles, porque foi o mestre de Jesus. Algumas pessoas sugeriram que a cabeça decepada, que se dizia ser venerada por eles, era a do próprio Batista – mas o culto deste totem implica, em todo o caso, que os Templários eram algo muito diferente do que simples cavaleiros cristãos.

Muito do seu simbolismo, aparentemente ortodoxo, esconde alusões específicas a «João». Por exemplo, o Cordeiro de Deus era uma das suas imagens mais importantes. Muitos cristãos presumem que ela se refere a Jesus Cristo – tendo Batista dito dele «eis o Cordeiro de Deus» -, mas, em muitos locais, como a região oeste de Inglaterra, presume-se que este símbolo se refere a João, e os Templários parecem ter-lhe atribuído o mesmo significado. O símbolo do Cordeiro de Deus foi adotado como um dos selos oficiais dos Templários; este símbolo era específico da ordem no Sul da França.

O cordeiro, a Flor de Liz e a Cruz Templária ...



Uma pista de que a veneração de João Batista por parte dos Templários não era uma simples questão de prestar homenagem ao santo escolhido para patrono, mas escondia alguma coisa muito mais radical, encontra-se na obra de um sacerdote erudito de nome Lambert de St Omer. Lambert era companheiro de um dos nove Cavaleiros fundadores e lugar-tenente de Hugues de Payens, Godefroi de St. Omer. Em *The Hiram Key*, Christopher Knight e Robert Lomas reproduzem uma ilustração de Lambert que representa a «Jerusalém celeste» e observam que:

[...] aparentemente indica que o fundador [da Jerusalém celeste] é João Batista. Não há qualquer referência a Jesus em todo este documento chamado cristão.

Como no simbolismo da pintura de Leonardo, a implicação é que João Batista é importante por direito próprio e não apenas pelo seu papel de precursor de Jesus. Dois anos depois das prisões em massa, enquanto os Cavaleiros estavam ainda a ser julgados, o visionário e o ocultista catalão Ramon Lull (c. 1232-c. 1316), anteriormente um firme apoiante da ordem, escreveu que os julgamentos revelam «perigos para o barco de S. Pedro (Para o Vaticano)» e acrescenta: Há talvez entre os cristãos muitos segredos, dos quais um [determinado] segredo pode dar origem a uma revelação incrível, tal como aquele [que está] a emergir dos Templários... uma infâmia tão pública e manifesta que pode, por si própria, pôr em perigo o barco de S. Pedro e afundá-lo definitivamente.

Lull parece estar se referindo não só aos perigos para a Igreja de Roma provocados pelas revelações acerca dos Templários mas também a outros segredos de igual magnitude; também parece aceitar as acusações feitas contra os Templários – embora, naquela fase, talvez fosse imprudente questioná-las. Podia o Languedoc, outrora pátria da maior concentração de Templários da Europa, fornecer algumas pistas quanto à verdade acerca da Ordem? Mesmo passado todo este tempo, esta é uma região com longas memórias e um saudável desrespeito pela convenção e um desprezo absoluto contra Roma.

Como vimos, os cátaros e os Templários floresceram aqui, ao mesmo tempo, mas, dada a interpretação que geralmente se faz dos seus valores relativos, pareceria que estes dois grupos, altamente influentes, deviam estar em lados opostos. Na verdade, o símbolo dos Templários, uma cruz vermelha sobre fundo branco, é tomado, muitas vezes, como o de um cruzado típico. Contudo, há muitas indicações de que os Templários eram, se não apoiantes ativos, certamente simpatizantes dos «heréticos» das montanhas – e é indiscutível que os Templários foram notáveis pela sua ausência e apoio na Cruzada dos

Albigenses.

E reconhecido que o interesse primordial dos Cavaleiros, na época, se situava muito longe, na Terra Santa, e muitos deles eram oriundos das mesmas famílias dos cátaros, mas talvez nenhuma destas razões explique totalmente a sua falta de interesse em perseguir os hereges cátaros.

Quais eram, então, os verdadeiros interesses e motivos dos Templários ? Eram eles apenas os monges guerreiros que alegavam ser ou os seus planos tinham uma dimensão secreta, oculta?

Capítulo 5

Os Guardiões do Graal



*Segundo a “**linha acadêmica clássica e erudita**”, idéias ocultistas acerca dos Templários são um absurdo; muitos historiadores afirmam que eles eram simplesmente os monges-guerreiros que afirmavam ser, e qualquer sugestão de que estivessem envolvidos em qualquer coisa remotamente mística, esotérica e ocultista é resultado de uma imaginação excessiva ou de investigação pouco cuidadosa.*

*Porque este é o “**consenso erudito**”, historiadores que se interessam por esta faceta da ordem não ousam revelá-lo abertamente por receio de perderem a sua reputação (e fundos acadêmicos). Assim, esta investigação ou é evitada ou, se é feita, **nunca é publicada**. (Há vários historiadores respeitados que, em privado, reconhecem que o lado esotérico, místico e ocultista dos Templários é importante, mas nunca o reconhecerão publicamente.)*

Esta atitude conduziu a um abandono do estudo de certos lugares importantes dos Templários. E verificamos que a região que é a maior vítima deste fenômeno – a um ponto mistificador – é a região do nosso particular interesse, o **Languedoc-Roussillon**. Fora da Terra “Santa”, em Jerusalém, esta era a pátria da Ordem dos Cavaleiros Templários – mais de 30% de todas as fortalezas e postos de comando templários, em toda a Europa, encontravam-se nesta pequena área. Contudo, uma quantidade insignificante de trabalho arqueológico tem sido realizado ali, e há alguns lugares importantes que nunca foram investigados.

Felizmente, o abandono oficial é contrabalançado por muitos investigadores particulares com um interesse apaixonado por estes cavaleiros misteriosos de mantos brancos com cruces vermelhas, e muitos habitantes locais consideram seu dever preservar e proteger os velhos lugares templários. Também existem várias organizações de investigação «amadoras» (no sentido de que não são subsidiadas, mas, de modo algum, no que respeita à qualidade dos seus conhecimentos), como o Centro de Estudos e Investigação Templários, dirigido por George Kiess, em Espéraza (Aude), na França, que envergonharam os **“acadêmicos e eruditos”**.



As descobertas feitas por estes entusiastas a partir de um estudo dos lugares e de muitos documentos templários esquecidos nos arquivos locais são impressionantes – especialmente, dada a falta de fundos e a pura frustração de lidar com arquivistas apáticos e historiadores profissionais.

Um destes grupos de investigação é o Abraxas, dirigido pela expatriada britânica Nicole Dawe e pelo texano Charles Bywaters a partir de estância termal de Rennes-les-Bains, em Aude. As suas investigações, em conjunto com as da rede de grupos similares, produziram sólidas e documentadas descobertas que, literalmente, reescreveram os estudos sobre os Cavaleiros Templários.

Lutando contra a maré da apatia oficial, por um lado, e contra o entusiasmo excessivo dos caçadores de tesouros locais – que representam uma verdadeira ameaça à estrutura dos lugares – por outro, Nicole e Charles descobriram lugares-chave dos Templários que nunca tinham sido tocados pelas pás dos arqueólogos “oficiais”. Grande parte do seu trabalho ainda é inédito, embora eles planejam a publicação em futuro próximo.

Assim, para descobrir mais coisas sobre os Templários nesta terra herética do Languedoc-Roussillon, não foi aos “acadêmicos e eruditos” que nos dirigimos, mas a Charles e a Nicole.

Sentados no apartamento de Charles, situado na rua principal (e, na verdade, quase a única rua) de Rennes-les-Bains, começamos por o interrogar, e a Nicole, sobre as possíveis ligações entre os Templários e os Cátaros. Eles responderam que existiam claros elos de ligação entre os dois grupos, que ultrapassam os simples laços familiares e que foram geralmente ignorados pelos historiadores – por exemplo, no auge da Cruzada dos Albigenses, os Templários albergavam fugitivos cátaros, e existem exemplos documentados de que eles também socorriam cavaleiros que lutavam ativamente a favor dos cátaros contra os cruzados da igreja de Roma.

Como disse Nicole:

Só temos de examinar os nomes de família dos cátaros nos documentos da Inquisição, e os nomes dos Templários do mesmo período, para verificar que são os mesmos. Mas, mais particularmente, é inegável que certos lugares templários alojaram, protegeram e enterram cátaros em chão sagrado.

Têm surgido sugestões cínicas de que isto se deve ao fato de estas pessoas, para se tornarem membros leigos do Templo, lhes doarem todos os seus bens. De fato, temos provas de cátaros que recorreram aos Templários depois de terem sido completamente desapossados e foram não só recebidos e protegidos como morreram e foram lá enterrados. Mais tarde, os Templários, por vezes, fizeram o

que puderam para assegurar que as famílias cátaras, ou seus descendentes, recuperassem as suas terras.

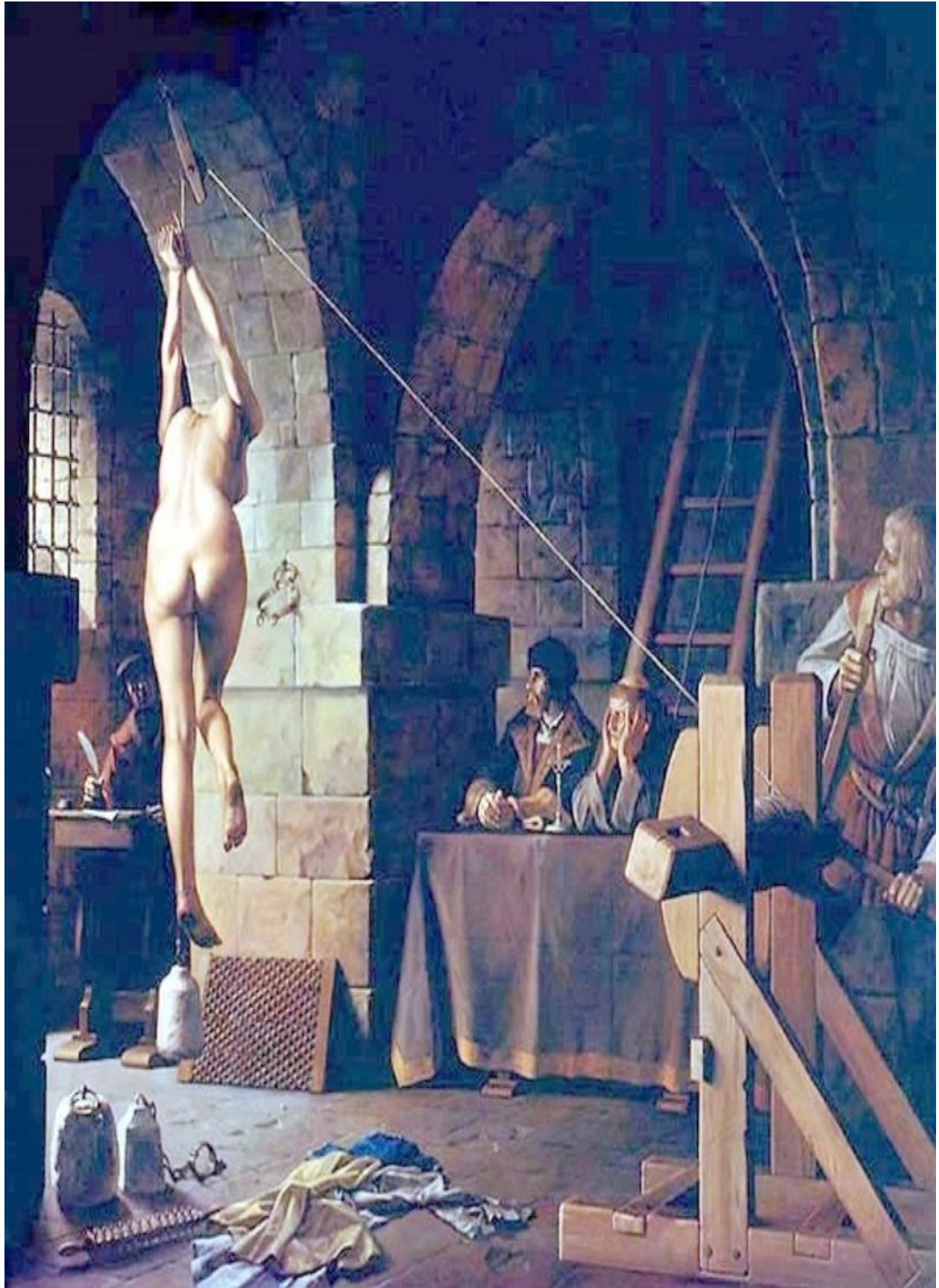
Charles acrescentou:

Numa área em particular, os Templários permitiram claramente atividade hostil contra os interesses de Roma a partir dos seus domínios. Os cavaleiros cátaros continuavam a participar na luta contra a igreja romana, depois retiravam-se para propriedade templária.

Esse fato é muito facilmente documentado.

Pareceu-nos muito significativo que, dado que muitas acusações levantadas contra os Templários foram definitivamente forjadas, a única coisa que não foi usada como prova contra eles foi a sua estreita ligação com proscritos como os cátaros. Que a Inquisição tinha inteiro conhecimento dessa ligação é revelado pela exumação, levada a cabo pela Inquisição, de corpos de cátaros enterrados em terra templária, para serem queimados como meio de intimidação dos supostos heréticos, mais de trinta anos depois do fim da cruzada. (E foi a Inquisição que torturou os Templários, portanto, se alguém conhecia a ligação com os cátaros, eram os inquisidores da igreja romana.)

Era evidente que mais alguma coisa se passava, talvez alguma coisa do conhecimento da Coroa francesa, mas que era considerado tão perigoso tornar público que nunca uma palavra acerca dela se tornou conhecida. Em toda a nossa investigação sobre os Templários, de fato, tivemos um sentimento inquietante – mas crescente – **de que havia algum segredo monumental escondido sob a superfície da história “oficial”**. Seria possível que os Templários e os cátaros partilhassem de algum conhecimento potencialmente explosivo? (n.t. especialmente contra o circo romano) E poderia ter sido este segredo o verdadeiro motivo de Filipe, o Belo, para montar uma campanha tão bem planejada de extermínio contra os Templários?



A Inquisição da igreja romana: O réu era amarrado com as mãos para trás e içado a uns 4 metros do chão e violentamente solto lá de cima, segurando-o antes de atingir o chão. Em alguns casos, colocavam-se pesos nos tornozelos para aumentar a dor.

Nem todos os Templários foram aniquilados naquela sexta-feira, dia 13 de outubro. Muitos escaparam e se esconderam nos países vizinhos da França, onde foi-lhes permitido viver e voltar a reagrupar-se sob um nome diferente, e dois países, em particular, ofereceram refúgio seguro aos cavaleiros Templários fugitivos – a Escócia e Portugal. (Neste último, os cavaleiros tornaram-se conhecidos pela Ordem dos Cavaleiros de Cristo.) A área em redor do Languedoc, segundo Charles e Nicole nos informaram, constituiu uma curiosa **exceção** ao padrão global da perseguição aos Templários.

O Roussillon, a leste desta área, estava sob os auspícios do reino espanhol de Aragão, embora a parte norte, que incluía Carcassonne, fizesse parte da França. Os Templários do Roussillon foram presos e julgados – mas declarados inocentes – e, quando o papa dissolveu oficialmente a ordem, os cavaleiros ingressaram noutras irmandades semelhantes ou viveram o resto das suas vidas da renda das suas terras.

Como vários comentadores têm sugerido, os Templários sobreviveram à tentativa de os exterminarem totalmente e continuaram a existir até mesmo nos dias de hoje, embora as provas sugiram que sofreram vários cismas e atuaram como organizações diferentes, todas proclamando-se descendentes diretas da ordem original, mas nenhuma sendo realmente a continuação da ordem original. Se os Templários estavam escondendo (n.t. conhecimento considerado herético pelo circo de Roma) alguma coisa – que era considerada tão perigosa pelo rei francês, que o levou a tomar medidas tão drásticas contra eles -, que podia ser? Quem estava a usar quem – o papa ou Filipe? De qualquer ângulo que a história seja encarada, parece faltar um elo de ligação crucial.

Suponhamos que este componente elusivo estava relacionado com o Priorado de Sião. Como já vimos, existem indicações de uma presença misteriosa que inspirou a própria criação dos Templários, e este grande grupo-fantoches (quem quer que fossem) parecia dirigir as cenas subsequentes. Charles e Nicole não duvidam da existência de um **«círculo (de *Iniciados*) secreto»** no seio da liderança dos Cavaleiros Templários, **que antecedeu até mesmo o seu começo oficial**; e vão ao ponto de argumentar que todo o movimento Templário foi criado para dar um rosto público a este círculo secreto, no momento em que a Terra Santa se abriu aos viajantes europeus e às pesquisas “arqueológicas” nas escavações realizadas durante os dez primeiros anos em que a ordem foi composta somente pelos nove cavaleiros iniciais.

Outros investigadores também chegaram à mesma conclusão. Como escreve o autor francês Jean Robin (baseando-se na investigação de George Cagger):

A Ordem do Templo era, na verdade, constituída por sete círculos «exteriores», dedicados aos mistérios menores, e por três círculos «interiores», correspondentes **aos iniciados nos grandes mistérios**. E o «núcleo» era composto pelos setenta Templários «interrogados» por Clemente V (depois das prisões de 1307).

Igualmente, no livro *The Sign and The Seal*, o autor britânico Graham Hancock escreve:

[...] a investigação que conduzi, sobre as crenças e o comportamento deste estranho grupo de monges-guerreiros, convenceram-me de que eles penetraram numa tradição de sabedoria extremamente antiga [...].

Era possível manter um grupo interno secreto porque os Templários eram essencialmente uma Escola (Secreta) de Mistério – isto é, eles operavam como uma hierarquia, que se baseava na iniciação e no sigilo. Por conseguinte, é provável não só que um soldado raso Templário soubesse bastante menos que os seus superiores mas também que as suas reais crenças fossem diferentes. É provável que a maioria dos Cavaleiros Templários não fossem mais do que os simples soldados cristãos que pareciam ser, mas o círculo interno e de comando era muito diferente.

O círculo interno dos Templários parece ter existido para promover a pesquisa ativa das matérias esotéricas, ocultistas, alquímicas, gnósticas e religiosas. Talvez uma das razões do seu sigilo fosse o fato de estarem lidando com os aspectos arcanos dos mundos judaico e islâmico. Eles procuravam, literalmente, os segredos do Universo, onde quer que suspeitassem que eles se podiam encontrar, e, no decurso das suas deambulações geográficas e intelectuais, vieram a tolerar – talvez mesmo a adotar – algumas crenças muito heterodoxas para o ortodoxo e dogmático catolicismo romano.

Nessa época, tinha de haver uma força impulsionadora muito forte para andar em busca de conhecimento contra todas as desvantagens, e os Templários não estavam interessados nas complexidades da pesquisa pela pesquisa – eles não eram mais do que pessoas extremamente práticas. Quando seguiam uma determinada linha de investigação, era por uma boa razão, e, por isso, deixaram certas pistas relativas ao que era particularmente importante para eles.

Uma dessas indicações reside nas obsessões de Bernardo de Clairvaux, a primitiva eminência parda dos Templários. Este monge intelectual, mas impetuoso, aparentava ser extremamente devotado à Virgem (***n.t. Devotado à parte feminina da divindade***) Maria, como provam os seus múltiplos sermões.

No entanto, parece que *a Virgem Maria não era o verdadeiro objeto do amor espiritual de Bernardo*.

Era uma outra Maria, uma cuja verdadeira identidade é sugerida pelo fato de ele ter muita simpatia pelas Madonas Negras. Bernardo também escreveu cerca de noventa sermões sobre o tema do Cântico dos Cânticos e pregou muitos mais, ligando explicitamente a «Noiva» Maria de Betânia que, nessa época, era inquestionavelmente assumida como sendo a própria Maria Madalena.

«Sou negra, mas graciosa», diz a mulher apaixonada, uma frase que também associa o Cântico dos Cânticos ao culto da Madona Negra – ao qual Bernardo (que nasceu em Fontaines, próximo de Dijon, um centro de culto e adoração da Madona Negra) era excepcionalmente dedicado. Afirmou ter recebido a sua inspiração na infância, tendo recebido três gotas de leite milagroso do peito da Madona Negra de Châtillon. Tem-se especulado que esta afirmação era uma referência codificada à sua iniciação no culto da Madona Negra. E, quando Bernardo pregou a Segunda Cruzada, decidiu fazê-lo em Vézelay, um centro de veneração à Maria Madalena.

É provável, assim, que a aparente devoção de Bernardo à Virgem fosse apenas uma cortina de fumaça para a sua indubitável paixão por Madalena, embora as duas não se excluam mutuamente. Contudo, ao criar a regra templária, Bernardo chamou os Cavaleiros à «obediência de Betânia, o castelo de Maria e Marta», e é conhecido por ter transmitido à ordem esta particular devoção (conhecimento).

Mesmo quando confrontados com a extinção total, os cavaleiros aprisionados com último grão-mestre Jacques de Molay, nas masmorras da fortaleza de Chinon, compuseram uma oração dedicada a Notre Dame (Nossa Senhora) em que recordam S. Bernardo como o fundador da religião da Santa Virgem Maria. Mas, dadas todas as outras provas, isto podia ter sido outra referência **codificada** ao culto de Madalena (da Deusa).

É significativo que o juramento templário fosse prestado a «Deus e a Nossa (Deusa) Senhora» – ou, muitas vezes, a «Deus e a Santa Maria». Há uma indicação de que a «Nossa Senhora» referida no juramento não é a “Virgem” Maria, o que também é reforçado pelas palavras da absolvição templária: «Peço a Deus que te perdoe os teus pecados como perdoou a Santa Maria Madalena e ao ladrão, que foi crucificado.» – No mínimo, isto revela a importância de Madalena para os Templários. (É digno de nota que, no caso dos Templários do Roussillon, as condições em que estavam acorrentados eram deliberadamente agravadas – por ordem do papa -, especificamente, no dia da festa de Santa Maria Madalena. Não esquecer que o massacre de Béziers ocorreu no dia desta festa, para evidenciar a natureza da «heresia».)

De fato, os Templários estavam interessados em todo o conceito do ***Feminino***

Divino— um conceito que pode parecer estar em séria contradição com a sua imagem de guerreiros. Mas, como Charles e Nicole descobriram, a Ordem do Templo **incluía as mulheres em seu seio**. Nos primeiros anos da sua existência, muitas mulheres prestaram o juramento da ordem, embora permanecessem membros leigos do Templo. No entanto, não há nenhuma indicação de que existisse um enclave secreto de rainhas-guerreiras no seio da Ordem do Templo, como escrevem Michael Baigent e Richard Leigh em «The Temple and The Lodge» (1980):

[...] em Inglaterra, um relato do fim do século XII fala de uma mulher ter ingressado no templo como irmã, e parece implicar claramente uma espécie de ala feminina ou complementar da ordem. Mas nunca se encontrou nenhuma elaboração ou clarificação do fato. Mesmo esta informação, como devia ter estado contida nos registos oficiais da Inquisição, há muito que desapareceu ou foi suprimida.

Nicole e Charles, baseados no seu estudo minucioso de documentos templários, são mais categóricos:

Se consultarmos documentos do século XII, encontramos numerosos exemplos de mulheres terem ingressado na ordem, certamente no primeiro século da sua existência. Qualquer novo membro tinha de fazer o juramento de dar «a minha casa, as minhas terras, o meu corpo e a minha alma à Ordem do Templo». Estes documentos encontram-se principalmente nesta área [o Languedoc] e são exemplos bastantes para mostrar que deve ter havido um grande número de mulheres envolvidas, ao mesmo tempo que os homens.

Charles e Nicole também referem que houve uma alteração posterior nas regras, em que os Templários ficavam especificamente proibidos de aceitar mulheres — com a implicação de que, até aquele momento, eles as tinham aceitado.

Quando manifestamos alguma surpresa por este fato não ser mais conhecido, e, além de algumas vagas indicações, o envolvimento das mulheres não ser realçado nas obras clássicas sobre os Templários, Charles nos explicou:

Por vezes, parece que grande parte desta informação foi intencionalmente ignorada. O que temos nos livros é muita informação redundante, a mesma coisa, repetidamente lembrada. Só pode ser uma de duas coisas: ou estas pessoas são cegas ou, por qualquer razão específica não realçam esta informação. No caso de um investigador, o que se supõe que estas pessoas sejam, isso é bem visível. Mas é ignorada.

É notável que a rusga de 13 de Outubro de 1307 fosse tão surpreendentemente isenta de derramamento de sangue. Em toda a França, os senescais do rei abriram as suas ordens seladas, as quais lhes ordenavam que organizassem tropas suficientes para prender os guerreiros mais bem preparados da

Cristandade – qualquer coisa como a típica esquadra de Polícia suburbana do Reino Unido receber ordens para reunir forças para prender membros do SAS estacionados na sua área. E a maioria dos Templários de França parece ter ido como cordeiros para o matadouro. E estranho que os Cavaleiros não tivessem pedido reforços doutros países.

É significativo que alguns Cavaleiros, incluindo o tesoureiro da ordem, conseguissem escapar-se, de um modo que sugeria que tinham morrido. Além disso, a famosa armada naval dos Templários, que estivera fundeada junto à costa francesa, simplesmente desaparecera nessa altura. Em todos os registos da espoliação templária, ordenada pelo rei de França, não figura um único navio templário e nem mesmo uma única moeda. Para onde foi a armada? Era impossível ter desaparecido sem deixar vestígios.

Mas o círculo interno dos Templários pareceu recorrer a todos os meios para preservar o seu conhecimento secreto. Como demonstrou Hugh Schonfield, o respeitado estudioso do Novo Testamento, os Templários usavam um código em suas comunicações conhecido por «Cifra Atbash». Isto é verdadeiramente notável, porque ele fora usado pelos autores de alguns dos Manuscritos de Mar Morto, pelo menos mil anos antes da fundação da Ordem do Templo. Além de qualquer outro significado que possa ter, isto revela, por si só, que os Templários eram peritos em manter os seus segredos pelos mais engenhosos processos – e também que o seu vasto conhecimento proveio de variadas fontes esotéricas e orientais.

Schonfield revela que, quando o código se aplica ao nome do ídolo da misteriosa cabeça decepada, alegadamente venerada pelos Templários – o Baphomet -, o nome transforma-se na palavra grega ***Sophia (SABEDORIA)***. Graham Hancock escreve em *The Sign and The Seal* que Sophia significa nada menos nada mais que «Sabedoria». Mas, de fato, ela significa bastante mais do que isso, e o seu significado completo acrescenta uma interpretação diferente a toda a *raison d'être* dos Templários.

Simplesmente referida como «Sabedoria», em hebraico Chokmah – uma figura feminina, que surge no Antigo Testamento, especificamente no Livro dos Provérbios -, Sofia provocou muitos embaraços a comentadores judaicos e católicos, porque ela é apresentada como a **companheira** de Deus. É ela quem tem influência sobre ele e, de fato, **o aconselha**.

Sofia (sabedoria do Feminino Sagrado) também era central para a cosmologia gnóstica (n.t. adotada pelos Cátaros e por este motivo massacrados pela igreja romana)- na verdade, no texto de Nag Hammadi chamado Pistis Sophia, ela era intimamente associada a Maria Madalena. E, como Chokmah, ela é chave para a compreensão gnóstica da cabala (o importante e muito influente sistema ocultista

que constituiu a base da magia medieval e renascentista). Para os gnósticos, ela era a deusa grega Athena e a deusa egípcia ÍSIS – que, por vezes, era chamada Sofia.

Só por si, evidentemente, o uso da palavra Sofia, por parte dos Templários – como estando codificada em «Baphomet» – não prova qualquer veneração especial dos Cavaleiros pelo princípio divino feminino. Podem ter admirado apenas a busca da sabedoria. Contudo, há muitas outras indicações de que isso fazia parte de uma **profunda obsessão com o princípio feminino divino**, a qual ultrapassava muito a mera semântica – no que diz respeito aos Templários e também a outros grupos esotéricos. Como afirmou Niven Sinclair, um investigador escocês cujo conhecimento dos Templários é particularmente vasto: **«Os Cavaleiros Templários eram firmes crentes do aspecto feminino da divindade.»**

Para Sinclair, não há dúvida disso, nem há nada de estranho nisso. Os Templários, por norma, construíam as suas igrejas **redondas** porque acreditavam que era a forma que melhor representava o DIVINO. Por sua vez, isso pode ter simbolizado a ideia de um universo redondo, mas é mais provável que tivesse representado o Feminino. Círculos e ciclos foram sempre associados a deusas pagãs de todas as culturas e a todas as coisas femininas, tanto esotéricas como biológicas. É um símbolo arquetípico, recorrente em toda a civilização: as elevações tumulares pré-históricas eram redondas porque representavam o ventre da Terra, que acolhia os mortos para renascerem como espíritos. E toda a gente está familiarizada com a rotundidade da gravidez e com o símbolo da fase-«mãe» da deusa, a Lua cheia.

Fosse qual fosse o significado da rotundidade para os Templários, é indubitável que ela nunca foi masculina. E, após a época dos Templários, a construção de igrejas redondas foi oficialmente declarada herética pela Igreja (o circo romano). Contudo, como já observamos, a Igreja francesa de Londres é redonda, uma característica que é repetida e reforçada pelos outros motivos decorativos, exteriores e interiores.

Os Templários, segundo parece, tinham adquirido um conhecimento exótico e herético, mas fora casual ou intencional? As provas apontam para o último: eles foram procurar certos segredos que, uma vez seus, os colocavam em situação de os divulgar ou de reter. Enquanto muitos dos seus segredos continuam sob a sua custódia, eles deixaram indicações de alguns deles sob a forma de código – mesmo esculpidos em pedra.

Os Cavaleiros Templários foram os grandes inspiradores da construção das grandes catedrais góticas, especialmente a de Chartres. Como preponderantes – muitas vezes, únicos – «agentes de desenvolvimento» dos grandes centros

europeus de cultura em seu tempo, eles foram os inspiradores das corporações de construtores, incluindo a dos pedreiros – que se tornaram membros leigos da Ordem do Templo, com todas as suas vantagens, como a isenção do pagamento de impostos.

Em toda a longa história das grandes catedrais, o estranho simbolismo da sua decoração e o desenhos das plantas tem causado perplexidade a peritos de muitas disciplinas.

Só recentemente se compreendeu o que, sem dúvida, eles representavam: a codificação em pedra do conhecimento esotérico dos Templários. Graham Hancock, ao discutir a arquitetura sagrada dos antigos egípcios, observa que «ela apenas foi igualada, na Europa, pelas grandes catedrais góticas da Idade Média construídas pelos Templários, como a Catedral de Chartres» e põe uma questão: «Foi um acidente?». Hancock continua:



O Labirinto no interior da misteriosa Catedral de Chartres, onde parece que até o tempo se move diferente em seu interior ...

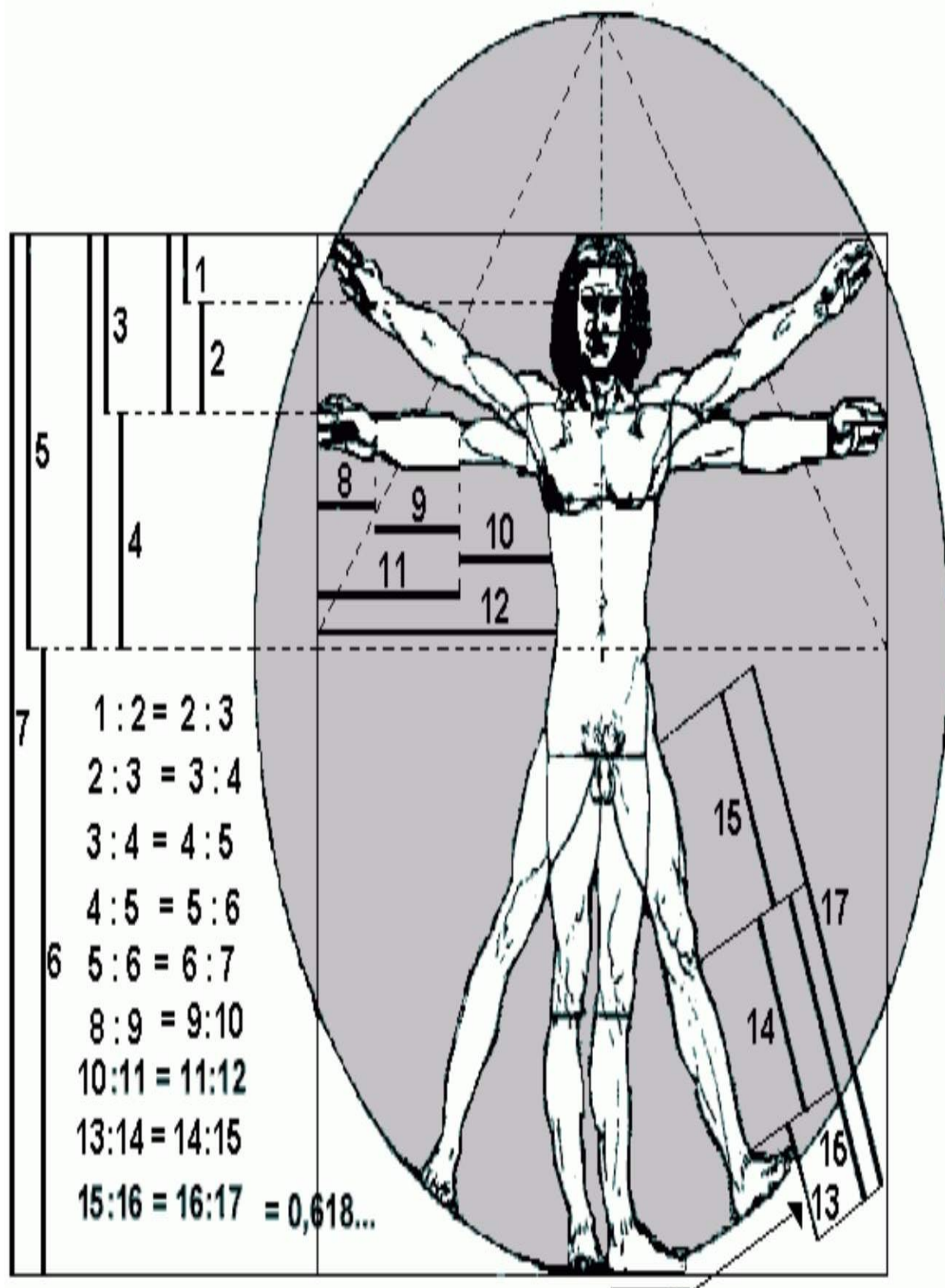
Há muito que suspeitava de que tinha havido uma ligação e que os Cavaleiros Templários, através das suas descobertas, durante as Cruzadas, podiam ter constituído o elo que faltava na cadeia de transmissão do conhecimento arquitetónico secreto... S. Bernardo, o patrono dos Templários, definira Deus – espantosamente para um cristão – como «comprimento, largura, altura e profundidade». Nem pude esquecer que os próprios Templários tinham sido grandes construtores e grandes arquitetos nem que a ordem monástica de Cister, a que S. Bernardo pertencera, também se tinha distinguido neste campo particular do esforço humano.

O plano das catedrais era projetado especificamente para tomar em consideração – para exemplificar – os princípios da geometria sagrada. Isto é, a ideia de que a proporção geométrica tem, em si mesma, uma ressonância com a harmonia divina do Cosmos e que algumas proporções particulares são mais divinas que outras.

Isto sublinhava a afirmação sumária de Pitágoras de que «o número é tudo» e reforçava o conceito hermético de que a Matemática (n.t. a Geometria Sagrada) é o código em que os deuses falam ao Homem.

Particulares adeptos desta arquitetura esotérica foram os artistas e os construtores renascentistas, para os quais o «meio termo ideal» – para eles, a proporção perfeita – era quase uma panaceia universal. Contudo, isto não era, de modo algum, a soma total do seu pensamento, e o conceito de geometria sagrada impregnou toda a sua vida intelectual.

Os desenhos de Leonardo Da Vinci, sejam de homens ou de máquinas, o interior de uma flor ou a forma de uma onda, transmitem a convicção do artista de que havia significado no padrão e harmonia na proporção, e um dos seus famosos desenhos, o Homem Vitruviano (Vitruvian Man), personifica literalmente o Termo Médio Ideal.



O lendário Templo de Salomão talvez fosse para os Templários e, mais tarde, o foi para os maçônicos, a fina-flor e modelo de toda a geometria sagrada. Não era apenas um supremo deleite para os olhos de todos os que o contemplavam ou nele prestavam culto, mas ultrapassava os meros cinco sentidos. Considerava-se que fazia ressonância, de forma única e transcendental, da própria harmonia celestial; o seu comprimento, largura, altura e profundidade estavam em total harmonia com as proporções preferidas pelo Universo. O Templo de Salomão era, se quisermos, a própria alma de Deus escrita em pedra.

Muitos visitantes modernos ficam perplexos com as decorações das antigas catedrais, que são claramente de natureza astronômicas. Hoje, poder-se-ia pensar que o inconfundível signo da Constelação do Carneiro (Aries), gravado na porta principal de tão venerável edifício, devia ser uma aberração ou o fraco pessoal de um pedreiro individual? Mas, continuamente, em muitas catedrais diferentes, estes símbolos surgem – e nunca são casuais.

Todo o alto simbolismo que se encontra nas catedrais era interpretado pelos iniciados da época como o reflexo de um velho adágio hermético: **Como é em cima, assim é em baixo.**

{n.t. “*Verum sine mendacio, certum et verissimum: Quod est inferius est sicut quod est superius, et quod est superius est sicut quod est inferius*” (**É verdade, sem mentira, certo e muito verdadeiro: O que está embaixo é como o que está em cima e o que está em cima é como o que está embaixo.**)}

Pensava-se que a frase tinha origem na Tábua da Esmeralda de Hermes (Thoth) Trismegisto, o lendário mágico ou mago egípcio, embora as palavras possam ser muito mais antigas. Elas significam que tudo na Terra tem uma (Causa) contrapartida no céu e vice-versa, algo que Platão popularizou com o seu conceito do Ideal. Segundo este conceito, tudo o que existe, desde uma colher a um homem, era apenas uma versão do seu ideal (causa), o qual existia numa espécie de dimensão alternativa cheia de padrões perfeitos. Os mágicos – ou magos – foram mais longe, e acreditam que todo o pensamento ou ato era refletido num outro plano e que ambas as dimensões, de algum modo, se afetavam mútua e irresistivelmente. Existem ressonâncias deste conceito na moderna idéia científica de universos paralelos.



Assim, as histórias dos antigos deuses, com os seus ciúmes mesquinhos e obsessões, por vezes, sórdidas eram consideradas como sendo representativas do arquétipo da raça humana. Para os antigos, não havia discrepância entre humilhar-se perante o grande deus olímpico Zeus e acreditar que, ocasionalmente, ele revestia a forma de um animal para seduzir donzelas terrenas. Esperava-se que um deus se comportasse como um homem – mas o inverso deste conceito era a ideia herética para os judeus e para os católicos, de que um homem se podia tornar um deus.

Nada disto constituía novidade para os Templários. A planta das catedrais revela uma compreensão dos princípios herméticos por parte dos construtores e dos cavaleiros que patrocinavam a sua edificação. Eles, mais do que todos os medievais, acarinhavam especialmente a aplicação prática, sempre que possível, de qualquer conhecimento esotérico e místico. Para eles, a codificação de mensagens secretas na própria pedra das catedrais ultrapassava a mera fantasia. Como afirmam Baigent e Leigh em *The Temple and The Lodge*:

[...] Deus ensinara, de fato, a aplicação prática da geometria sagrada através da arquitetura. E mais uma vez nos encontramos orientados na direção do Templo de Salomão.

Este instrumento, muito temperamental, letal e perigosíssimo, era conhecido, por um lado, por conferir grandes bênçãos aos «justos» e, por outro, por destruir os malfeitores ou aqueles que não sabiam combater ou se proteger contra os efeitos da sua presença sinistra. Para os Templários, talvez ela parecesse a arma fundamental, e partiram, portanto, para a encontrar, como tem sido sugerido.

Existem, talvez, indicações, na decoração das catedrais, do que os Templários acreditavam ser o significado da «Arca». Por exemplo, a catedral de Chartres, produto do gênio da sua eminência (dos Cavaleiros Templários) parda, Bernardo de Clairvaux, contém uma escultura em pedra que parece representar a Virgem Maria, com o «rótulo» gravado: *arcis foederis* – Arca da Aliança. Em si mesmo, isto não é importante, porque era um símbolo clássico cristão da era medieval. Mas, como Chartres era um centro de culto da Madona Negra, estaria a Arca sendo comparada àquela outra Maria, Madalena, ou mesmo a uma deusa pagã, muito mais antiga?

Talvez seja o próprio princípio feminino que está sendo mais uma vez evocado, sob a «cobertura» do símbolo católico mariano. Não pode ser uma referência à própria Virgem, porque os arquitetos das catedrais medievais tinham uma razão especial para evocar o arquétipo de uma mulher sexualmente ativa. (Também é significativo que as primeiras representações da lenda de Maria Madalena em França se encontrem nos vitrais da Catedral de Chartres.)

E, de fato, a muito difamada e mal interpretada disciplina da alquimia a inspiradora das decorações, aparentemente bizarras, dos edifícios góticos (porque, na verdade, era a simbologia da alquimia que parecia ser o denominador comum da maioria dos grãomestres do Priorado de Sião).

Pensa-se que a alquimia veio dos egípcios, via árabes (a própria palavra deriva do árabe). Era mais do que ciência: a prática abrangia uma delicada teia de atividades interligadas e modos de pensamento, desde a magia à química, desde a filosofia e o hermetismo até à geometria sagrada e à cosmologia. Também se interessava pelo que, atualmente, se chama engenharia genética e por métodos de retardar o envelhecimento e por tentar alcançar a imortalidade física.

Os alquimistas eram ávidos de conhecimento e não tinham tempo para o antagonismo da Igreja em relação à experimentação; por isso, ocultaram-se e continuaram as suas investigações em segredo. Para os alquimistas, não existia heresia – ao passo que para a Igreja não existia um alquimista não herético; por isso, toda a prática alquímica se tornou conhecida por Arte Negra.

A alquimia tinha muitos níveis: o exterior, ou exotérico, estava relacionado com o trabalho e as experiências com metais, mas havia outros níveis, sucessivamente mais secretos, que incluíam a realização da misteriosa «Grande Obra». Esta era interpretada como o momento culminante da vida de um alquimista, quando ele transforma, finalmente, o “vil metal em ouro”.

Contudo, nos círculos esotéricos, ele também é considerado o momento em que o alquimista se torna espiritualmente iluminado e fisicamente revitalizado – através de um «trabalho» mágico que gira em volta da sexualidade (n.t. ativação e elevação da Kundalini, através dos sete chakras...). (Esta questão será discutida pormenorizadamente, mais tarde). Parece que o Grande Trabalho, a Grande Obra alquímica, como uma metáfora, representava um ato de suprema iniciação.

Talvez se pensasse que este rito conferia longevidade. Dizia-se que Nicolas Flamel, alegadamente grãomestre do Priorado de Sião, realizara a Grande Obra acompanhado por sua mulher, Perenelle, a 17 de Janeiro de 1382, e depois vivera durante um tempo excepcionalmente longo.

Na alquimia, o símbolo da Grande Obra completada é o hermafrodita – literalmente, o deus Hermes (Thoth) e a deusa Afrodite ***fundidos numa só pessoa***. Leonardo ficou fascinado com os hermafroditas, a ponto de encher folha após folha do seu bloco de papel de esboços com desenhos deles – alguns pornográficos. E o estudo recente do mais famoso retrato do mundo – a Mona Lisa do sorriso enigmático – mostrou, de forma convincente, que a imagem «dela» não era outra senão a do próprio Leonardo.

Os investigadores Dr. Digby Quested do Maudsley Hospital de Londres e Liliam

Schwartz dos Bell Laboratories dos EUA. usaram as mais sofisticadas técnicas de computador, independentemente um do outro, para ajustar o rosto do retrato com o rosto do artista, e o resultado foi um ajustamento perfeito. Talvez fosse apenas uma das suas inteligentes “brincadeiras” feitas à posteridade, mas também existe a possibilidade de que Leonardo, sendo um alquimista, estivesse a encerrar numa cápsula a sua ideia de ter realizado a “Grande Obra” alquímica. (n.t. fato que ficou registrado no sudário de Turim, com a impressão da imagem de Leonardo no tecido).

Algumas pessoas pensam que esta realização podia provocar uma transformação física tão profunda que o alquimista de sucesso podia mesmo mudar de sexo – talvez fosse este o conceito que inspirou a Mona Lisa. Mas o símbolo do hermafrodita também representa o momento do orgasmo, quando os participantes masculino e feminino do rito experimentam a sensação de se fundirem um no outro, ultrapassando os seus próprios limites e atingindo um conhecimento místico de si mesmos e do Universo.

As catedrais góticas ostentam muitas figuras curiosas, desde demônios até ao Homem-Verde. Mas algumas são extraordinariamente estranhas: uma gravura da Catedral de Nantes representa um homem a olhar para um espelho, mas a parte posterior da cabeça é, de fato, a de um homem velho. E, em Chartres, a chamada gravura da «rainha de Sabá» exhibe, efetivamente, uma barba. Os símbolos alquímicos encontram-se em muitas catedrais que estão associadas aos Cavaleiros Templários.

Estes elos de ligação são implícitos, mas Charles Bywaters e Nicole Dawe descobriram lugares templários do Languedoc-Roussillon com símbolos alquímicos explícitos: A nossa investigação mostrou, entre outras coisas, que eles estavam muito familiarizados com as propriedades do solo. Numa determinada área, criaram um hospital para os Templários que regressavam da Terra Santa, porque o solo tinha propriedades terapêuticas. Existem sinais alquímicos nesse lugar...

É muito claro que eles estavam familiarizados com a alquimia. É significativo quando encontramos uma localização especialmente escolhida devido à natureza do solo, onde existem claros sinais alquímicos na estrutura e onde existem ligações com os cátaros e os muçulmanos. É uma evidência sólida e documentada; é muito fácil de provar.

Durante as nossas viagens em França, verificamos repetidamente que cidades que foram antigamente propriedade templária – como Ussel na Provença e Alet-Bains, no Languedoc – se tornaram, subsequentemente, centros de estudos da alquimia. Também é importante que os alquimistas, como os Templários, tivessem uma veneração especial por João Batista.

Como vimos, as grandes catedrais e muitas igrejas famosas foram construídas em lugares conhecidos por terem sido consagrados a antigas deusas. Por exemplo, Notre Dame de Paris ergueu-se dos alicerces de um templo de Diana, e St. Sulpice, em Paris, foi construída sobre as ruínas de um templo de ÍSIS. Em si, isto não é invulgar porque, em toda a Europa católica, as igrejas foram construídas em antigos lugares de cultos pagãos, como uma atitude deliberada por parte da Igreja para mostrar que triunfara sobre os pagãos.

Mas, muitas vezes, **o que realmente aconteceu foi que os habitantes locais apenas adaptaram a sua forma de paganismo para incluir o catolicismo e consideraram o lugar da nova igreja como complementar da Antiga Religião,** mais do que antagônico.

No entanto, dada a prova dos interesses mais profundos dos Templários, não poderia ser, no caso das catedrais, que elas se destinassem a continuar o culto do feminino no divino, mais do que a suprimi-lo? Talvez as catedrais fossem hinos à deusa, esculpidos em pedra, e a «Notre Dame», a quem tantos deles eram devotados, fosse realmente o próprio princípio feminino da divindade – a Sophia, a deusa...

Atualmente, a maioria das pessoas considera a arquitetura (**exterior**) gótica como sendo muito «masculina», com as suas elevadas espirais e as naves em forma de cruz, mas a maior parte da decoração **interior** é sutilmente feminina, especialmente as esplêndidas rosáceas. Barbara G. Walker mostra a importância de:

[...] a Rosa, que os antigos romanos conheciam pela Flor de Vênus, essa flor era o distintivo das prostitutas sagradas. Palavras proferidas «ao abrigo da rosa» (sub rosa) faziam parte dos mistérios sexuais de Vênus, não podiam ser reveladas aos não-iniciados [...] Na grandiosa era da construção das catedrais, quando Maria era venerada como deusa, nos seus «Palácios de rainha do Céu», ou Notre Dame, ela era evocada como a Rosa, a Roseira, a Grinalda de Rosas... a Rosa Mística. Como um templo pagão, a catedral gótica representava o corpo da deusa, a qual era também o seu Universo, contendo no seu interior a essência do masculino [...]

A rosa, como veremos, foi também o símbolo adotado pelos trovadores, os cantores das canções de amor do Sul da França, que estavam intimamente ligados aos mistérios eróticos, outros símbolos, encontrados nas catedrais góticas, transmitem fortes mensagens subliminares relativas ao poder do Feminino.

Teias de aranha esculpidas na pedra – uma imagem repetida na cúpula da

clarabóia da igreja de Notre-Dame de França, em Londres – representam Aracne, a deusa-aranha que rege o destino do homem, ou ÍSIS, no seu papel de fiandeira do destino. Igualmente o grande dédalo ou labirinto, desenhado no pavimento da Catedral de Chartres, remete para os mistérios femininos através dos quais o iniciado pode encontrar o seu caminho, seguindo o fio que a deusa fiou para ele.

Este lugar (a Catedral de Chartres) não se destina ao louvor da Virgem Maria, particularmente porque ela também contém uma Madona Negra – Notre Dame de Souterrain (Nossa Senhora do Mundo Inferior). Também em Chartres existe um vitral que representa Maria Madalena chegando no sul da França, de barco, combinando, assim, uma referência desta lenda com a de ÍSIS, para quem este era também um meio de transporte favorito. [Talvez o título de Nautonnier (timoneiro) dos grãomestres do Priorado remeta para o seu suposto papel no Barco de ÍSIS.] Esta janela é a mais antiga representação da lenda de Madalena NA França, e, numa catedral, a tantas milhas de distância da Provença, certamente os arquitetos a consideraram de grande importância.

Ao mesmo tempo que se construía as catedrais, a heresia encontrou uma outra expressão, assegurando, deste modo, que a sua mensagem ficaria na história – embora, como A Última Ceia de Leonardo, os códigos através dos quais ela encontrou expressão sejam, por vezes, mal interpretados. Esta outra tradição herética era a lenda do Graal.

Atualmente, o termo Santo Graal é usado para designar um alvo elusivo, o galardão brilhante que coroará o trabalho de toda uma vida. A maioria das pessoas compreende que ele se refere a uma coisa mais antiga, de natureza religiosa – geralmente, a taça por onde Jesus bebeu na Última Ceia. Segundo uma lenda, José de Arimateia, o amigo rico de Jesus, recolheu nele o sangue derramado na Crucificação, que se verificou, nessa altura, ter propriedades curativas.

A demanda do Santo Graal é interpretada como uma expedição cheia de perigos físicos e espirituais, porque aquele que o procura luta com toda a espécie de inimigos, incluindo os do domínio sobrenatural. Em todas as versões da história, a taça é um objecto literal e um símbolo da perfeição. Considera-se que ele representa algo que, ao mesmo tempo, pertence a duas dimensões – a real e a mítica – e, como tal, nunca nada prendeu tanto a imaginação.

O Graal pode ser considerado um objeto misterioso, um verdadeiro tesouro que existe algures, em alguma caverna, mas contém sempre a ideia implícita de que simboliza algo de inefável, transcendente que ultrapassa a vida de todos os dias. Esta aura de demanda espiritual surgiu não só das lendas originais do Graal mas também da cultura em que elas floresceram.

Dos milhões de palavras que têm sido escritas sobre este tema, ao longo dos séculos, na nossa opinião, algumas das mais judiciosas encontram-se em *The Holy Grail* de Malcolm Godwin, publicado em 1994. É uma síntese notável de todas as lendas e interpretações díspares e que, através da verbosidade, têm a percepção exata do âmago da questão. Além dos habituais elementos cristãos e célticos dos romances do Graal do fim do século XII – princípio do século XIII, Godwin também identifica um terceiro elemento, igualmente importante – o alquímico.

Este autor revela que as primeiras versões da história do Graal se inspiraram em mitos célticos que envolviam os feitos do grande herói rei Arthur e da sua corte, e muitos elementos destes contos centravam-se em conceitos de culto de deusas célticas (do feminino divino). As histórias do Graal redefiniram as velhas lendas célticas e ampliaram-nas para incluir ideias heréticas, que eram correntes no século XIII.

O primeiro dos romances do Santo Graal foi O Romance do Graal (c. 1190), a obra incompleta de Chrétien de Troyes. É significativo que a cidade de Troyes, cujo nome Chrétien adotou como apelido, fosse um centro cabalístico e o lugar do primeiro preceptorado templário – e era ali que o notável cavaleiro templário conde de Champagne reunia a sua corte. (Na verdade, a maioria dos nove Templários originais eram seus vassalos.) E a mais famosa igreja de Troyes é dedicada a ... Maria Madalena. Na versão de Chrétien, não há qualquer referência ao Graal como sendo uma taça nem qualquer ligação com a última Ceia ou com Jesus, explicitamente descrita.

De fato, não existe nenhuma conotação religiosa óbvia, e tem-se afirmado que, se alguma existe, é distintamente pagã. Aqui, o objeto, denominado Graal, era uma escudela ou um prato – o que, como veremos, é muito significativo. De fato, Chrétien inspirara-se num conto celta muito mais antigo que tem como herói Peredur, cuja aventura envolveu o encontro com uma macabra procissão, aparentemente muito ritualista, num castelo remoto. Transportadas nesta procissão, entre outras coisas, contavam-se uma lança que gotejava sangue e uma **cabeça** decepada colocada numa escudela.

Um traço comum às histórias do Graal é o momento crítico, em que o herói se esquece de fazer uma pergunta importante, e é esse o pecado de omissão que o arrasta para um perigo grave. Como escreve Malcolm Godwin:

«Aqui a pergunta, que não foi feita dizia respeito à natureza da cabeça. Se Peredur tivesse perguntado de quem era a cabeça, teria sabido como levantar o encantamento da Terra Árida» (A terra fora amaldiçoada e tornada árida.)

Mesmo incompleta, a história de Chrétien foi um enorme sucesso e deu origem a um grande número de histórias do mesmo gênero – a maioria das quais era

explicitamente católica. Mas, como afirma Malcolm Godwin, referindo-se aos trovadores que as escreveram:

Eles conseguiram envolver uma obra da mais profunda heresia num mistério tão piedoso que tanto a lenda como os autores sobreviveram ao ardente fanatismo dos padres da Igreja.

As mentes ortodoxas da Roma papal, apesar de nunca reconhecerem, de fato, a existência do Graal, foram também surpreendentemente tímidas para o condenar... E o mais estranho é que a lenda não foi corrompida pela queda dos cátaros heréticos... nem mesmo dos Cavaleiros Templários, que, implicitamente, figuram em vários textos.

Uma dessas versões cristianizadas foi Perlesvaus, que foi escrita, dizem, por um monge da abadia de Glastonbury, c. 1205, enquanto outros acreditam que foi obra de um Templário anônimo. Esta história é relativa a duas demandas, que estão interligadas. O Cavaleiro Gawain procura a espada que decapitou João Baptista e que, magicamente, sangra todos os dias ao meio-dia. Num dos episódios, o herói encontra uma carroça com 150 cabeças de cavaleiros decapitados: algumas estão seladas em ouro, algumas em prata e outras em chumbo. Há também uma estranha donzela que leva numa mão a cabeça de um rei selada em prata e, na outra, a de uma rainha selada em chumbo.

Em Perlesvaus, os servidores de elite do Graal usam vestes brancas, adornadas com uma cruz vermelha – exatamente como os Templários. Há também uma cruz vermelha que se ergue numa floresta e que é vítima de um sacerdote que lhe bate «em toda a parte» com uma vara, um episódio que tem uma clara conotação com a acusação de que os Templários cuspiam e pisavam a cruz. De novo, há uma curiosa cena que envolve cabeças decepadas. Um dos guardiões do Graal diz ao herói Perceval:

«Há cabeças seladas em Prata e cabeças seladas em chumbo, e os corpos a que essas cabeças pertencem: digo-te que tens de separar dentre elas a cabeça do rei (o princípio masculino) e a da rainha (o princípio feminino).»

O simbolismo alquímico é abundante: metais vis e preciosos, reis e rainhas. Estas imagens também se encontram em profusão noutras adaptações importantes da lenda do Graal, como veremos. Apesar da tácita antipatia da Igreja pelo Graal, a versão mais cristianizada foi, de fato, escrita por um grupo de monges de Cister. Chamada **Queste del San Graal**, ele é mais notável pelo fato de o Cântico dos Cânticos ser **a fonte do seu poderoso simbolismo místico**.

De todas as histórias do Graal francamente bizarras, a mais misteriosa – e a mais provocadora – é Parcifal (c.1230) do poeta **bávaro** Wolfram von Eschenbach. Nela, o autor afirma que está deliberadamente a corrigir a versão de Chrétien de Troyes, que não continha toda a informação disponível. Alega que a sua versão é

mais exata porque obtivera a verdadeira história através de um certo Kyot de Provença – que tinha sido identificado como Guiot de Provins, um monge que era uma expressão da Ordem dos Templários e um trovador.

Como Wolfran diz em *Parcival*: «A verdadeira história, com a conclusão do romance, fora enviado da Provença para terras alemãs.» Mas o que era esta importante conclusão? Em *Parcival*, o Castelo do Graal era um lugar misterioso, guardado pelos Templários (que, de modo significativo, Wolfran chama «homens batizados»), que são enviados para espalharem a sua fé em segredo. Segredo e a aversão do Grupo do Graal a ser interrogado são realçados.

No fim da história, Repanse de Schoye (a portadora do Graal) e o meio-irmão de *Parcival*, Fierfiz, partem para a **Índia** e têm um filho chamado João – o famoso Prestes João -, que é o primeiro de uma linhagem que toma sempre o nome João... Poderia isto ser uma referência codificada ao Priorado de Sião, cujos grãomestres, supostamente, adotam sempre este nome?

E o conceito de linhagem que é central para as teorias de Baigent, Leigh e Lincoln relativamente ao Graal. Como indica o título do seu primeiro livro, para eles, o «Santo Graal» era, de fato, o «Sangue Real Divino», baseado na ideia que o original francês sangraal, geralmente entendido como san graal (Santo Graal), devia ser corretamente interpretado como sang real – o sangue real, que eles interpretaram como uma descendência sanguínea, uma linhagem sagrada.

Baigent, Leigh e Lincoln relacionaram a importância que as lendas do Graal dão à linhagem com o que eles acreditam ser o grande segredo sobre Jesus e Madalena terem sido marido e mulher e surgiram com a sua própria teoria: o Graal das lendas ***era uma referência simbólica aos descendentes de Jesus e de Maria Madalena***. Segundo esta teoria, os guardiões do Graal eram aqueles que conheciam esta linhagem sagrada e secreta – como os Templários e o Priorado de Sião.

Mas esta ideia apresenta uma dificuldade: nas histórias do Graal, a ênfase é na linhagem dos guardiões do Graal ou dos que encontram o Graal: o Graal, em si mesmo, é distinto deles. Apesar de ser possível que as lendas se refiram a um segredo guardado por certas famílias e passado de geração em geração, parece improvável que elas aludem realmente a uma descendência sanguínea. Afinal, a ideia surge da fixação numa simples palavra francesa – sangraal – e já vimos as dificuldades que surgem de uma hipótese que assenta na ideia da manutenção de uma descendência «pura» ao longo dos tempos.

A ligação entre as histórias do Graal e a herança dos Templários parece bastante real. Wolfran von Eschenback, segundo se pensa, viajou muito e não desconhecia os centros Templários do Médio Oriente, e o seu conto é, de longe, o mais explicitamente templário dos romances do Graal. Como escreve Malcolm

Godwin: «Ao longo de Parsifal, Wolfram intercala o relato com alusões a astrologia, alquimia, à cabala e às novas ideias espirituais do Oriente.» Também inclui simbolismo óbvio, colhido no Tarot.

É na sua versão que os guardiões do Graal, no castelo de Montsalvach, são explicitamente chamados Templários. O castelo original fora identificado com **Montségur, a última fortaleza importante dos cátaros – e, notavelmente, noutro dos seus poemas, Wolfram chama Perilla ao senhor do castelo do Graal. O verdadeiro senhor de Montségur, na época do poeta, era Ramon de Perella.** Mais uma vez, vemos os Templários e os cátaros associados uns aos outros e a um tesouro mal definido mas muito valioso.

Na versão de Wolfram não há nenhuma taça dotada de poderes sobrenaturais; aqui, o Graal é uma pedra – *lapi exillis* – que talvez signifique a Pedra da Morte, embora isto seja mera especulação. Ninguém, de fato, sabe. Segundo outras explicações, a pedra é uma jóia que caiu da coroa de Lúcifer quando ele desceu do céu à Terra, e a famosa Pedra Filosofal (*lapis elixir*) dos alquimistas. Neste contexto, a última interpretação é a mais verosímil: o texto, no seu todo, é rico em símbolos alquímicos.

Alguns escritores consideraram que a figura de Cundrie, a «mensageira do Graal» no Parsifal, representava Maria Madalena. (Certamente que Wagner a considerou como tal – na sua ópera Parsifal (1882), a sua Kundry traz um frasco de bálsamo e lava os pés do herói, os quais ela, como Madalena, enxuga com o seu cabelo.) Talvez haja alguma ressonância da taça do Graal no jarro de alabastro de Madalena na iconografia cristã tradicional.

Em todas as histórias, no entanto, a demanda do Graal é uma alegoria da jornada espiritual do herói em direção – e para além – da transformação (evolução espiritual) pessoal. E, como vimos, uma das motivações principais de todos os verdadeiros alquimistas era precisamente essa.

Mas foi apenas o seu subtexto alquímico que tornou «heréticas» todas as lendas do Graal?

Sem dúvida que a Igreja ficou mortalmente ofendida pela maneira como as histórias do Graal ignoraram ou renegaram **a sua autoridade e a da sucessão apostólica.** O herói agia sozinho – embora, ocasionalmente, com auxiliares – na busca da iluminação e da transformação espirituais. Assim, na essência, as lendas do Graal são textos gnósticos acentuando a responsabilidade do indivíduo pelo estado EVOLUTIVO da sua alma.

Há, no entanto, muito mais para ofender as sensibilidades da Igreja romana e que está implícito em todas as histórias do Graal. Porque a experiência do Graal é inevitavelmente apresentada como estando reservada apenas aos grandes iniciados – a nata da elite –, algo que ultrapassa mesmo a transcendência da

missa. Além disso, em todas as histórias do Graal, o próprio objeto – seja ele qual for – ***é guardado por mulheres.***

Mesmo na história céltica de Peredur, os jovens podem empunhar a lança mas são as donzelas que transportam o que se pode chamar o protótipo do Graal – a escudela com a cabeça. Mas que faziam as mulheres ao assumirem um papel de tanta autoridade numa coisa que era, efetivamente, uma forma superior de missa? (Lembremos que os cátaros, cuja cidadela e fortaleza de Montségur foi, quase certamente, o modelo do Castelo do Graal de Wolfran, promoviam ***um sistema de igualdade entre os sexos, de modo que tanto homens como mulheres podiam ser chamados «sacerdotes».***)

Mas é a ligação com os Templários que mais impregna as histórias do Graal. Como observaram diversos comentadores, a acusação de que os cavaleiros veneravam uma cabeça decepada – que se julgava chamar Baphomet – tem ressonâncias com os romances do Graal, nos quais, como vimos, figuram largamente cabeças decepadas. Os Templários foram acusados de atribuir poderes semelhantes aos do Graal a este Baphomet: fazia florescer as árvores e tomava a terra fértil. De fato, os Templários não só foram acusados de reverenciar esta cabeça-ídolo como também possuíam um relicário em prata, com a forma de uma caveira feminina, que era designada apenas por caput (cabeça).

Hugh Schonfield, ao considerar as implicações desta cabeça feminina, juntamente com a sua «descodificação» de Baphomet como Sophia, escreve:

Pareceria haver poucas dúvidas de que a cabeça da bela mulher, pertencente aos Templários, representava a SOFIA (Sabedoria), no seu aspecto feminino e de ÍSIS, e estava associada a Maria Madalena na interpretação cristã.

As relíquias dos Templários têm a fama de terem incluído o (suposto) indicador direito de João Baptista, o que pode ser mais importante do que parece. Como vimos no Capítulo I, Leonardo representava figuras de cenas religiosas apontando para cima, deliberada e ritualisticamente com o indicador direito, e este gesto parece ter estado relacionado com João Batista. Por exemplo, vimos que um indivíduo que parecia estar a venerar a alfarrobeira na Adoração dos Magos estava a fazer este gesto: tanto a árvore como o gesto estão associados a João.

A relíquia, considerada ter sido propriedade dos Templários, pode ter sido a razão material de Leonardo ter aderido a estas imagens. (Jacobus de Voragine, em Golden Legend, relata uma tradição segundo a qual o dedo de João Batista – a única parte do corpo decapitado que escapou à destruição ordenada pelo imperador Juliano – foi trazido para França por Sta. Tecla, portanto, talvez haja razão para acreditar que a relíquia dos Templários e a da lenda fossem uma e a

mesma relíquia. E De Voragine também registra que, segundo a lenda, a cabeça de Batista foi enterrada debaixo do Templo de Herodes, em Jerusalém, onde os Templários fizeram escavações).

Os Templários são continuamente associados ao Graal. A escritora de viagens britânica Nina Epton, em *The Valley of Pyrene* (1955), descreve a sua subida às ruínas do castelo dos Templários de Montréal-de-Sos, no Ariège, para observar os murais que representam uma lança com três gotas de sangue e um cálice – uma imagem claramente inspirada nas lendas do Graal.

Outros graffiti bizarros foram encontrados no castelo de Domme, onde muitos Templários estiveram prisioneiros. Ean e Deike Begg descrevem uma estranha cena da Crucificação, a qual representa José de Arimateia (tendo na mão uma cruz de Lorena), à direita, recolhendo gotas do sangue de Jesus. À esquerda, vê-se uma mulher nua, grávida, tendo na mão uma vara ou um bastão.

Há outros elos de ligação mais curiosos. Em St. Martin-du-Vésubie, na Provença, que, como vimos, é um lugar famoso de culto a Madona Negra e dos Templários, existe uma lenda que reúne interessantes elementos das histórias do Graal. Diz-se que os Templários daquele local foram todos decapitados durante a repressão – o que, dada a completa falta de verificação oficial, parece altamente improvável – e que eles amaldiçoaram a terra. Os homens tornaram-se impotentes ou estéreis e a terra árida. Qualquer que seja a verdade da questão, é um fato histórico que, em 1560, o duque Emmanuel Filibert de Sabóia mandou exorcizar a terra, porque ela se encontrava num estado lastimável.

De fato, um dos montes vizinhos ainda é conhecido por Maledia (de modo geral, traduzido por «doença»). Mas a parte mais significativa desta triste história é a que associa a decapitação dos Templários com uma maldição sobre a terra – dois elementos essenciais do cânone do Graal. Para os autores das histórias do Graal, havia alguma coisa relacionada com cabeças decapitadas, ou, talvez, com uma cabeça decapitada, que lançou a maldição sobre a terra mas que também podia oferecer abundância àqueles que ela favorecia.

As diferentes histórias do Graal e os vários elementos que elas contêm podem parecer confusos, mas no seu estudo monumental das lendas do Santo Graal, *The Hidden Church of the Holy Grail* (1902), o grande erudito ocultista A. E. Waite discerniu a presença de uma tradição secreta no seio do cristianismo, que inspirou todo o conceito das lendas. Waite foi um dos primeiros a reconhecer os elementos alquímicos, herméticos e gnósticos das histórias. Embora estivesse certo de que há fortes sugestões da existência dessa «igreja oculta» nas lendas do Graal, ele não chega a qualquer conclusão definitiva relativa à sua natureza, mas

dá um lugar importante ao que ele designou por «***Tradição Joanina***».

Ele refere-se a uma antiga ideia dos círculos esotéricos, relativa a uma escola mística do cristianismo, que foi fundada por João (o discípulo amado) Evangelista ***baseada nos ensinamentos secretos que ele recebera de Cristo, através de Jesus***. Este conhecimento arcano não surgia no cristianismo externo ou exotérico que proveio dos “ensinamentos” de Pedro e Paulo. Notavelmente, Waite considera que esta tradição chegou à Europa, via sul da Gália – o Sul da França – antes de se infiltrar na primitiva Igreja Céltica da Bretanha.

Apesar dos elementos célticos das histórias do Graal, Waite considera a sua influência joanina como oriunda do Médio Oriente, via Templários. Habilmente, ele não a declara a única ligação possível, porque não há provas conclusivas dela, mas admite que seja a mais plausível. No entanto, ele está certo de que os romances do Graal se basearam em qualquer gênero de «igreja (conhecimento-Sofia) oculta» que estava relacionado com os Templários.

A insistência de Waite numa tradição «joanina» foi um tanto desesperante – ele não a desenvolveu e a sua fonte permanece envolta em mistério. Mas, claramente, ela pareceu oferecer um elo de ligação potencialmente excitante entre as histórias do Graal e um S. João – aquele que, como veremos no próximo capítulo, viria dar sentido a muita da aparente confusão que rodeia esta questão.

As histórias do Graal são ainda outra manifestação das idéias secretas que circulavam na França medieval sob os auspícios dos Templários, como o culto da Madona Negra. A ligação entre os dois é notável. Ambos são baseados nos primitivos temas pagãos: as histórias do Graal baseadas em mitos célticos e o culto da Madona Negra baseado nos santuários de deusas pagãs. Contudo, ambos floresceram nos séculos XII e XIII, devido ao contato – via Templários – com a “Terra Santa”.

Os Templários eram um repositório de conhecimento colhido em muitas fontes esotéricas, incluindo as da alquimia e da sexualidade sagrada. [A ligação entre as Madonas Negras, os Templários e a alquimia é o tema de um estudo do historiador francês Jacques Huynen, em *L’énigme des Vierges Noires* (O Enigma das Virgens Negras) (1972).] E a «ponte» entre as idéias exóticas e esotéricas dos Templários e o mundo católico da sua época estava personificada na imagem de uma mulher: Maria Madalena.

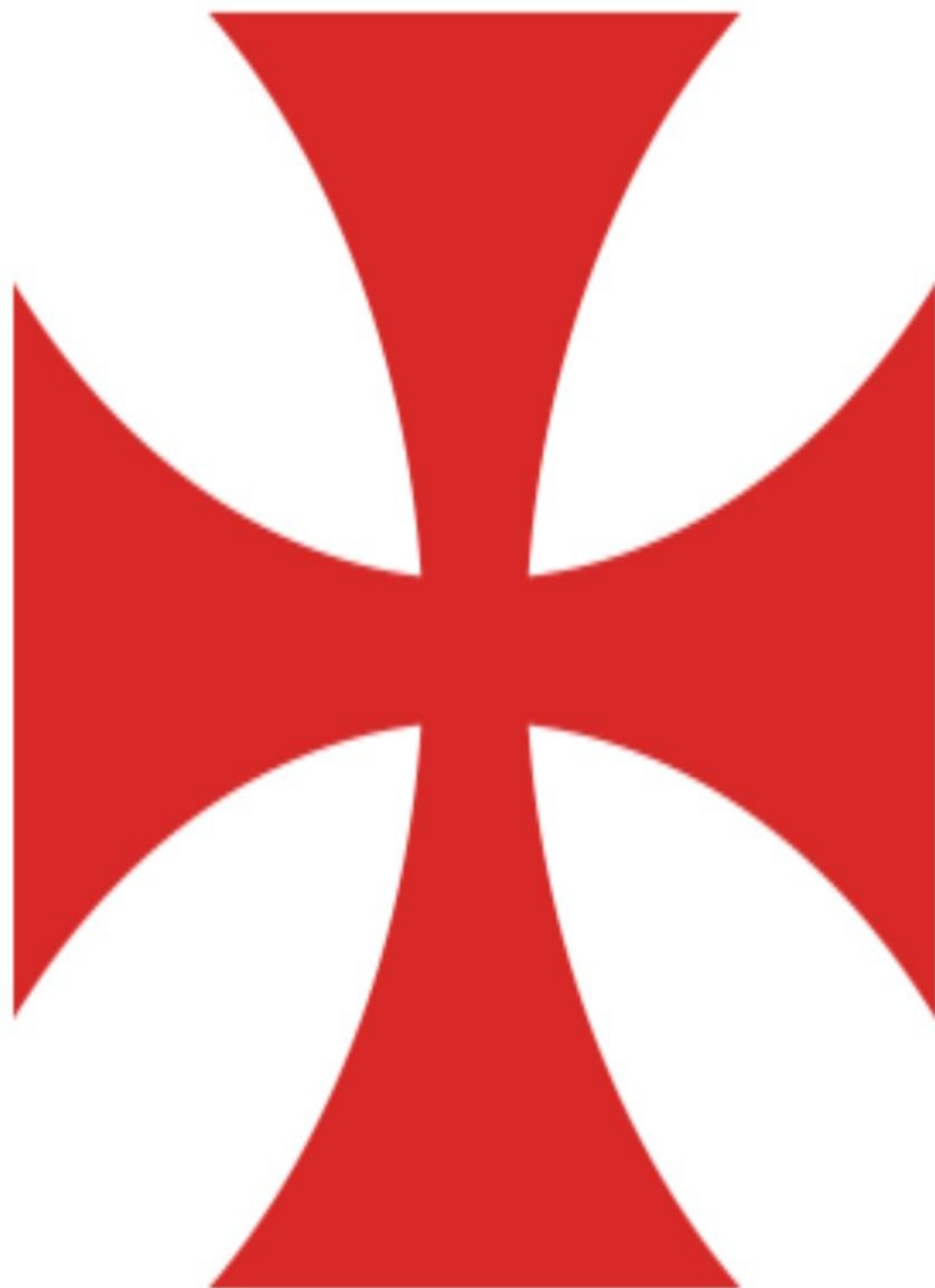
Tudo isto aconteceu há muito tempo. Há muito que os cátaros desapareceram. e a Ordem do Templo foi extinta não muito tempo depois. Mas este conhecimento secreto, esta consciência mística e alquímica do Feminino, também está

enterrado sob a poeira dos séculos?

Talvez não. Talvez se tenha tornado o mais excitante e mais perigoso segredo mantido vivo no mundo secreto da Europa atual.

TOMO V

Brasil, Portugal e os Cavaleiros Templários



A História de Portugal, os Cavaleiros Templários e o Brasil.

Desde o seu surgimento como estado, Portugal lutou muito para existir, enquanto um país soberano, contra vários adversários.

Primeiro foram os invasores muçulmanos vindos do norte da África desde o início do século VIII, que em 711 invadem a Península Ibérica, derrotam os Visigodos na batalha de Guadalete e em poucos anos ocupam todo o território, à exceção de uma zona a norte, as Astúrias e o país Basco.

... Foi aí que se refugiaram os nobres [visigodos](#), e foi daí que partiu a Reconquista Cristã das terras perdidas aos muçulmanos na Península Ibérica. Os Cristãos foram se organizando em vários reinos, o primeiro foi o das Astúrias, que mais tarde deu origem ao reino de Leão e Castela e depois se formou o reino de Navarra e Aragão.

Houve recuos e avanços na luta pela Reconquista e só quando os muçulmanos se dividiram é que os Cristãos ganharam terreno na península Ibérica, mas os muçulmanos pediram a ajuda aos Almorávidas e foi então que D. Afonso VI, rei de Leão e Castela foi obrigado a pedir ajuda aos franceses.



Um mapa com a evolução das fronteiras dos territórios na Península Ibérica ao longo da luta pela reconquista das terras aos muçulmanos, 790-1300. Em **VERDE** os territórios dominados pelos muçulmanos.

Então a **Borgonha** na França envia o [**Conde Dom Henrique**](#) para combater os mouros em 1094. Com os seus méritos de cavaleiro em batalha, D. Henrique ganha de D. Afonso VI o Condado Portucalense após casar-se com sua filha. Durante a Reconquista cristã foi formado o Condado Portucalense, constituído em 1095 em feudo do rei Afonso VI de Leão e Castela e oferecido a Henrique Conde de Borgonha, bisneto do rei francês que veio auxiliá-lo na luta pela reconquista de terras aos mouros, tendo também recebido a mão de sua filha, a infanta D. Teresa de Leão.

Este último condado era muito maior em extensão, já que abarcava também os territórios do antigo condado de Coimbra, suprimido em 1091, partes de Trás-os-Montes e ainda do sul da Galiza. Com o estabelecimento do Reino de Portugal em 1139, cuja independência foi reconhecida em 1143, e a estabilização das fronteiras em 1249, **Portugal tornou-se assim o mais antigo Estado-nação da Europa.**

Com o passar dos anos o Condado Portucalense deixa de ser um mero apêndice da Espanha para se tornar um estado soberano com dinastia real própria, com fronteiras bem definidas, claras divisões administrativas, um exército leal ao rei e com o reconhecimento e apoio do Santo Papa (algo fundamental naqueles tempos), sua própria moeda, e um idioma próprio com características bem distintas do resto da Europa, e que viria a criar um vasto tesouro literário para o qual contribuiriam gênios como Antero de Quental, Luís de Camões, Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco e muitos outros.

A primeira crônica escrita pelos portugueses sobre o Brasil (a conhecida carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal) é um exemplo das possibilidades que o idioma português é capaz de produzir em mãos hábeis comandada por mentes observadoras.

Existe um capítulo fundamental na extensa e aguerrida formação da história de Portugal que é pouco conhecida de nós brasileiros e pouco reconhecida pelos acadêmicos. A relevância da Ordem dos Cavaleiros Templários (os monges guerreiros) na história de Portugal. Os Templários foi uma Ordem de Cavalaria de guerreiros da elite da nobreza europeia, tendo seus altos escalões sido formados e preenchidos pelas principais casas da aristocracia da Europa.

A **Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão** (em latim “*Ordo Pauperum Commilitonum Christi Templique Salominici*”), mais conhecida como **Ordem dos Templários, Ordem do Templo** ou **Cavaleiros Templários**, foi uma das mais famosas Ordens Militares de Cavalaria.

A organização existiu por cerca de dois séculos na Idade Média, fundada no rescaldo da [Primeira Cruzada](#) de 1096, com o propósito original de proteger os cristãos que voltaram a fazer a peregrinação a Jerusalém após a conquista da Terra Santa. Os seus membros faziam votos de pobreza e castidade e da fé em Cristo para se tornarem monges, usavam mantos brancos com a característica cruz vermelha, e o seu símbolo passou a ser um cavalo montado por dois cavaleiros.

O nome da ordem é em decorrência do local onde originalmente se estabeleceram (no [Monte do Templo](#) em Jerusalém, onde existira o [Templo de Salomão](#), destruído em 70 d.C pelas legiões romanas de Tito Vespasiano, e onde se ergue a atual Mesquita de Al-Aqsa). Os Templários entraram em Portugal ainda no tempo de D. Teresa, que lhes doou a povoação de Fonte Arcada, Penafiel, em 1126.

Um ano depois, a viúva do conde D. Henrique entregou-lhes o Castelo de Soure sob compromisso de colaborarem na conquista de terras aos mouros. Em 1145 receberam o Castelo de Longroiva e dois anos decorridos ajudaram D. Afonso Henriques na conquista de Santarém e ficaram responsáveis pelo território entre o Mondego e o Tejo, a montante de Santarém.

Os Templários Portugueses a partir de 1160 ficaram sediados na cidade de [Tomar](#).

Através da bula papal *Regnans in coelis* em 12 de agosto de 1308, o Papa Clemente V dá conhecimento aos monarcas cristãos do processo movido contra os Templários, e pela bula *Callidi serpentis vigil* (dezembro de 1310) decretou a prisão e a extinção dos mesmos.

Em Portugal, a partir de 1310 e da bula papal o rei **D. Dinis** buscou evitar a transferência dos bens da ordem extinta pela igreja para os Hospitalários e sutilmente apoiou todos os Cavaleiros Templários que buscaram refúgio em seu reino. Posteriormente, a 15 de março de 1319, pela bula papal *Ad ae exquibus* o Papa João XXII instituiu a ***Ordo Militiae Jesu Christi* (Ordem da Milícia de Jesus Cristo)** à qual foram atribuídos os bens da extinta ordem dos Templários no país.

Além de possuir riquezas (até hoje ainda procuradas) e uma enorme quantidade de terras na Europa, **a Ordem dos Templários possuía uma grande esquadra de navios**. Os cavaleiros, além de temidos guerreiros em terra, eram também exímios navegadores e utilizavam sua frota para deslocamentos e negócios com várias nações.

Devido ao grande número de membros da Ordem, apenas uma parte dos cavaleiros foram aprisionados (a maioria franceses). Os cavaleiros de outras nacionalidades não foram aprisionados e isso possibilitou-lhes refugiarem-se em

outros países. Segundo alguns historiadores, alguns cavaleiros foram para a Escócia, Suíça, Portugal e até mais distante, usando seus navios. **Muitos deles mudaram seus nomes e se instalaram em países diferentes, para evitar uma perseguição do rei francês e da Igreja.**

O desaparecimento da esquadra da ordem é outro grande mistério. No dia seguinte ao aprisionamento dos cavaleiros franceses, toda a esquadra zarpou dos portos franceses durante a noite, desaparecendo sem deixar registros, para nunca mais ser vista. **Por “coincidência” nessa mesma data (1307), o Rei Português D. Dinis nomeava o primeiro almirante Português de que existe memória, apesar de Portugal não ter armada.**

Por outro lado, D. Dinis evitava entregar os cavaleiros Templários e os bens dos mesmos à Igreja e conseguiu criar uma nova ordem de cavalaria, a nova Ordem dos Cavaleiros de Cristo em 1318 com base na Ordem Templária, adotando para símbolo uma adaptação da cruz orbicular Templária, levantando a dúvida de que ele estava protegendo os Cavaleiros Templários e podemos supor que foi com a honra intacta que todos eles ingressaram na nova ordem criada por dom Dinis, rei de Portugal.

Na verdade, não há consenso entre os historiadores sobre a composição da nova ordem de cavaleiros e monges guerreiros, para alguns, os templários portugueses (presentes no país desde os tempos do fundador dos Templários, **Hugo de Payns**) teriam apenas trocado de nome. De qualquer maneira, a Ordem dos Cavaleiros de Cristo herdou todas as propriedades e fortalezas de sua antecessora, assim como os votos de pobreza, castidade e obediência (agora ao rei de Portugal).



Caravela Templária, da Ordem dos Cavaleiros de Cristo, que se fizeram ao Mar quando o tempo chegou: em 08 de Março de 1500, para (re)descobrirem o Brasil.

Novas mudanças liberaram os cavaleiros de seu voto de castidade e pobreza, permitindo que navegadores como Cristovão Colombo, **Pedro Álvares Cabral e Vasco da Gama** se tornassem membros da Ordem de Cristo. **Os navios que aportaram no Brasil pela primeira vez traziam em suas velas o emblema da Cruz da Ordem de Cristo**, aparentemente uma versão modificada da antiga cruz templária.

Ao longo do século seguinte, os consideráveis recursos militares, econômicos, e principalmente o conhecimento de rotas e correntes marítimas, da construção de navios oceânicos, a posse de mapas, e o CONHECIMENTO DE TERRAS EXISTENTES À OESTE DE PORTUGAL que os líderes da ordem dos Cavaleiros Templários detinham quando passaram a ser comandados pelo rei Dom Dinis, foram direcionados para a expansão marítima portuguesa, que estava ganhando impulso. A **Ordem de Cristo** ganharia soberania sobre os territórios que conquistasse na África, bem como direito a 5% do valor das mercadorias vindas da região.

Os ex-templários, agora Cavaleiros da **Ordem de Cristo**, estabeleceram escolas náuticas e construíram estaleiros, sigilosamente construíam navios e confeccionavam mapas geográficos costeiros e náuticos, com correntes marinhas, ilhas, ilhotas e abrolhos, estudavam a navegação pelos astros, os ventos, a atmosfera, e a dirigibilidade das velas; determinavam como deviam ser construídos os cais e ancoradouros; compilaram o que hoje se chamaria uma minuciosa oceanografia. Sempre almejando derrotar os mouros e lançar-se ao grande mar em busca de “novas” terras que eles já sabiam que existiam.

Portugal vive assim quatro séculos, de 1200 a 1600 mergulhado em febril projeto de expansão marinha. Desbrava e conquista muitos locais, a Ilha da Madeira e os Açores e mais locais no litoral na África, ali fincando fortes e postos avançados para comércio e evangelização dos povos nativos.



Assim igrejinhas brancas são erguidas nos cimos dos morros para serem vistas de longe, de quem chega pelo mar. Novas colônias são implantadas. No início do século XVII Portugal já é o quinto país mais poderoso do mundo.

Pedro Álvares Cabral era um membro nobilíssimo da Ordem dos Cavaleiros de Cristo. Em segredo ele era um Cavaleiro Templário que quando chegou à Terras de Vera Cruz, mais tarde Santa Cruz e por fim Brasil, nas praias da Bahia ele trazia em suas mãos, em um gesto reverente e respeitoso, a bandeira da Ordem dos Cavaleiros de Cristo, sucessora dos Cavaleiros Templários, **que foi hasteada na praia.** Não era a bandeira do Reino de Portugal, mas a da Ordem dos Cavaleiros de Cristo. O mesmo gesto o navegante sob a bandeira espanhola, Cristovão Colombo teve ao descer nas novas terras das ilhas que descobrira quando chegou à América do Norte, também desfraldando a bandeira dos Cavaleiros Templários ... Publicado em Abril 2013.

*“E **CRISTO**, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele também os seus discípulos; e, abrindo a sua boca, os ensinava, dizendo:*

Bem-aventurados os humildes, porque deles é o reino dos céus;

Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados;

Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra;

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos;

Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia;

Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus;

Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus;

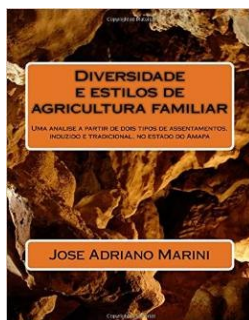
*Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus” – **Mateus 5:1-10***

OUTRAS OBRAS DO AUTOR

As relações de mercado existentes para os principais frutos produzidos na região do Salgado Paraense pela agricultura familiar permitirá estabelecer linhas norteadoras ao desenvolvimento rural, procurando estabelecer uma maior integração entre aqueles produtores e o mercado final de seus produtos



O ponto referencial desta análise são os agricultores familiares dos assentamentos rurais induzidos do Estado do Amapá, suas práticas agrícolas e suas interações com o meio em que estão inseridos, tendo como contraposição os assentamentos tradicionais do Estado do Amapá.

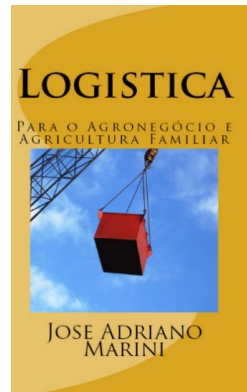


Este estudo relata as diversas formas de auxílio fornecidos pelos governos federal e estadual do Amapá aos agricultores familiares e seus impactos na renda familiar e na produtividade agrícola.



Gestão Ambiental é o conjunto de metodologias e práticas, que concorrem para a preservação da qualidade do meio ambiente saudável. Promove a elaboração de alternativas de gestão ambiental, que constituem modelos de desenvolvimento estruturados no controle social da produção e no respeito ao meio ambiente.

Logística é o processo de gerir estrategicamente a aquisição, movimentação e estocagem de materiais, partes e produtos acabados (com os correspondentes fluxos de informações) através da organização e de seus canais de marketing, para satisfazer as ordens da forma mais efetiva em custos



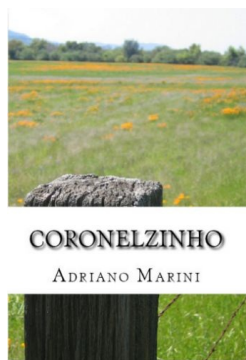


Jose Adriano Marini

Gestão Ambiental

Para a Agricultura Familiar

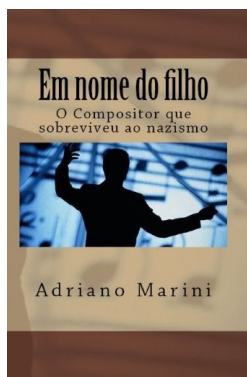
Coronelzinho relata a saga de uma tradicional família dos sertões paulista, suas intrincadas relações com os bandoleiros e a sociedade da época e seus desfechos surpreendentes



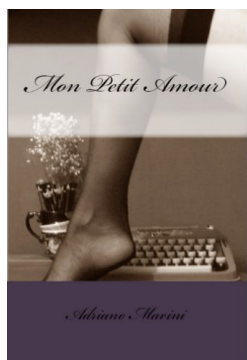
Imigranti relata a saga dos primeiros italianos que partiram de seu país para ajudarem a construir o Brasil, contando a história de uma família que fugiu da fome do Século XIX para se aventurar e construir com sua coragem e dedicação o próspero Estado de São Paulo.

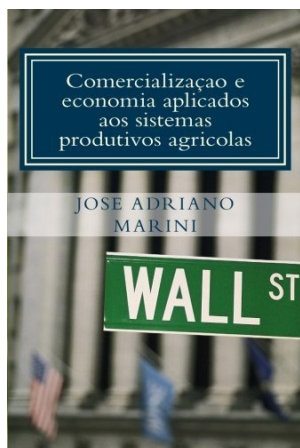


Em Nome do Filho é a história de superação e conquistas de um compositor na Alemanha Nazista, sua tentativa para salvar uma família de judeus do holocausto e a superação para conquistar seu grande sonho.

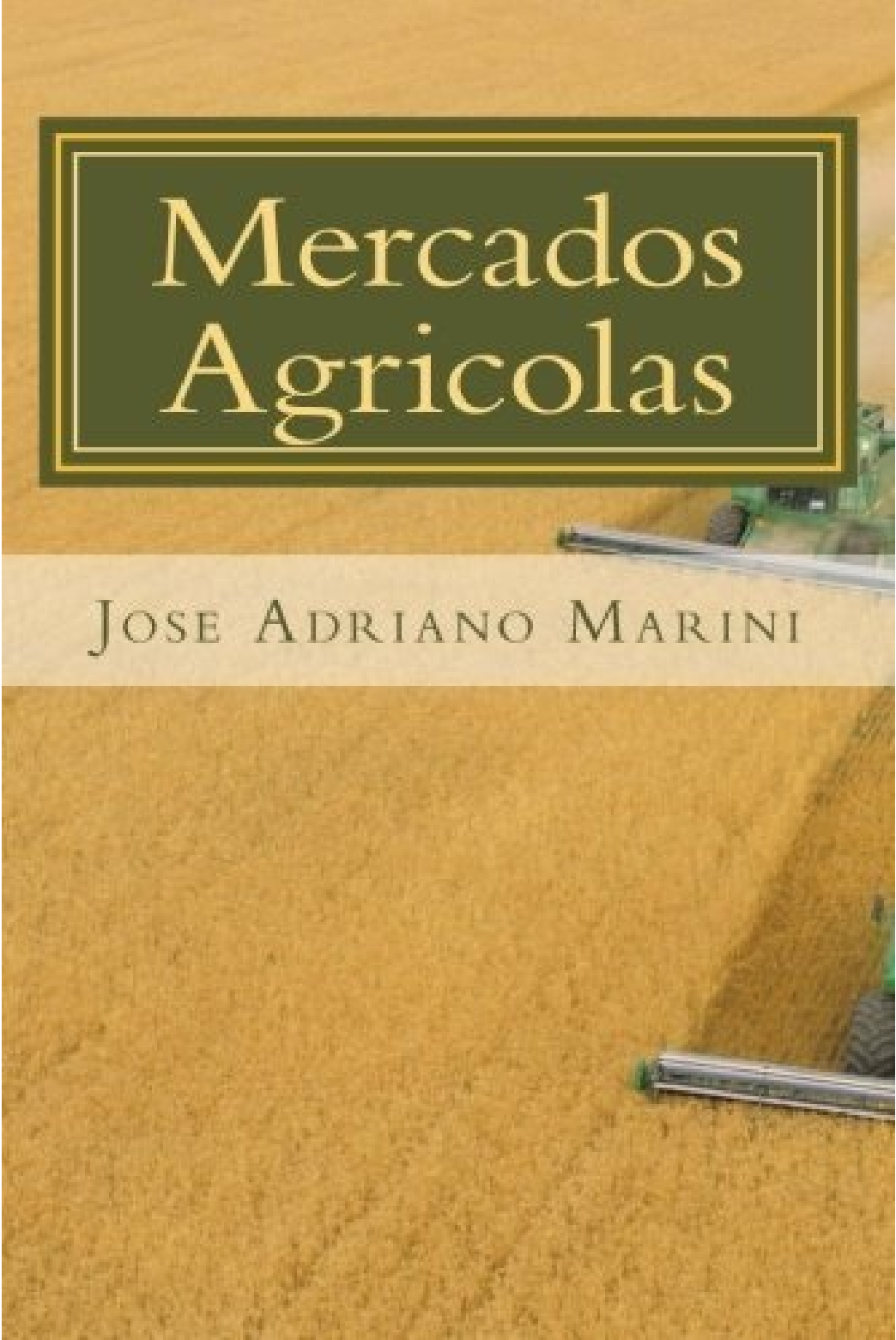


Mon PETIT Amour é uma linda e envolvente história erótica sobre o amor vivo e sem fronteiras. Vale a pena mergulhar neste mundo de aventuras vividos por um casal no sul da Itália.





Este livro apresenta os principais mecanismos de comercialização utilizados em sistemas agrícolas e agroindustriais possibilitando assim a elaboração de estratégias de comercialização. Também apresenta procedimentos para análises de mercados de futuros e de opções, utilizados para a redução do risco de preços.

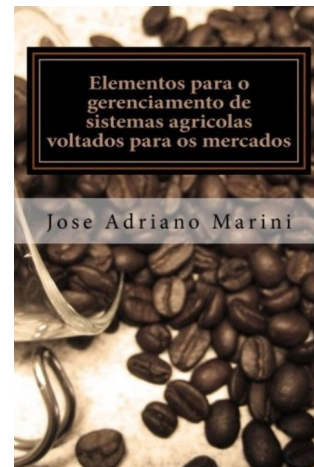


Mercados Agrícolas

JOSE ADRIANO MARINI

Mercados é a esfera de influência onde ocorrem as transações comerciais, e constitui parte integrante dos diferentes processos por meio dos quais se transfere a propriedade dos bens e serviços.

Um sistema agroindustrial deve ser gerido de forma eficiente e eficaz. A eficiência de um sistema agroindustrial pode ser entendida como a capacidade que ele possui de atender às necessidades do consumidor. Para isso, é fundamental que todos os agentes que o compõem conheçam profundamente os atributos de qualidade que os consumidores buscam nos produtos e serviços disponibilizados por este mesmo sistema



Para os pequenos agricultores de mandioca, que se dedicam à agricultura de subsistência, ocupam áreas marginais e têm pouco ou nenhum acesso a novas tecnologias, os programas de melhoramento convencional não têm demonstrado os impactos desejados pela pesquisa. Este livro vai orientar como se proceder a técnicas de melhoramento da cultura de forma que seja aceita e adotada por todos os agricultores

S

SOBRE O AUTOR

Adriano Marini, paulista de São José do Rio Preto é autor dos best-sellers: Imigranti: crônicas de um Brasil paulista, Coronelzinho: histórias dos sertões paulista, da trilogia Mon, Petit, L'amour, Em Nome do Filho, Templários: os guerreiros de Cristo e Veroneza: receitas de uma imigrante italiana.